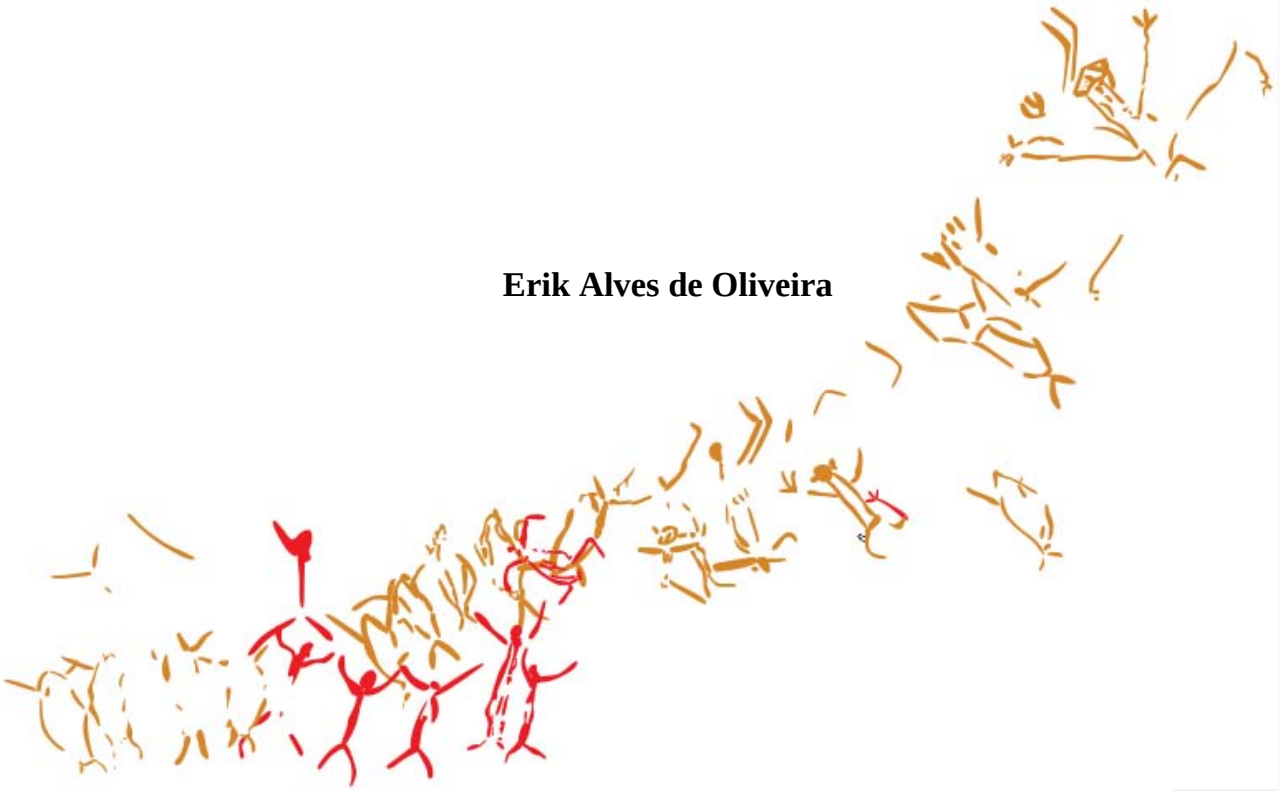
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA



Erik Alves de Oliveira

PINTAR, SE (RE)APROPRIAR E SE RELACIONAR:

Os conjuntos estilísticos no alto curso do rio Pardo Pequeno, Diamantina (MG).

Belo Horizonte

Maio de 2016

Erik Alves de Oliveira

PINTAR, SE (RE)APROPRIAR E SE RELACIONAR:

Os conjuntos estilísticos no alto curso do rio Pardo Pequeno, Diamantina (MG).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG como requisito parcial para obtenção de título de mestre em Antropologia, área de concentração em Arqueologia Pré-histórica.

Orientador: Prof. Andrei Isnardis Horta

Belo Horizonte

2016

Ficha Catalográfica

Oliveira, Erik Alves de

Pintar, se (re)apropriar e se relacionar [manuscrito] : Os conjuntos estilísticos no alto curso do rio Pardo Pequeno, Diamantina (MG). / Erik Alves de Oliveira. - 2016.

272 f. : il.

Orientador: Andrei Horta.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1.Arqueologia pré-colonial. 2.Arte Rupestre. 3.Diamantina. 4.Alto curso do rio Pardo Pequeno. I.Horta, Andrei . II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

PPGAN.UFMG

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA DE ERIK ALVES DE OLIVEIRA (Nº DE MATRÍCULA: 2014650696)

Aos 22 (vinte e dois) dias do mês de junho de 2016 (dois mil e dezesseis), reuniu-se na Sala da Congregação - 1º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora, para julgar, em exame final, a Dissertação intitulada: ***"PINTAR, SE (RE)APROPRIAR E SE RELACIONAR: Os conjuntos estilísticos no alto curso do rio Pardo Pequeno, Diamantina (MG)"***, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, Área de Concentração: Arqueologia - Linha de Pesquisa: Arqueologia Pré-Histórica. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores doutores: **Andrei Isnardis Horta – Orientador – (PPGAN-FAFICH/UFMG); Marcelo Fagundes – (FIH/UFVJM); Maria Jacqueline Rodet (PPGAN-FAFICH/UFMG) e Vanessa Linke Salvio – (DAA-FAFICH/UFMG).** Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Andrei Isnardis Horta, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao mestrando Erik Alves de Oliveira, para apresentação de sua Dissertação. Seguiu-se a argüição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após a argüição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença do mestrando e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente ao candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 22 de junho de 2016.

Prof. Dr. Andrei Isnardis Horta
(Orientador)

Profa. Dra. Maria Jacqueline Rodet

Prof. Dr. Marcelo Fagundes

Profa. Dra. Vanessa Linke Salvio

Av. Antônio Carlos, 6.627 – Pampulha – CEP:31270-901 – Belo Horizonte/MG
e-mail: antro_pos@fafich.ufmg.br
Telefone: (31) 3409-5029

Minha vida, meu trabalho
Tudo feito pra Maria
Ah, Maria toda hora
Ah, Maria atrás do som
Da cor, do dia de cantar

Maria, minha fé – Milton Nascimento

Agradecimentos

Estar na FAFICH e andar por seus corredores, sempre digo, é improvável de se sair de lá como se chega. Ao longo dessa caminhada vivenciar este espaço, talvez, tenha sido a melhor das experiências... mas antes, contudo, devo agradecer aquelxs que fizeram parte deste trajeto e permitiram que ele fosse realizado de maneira construtiva e prazerosa. À CAPES agradeço por ter concedido a bolsa durante os dois anos e permitiu a dedicação integral à pesquisa. Marcelo Fagundes, gentilmente abriu as portas para mim, mostrou com disposição os mais diversos caminhos, deu os pontapés iniciais. A Danielle Piuzana e ao curso de Geografia da UFVJM na pessoa de Anne Priscila por concederem os materiais necessários para realização dos campos. Aos colegas do PPGAN pelas conversas e angústias compartilhadas. Ao LAEP e todos alunos pelo apoio e empréstimo dos materiais de campo. A Casa da Glória e Rommel pelo espaço, prestatividade e indicações de leitura. Aos amigos Átila e Fusca, obrigado pela amizade e por terem dividido a mesma morada comigo em Diamantina e Belo Horizonte. Rogério Tobias pelas dicas e sugestões no registro dos grafismos. Gratidão e dívida eterna às várias mãos que contribuíram e fizeram acontecer as atividades de campo e são, portanto, coautores das páginas que escrevo: Andrei, Vanessa, Valdiney, Tallyta, Ilziane, 'Seu' Ricardo e Patrícia; sem vocês certamente nem um traço sequer teria sido realizado. Andrei foi paciente, me orientou, apresentou e me fazer acreditar em uma arqueologia ainda mais prazerosa, espontânea e livre. Valdiney esteve presente em todos momentos, companheiro inseparável quem viveu e compartilhou comigo as melhores das experiências na vida e na arqueologia; com ele e Ilziane dividimos os mesmos espaços, abrigos, alegrias e as tristezas. Não fosse Ricardo, os primeiros passos por e sob as serras de Diamantina teriam tomados rumos incertos. Durante este percurso agradeço por ter tido por perto Da Luz e Marta, mulheres de força e resiliência que inspiram e que também cuidaram de mim. Patrícia Gandres, a flor de laranjeira, que ao ser apresentada à Serra e ao passado rupestre, fomos presenteados com um céu alumiado de um passado ainda mais profundo, explodindo em cores e irrompido por estrelas cadentes. À família agradeço o apoio e compreensão, apesar da distância. Maridete, minha mãe, o melhor de mim, obrigado por simplesmente ser...tudo. Wellington, meu pai, "quisera eu ter a sua raça"... Este trabalho também é parte de vocês.

RESUMO

A região de Diamantina (MG) tem sido alvo de esforços múltiplos em pesquisas arqueológicas, sobretudo aquelas relacionadas a seu passado pré-colonial. Esta pesquisa se insere em um contexto onde diversos levantamentos arqueológicos e questionamentos relativos às diferentes ocupações grupos pré-coloniais se fazem presentes. O trabalho abordará os registros rupestres de 24 sítios arqueológicos localizados no alto curso do rio Pardo Pequeno, afluente do rio São Francisco. As análises tiveram como norte teórico-metodológico conceitos de como paisagem e estilo, entendidos como peculiares a cada formação sociocultural. Estes conceitos foram apropriados na pesquisa em função da necessidade de se compreender as formas particulares que sugerem as diferentes temáticas, inserções dos sítios na paisagem bem como as possíveis relações estabelecidas entre eles e as figurações. Na caracterização das figuras foram priorizadas análises que incorporaram diferentes critérios estilísticos e cronológicosarticulados com os atributos que compõem a paisagem. Os resultados da pesquisa indicam a presença de distintos conjuntos rupestres com diferentes intencionalidades, escolhas, relações estabelecidas com a paisagem e com figuras precedentes.

Palavras-chave: Arqueologia pré-colonial, Diamantina, arte rupestre, alto curso do rio Pardo Pequeno

ABSTRACT

The region of Diamantina (MG) has been the subject of multiple efforts in archaeological research, especially those related to its pre-colonial past. This research is part of a context where several archaeological surveys and inquiries for the various pre-colonial occupations groups are present. The work will approach to the rock art of 24 archaeological sites in the upper course of the river Pardo Pequeno,tributary of the São Francisco river. The analysis had as theoretical and methodological north concepts as landscape and style, perceived as peculiar to each socio-cultural formation. These concepts were appropriate in the function research due to the need to understand the particular forms that suggest different themes, insertions of the sites in the landscape as well as possible relations established between them and the figurations. In the characterization of the figures were prioritized analyzes that incorporated various stylistic and chronological criteria articulated with the attributes that compose the landscape. The survey results indicate the presence of different rock sets with different intentions, choices, relations with the landscape and with previous figures.

Keywords: pre-colonial archaeology, Diamantina, rock art, upper course of Pardo Pequeno river

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Figurações atribuídas à Tradição Planalto em Lagoa Santa e Serra do Cipó. Extraído de Baeta (2011). 23
Figura 2: Localização da Serra do Espinhaço Meridional 27
Figura 3: Conjuntos artefatuais e sepultamentos em Diamantina (MG): a) Artefatos de quartzo com gume semicircular, b) Artefato plano-convexo de superfície, c) Fragmento de vasilha com decoração pintada encontrado em São Gonçalo do Rio das Pedras, d) Desenho de sepultamento encontrado na Lapa do Caboclo. Imagens Retiradas de Isnardis (2013). 29
Figura 4: Figuras dos conjuntos estilísticos identificados por Linke (2008). Retirado de Linke (2008). 34
Figura 5: Realização do calque em plástico, sítio Mendes 1. 59
Figura 6: Sítio Itanguá 6, painel vetorizado. Fonte: Valdiney Amaral Leite (2015, no prelo) 60
Figura 7: Foto do tipo panorâmica de painel, sítio Lapa do Tatu 1. 62
Figura 8: Disposição simplificada do Supergrupo Espinhaço. Modificado de Chemale Jr et al. (2011, p.176) 66
Figura 9: Mapa de inserção geológica e formações da área de pesquisa – Folha Diamantina (MG) SE.23-Z-A-III. 69
Figura 10: Hipsometria da área de pesquisa e localização dos sítios arqueológicos – sub-bacia do Rio Pardo Pequeno 74
Figura 11: Perfil de elevação A-B. 75
Figura 12: Principais tipos de suporte encontrados nos abrigos: A) Espelho; B) Parede inclinada; C) Cornija; D) Teto. 77
Figura 13: Fisionomias vegetais na região de pesquisa. a) Campo limpo; b) campo rupestre; c) Cerrado ralo; d); cerrado típico; e) mata de galeria; f) Capão de mata. 80
Figura 14: Croqui sítio arqueológico Mendes 1. 91
Figura 15: Painel 1, 2, 3 e 4 do sítio Mendes 94
Figura 16: Painel 5, 6, 7 e 8, sítio Mendes 1. 97
Figura 17: Painel 9, 10 e 11, sítio Mendes 1. 100
Figura 18: Conjuntos cronoestilísticos do sítio Mendes 1. 104
Figura 19: Croqui sítio arqueológico Mendes 2. 106
Figura 20: Reprodução dos painéis do sítio Mendes 2. 107
Figura 21: Croqui sítio Lapa do Chumbinho, setor sul. 112
Figura 22: Reprodução dos painéis do setor sul, Lapa do Chumbinho. 113
Figura 23: Croqui sítio Lapa do Chumbinho, setor central. 115
Figura 24: Reprodução dos painéis 5, 6 e 7, Lapa do Chumbinho. 118
Figura 25: Reprodução dos painéis 8, 9 e 10, Lapa do Chumbinho. 119
Figura 26: Reprodução dos painéis 11, 12, 13, 14 e 15, Lapa do Chumbinho. 121
Figura 27: Reprodução dos painéis 16 e 17, Lapa do Chumbinho. 123
Figura 28: Localização do setor norte e reprodução do painel 18, Lapa do Chumbinho. 124
Figura 29: Conjuntos estilísticos da Lapa do Chumbinho. Linha contínua representa relação cronológica bem estabelecida. Linha tracejada representa conjuntos distintos que as figuras sobrepõem umas às outras. 127
Figura 30: Croqui sítio arqueológico Lapa dos Peixes. 130
Figura 31: Visão geral a partir do sítio, do matacão e reprodução das figuras da Lapa dos Peixes. 131
Figura 32: Croqui sítio arqueológico Lapa Onça 1. 133
Figura 33: Localização do sítio e reprodução dos painéis 1 e 2, Lapa da Onça 1. 135

Figura 34: Reprodução dos painéis 3, 4 e 4a, Lapa da Onça 1. 137
Figura 35: Reprodução dos painéis 5, 5a, 6, 7 e 8, Lapa da Onça 1. 139
Figura 36: Reprodução dos painéis 9 e 10, Lapa da Onça 1. 140
Figura 37: Reprodução painel 11 e 12, Lapa da Onça 1. 144
Figura 38: Reprodução dos painéis 12 e 13, Lapa da Onça 1. 146
Figura 39: Reprodução dos painéis 14 e 15, Lapa da Onça 1. 148
Figura 40: Reprodução dos painéis 16, 17, 18 e 19, Lapa da Onça 1. 149
Figura 41: Reprodução dos painéis 20, 21a e 21b, Lapa da Onça 1. 150
Figura 42: Reprodução dos painéis 22, 23 e 24, Lapa da Onça 1. 152
Figura 43: Reprodução dos painéis 25, 26, 27 e 28, Lapa da Onça 1. 153
Figura 44: Conjuntos estilísticos da Lapa da Onça 1. Legenda: Conjuntos estilísticos da Lapa do Chumbinho. Linha contínua representa relação cronológica bem estabelecida. Linha tracejada representa conjuntos distintos que as figuras sobrepõem umas às outras. Linha tracejada e com pontos representa conjuntos que não possuem relações cronológicas estabelecidas. 158
Figura 45: Croqui Lapa da Onça 4 160
Figura 46: Localização do sítio, dos painéis e reprodução digital 161
Figura 47: Localização do matacão e do abrigo, painéis, perfil, e reprodução digital das figuras. 163
Figura 48: Localização do sítio, perfil e reprodução digital dos painéis. 167
Figura 49: Croqui sítio Lapa da Contagem 4. 169
Figura 50: Localização do sítio e reprodução digital dos painéis. 171
Figura 51 Croqui Lapa da Contagem 5. 173
Figura 52: Visão geral do sítio, painel 3 e reprodução das figuras da Lapa da Contagem 5. 175
Figura 53: Visão geral do sítio, localização do painel e reprodução da pintura da Lapa da Contagem 5 176
Figura 54: Visão geral do sítio Taião. 178
Figura 55: Croqui Sítio Serra do Taião (setor sul). 179
Figura 56: Reprodução digital dos painéis 1, 2 e 3 do sítio Serra do Taião (setor sul). 181
Figura 57: Croqui sítio Serra do Taião (setor norte). 184
Figura 58: Vista a norte a partir do sítio, antropomorfo no painel 1 e digitalização dos painéis 1, 2, 3 e 4. 185
Figura 59: Cervídeos do painel 9 e 1 e digitalização dos painéis 5, 6, 7, 8 e 9. 188
Figura 60 Croqui Lapa do Tatu 1. 190
Figura 61: Localização dos sítios Lapa do Tatu 1 e 2, vista frontal, e digitalização do painel do Tatu 1. 192
Figura 62: Croqui Lapa do Tatu 2. 193
Figura 63: Visão geral do abrigo, dos painéis 2 e 3 e digitalização dos painéis. 195
Figura 64: Vista do sítio e do entorno, Lapa do Alforges 3, 4 e 5. 197
Figura 65: Croqui Lapa dos Alforges 6. 198
Figura 66: Visão geral do sítio, painéis e digitalização dos painéis, Lapa do Alforges 6. 201
Figura 67: Croqui Lapa do Alforges 1. 203
Figura 68: Visão geral da Lapa do Alforges 1 e digitalização dos painéis. 204
Figura 69: Croqui Lapa do Alforges 2. 206
Figura 70: Vista a partir do sítio lapa do Alforges 2 e digitalização dos painéis. 208
Figura 71: Croqui sítio Andorinha 1 211
Figura 72: Visão geral do sítio Andorinha 1, painéis 1 e 2 e digitalização. 213
Figura 73: Temas do sítio Andorinha 1 214
Figura 74: Croqui sítio Andorinha 3 216
Figura 75: Vista do entorno e digitalização dos painéis, sítio Andorinha 3. 217

Figura 76: Boqueirões Lapa do Chumbinho e Serra da Contagem e respectivas inserções geológicas. 222
Figura 77: Boqueirão entre Serra do Tatu e Serra da Contagem, Sitio Andorinha 1 e respectivas inserções geológica..... 223
Figura 78: Boqueirão do sítio Andorinha 1, Lapa dos Alforges 1 e 2 e suas respectivas inserções geológicas 224
Figura 79: Boqueirão da Lapa dos Peixes e sua inserção geológica, Mendes 1 e 2 e Serra do Taião. 225
Figura 80: Conjunto estilístico Pardo Pequeno 1. 243
Figura 81: Conjunto estilístico Pardo Pequeno 2 e seus componentes nos sítios. Legenda: Traço contínuo representa relação cronológica bem estabelecida. Traço incontínuo representa relação cronológica em que as figuras dos conjuntos sobrepõem umas às outras. Traço incontínuo pontilhado representa relação cronológica não estabelecida..... 246
Figura 83: Conjunto Estilístico Pardo Pequeno 3. 248
Figura 84: Conjunto estilístico Pardo Pequeno 4. 250
Figura 85: Figuras não atribuídas a nenhum conjunto específico. 252
Figura 86: Interações observadas no conjunto Pardo Pequeno 2. 255
Figura 87: figuras atribuíveis ao complexo Montalvânia em Diamantina, Jequitaí e vale do rio Peruaçu. Extraido de Isnardis (2009), Tobias (2010) e Isnardis (2004). 265
Figura 88: Figuras envoltas por traços anárquicos em crayon na Lapa dos desenhos, Peruaçu. Extraido de Isnardis (2004). 269
Figura 88: Figuras em crayon da Lapa do Tikão, Peruaçu. Extraído de Ribeiro (2006, p.162) 270

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Datações de sítios na área de pesquisa. Adaptado de Fagundes (2014, no prelo). .. 31
Tabela 2: Sítios arqueológicos estudados e inserção litológica 68
Tabela 3: Quantidade de temas por painel do sítio Mendes 1 101
Tabela 4: Quantidade de temas por painel do Lapa do Chumbinho 125
Tabela 5: Quantidade de temas por painel do sítio Lapa da Onça 1 154

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Quantidade de sítios por vegetação segundo as Formações geológicas. 229
Gráfico 2: Quantidade de sítios por vegetação do entorno imediato segundo as formações geológicas. 229
Gráfico 4: Distância dos sítios ao curso hídrico mais próximo. 230
Gráfico 5: Posição do sítio no afloramento. 230
Gráfico 6: Orientações geográficas dos sítios. 231
Gráfico 7: Formas de relevo que dão acesso aos sítios/patamar. 232
Gráfico 8: Tamanho dos sítios segundo as Formações geológicas. 233
Gráfico 9: Visibilidade do sítio na paisagem. 234
Gráfico 10: Visibilidade do entorno a partir do sítio. 234

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO 15
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA 22
   2.1 Os Grafismos rupestres no Carste de Lagoa Santa e a Serra do Cipó 22
   2.2 Pesquisas na Serra do Espinhaço Meridional: contexto arqueológico geral de Diamantina 25
   2.3 Arte rupestre no Planalto de Diamantina: expressões gráficas, cronoestilística e paisagem 32
3. DISCUSSÃO TEÓRICA 37
   3.1 Arte rupestre no Brasil: síntese de perspectivas teóricas e histórico de pesquisas ... 37
   3.2 Arqueologia da Paisagem: ambiente x homem? 41
   3.3 Velhos problemas, novos olhares: estilo em perspectiva 46
   3.4 Prospecções e escolhas metodológicas em trabalhos anteriores 51
   3.5 Método e metodologia: Aproximação à paisagem e aos grafismos 53
   3.6 O registro dos grafismos 57
4. A SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL 62
   4.1 Contexto geológico geral: A Serra do Espinhaço 64
   4.2 Geomorfologia: Aspectos do relevo e hidrografia 70
   4.3 Aspectos da vegetação: um mosaico fitofisionômico 78
   4.4 Paisagens pretéritas: variações, permanências e transformações 80
   4.5 Boqueirões: Os sítios arqueológicos e a categoria de entendimento local da paisagem 84
5. DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS – Apresentação e descrição dos sítios E DE SEUS GRAFISMOS 89
   5.1 ALTO CURSO DO RIO PARDO PEQUENO 89
      5.1.1 Sítio Mendes 1 89
         5.1.1.1. Cronoestilística do sítio Mendes 1 101
      5.1.2 Sítio Mendes 2 105
      5.1.3 Lapa do Chumbinho 108
         5.1.3.1. Cronoestilística do sítio Lapa do Chumbinho 125
      5.1.4 Lapa dos Peixes 128
      5.1.5 Lapa da Onça 1 132
         5.1.5.1. Cronoestilística do sítio Lapa da Onça 1 154
      5.1.6 Lapa da Onça 4 158
      5.1.7 Lapa da Contagem 1 e 2 161
      5.1.8 Lapa da Contagem 3 164
      5.1.9 Lapa da Contagem 4 168

5.1.10 Lapa da Contagem 5 172
5.1.11 Lapa da Contagem 6 175
5.2 MÉDIO CURSO DO RIO PARDO PEQUENO 176
5.2.1 Sítio Serra do Taião 1 e 2 177
5.2.2 Lapa do Tatu 1 e 2 189
5.2.3 Lapa dos Alforges 3, 4 e 5 196
5.2.4 Lapa do Alforges 6 197
5.3 BAIXO CURSO DO RIO PARDO PEQUENO 202
5.3.1 Lapa do Alforges 1 202
5.3.2 Lapa do Alforges 2 205
5.3.3 Andorinha 1 208
5.3.4 Andorinha 3 214
5.4 ESTRUTURA, BOQUEIRÕES E ABRIGOS 218
6. VALE DO RIO PARDO PEQUENO: ARTE RUPESTRE E PAISAGEM 225
6.1 Compreendendo os sítios a partir da esculturação do relevo 225
6.2 Aproximando olhares complementares à paisagem 234
6.3 Arte rupestre e Paisagem: os conjuntos estilísticos no vale do rio Pardo Pequeno 241
6.3.1 Conjunto Pardo Pequeno 1 241
6.3.2 Conjunto Pardo Pequeno 2 243
6.3.3 Conjunto Pardo Pequeno 3 246
6.3.4 Conjunto Pardo Pequeno 4 248
6.4 Os conjuntos rupestres compondo painéis: o fazer e o se relacionar 252
6.5 A arte rupestre no vale do rio Pardo Pequeno em perspectiva 261
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 272
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 278

1. APRESENTAÇÃO

Senhores donos da casa, o cantadô pede licença
Pra puxar viola rasa, aqui na vossa presença
Venho das banda do norte, cum pirmissão da sentença.
Cumpri minha sina forte, já por muitos con'icida, Buscando a i'lusão da vida
ou o cutelo da morte.
E das duas a prifirida
há que me mandar a sorte.

Elomar Figueira Melo– Desafio do Auto da Catingueira

Destino as páginas iniciais para apresentar os caminhos que de maneira relevante guiaram minhas escolhas durante a pesquisa na definição de um “problema” e dos objetivos que proponho para esta investigação. Esta pesquisa é fruto de diferentes experiências neste decorrer, advêm desde as atividades de campo na graduação, a concepção e elaboração do projeto, escavações, horas encarando a profusão de cores nos painéis rupestres, o processamento dos dados e os diálogos construídos com os companheiros, articuladores indispensáveis. Ao longo de todo o processo que é esta pesquisa tornaram-se atores difíceis de se excluir neste cenário de escolhas por mim realizadas, coletiva e individualmente. A escrita destas páginas faz parte de um processo constante de diálogo, interação e trocas entre as pessoas, das poesias desnorteadas em baixo de abrigos partilhadas com o Valdiney, tudo aquilo que esteve próximo a mim neste percurso.

A região de Diamantina - MG é alvo de pesquisas arqueológicas há algum tempo, mas é somente nos últimos anos que as investigações foram intensificadas a partir de projetos vinculados ao Setor de Arqueologia da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e ao Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem da UFVJM (LAEP - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri). Um pequeno grupo de arqueólogos e estudantes interessados estiveram em suas serras e campos deixando uma importante bibliografia a respeito dos registros materiais das populações pré-coloniais, de que este trabalho irá tratar. Dentre os trabalhos realizados foram identificados diversos sítios arqueológicos pré-coloniais sobretudo os localizados em abrigos rochosos com arte, assunto principal desta pesquisa. Sabe-se, a partir das prospecções já realizadas e das projeções, que há possibilidade de existência de pelo menos um sítio por km² na região de Diamantina (LINKE & ISNARDIS, 2008).

O meu primeiro contato com a região se deu por meio do estudo de um dos sítios arqueológicosno ano de 2010, o Mendes 1, localizado nas margens do Rio Pardo Pequeno, tributário do Rio São Francisco. De acordo com as pesquisas até então realizadas a arte rupestre da Serra do Espinhaço Meridional era marcada pela presença majoritária dos sítios com temáticas bastante comuns a parte dos grafismos no Planalto Central brasileiro. Inicialmente, parte destes grafismos foram entendidos como pertencentes à Tradição Planalto de arte rupestre cujo marcador temático é a presença de figurações monocromáticas, a maioria em cor vermelha e onde predominam as representações de cervídeos em associação com peixes nos painéis.

Nos levantamentos realizados no ano de 2003 pelo projeto *Diamantina Rupestre*, vinculado ao Centro Universitário Newton Paiva, foram identificados doze sítios de arte

rupestre e mais tarde, a partir de 2004 com Setor de Arqueologia da UFMG, foram realizadas prospecções e encontrados outros novos sítios, totalizando trinta e quatro por ambas pesquisas. Já a partir do ano de 2009 diversas prospecções feitas pelo LAEP começaram a ser desempenhadas no Alto Jequitinhonha, expandindo as áreas sistematicamente prospectadas e estudadas para novas localidades e municípios.

Os estudos realizados por Vanessa Linke (2008), Andrei Isnardis (2009) e equipe puderam perceber variados elementos, processos,relações diacrônicas e sincrônicas que compunham a arte rupestre regional. As sobreposições recursivas nos painéis, por exemplo, foram entendidas como uma sofisticada trama de interações entre as pinturas, configurando uma estética geral compartilhada que gerou novos temas por meio do reaproveitando de traços. Esta noção foi percebida pelos pesquisadores como uma trama de interações dos novos grafismos com grafismos já existentes, que é mais intensa entre estilos mais antigos. As primeiras pesquisas identificaram, para além das intensas sobreposições, conjuntos estilísticos distintos que apropriaram de maneiras específicas dos atributos da paisagem.

Ainda que não fosse possível situar os momentos de realização dos diferentes conjuntos, os pesquisadores perceberam por meio da harmonização dos conjuntos estilísticos a construção dos espaços gráficos. As diferenças nos modos de fazer, conforme argumentam, podem ser indicativas de mudanças no repertório cultural. Além disso, a continuidade temática observada revela uma evidente demonstração da existência de compartilhamento de estruturas que são mantidas no tempo. Entretanto, precisar esta continuidade permanece um desafio para qual ainda carecemos de elementos suficientemente convincentes.

Concomitantemente às atividades realizadas pelo LAEP e pela UFMG, outros trabalhos de campo foram realizados no ano de 2011 ao longo do curso do Rio Pardo Pequeno no âmbito do licenciamento ambiental. Neste estudo, o diagnóstico e as prospecções detectaram trinta e nove sítios arqueológicos de arte que compartilhavam entre si similaridades, mas que também se fazia presente diferenças entre eles. Diferenças estas que indicavam sítios e figurações que não haviam sido descritas anteriormente, ao menos não sistematicamente. A respeito de suas inserções na paisagem a pesquisa indicou sítios localizados em matacões localizados em fundos de vale, próximos ao corpo principal de esteiros e afluentes no vale do Rio Pardo Pequeno (AMBIENTO, 2012).

A partir dos estudos anteriormente realizados no Alto Jequitinhonha questionava-me em como poderia discutir o atual cenário da arte rupestre em Diamantina, sobretudo os diferentes estilos, os diferentes modos de fazer, suas relações espaciais e com os atributos da paisagem. Durante o ano de 2009 a 2012, conciliava o curso de Bacharelado em Humanidades

e geografia com estudos em arqueologia pelo LAEP. Este contato em minha formação com diferentes abordagens e interesses práticos pôde me prover perspectivas por vezes um tanto díspares, masnem sempre excludentes. A Paisagem, de certo modo, permeou todo o percurso que tomei durante minha formação. Esta proximidade com áreas de objetivos diferentes, mas que em alguns momentos confluem, tornou-se um pouco mais nítida com a possibilidade de estudar os sítios arqueológicos no vale do rio Pardo Pequeno. Naturalmente, desde a elaboração do projeto, seus objetivos e escopos teórico-metodológicos sofreram alterações que se deram com o próprio andamento da pesquisa.

Nos últimos anos o trabalho com arte rupestre tem desenvolvido abordagens que visam observar e reconhecer o registro rupestre não somente a partir de uma única via, aquela que priorizam seus atributos formais, tais como as temáticas e o modo de compô-los. À medida em que os escopos teóricos e as prioridades ganharam novas expressões, os conjuntos rupestres passam a ser encarados como processo que envolveu escolhas e, portanto, apresentam comportamentos particulares. Em Minas Gerais (ver Figura 1), os estudos realizados no Peruaçu e no alto-médio São Francisco (ISNARDIS, 2004; RIBEIRO, 2006), na Serra do Espinhaço Meridional (LINKE, 2008; ISNARDIS, 2010) e em Jequitaí (TOBIAS, 2010) puderam desenvolver discussões profícuas a respeito dos diferentes comportamentos e das relações estabelecidas entre os grupos pré-coloniais e as paisagens regionais.

Considerando os estudosrealizados anteriormente,pude observar, em parte, algumas das discussões que estavam sendo realizadas na arqueologia do Alto Jequitinhonha. Verificadaa profusão de sítios arqueológicos de arte rupestre em Diamantina, a diversidade estilística, temática e paisagística, elaborei um projeto de pesquisa que abordaria os sítios de arte tendo como norteador a paisagem.

Nesta pesquisa apropriei do conceito de paisagem, fundamental para o entendimento em como o trabalho foi realizado. Nos últimos anos,tem ganhado força o que os arqueólogos chamam de Arqueologia da Paisagem que, em linhas gerais, visa reconhecer as relações estabelecidas entre os grupos humanos e o meio, além de identificar em como as expressões materiais podem estar relacionadas a ele. O conceito de Paisagem é bastante diverso e foi necessário, portanto, dialogar com diferentes abordagens concebidas sobretudo pela arqueologia, antropologia e geografia.

No intuito de compreender os grafismos rupestres ao longo do rio Pardo Pequeno, procurei nos processos da pesquisa afastar dos grafismos categorias classificatórias e conjuntos já conhecidos. Os esforços realizados perpassaram pela compreensão dos grafismos a partir de seus contextos, descrevendo-os e correlacionando com os sítios no recorte espacial,

segundo os critérios considerados pertinentes. Boa parte destes critérios foram tomados emprestados de outros trabalhos realizados por outros arqueólogos em Minas Gerais, alguns deles citados acima e cujos trabalhos possuem muitas afinidades com este.

Durante o percurso para a realização desta pesquisa, estive em contato direto com alguns moradores do distrito Quartéis (Diamantina, MG) e Sr. Ricardo teve participação fundamental para a reformulação da pesquisa e percepção do entendimento local da paisagem, também presente nas descrições, considerações e interpretações feitas. Os Boqueirões, categoria de entendimento local para a inserção dos sítios, chamou a atenção como um recurso analítico que foge à análise fragmentada e desarticulada dos atributos da paisagem e ser capaz de (re)pensar possíveis escolhas dos grupos pré-coloniais.

Dito isto, pretendo nesta dissertação compreender as relações cronológicas e estilísticas em um universo de 24 abrigos com pinturas rupestres localizados na micro-bacia do rio Pardo Pequeno (Diamantina, MG) numa perspectiva que considere seus contextos de inserção e seusatributos no intuito de identificar possíveis diferenças e escolhas entre eles. Para isso, a análise realizada se debruçou na escolha de um recorte espacial, discussão de perspectivas teórico-metodologias acerca da paisagem e estilo, a contextualização geológica, geomorfológica, dos aspectos vegetacionais, da evolução dos atributos da paisagem e, como dito anteriormente, na percepção local da paisagem, notadamente os Boqueirões. Além disso, os sítios arqueológicos e seus grafismos serão descritos e articulados uns com os outros de modo a "construir" as relações espaciais, cronológicas e estilísticas bem como a sua compreensão a partir da esculturação do relevo, sua aproximação e relações com os Boqueirões, as características e escolhas dos conjuntos estilísticos identificados, suas maneiras de compor painéis e de se relacionar com suportes e as figuras precedentes. Ao fim e ao cabo, é finalidade também desta dissertação relacionar a arte rupestre dos sítios com o intuito de inseri-las nas discussões realizadas para o Planalto Central Brasileiro. Será observado em que medida os sítios do alto curso do rio Pardo Pequeno se difere e/ou apresenta semelhanças com as regiões próximas sistematicamente pesquisadas em Minas Gerais, como Diamantina, Peruaçu e Jequitaí.

Além deste capítulo, a dissertação foi estruturada em outras seis partes. O **capítulo segundo** irá apresentar de forma sucinta os trabalhos arqueológicos até o momento realizados na Serra do Espinhaço Meridional. O objetivo é apresentar o cenário de ocupações pré-coloniais no Carste de Lagoa Santa, Serra do Cipó, Diamantina e região do entorno, sobretudo dos trabalhos realizados por duas frentes de pesquisa, o Setor de Arqueologia da UFMG e pelo Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem da UFVJM.

No **capítulo terceiro** serão abordadas as perspectivas teóricas que nortearam alguns dos procedimentos adotados à arte rupestre: a paisagem e estilo, motes fundamentais na pesquisa. Foram discutidos inicialmente as perspectivas teórico-metodológicas e histórico de pesquisas realizadas em arte rupestre no Brasil no intuito de apontar como as pesquisas arqueológicas foram levadas a cabo em seu início de sistematização. O objetivo deste subcapítulo é situar esta pesquisa frente às discussões já realizadas na arqueologia brasileira. Posteriormente serão expostas as abordagens e escolhas teóricas realizadas no que se refere à Paisagem, além de apresentar uma breve trajetória do entendimento deste conceito e como auxiliou na pesquisa. O terceiro subcapítulo abordará as discussões sobre o conceito de estilo na arqueologia, elemento chave para a compreensão de como os grafismos rupestres foram encarados durante a pesquisa. Por fim, o quarto subcapítulo tratará dos procedimentos, escolhas metodológicas em trabalhos realizados anteriormente e durante o estudo. O subcapítulo versará a respeito dos métodos, metodologias e técnicas empregadas e sua articulação com os pressupostos teóricos.

No **capítulo quarto** serão descritos os atributos que compõem a paisagem da Serra do Espinhaço Meridional. A paisagem neste momento será apresentada de certa forma "desmembrada" (ainda que sejam articuladas) em diferentes aspectos: geológico, geomorfológico, da vegetação e climático. Este capítulo visa expor diversos eventos em diferentes momentos cronológicos que é possível entender a Serra. A paisagem exposta permitiu que elas sejam analisadas em outro momento de maneira conjunta, estruturada e relacionada às ocupações pré-coloniais. Além do entendimento dos atributos da paisagem reconhecidos e expostos pela academia, apresento a categoria de entendimento da paisagem dos moradores locais, os Boqueirões.

O **quinto capítulo** inclui as descrições dos sítios arqueológicos na área de pesquisa.Neste momento optei por descrever os sítios em diferentes escalas, perpassando pelas descrições gerais do entorno, do abrigo, dos suportes e, por fim, dos grafismos rupestres. A descrição prezou por expor os elementos que compõem a paisagem do entorno dos sítios e internamente a eles, tais como sua morfologia, dimensões dos abrigos e dos painéis, além das descrições detalhadas dos grafismos.

O **sexto capítulo** reunirá todos os sítios pesquisados no intuito de delinear, quando possível, conjuntos estilísticos específicos. Para isso, serão observadas as semelhanças e diferenças paisagísticas, entre os grafismos e suas relações cronológicas. O capítulo irá abranger as reflexões sobre os resultados obtidos e interpretações possíveis para compreender as manifestações rupestres na região. Além disso, será concluído com ponderações a respeito

da arte rupestre no alto curso do rio Pardo Pequeno frente a regiões estudadas sistematicamente em Diamantina e a região central de Minas Gerais.

O **sétimo capítulo** irá conter as reflexões finais sobre os conjuntos estilísticos procurando estabelecer relações e articulações entre as abordagens teóricas adotadas e os resultados obtidos. Para além desta reflexão teórico-metodológica, o próprio processo incutido na realização de toda a investigação será suputado.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 OS GRAFISMOS RUPESTRES NO CARSTE DE LAGOA SANTA E A SERRA DO CIPÓ

As pesquisas arqueológicas realizadas na Serra do Espinhaço Meridional, pode-se dizer, tiveram o seu estudo sistemático iniciado não a muito tempo. É somente a partir do início deste século que prospecções, levantamentos e estudos acadêmicos sobre as populações pré-coloniais começaram a ganhar espaço na bibliografia arqueológica brasileira. Ainda assim, este processo não ocorreu de maneira homogênea em seus domínios, tendo iniciado em um primeiro momento pontualmente em Lagoa Santa e na Serra do Cipó, região onde foi definida a Tradição Planalto de arte rupestre.

A Tradição Planalto, identificada desde o norte do Paraná até o Estado do Tocantins, abrange o Carste de Lagoa Santa e Serra do Cipó e são consideradas, a princípio, como a mais antiga expressão gráfica (BAETA, 2011) em Minas Gerais. É nesta região em que o caso mais seguro de datação relativa para a arte rupestre foram realizadas, aonde foi possível situar no tempo alguns grafismos atribuídos à Tradição Planalto encontrados em sub-superfície e datados entre 4.350 BP e 2.000 BP (PROUS & BAETA, 1992/93).

Esta Tradição possui grafismos zoomorfos apresentando tratamentos gráficos variados nestas regiões, ora com preenchimento completo do corpo (figuras chapadas), ora com preenchimentos em linhas ou pontos (PROUS & BAETA, 1992/93). Variam também o tamanho das figuras e a atenção aos detalhes anatômicos, sendo frequentes as representações de cascos e galhadas (ver Figura 2). São abundantes figuras geométricas em geral simples e sempre monocrômicas: bastonetes e pontos (oc. cit.). As intensas sobreposições são bastante comuns e intensas em alguns painéis com muitas associações homotemáticas sobretudo de cervídeos em sobreposição (PROUS & JUNQUEIRA, 1995).

Os grafismos rupestres nestas regiões ocuparam localidades diferenciadas nos abrigos: desde painéis em contado com o piso e em alturas que chegam a até 6 metros, mas que de modo geral situam-se entre 50 cm e 2 metros de altura localizadas em paredes planas ou pouco inclinadas, suportes menos rugosos, tetos baixos ou altos, nichos e patamares (BAETA, 2011).

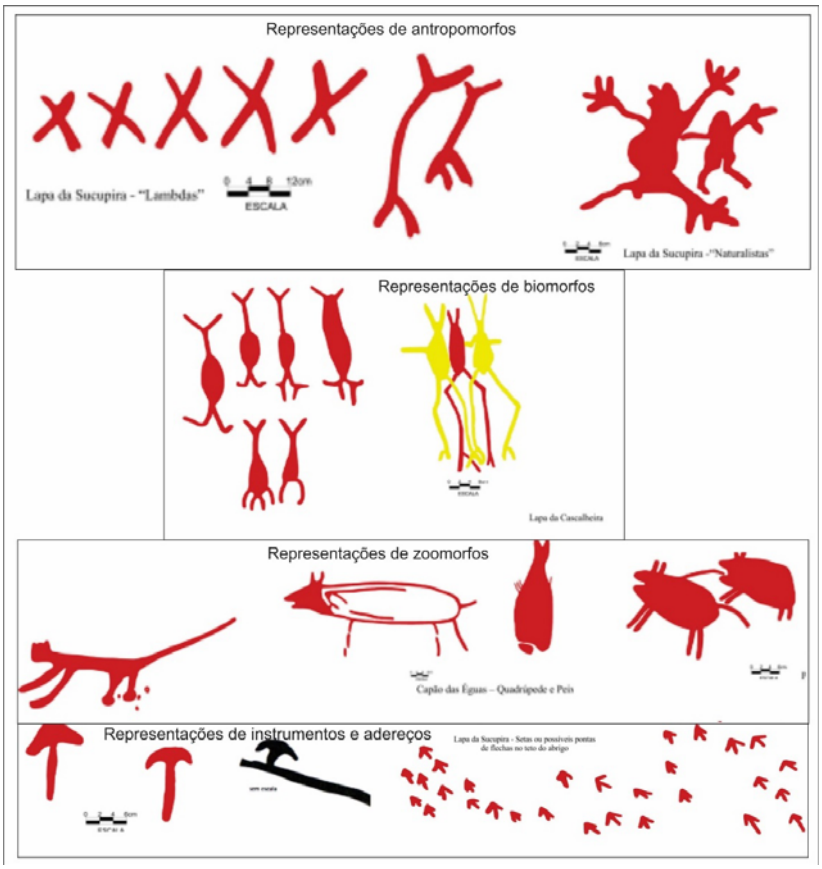


Figura 1: Figurações atribuídas à Tradição Planalto em Lagoa Santa e Serra do Cipó. Extraído de Baeta (2011).

O espaço apropriado pelos autores dos grafismos no sítio Abrigo Grande na Serra do Cipó apresenta paredes verticais subdivididas por grandes diáclases, superfícies inclinadas e tetos formados por degraus escalonados, há também amplos abrigos na altura dos patamares separados por estreitos corredores e paredes inclinada, e ainda evidências de percepção e utilização das variações do suporte (PROUS & BAETA, 1992/93). Os cervídeos, peixes e aves são categorias que apareceram em quase todos os painéis e, como ressaltam Prous e Baeta, foi observado uma relação entre o número de figuras e a variedade de tipos presentes em cada painel. As análises da arte rupestre no Grande Abrigo atentaram ànecessidade de além de estudar o aspecto atual, considerar as sucessivas disposições dos grafismos, pois há a possibilidade de que ao acrescentar uma figura em um painel, que o autor pode ter interpretado as obras anteriores, configurando uma nova parte de um conjunto preexistente.

Baeta (2011) verificou, a partir dos temas centrais atribuídos à Tradição Planalto na Serra do Cipó e no Carste de Lagoa Santa, a existência de uma série de variáveis tipológicas e

estilísticas no interior desta tradição, mais notáveis nos níveis intermediários e sobretudo nos momentos mais recentes. Foi observada a diversidade de representação de tipos de geometrismos, antropomorfos e zoomorfos (onças, macacos, pernaltas, cervídeos galhados menores...). De modo geral, para estas duas regiões, algumas interpretações para a arte rupestre foram realizadas por essa autora (BAETA, 2011, p. 260-262):

- Predominância visual de figuras preenchidas por traços, sobretudo os cervídeos e peixes nos abrigos de quartzito, e figuras chapadas nos afloramentos calcários;
- nas terras mais altas e encachoeiradas da Serra do Cipó as pequenas escarpas que dividem a paisagem com a vegetação de Campo Rupestre possuem poucas figuras parietais, raros casos de sobreposição, limitadas a representações de cervídeos e grafismos geométricos;
- a Tradição Planalto faz parte de uma ampla rede de "longa-duração", em que os autores compartilham de um mesmo sistema de significantes ou repertórios comuns, observáveis a longo período e com ampla dispersão, embora sejam notadas variações locais e microrregionais;
- para os níveis mais recentes, Baeta (2011) caracteriza-os como figurações com prováveis influências por unidades estilísticas não-Planalto por meio da chegada de novos grupos humanos que trouxeram maneiras diferenciadas de representação ou expressão gráfica;
- as sucessões de intervenções nos painéis sugeriram o interesse na manutenção de temas recorrentes nos grafismos da Tradição Planalto, interagindo com as figuras anteriores e acrescentando novos painéis novos grafismos e deixando novas "identidades". O contrário também ocorre, indicativas de possíveis rupturas, em que são realizadas raspagens para aplicação da Unidade Estilistica *Ballet*.

A respeito da disposição das figurações nos abrigos Baeta (2011) argumenta que cada unidade ou expressão estilística possuía um padrão geral de localização em que os suportes e compartimentos internos (tetos, paredes verticais e inclinadas, pisos, blocos, nichos, patamares e condutos) deveriam ser escolhidos ou selecionados, conformando a paisagem

como produto das mudanças e continuidades das representações coletivas e sociais[1]. Da mesma maneira, as figuras que de certa forma inauguraram os abrigos, parecem influenciar as de seus predecessores. A autora propõe que a paisagem para o Carste de Lagoa Santa e a Serra do Cipó contenha diferentes códigos de comunicação e de construção de significados, e neles estão embutidos diferentes discursos, observáveis nas mudanças e continuidades estilísticas.

Em uma problematização realizada por Isnardis (2009), o autor considera razoável supor que, se fenômenos semelhantes são manifestos no Cipó e em Diamantina, o desenvolvimento deles não tenha dado com lapsos de tempo muito dilatados: os grafismos podem ter sido realizados em Diamantina e só em 2.000 ou 3.000 anos depois tenha surgido nos abrigos na Serra do Cipó, o inverso também é admissível. Ademais, a tradição pode ter vivido desenvolvimentos paralelos em ambas regiões, considerando a presença de diferentes estilos ao longo do tempo, presentes em ambas as áreas (op. cit: 70).

2.2 PESQUISAS NA SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL: CONTEXTO ARQUEOLÓGICO GERAL DE DIAMANTINA

Nos últimos anos, a partir de meados dos anos 2000 na Serra do Espinhaço Meridional (ver Figura 2) tiveram início as pesquisas arqueológicas vinculadas ao Setor de Arqueologia da UFMG. De modo geral, as análises realizadas prezaram o tratamento dos registros gráficos a partir de perspectivas apoiadas nas premissas estruturalistas, em que buscaram padrões acreditando em uma estrutura organizativa, padrões para a arte rupestre regional (p.ex: LINKE, 2008; ISNARDIS, 2009; ISNARDIS & LINKE, 2010).

A partir de 2003, com um projeto de Iniciação Científica do Centro Universitário Newton Paiva (LINKE & ISNARDIS, 2012) tiveram lugar as primeiras prospecções sistematizadas, levantamentos e análises de sítios de arte rupestre no Alto Jequitinhonha. Anteriormente a este período, na década de 70 e 80, o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) e o Setor de Arqueologia da UFMG registraram os primeiros sítios de pintura rupestre.

Verificado o enorme potencial arqueológico para a região, o Setor de Arqueologia da UFMG, em 2004, incorporou Diamantina como área de pesquisa, desenvolvendo e coordenando projetos de maior diversidade por meio de financiamentos pela Missão Arqueológica Franco-Brasileira e pela FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas

[1] Conforme será discutido no capítulo 3, a noção de paisagem articulada neste trecho apresenta diferenças com aquele que adotei na dissertação. A perspectiva exposta apresenta uma formulação e o entendimento realizado pela autora. É possível, entretanto, outrospontos de vista e intepretações.

Gerais). A partir deste período as pesquisas foram impulsionadas e foram incorporadas novas perspectivas para arqueologia regional (LINKE & ISNARDIS, 2012). Foram sendo realizados levantamentos oportunísticos e novas áreas prospectadas, ocasionando no registro de diversos sítios.

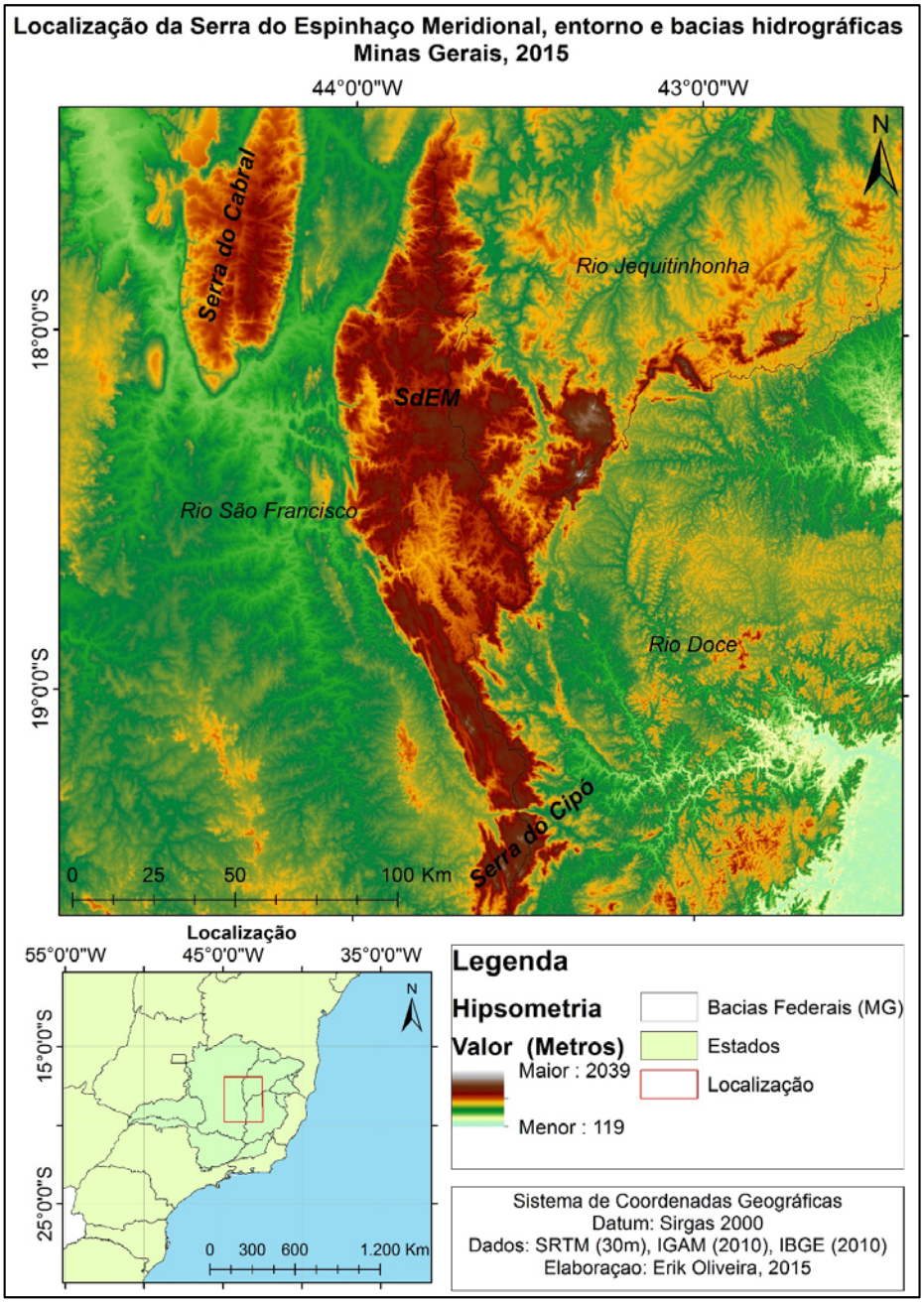


Figura 2: Localização da Serra do Espinhaço Meridional

Nos ricos depósitos sedimentares encontrados na região, embora apresentem pouca espessura na maioria dos sítios, foi verificada grande profundidade cronológica em alguns dos

abrigos.Nos primeiros anos de estudo na Serra do Espinhaço Meridional foram delineados dois horizontes com segurança: um de aproximadamente 10.000 BP, outro de 1200 ± 40 BP (Beta 199503) e de 680 ± 50 BP (Beta 199504)(LINKE & ISNARDIS, 2012). Nestes primeiros estudos não foram identificadas datações entre estes dois períodos, havendo, portanto, uma descontinuidade de 8.500 BP. Dentre as hipóteses formuladas para este hiato, Isnardis (2009) considerou a possibilidade de o uso intenso de ocupantes recentes terem causado perturbação do solo e do pacote sedimentar, desordenando-os e tornando-os mais discretos em meio aos vestígios recentes.

A antiguidade das ocupações na Serra do Espinhaço Meridional permitiu correlacioná-las com os horizontes de ocupação da transição Pleistoceno-Holoceno, compartilhando com outras regiões do Brasil Central (Minas Gerais, Bahia, Tocantins e Goiás) semelhanças tecnológicas tendo em vista os refugos de lascamentos para produção de plano-convexos. Além disso, permitiu colocar em perspectiva tais artefatos por alguns deles estarem associados em horizontes mais recentes (LINKE & ISNARDIS, 2012).

Para as ocupações mais recentes Linke & Isnardis (2012) indicam que as escavações da Lapa do Caboclo forneceram informações relevantes sobre o Holoceno Superior, neste sítio dois conjuntos de estruturas foram encontradas; sepultamentos secundários e estruturas de depósitos vegetais, estes últimos também encontrados no norte de Minas Gerais. Tais sepultamentos foram enterrados com ossos desarticulados, tingidos de vermelho e associados a penas em estojos de casca de árvore e extremidades fechadas com coro de um lado, e palha ou pedra, de outro, todos eles com orientação semelhante (SOLARI *et al*., 2012).

Os sepultamentos e os demais vestígios arqueológicos encontrados nos níveis recentes, com presença de fragmentos de espigas de milho, grãos e palha, representam singularidades de Diamantina. Algumas hipóteses a respeito deste contexto em específico foram feitas, sobretudo pela ausência de cerâmica nos espaços estudados (em grande parte abrigos de arte). A presença de determinados elementos, ou a ausência, até o atual momento de pesquisas sugeriu alguns cenários segundo os pesquisadores; a possibilidade de não terem sidos encontrados sítios a céu aberto com atributos de aldeias ou acampamentos; estarem as populações elaborando itens em cerâmica mas que, contudo, não possuíam lugares expressivos nas atividades realizadas nos sítios em abrigo; outra possibilidade, aventada pela ausência de informações orais sobre sítios cerâmicos e a ausência por completo de fragmentos na Lapa do Caboclo, levou-os a considerar que nas populações associadas ao período final de ocupação a prática da cerâmica era muito restrita (LINKE & ISNARDIS, 2012).

No que tange os vestigios líticos, as análises tecnologicas realizadas por Isnadis (2009) expôs padrões tecnológicos permitindo a formulação de 13 grupos de artefatos retocados com afinidades morfológicas e tecnológicas. Além disso foram identidicadas cadeias operatórias de diversas categorias de materiais líticos. Estão presentes os artefatos planos convexos nas ocupações recentes e na passagem do Pleistoceno para o Holoceno (Figura 3). Contudo, os primeiros ditinguem-se dos mais antigos encontrados no regiao central brasileira por apresentarem características distintas, como a aleição de plaquetas como suporte, estão integradas a industrias líticas mais diversificadas e pela ausencia de rigor nas relações entre artefatos e seleção de suportes (ISNARDIS, 2009).

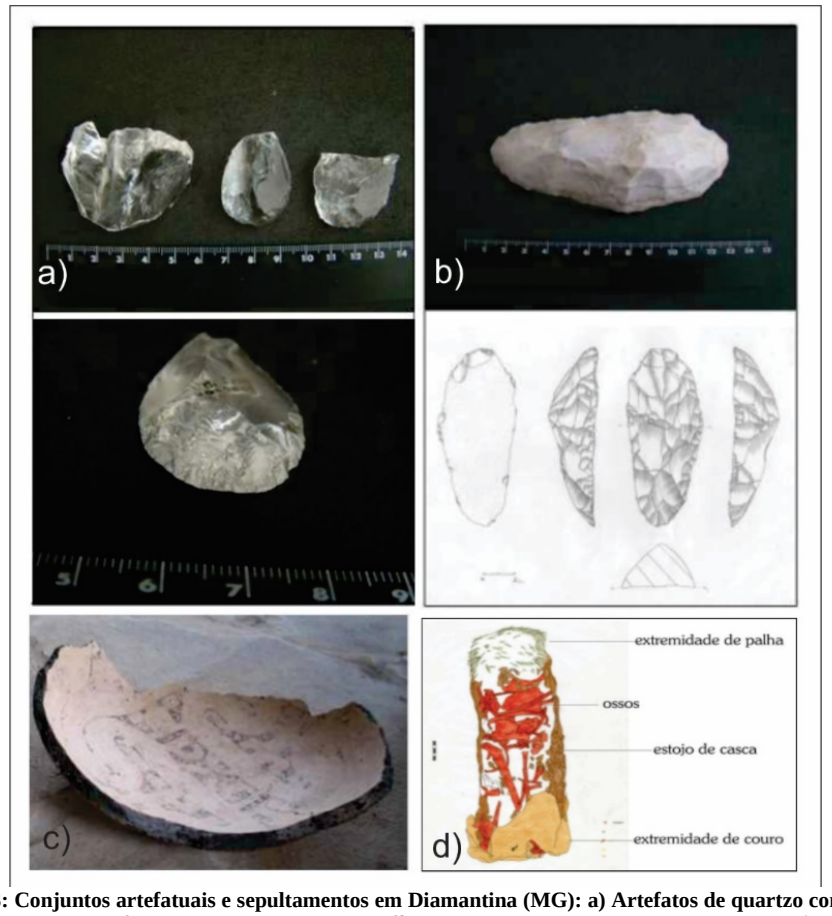


Figura 3: Conjuntos artefatuais e sepultamentos em Diamantina (MG): a) Artefatos de quartzo com gume semicircular, b) Artefato plano-convexo de superfície, c) Fragmento de vasilha com decoração pintada encontrado em São Gonçalo do Rio das Pedras, d) Desenho de sepultamento encontrado na Lapa do Caboclo. Imagens Retiradas de Isnardis (2013).

Mais recentemente, a partir de 2010, os estudos realizados no LAEP por meio do Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha (PAAJ) sob coordenação do professor Marcelo

Fagundes, teve início diversas prospecções sistematizadas para identificação de sítios arqueológicos em todo Alto Jequitinhonha que, até o ano de 2013, identificou 144 sítios (FAGUNDES& FERREIRA, 2013). As pesquisas foram ampliadas e os trabalhos de campo passaram a incluir além do município de Diamantina, Datas, Serro e Gouveia, os municípios de Senador Modestino Gonçalves, Couto Magalhães de Minas, Felício dos Santos, São Gonçalo do Rio Preto e Itamarandiba.

As pesquisas realizadas no LAEP trouxeram novos elementos para o entendimento das ocupações pré-coloniais em Diamantina e no Alto Jequitinhonha. Surgiram com a realização de prospecções, escavações e o trabalho realizado junto às comunidades locais, informações e vestígios arqueológicos que anteriormente se tinham pouco conhecimento. Em Felício dos Santos, membros de localidades têm identificado laminas de machado polido (locais e informações imprecisas), outro doado por morador de Planalto de Minas. Para os sítios em abrigo a equipe evidenciou duas lâminas em superfície (uma em Couto Magalhaes de Minas e outra em São Gonçalo do Rio das Pedras) (op. cit).

As novas frentes de pesquisas realizadas pelo LAEP, além da identificação de diversos sítios arqueológicos pré-coloniais, a respeito da arte rupestre apontaram ainda mais para o conhecimento da diversidade estilística no Alto Jequitinhonha e dos padrões de assentamentos dos abrigos com arte[2] (FAGUNDES, 2012; FAGUNDES *et al*., 2012a, 2012b, 2013; LEITE, 2012; FAGUNDES &FERREIRA, 2013).

A região de Serra Negra, constituída por Complexos Arqueológicos da Serra do Ambrósio, Campo das Flores, e Felício dos Santos e Três Fronteiras, estão implantados em feições geomorfológicas[3] que ora são compartilhadas e semelhantes, ora apresentam peculiaridades (FAGUNDES, 2013; FAGUNES et al., 2014). A partir das escavações realizadas, novos elementos da cronologia de ocupação do Alto Jequitinhonha puderam ser reconhecidos. No Complexo arqueológico Campo das Flores duas ocupações foram datadas (op. cit., 84): uma entre 240 e 798 A.P (CENA/USP); outra mais recente, de 270± 20 anos A.P (AMS/ BETA 310324).

[2]As prospecções realizadas pelo PAAJ (UFVJM) hoje abrangem um total de 151 sítios arqueológicos, somado aos sítios estudados pelo Setor de Arqueologia da UFMG, o total alcança 262 sítios conhecidos no Alto Jequitinhonha (FAGUNDES, 2014, no prelo).

[3]Para o Complexo Campo das Flores os sítios estão localizados na boda norte da Serra Dois Irmãos em média vertente cujas altitudes médias é dos 800m e a cobertura vegetal de campo rupestre. O complexo de sítios do Ambrósio está localizado no topo da serra na área de contra-forte em altitudes média de 1200m, vegetação do entorno de Floresta Estacional Semidecidual. Em Felício dos Santos os sítios estão localizados na borda da serra em média e alta vertente com cotas altimetricas entre 800-1000, vegetação de entorno de Cerrado e Floresta Estacional Semidecidual. Em Três Fronteiras os sítios estão localizados em média vertente em cotas altimétricas entre 800 e 1000m em campo rupestre (FAGUNDES, 2013, p.84).

Em escavações realizadas no município Felício dos Santos as datações obtidas indicam ocupações para o Holoceno Médio, dado que ainda não havia sido encontrado para o Alto Jequitinhonha. Diferentemente do Planalto de Diamantina, os novos estudos em outros municípios realizados pelo LAEP abrangem a Serra do Espinhaço Meridional em contextos ambientais distintos. Foram encontrados no sítio Cabeças (região de Serra Negra), zona de ecótono entre Cerrado e Mata Atlântica (cotas altimétricas entre 600 e 900m) carvões em sequência estratigráfica datados entre 7.255 e 4.420 anos AP e outra após 1.000 anos AP (FAGUNDES, 2014).

Durante escavações realizadas pelo LAEP e em outros trabalhos realizados (AMBIENTO, 2012), algumas datações foram obtidas por meio de escavações e, dentre os pesquisados três deles possuem datações:

Tabela 1: Datações de sítios na área de pesquisa. Adaptado de Fagundes (2014, no prelo).

Sítio	Município	Laboratório	Material	Técnica	Localização	Datação (AP)	Fonte
Lapa da Onça	Diamantina	CEN 1180	Carvão - estrutura de combustão	--	Camada 03	8530 ± 120	Fagundes (2013)
Lapa do Taião	Diamantina	CEN 1183	Carvão - estrutura de combustão	C14	Camada 02	2370 ± 80	Fagundes (2013)
Lapa da Onça	Diamantina	BETA 370293	Carvão	C14	Estrutura 2, Qq. K21, Camada 03	790 ± 30	Não publicado
Mendes 2	Diamantina	CEN 1182	Carvão - estrutura de combustão	C14	Camada 01, nível 18	330 ± 85	Fagundes (2013)
Mendes 2	Diamantina	UG AMS#10586	Carvão, mancha escura	AMS	Camada 01, nível 15	220 ± 20	Não publicado

Este breve panorama ocupacional apresentado acima indica que o Alto Jequitinhonha com toda sua diversidade e heterogeneidade em seus aspectos ambientais possui datas referentes a ocupações que abrangem desde o Holoceno Inferior até Holoceno Superior. A ausência de datas no Holoceno Médio para o Planalto de Diamantina (até o momento) não implica essencialmente na ausência de ocupações pré-coloniais neste período. Portanto, alguns fatores devem ser considerados como a representatividade amostral dos sítios já pesquisados bem como os aspectos ambientais intrínsecos a cada região. Como resultados das pesquisas realizadas em Diamantina e municípios vizinhos – ainda em andamento – além de consistentes reflexões sobre as ocupações no Alto Jequitinhonha, foram capazes de suscitar

outros tantos questionamentos e possibilidades de estudo para a arqueologia regional. Questionamentos estes que dependem da continuidade das pesquisas para o levantamento arqueológico de outras áreas e contextos para que possam, se possível, serem respondidas.

2.3 ARTE RUPESTRE NO PLANALTO DE DIAMANTINA:EXPRESSÕES GRÁFICAS, CRONOESTILÍSTICA E PAISAGEM

No esforço de compreender as ocupações pré-coloniais em Diamantina os trabalhos realizados pela UFMG tiveram intuito de entender as ocupações e sua relação com o Brasil Central. Para isso, os trabalhos em arte rupestre desempenhados pela UFMG valeram-se de pressupostos da Arqueologia da Paisagem e entendendo os sítios e seus vestígios como formas culturalmente estruturadas de percepção da paisagem. Ainda que crendo nesta lógica organizativa, não foram deixadas de lado pelos pesquisadores do Setor de que o exercício da percepção e do agir pode se dar de maneira menos normativa, a despeito dos pressupostos estruturalistas mais clássicas (LINKE & ISNARDIS, 2012). Os trabalhos também tiveram a preocupação de aproximações mais hermenêuticas da cultura e das práticas culturais:

> [...] buscando entender os diversos elementos da paisagem – os sítios, seus artefatos, seus grafismos, os locais em que estes, esses e aqueles se inserem - como signos que juntos compõem textos específicos, em contextos específicos, passíveis de serem lidos. No que tange aos conjuntos artefatuais líticos, as análises buscam conjugar as noções de cadeia operatória e organização tecnológica, na maneira em que estes conceitos foram propostos por Leroi-Gourhan (1984), em consonância com as abordagens que tradicionalmente são realizadas no Setor de Arqueologia do MHNJB - UFMG, e por Lewis Binford (LINKE & ISNARDIS, 2012, p.31).

As concepções estéticas utilizadas nas análises levaram em consideração as maneiras de se fazer em aproximação com a noção de estilo, incorporando padrões e sequências espaciais, temporais e função, compostos por uma estrutura[4]. Para os grafismos rupestre, o desenvolvimento de pesquisas até o momento permitiu, por explorar em detalhes e sistematicamente as expressões gráficas locais, o entendimento minucioso do que a bibliografia entende como Tradição Planalto.

O resultado das primeiras sistematizações e prospecções, o trabalho de Linke (2008) em conjunto com o Setor de Arqueologia da UFMG, incorporou em sua análise 34 sítios de arte rupestre que foram atribuídas a diferentes unidades estilísticas. A metodologia aplicada às prospecções durante a pesquisa foi realizada três áreas distintas (ISNARDIS, 2009); uma na micro-bacia do Rio-Pardinho, abrangendo campos amplos e *inselbergues*, um vale encaixado

[4] Ibdem.

e áreas de cabeceiras sem campos; outra que incluía áreas de campos amplos e áreas rochosas sem campo; e a terceira que incluía terraços e vargens amplas de curso d'água mais volumosos sem *inselbergues*.

O resultado das investigações de Linke (2008, 2014), Isnardis (2009) e Isnardis & Linke (2010, 2012) permitiu a compreensão sincrônica e diacrônica das manifestações estilísticas. A partir dos elementos de cronologia e das variações no modo de compor as figuras, após realização de conferência e incorporação de novos subsídios, Linke (2014) indica a existência de três momentos de ocupação e um duvidoso em nos sítios investigados (Figura 4).

Segundo Linke (2008), o **primeiro conjunto** privilegia os painéis de maior visibilidade dentro dos sítios e/ou aqueles a partir dos quais se tem maior visibilidade do entorno. As figuras ocupam muitas vezes mais de um painel em cada sítio, mas não os desenham completamente. As figuras, inauguradoras dos sítios, ocupando painéis mais amplos, menos rugosos e menos manchados, não ocuparam exaustivamente os painéis. São compostas por linhas contínuas que perfazem os contornos enquanto poucas linhas preenchem as figuras (quando ocorrem), tendem ao naturalismo mas aparentam ser mais econômicos quanto à quantidade de traços e detalhe (LINKE, 2008; LINKE & ISNARDIS, 2012).

O **segundo conjunto**, que frequentemente ocorre em sobreposição ao primeiro conjunto, corresponde a grandes figuras zoomorfas naturalistas que podem ultrapassar 1 metro de comprimento e pequenas representações zoomorfas que variam entre 15 e 20 cm. Neste conjunto os cervídeos são os mais numerosos, mas existem também outros zoomorfos, que aparentam serem aves, peixes, tatus, possíveis antas e outros quadrúpedes. Os detalhes anatômicos recebemmuita atenção (orelhas, galhadas, caudas, coxas; os cascos raramente são indicados nos cervídeos), entretanto, os dedos para outros animais são representados com maior frequência. Compostas por preenchimentos muito fluidos, com limites difusos entre preenchimento e contorno, as figuras deste momento inauguraram novos sítios e reocuparam outros intensamente, realizando sobreposições com o primeiro momento e com figuras de seus próprios autores (LINKE, 2008; LINKE & ISNARDIS, 2012).

O **terceiro conjunto**, posterior aos outros dois conjuntos, é formado por figuras de pequeno tamanho, não excedem os 50 cm, estando em geral abaixo deles, e grande regularidade de traços e funções bem determinadas para os traços que fazem os contornos e os preenchimentos. O naturalismo é muito menor do que osoutros conjuntos, os membros em geral são retilíneos, as orelhas e cascos são simplificados. As escolhas dos painéis que receberam as figurações deste momento tendem a ser os mais periféricos, locais discretos e

em nichos. As sobreposições ocorrem, mas a tendência é de serem pintados isoladamente nos painéis ou justapostos.

O **quarto momento** é caracterizado por pequenos cervídeos em vermelho que não ultrapassam os 30 cm de comprimento, os corpos são inteiramente preenchidos de tinta. Os autores deste conjunto parecem evitar sobreposições com outros grafismos, buscando áreas marginais no suporte rochoso. O naturalismo é ainda menor, os corpos são muito simples e apêndices tais como orelhas, chifres e cauda são muitas vezes exagerados e outros atributos, simplificados. Nas escolhas dos suportes houve preferência por locais isolados e evitando sobreposições.

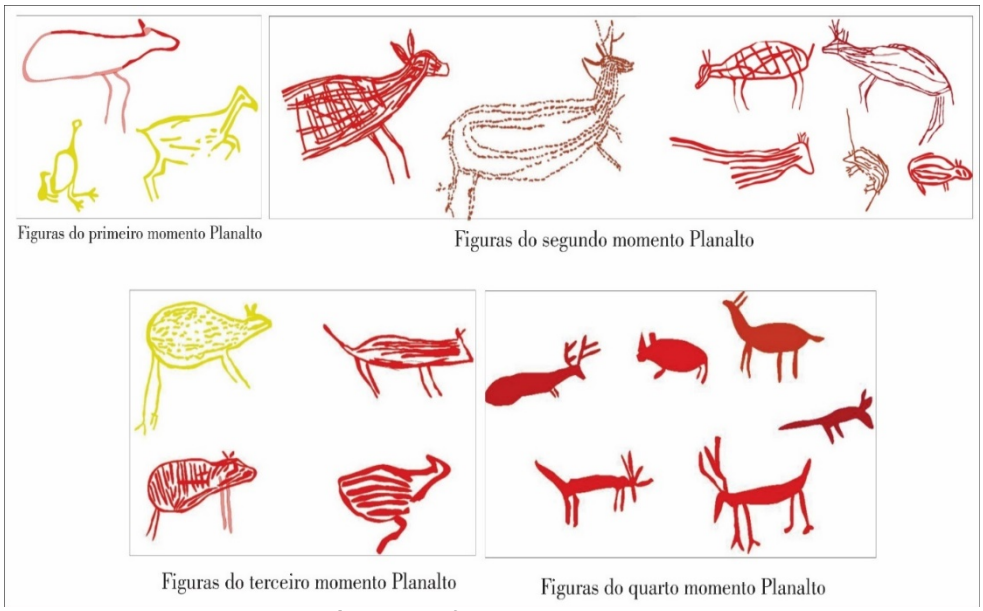


Figura 4: Figuras dos conjuntos estilísticos identificados por Linke (2008). Retirado de Linke (2008).

Valendo-se de abordagens da Arqueologia da Paisagem a dissertação de mestrado de Linke (2008) buscou identificar recorrências na associação entre características naturais e arqueológicas da paisagem que evidenciassem a estrutura da construção da paisagem e suas relações com os grafismos rupestres. Neste trabalho a autora obteve os seguintes resultados e interpretações para Diamantina:

- Observaram-se padrões gerais de inserção para os sítios, aparentemente implementados pelos primeiros autores e pelo segundo conjunto da Tradição Planalto, mantidas pelas unidades estilísticas posteriores;

- à medida que as unidades estilísticas foram se sucedendo, alguns critérios de inserção dos sítios foram flexibilizados, abandonados e retomados;
- as preferências nas ocupações dos sítio são os abrigos situados em paisagens marcadas por áreas aplainadas ou com amplas superfícies planas, construção da paisagem que aparentemente foi mantida, reconstruída e (re)significada pelos sucessores do primeiro e segundo momento da Tradição Planalto;
- o reaproveitamento ou re-ocupação e a construção diacrônica dos sítios podem ser interpretados como resultado de um diálogo entre expressões culturais, cujos significantes foram reconhecidos e aproveitados;
- há possibilidade destas distintas unidades estilísticas terem sido produzidas por grupos culturais distintos, mas que possuem afinidades históricas entre sí, expressas pela re-ocupação dos abrigos. As mudanças nos padrões podem ser resultados de mudanças histórico-culturais ao longo do tempo.

Nos primeiros trabalhos realizados, alguns grafismos foram atribuídos, sobretudo pela semelhança temática, a unidades estilísticas definidas em outros estados do Brasil e em áreas de Minas Gerais. Recentemente estes grafismos foram e estão sendo revistos, como o caso dos antropomorfos atribuídos à Tradição Agreste e à Tradição Nordeste. Entretanto, as revisões parecem indicar que as figurações que outrora foram entendidas como pertencentes a outras unidades estilísticas possuem afinidades com repertório gráfico da Tradição Planalto na região de Diamantina (LINKE & ISNARDIS, 2012).

Das análises diacrônicas dos conjuntos gráficos de Diamantina e do aparente “caos” nas intensas sobreposições, foram observadas lógicas organizativas e interação de novos autores com figurações já existentes. Essas são marcadas pela justaposição sistemática entre figuras; pelo encaixe de novos temas entre figuras anteriores; pela construção de figuras feitas pelo reaproveitamento de figuras precedentes; apropriação de traços para compor novas figuras, resultados de acréscimos de novas partes, repintura parcial e acréscimos ou incorporação de traços existentes que assumem assumindo nova função (LINKE & ISNARDIS, 2012). Para a autora, pintar os sítios em abrigo na região de Diamantina envolveu:

> Para os autores pré-coloniais da região, pintar não implicava em construir uma intervenção autônoma nos suportes, essa intervenção podia ser parcial ou inteiramente orientada pelas figuras que já os ocupavam - diferentemente do que se vê para outros conjuntos gráficos do interior mineiro (ISNARDIS & LINKE, 2012, p.49)

Linke & Isnardis (2008) argumentam que não parece ter havido uma busca de visibilidade que demonstrasse uma concorrência entre os conjuntos. Ao contrário, foi percebido uma "harmonização" (p.41) dos conjuntos na construção do espaço gráfico onde os autores dos conjuntos precedentes, independente do entendimento que tinham deles, se relacionavam com os anteriores. Os três primeiros momentos descritos acima, segundo Linke (2014), possuem coerência temática entre si, diferenciando-se apenas a relação entre contorno e preenchimento e temas preferenciais, sendo o repertório transversal. Há ainda o cuidado na representação naturalista dos zoomorfos e equilíbrio volumétrico dado à figura. Embora tenham sido notadas diferenças nos conjuntos cronoestilísticos, há elementos transversais (permanências) que deram alguma segurança no emprego de Tradição Arqueológica[5] na região (LINKE & ISNARDIS, 2009; LINKE & ISNARDIS, 2008).

No processo de construção da paisagem, segundo as perspectivas teóricas dos autores, foi notado um estreito compartilhamento de atributos naturais na construção e manutenção da paisagem, inaugurados pelo primeiro conjunto que construíram uma paisagem, e cuja transformação se deu ao longo do tempo por meio de uma lógica continuada pelos conjuntos posteriores. Assim, a "manutenção e transformação são fenômenos que se combinam, que não são incompatíveis no processo de (re)significação da paisagem" (LINKE & ISNARDIS, 2010). Para a região de inserção dos sítios, os estilos mais tardios, sendo eles Planalto ou não, houve uma nítida reocupação dos locais já grafados, constituindo uma Paisagem Planalto, mesmo compartilhando poucos atributos estilísticos com seus predecessores (ISNARDIS, 2009).

A partir das afinidades geográficas compartilhadas por boa parte dos sítios analisados, por Linke (2008) e Isnardis (2009) indicaram que estes estavam inseridos em locais denominados de *sítios de borda de campo*, cujos pisos são predominantemente planos e sedimentares e são facilmente acessados a partir do campo à frente deles.

Diferentemente do observado em Diamantina, nos grafismos no Peruaçu estudados por Isnardis (2004), as paisagens construídas pelos diferentes conjuntos estilísticos indicam uma nítida divergência e descontinuidade, em que grafismos diferentes distribuem-se de forma distinta (ISNARDIS, 2009).

[5] O termo tradição empregados nestes estudos diz respeito a conjuntos de recorrências: "expressam as normas pelas quais agem as culturas ou grupos culturais e que orientam a produção da cultura material(Ribeiro, 2006). As diferenças e similitudes entre conjuntos gráficos seriam indicativas de uma afinidade cultural existente ou ausente" (LINKE & ISNARDIS, 2008, p.33). Os autores propõem que haja compartilhamento de repertório cultural, entendido como conjunto de estruturas simbólicas, podendo ser ideias, noções morais, narrativas mitológicas, padrões de conduta (Ibdem, p.34).

3. DISCUSSÃO TEÓRICA

3.1 ARTE RUPESTRE NO BRASIL: SÍNTESE DE PERSPECTIVAS TEÓRICAS E HISTÓRICO DE PESQUISAS

Pretendo neste subcapítulo realizar um breve apanhado histórico das pesquisas em arte rupestre realizadas no Brasil apontando os pressupostos teóricos e metodológicos com os quais as pesquisas foram levadas a cabo ao longo de sua trajetória. Proponho aqui situar esta pesquisa frente às abordagens dada à arte rupestre e a produção bibliográfica que de certa maneira auxiliam e norteiam este trabalho e as escolhas por mim realizadas.

A arqueologia, hoje, pode ser vista a partir de diversas perspectivas teórico-metodológicas que marcaram o seu desenvolvimento e que foram ampliadas substancialmente nas últimas décadas do século XX. Estas tendências podem ser entendidas como integradas a contextos sociais, culturais e político-econômicos tanto em escalas regionais quanto globais com os quais a ciência, dentre elas a Arqueologia, estão inseridas.

Cacos de cerâmica, restos faunísticos, sepultamentos, instrumentos feitos em pedra, arte rupestre, todo o registro arqueológico foi entendido por diferentes pontos de vistas e discutidos sob vieses teóricos em diferentes períodos, mas que podem se sobrepor sem que haja prejuízo à investigação. Como aponta Tobias (2010, p.88/89) as diferentes perspectivas teóricas e metodológicas em arqueologia não se tratam de um jogo entre forças incompatíveis. Mas, ao contrário do que se pode imaginar, fazem parte de um processo de acumulação e ampliação do conhecimento sobre o passado que é sempre interpretado, reinterpretado e concebidos por novos conceitos, métodos e técnicas.

Neste sentido, opto por expor algumas das aproximações dada à arte rupestre neste capítulo. Apresento inicialmente diferentes conceitos que tiveram uso em outros contextos e no Brasil para, posteriormente, indicar aquelas em que esta pesquisa possui afinidades. Julgo importante entender como se deu o uso de determinados conceitos no estudo da arte rupestre no Brasil, pois as escolhas teóricas e de método na dissertação são fruto de um processo de reflexão sobre elas, de (re)apropriação e/ou de suspensão de abordagens utilizadas em outros momentos e contextos.

O estudo da arte rupestre no Brasil passou por períodos mais ou menos bem definidos em que o tema incorporou objetivos e interpelações diversas em contextos que se distinguem de maneira relevante. É possível que hoje percebamos algumas destas diversidades, desde as pesquisas realizadas por “amadores” até o momento da formação da Arqueologia enquanto

“ciência”. A arte rupestre inserida em um contexto mais amplo é possível observá-la como arraigada em contextos distintos na produção de conhecimento.

Algumas correntes arqueológicas cujas origens conduzem às escolas europeias e norte-americana foram amplamente difundidas na América Latina e possuem reverberações até os dias de hoje em pesquisas realizadas no nosso continente. Dentre elas, as que tiveram usos amplamente difundidos no Brasil a partir da segundo metade do século XX são aquelas fundadas do histórico-culturalismo e do estruturalismo. Embora estas correntes utilizassem de um conjunto de referência e práticas, esses não eram expostos de maneira explícita ou clara pelos coordenadores de projetos de pesquisas que atuaram por aqui(LINKE, 2014).

As pesquisas em arte rupestre no Brasil tiveram seus primeiros levantamentos sistematizados nos estados do sul por Rohr e Piazza, Mentz-Ribeiro, Aytai, em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo respectivamente. Entretanto, é com a chegada das Missões Franco-Brasileiras e suas pesquisas realizadas em Lagoa Santa e no Piauí que a sistematização ganha força, seguindo com a expansão para outros estados do nordeste (PROUS, 1992).

Embora a arte rupestre tenha sido objeto de estudo antes da chegada das missões arqueológicas, Funari (1994) aponta que no começo dos anos 1950, Paulo Duarte trouxe ao Brasil em diferentes períodos a pesquisadora origem francesa Annette Laming-Emperaire que desenvolveu estudos inspirados pelo estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, de modo semelhante a André Leroi-Gourhan. As pesquisas da Missão Arqueológica Francesa, no que diz respeito a arte rupestre, começaram em 1971 em Minas Gerais, sob coordenação geral de Laming-Emperaire.Os objetivos principais pautavamna caracterização dos temas, composições gráficas e a interpretação da arte rupestre sob os princípios do estruturalismo (PROUS, 1992).

O momento inicial de sistematização do registro arqueológico foi marcado pela pouca importância dada às particularidades individuais dos sítios e dos momentos de ocupação dos suportes rochosos. Assim, novos sítios eram inseridos nas classificações já elaboradas ou se propunham novas unidades classificatórias para eles. Este aspecto acabou dando espaço para agrupamentos artificiais de grafismos onde similaridades, estas priorizadas, poderiam não corresponder às realidades dos autores dos grafismos.

No início a atenção era voltada para a identificação de grandes padrões de similaridades gráficas, que foram agrupadas sob as tradições rupestres, e as relações cronológicas entre elas. Foram propostas diversas“tradições” rupestres em que algumas delas englobaram unidades menores (variedades, fáceis, estilos), correspondentes a períodos ou

territórios restritos nos limites geográficos e temporais abrangidos pelas tradições. O cenário arqueológico das décadas iniciais da sistematização da arte rupestre no Brasil, em que foram privilegiadas as semelhanças entre os grafismos, deixou pouco espaço para a convergência de significantes e a percepção das relações de contato indireto e trocas sócio-culturais entre os grupos executores da arte rupestre (RIBEIRO, 2006).

Para Barreto (1999), os pesquisadores Betty Meggers e Clifford Evans (Smithsonian Institution), influenciados pelo neo-evolucionismo da arqueologia americana e da ecologia cultural dos anos 50, trouxeram às pesquisas na região da Amazônia orientações teóricas advindas do determinismo tecno-ambiental. Entretanto, pouco desse corpo teórico foi passado aos arqueólogos brasileiros, e nas pesquisas em outras regiões do Brasil esta orientação teve pouco impacto na organização da arqueologia brasileira, sobretudo nas pesquisas que ocorriam no âmbito do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas).

Na publicação "*Method and Theory in American Archeology: An Operational Basis for Cultural-Historical Integration*" de Phillips & Willey (1953), nota-se que seus pressupostos, na medida em que apresentam algumas das bases da arqueologia histórico-cultural, alguns de seus conceitostiveram diferentes desdobramentos na arqueologia brasileiras, os quais foram amplamente utilizados no início da sistematização dos registros arqueológicos. O conceito de tradição era entendido como um conjunto de elementos ou técnicas compartilhadas e que possuem persistência temporal; já o de fase era encarado como conjuntos de elementos culturais que estão associados, relacionados no tempo e no espaço em menor escala (PHILLIPS & WHILLEY, 1953; PROUS, 1992).

Phillips & Willey (1953), ao discorrerem sobre o conceito de fase, consideram que o registro material humano é produto de comportamentos sociais e que o arqueólogo por vezes é incapaz de realizar as ligações entre suas formulações e as unidades sociológicas, principalmente se considerarmos que as proposições que são elaboradas, na prática social, podem não ter correspondências. Em outras palavras, a preocupação dos autores é a de que os componentes que agrupamos em uma fase ou momento de ocupação podem não ser de fato o contexto vivente das sociedades estudadas. Esta preocupação, presente em qualquer estudo em que se pretende delimitar pretensas diferenças ou similaridades que refletem ou não o compartilhamento de comportamentos, se dá da mesma maneira.

Os autores supracitados propõem que, além do exposto acima, não podemos ter certeza que membros individuais de comunidades se reconheceriam como pertencentes ao mesmo povo, poderiam nem mesmo falar a mesma língua. A exemplo disso, a etnoarqueologia demonstra que diferentes sociedades, eventualmente, partilham a mesma

cultura material, podendo as diferenças entre as sociedades passarem desapercebidas dos olhos do arqueólogo.

O PRONAPA, sob influência de propostas de arqueólogos norte-americanos, tinha por objetivo realizar pesquisas arqueológicas no Brasil de modo a oferecer em curto prazo de tempo um quadro geral das culturas arqueológicas por meio da observação de semelhanças. Os principais métodos envolviam a realização de prospecções, testes e pequenas escavações organizando os dados em categorias como “fases” e “tradições” (PROUS, 1992). Cabe enfatizar que existem diferentes abordagens teóricas nas primeiras pesquisas arqueológicas realizadas no Brasil, em que algumas delas estabeleciam cronologias relativas e absolutas para criação fases e tradições. Barreto (1999) lembra que estas categorias estavam intimamente relacionadas ao difusionismo cultural europeu e não ao neoevolucionismo ecológico estadunidense como se acredita.

No Brasil, Anne-Marie Pessis (1992, 1993, 2003), com formação na tradição arqueológica francesa e ligada às missões franco-brasileiras, interpretou as semelhanças gráficas de conjuntos da Tradição Nordeste como expressão de etnicidade comum entre os agentes criadores das figurações. Esta concepção, apoiada em escopos teóricos-metodológicos extremamente frágeis e passíveis de duras críticas, atualmente não é amplamente aceito por arqueólogos e carece de revisão. O que não faltam são exemplos concretos de estudos etnográficos que caminham em sentido contrário a essa proposta. Entretanto, este tipo interpretação configura-se como questões que frequentemente surgem nas pesquisas realizadas na arqueologia: a atribuição dos objetos a grupos étnicos no tempo e espaço. Além da correspondência entre as semelhanças observadas nos vestígios e as realidades históricas, culturais e sociológicas.

A influência do histórico-culturalismo e do estruturalismo na arqueologia brasileira tiveram amplo alcance e aceitação por parte dos arqueólogos. Não obstante, outras necessidades vêm surgindo nos últimos anos, com maior presença a partir da década de 90. Os pressupostos destas duas escolas têm ganhado novos olhares, alguns aspectos foram e ainda estão sendo (re)discutidos, outros abandonados e novas aproximações téoricas e metodológicas foram acrescentadas nos estudos da arte rupestre no Brasil. Este é, também, um reflexo da emergência de novas questões a serem atendidas por pesquisadores em outros países, possibilitando o debate acerca da arte rupestre em diferentes contextos.

Em Minas Gerais, por exemplo, as pesquisas realizadas nas décadas de 70 e 80 passaram a ser revistas a partir de novos estudos realizados pelo Setor de Arqueologia da UFMG. Os trabalhos que tiveram como principal preocupação a ordenação, criação de

tradições e fáceis e as dispersões no território passam a ser examinadas considerando outras perspectivas. Foram incorporados outros elementos ampliando as concepções de tradições e estilos, valendo-se de aspectos da paisagem e suas relações com os sítios para caracterizar os agrupamentos gráficos.

Dentre trabalhos precursores que se destacam neste sentido, com os quais esta dissertação possui afinidades, destaco os trabalhos de Loredana Ribeiro e Andrei Isnardis (1996/1997) no Peruaçu (MG) e, posteriormente o mesmo autor identificando padrões nas escolhas de sítios e suportes em diálogo com a paisagem (ISNARDIS, 2004). Estudos mais recentes em outras regiões, que passaram a incorporar diversas outras variáveis da paisagem em Diamantina (LINKE, 2008) e o trabalho de Rogério Tobias (2010) em Jequitaí (MG), delinearam relações entre temáticas dos grafismos por meio da cronoestilística em diferentes litologias também foram fontes com as quais dialogo. Todos estes trabalhos se diferenciam dos momentos iniciais dos estudos com arte rupestre no Brasil, além do exposto acima, na medida em que consideram os contextos de inserção buscando entender além das similaridades, as divergências estilísticas entre conjuntos gráficos, fundamentais para a compreensão da arte rupestre regional e em maiores escalas.

3.2 ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM: AMBIENTE X HOMEM?

Pretendo neste subcapítulo realizar uma discussão sobre a Arqueologia da Paisagem, reconstruindo uma breve trajetória do conceito de Paisagem e destacando aqueles dentre suas variações que auxiliaram na realização desta pesquisa. A Arqueologia da Paisagem, que vem ganhando destaque nas pesquisas realizadas nas últimas décadas, refere-se ao estudo da paisagem, suas dinâmicas e as relações entre o homem com e meio que o envolve. Contudo, conforme será exposto nas páginas que seguem sempre foi entendida por diferentes abordagens. De maneira análoga à trajetória da concepção do conceito de estilo (debatido no próximo subcapítulo), a paisagem em períodos históricos diferentes esteve atrelada a abordagens modestas. Se o estilo era concebido apenas como passivo nos processos culturais, a paisagem foi marcada profundamente por princípios que a inseriam apenas como pano de fundo para as atividades humanas, ou como forças antagônicas a elas.

No âmbito da Geografia, a paisagem é um termo que esteve intimamente ligado aos contextos sociais, culturais, político-econômicos. O conceito é entendido hoje a partir de diferentes abordagens e são marcadas pela diversidade, principalmente em função de contribuições advindas de trabalhos realizados no âmbito das Ciências Humanas que não

estão interessadas somente nas questões ecológicas ou econômicas. As abordagens sobre a paisagem comumente debateram os ambientes ou o meio natural como determinantes nas transformações das sociedades, como condicionantes.

Inicialmente as discussões estavam relacionadas a desvelar se a paisagem é pré-existente à cultura ou se é resultado da cultura. Os debates foram influenciados substantivamente pela perspectiva do determinismo geográfico e de evolucionistas da metade do século XIX. Criado Boado (1999) indica que a convergência entre desenvolvimento científico e dinâmica social na perspectiva tradicional e da ciência moderna, cujo modelo de saber é definido pelo conluio de empirismo, positivismo e o funcionalismo, foi imposta de maneira tirânica em um primeiro momento nas ciências físicas e naturais. Este quadro, segundo o autor, seria consequência de seu prestígio científico nas ciências humanas. Neste contexto o conceito de sociedade era entendido como sistema; sujeito entendido como oposto a natureza e o mundo objetivo; e ação social compreendida como adaptação. Essas concepções indicariam no caso da Nova Arqueologia bem como na Antropologia Funcionalista ou a Arqueologia Espacial uma aproximação entre a "ciência social e o poder burguês"[6].

Na Arqueologia durante os anos 60 e 70, quando as perspectivas teóricas da Arqueologia processual e Funcionalista tiveram certa hegemonia, Criado Boado (1999) justifica que as orientações e abordagens ao registro arqueológico tiveram como foco fenômenos reais, cujas dimensões da sociedade podem ser reconhecidas a partir da observação empírica direta (p.ex.: padrões de assentamentos das sociedades pré-históricas). Explicadas, desta maneira, em termos científicos que se limitavam em descobrir sua função prática.

Linke (2008) aponta que a questão fenomenológica da paisagem, eleita como objeto de estudo na Geografia desde o século XIX, foi superficialmente encarada por não considerar a cultura como fenômeno em que complexos sistemas simbólicos e sociais atuam. Ao contrário, foram apreciados majoritariamente o conceito de cultura e seu caráter adaptativo de grupos humanos, bem como questões culturais das sociedades modernas. A partir da década de 80, marcador de mudanças nas abordagens sobre paisagem na Geografia, é que surge o interesse da disciplina em compreender a cultura e, concomitantemente, a paisagem em diálogo com a Antropologia[7]. De maneira análoga ao percurso com o qual o conceito de

[6] Ibidem, p.3.
[7] Idem.

paisagem foi entendo, na Arqueologia, tradicionalmente, o homem e sua relação com o meio foram mais ou menos enfatizadas, perpassando também pela ecologia.

O percurso pelo qual o conceito de paisagem foi entendido e a relação dela com o homem, possui desdobramentos nos dias atuais. É possível notar que, na grande parte dos trabalhos realizados, os debates estabeleceram disparidades entre cultura e natureza. Alguns deles tendiam a considerar a paisagem como uma construção que se dá a partir de relações simbólica que necessariamente devem ser estabelecidas para que ela mesma exista. Por outro lado, outros pesquisadores a entendiam como decomposta entre natural e cultural.

Este dualismo que ora a vê a paisagem como condicionante, ora restringe a paisagem tem sido refutado e repensado a partir de abordagens recentes, sobretudo por aqueles que adotam perspectivas teórico-metodológicas mais interessadas em diálogos com a Antropologia, produções etnográficas com abordagens teóricas descolonizadoras, oriundas do pensamento ocidental (em sua heterogeneidade) ou de contextos não ocidentais.

Lévy-Bruhl, antropólogo francês do período clássico, argumenta que o etnógrafo enxerga/compreende as sociedades a partir de categorias e conceitos que são familiares a ele, fato entendido pelo autor como algo que prejudica os estudos das sociedades. É necessário, portanto, que essas categorias e conceitos sejam submetidos a uma crítica aprofundada. Vida, morte, espaço e tempo são categorias que podem ter outras dimensões; espaço e o tempo podem não ser homogêneos e lineares e nem formar uma unidade; a ação no espaço é algo distinto da representação do mesmo (LÉVY-BRUHL, 2008). Os esforços em entender a relação entre o homem e a paisagem, a partir dos anos 80, têm focado no papel do indivíduo como (re)construtor e interpretador do mundo ao seu redor, bem como na mudança de sua cultura e da sociedade. Neste trabalho compartilho da ideia de que a paisagem pode significar mais do que uma relação neutra e binária entre pessoas e natureza, vista a partir de uma única dimensão (KNAPP & ASHMORE, 1999).

Os abrigos com arte são concebidos aqui como capazes de refletir as escolhas dos grupos humanos, representar importante função nas práticas sociais que são compartilhadas dentro dos grupos. A cultura material se entendida como socialmente significativa, relacionada como meio para a comunicação social e meio simbólico para orientar as pessoas em seu contexto social e cultural (SHANKS & TILLEY, 1987), pode ser manipulada por estratégias e práticas sociais em que o poder, interesses sociais e ideologias estejam atuando.

Este trabalho, ao considerar os espaços de inserção dos sítios arqueológicos como uma categoria de análise, entendendo que diferentes grupos apropriaram de maneiras particulares, considera as informações espaciais e paisagísticas como um importante elemento

para compreensão das relações estabelecidas pelas comunidades. Podem estar imbuídas de relações espaciais e simbólicas, mesmo em locais em que não encontramos vestígios, mas que foram significadas e fazem parte do universo de escolhas possíveis das ocupações humanas (TOBIAS, 2010, p.97).

Para Troncoso (1998) a ação de captar possíveis elementos culturais no espaço tem importante função ideológica na medida em que, ao entender os símbolos no ambiente em que estão, passam a ter permanência cronológica. A perspectiva teórica adotada por este autor está orientada à descrição e entendimento dos processos sócio-culturais de construção das paisagens pretéritas, em uma perspectiva pautada nas possibilidades de investigação que procure a reconstrução das racionalidades espaciais veladas, mas existentes no registro arqueológico. Dentro deste aspecto da racionalidade espacial, é importante dar relevo à mutabilidade, dinâmica e transformações às quais a paisagem é suscetível.

Tim Ingold (2002) argumenta que a paisagem não deve ser fragmentada em categorias distintas entre o natural e cultural, propondo, portanto, a sua "harmonização" a partir do que chama de "temporalidade da paisagem". Por meio dela seríamos capazes de ir além da oposição estéril entre estas duas categorias. A paisagem não é a divisão entre mundos interiores e exteriores, substrato estranho e sem forma que espera uma interpretação humana:

> As the familiar domain of our dwelling, it is with us, not against us, but it is no less real for that. And through living in it, the landscape becomes a part of us, just as we are a part of it. Moreover, what goes for its human component goes for other components as well. In a world construed as nature, every object is a self-contained entity, interacting with others through some kind of external contact. But in a landscape, each component enfolds within its essence the totality of its relations with each and every other[8] (INGOLD, 2002, p.191).

A paisagem é entendida pelo autor como constituída de um registro permanente (e testemunho) da vida e das obras das sociedades que a habitavam, deixando registros de sua própria cultura; homens, animais e demais formas que constituem a paisagem são integrantes, possuem agência e, da mesma maneira, são componentes do processo que é a paisagem. Ela está perpetuamente em construção. Habitar o mundo quer dizer que nós não atuamos sobre ou

[8]"Como no domínio familiar de nosso habitar, está conosco, não é contra nós, mas não por isso é menos real. E vivendo nela, a paisagem se torna parte de nós, assim como somos parte dela. É mais, o que se aplica para o componente humano se aplica também para os outros componentes. Em um mundo construído como natural, cada objeto é uma entidade autônoma, interagindo com outros por meio de algum tipo de contato externo. Mas em uma paisagem, cada componente abarca dentro de sua essência a totalidade de suas relações com todos os demais". (Tradução minha)

fazemos coisas a ele, mas sim nos movemos junto a ele; não transformamos, somos parte integrante do mundo em transformação[9] (INGOLD, 2002).

Pretendo neste trabalho a admissão teórica em concordância com proposições realizadas acima e como sugere Boado (1999), ao considerar que as atividades que ocorreram em relação com o espaço se organizam coerentemente com a representação ideal do mundo que tem o grupo social que as realiza. No entanto, acredito que apesar dos grupos possuírem sistemas de representação que configuram o espaço por meio do saber, assumo a paisagem não como o lugar da interpretação humana, mas sim como um processo constante de interações entre diferentes agentes em diferentes escalas. Desta forma sociedades, indivíduos, bacias hidrográficas, rios, florestas, árvores, abrigos em rocha, suporte rochoso, "cada componente abarca dentro de sua essência a totalidade de suas relações com os demais" (INGOLD, 2002, p.191). A paisagem é, então:

> [...] acúmulo de formas e interações estabelecidas entre os seres que a habitam, com as quais os grupos humanos estabelecem relações diferenciadas, de acordo com os valores regentes de cada grupo, que percebe e age sobre e em relação à paisagem de uma maneira particular. Neste sentido, o processo de significação (no sentido lingüístico) é posterior ao estabelecimento da paisagem, que se encontra em constante movimento e interação, de maneira independente e ativa (TOBIAS, 2010, p.96).

Segundo Ingold (2002), a paisagem não é uma totalidade a que podemos olhar, e sim o mundo em que nos deparamos para ter um ponto de vista de nossos arredores, neste contexto de envolvimento alternativo na paisagem que a imaginação humana se põe a trabalhar na formação de ideias sobre este. A paisagem, mais ainda, constitui-se como um processo dinâmico e sempre em transformação.

[9] Ingold (2002, p.206) para ilustrar seus argumentos, cita o exemplo da árvore e a igreja. Segundo o autor é muito simplista supor que a forma da árvore é dada de maneira natural em sua composição genética, enquanto a forma da igreja pré-existe na mente dos construtores como se fosse um plano a ser "feito" em pedra. O crescimento da árvore consiste no desenrolar de um sistema de relações totais constituídos no fato de sua presença em um ambiente, desde o momento de sua germinação em diante, e que as pessoas como componentes do ambiente dessa árvore desempenham um papel não insignificante neste processo. Ingold argumenta que a "biografia" da igreja consiste em desdobramentos de relações com seus construtores humanos e também com outros componentes de seu ambiente, a partir do momento que foi colocado a pedra fundamental. A forma final da igreja pode de fato ter sido prenunciada por meio da imaginação humana, mas não se diferencia mais dessa imagem que a forma da árvore derivou de seus genes. Portanto, as formas da árvore e da igreja são a corporificação (N.d.T. "embodiment" no original) de um desenvolvimental ou processo histórico, e é enraizada no contexto do habitar humano no mundo. O processo na igreja não teve fim quando sua forma assumiu ao seu modelo conceitual, durante a sua construção permaneceu na paisagem e continuará aparecendo dentro do ambiente não somente de seres humanos, mas também de diversos outros seres viventes, que vão a incorporar dentro de suas próprias atividades e a modificar no processo. A igreja está sujeita às mesmas forças de desgaste e decomposição podendo deixar de ser construção e tornar-se ruína.

3.3 VELHOS PROBLEMAS, NOVOS OLHARES: ESTILO EM PERSPECTIVA

O entendimento de estilo em arte rupestre representa um conceito chave para a compreensão de como os grafismos serão encaradasnesta dissertação. Apresentarei aqui alguns conceitos em que estilo foi entendido, apontando aqueles que tiveram uso no estudo da arte rupestre brasileira, problematizando-o e indicando o conceito de estilo que foi adotado. Considero que é de fundamental importância entendermos como o estilo será entendido neste trabalho pois é ele que, em uma boa medida, norteia as considerações que serão realizadas:

> [...]Noção que nos capacita adentrarmos no tema rupestre, dando unidade aos discursos que realizamos sobre este âmbito e dando coerência às metodologias necessárias para nos centrar neste tema. Portanto, acreditamos que qualquer investigação rupestre deve encarar desde seus primeiros momentos o problema do estilo, pois de sua clarificação, entendimento e operacionalização dependerá o futuro de nosso estudo[10] (TRONCOSO, 2002, p.68).

Segundo Hegmon (1992) somente há algumas décadas alguns arqueólogos começaram a questionar e discutir explicitamente os conceitos de estilo e seus usos. Os conceitos de estilo que foram apropriados pela arqueologia receberam diferentes olhares, sua aplicação teve consequências práticas nas análises dos registros arqueológicos, considerando que os estilos em determinados contextos podem indicar semelhanças ou diferenças étnicas ou sócio-políticas. O estudo do estilo por meio de sua descriçãopor muitos anos apoiou os arqueólogos na organização do registro arqueológico, técnica amplamente utilizada pela arqueologia histórico-culturalista.

É possível notar que, sob o olhar tradicional, o conceito de estilo na Arqueologia era levado a cabo em pesquisas a partir do agrupamento das similaridades formais entre os objetos investigados. O emprego conceitual de estilo a essa maneira conformou-se como o principal mediador no que diz respeito à metodologia adotada na análise dos artefatos. O estilo até os primeiros anos da arqueologia processualista, esteve relacionado como um componente da cultura material enquanto uma variação formal não determinada por restrições tecnológicas, estudada primariamente como código diagnóstico para ser interpretado por nós (HEGMON, 1992).

A despeito dessas proposições, Troncoso (2002) assinala que entender estilos como mensagens e não como códigos implicaria que necessariamente seríamos capazes de decodificar as mensagens. Tal perspectiva além de ser um exercício improvável, não se

[10]Tradução minha.

preocupa com a questão chave na arte: sua associação com um sistema de saber-poder, ou associação entre cultura e arte.

A partir da década de 60, com o surgimento e consolidação da arqueologia processualista, diversos conceitos como o de cultura e estilo foram abordados a partir de outros questionamentos. Além de defender o avanço nas formulações teóricas e não na coleta de dados, o conceito de cultura passa a ser compreendida como um sistema adaptativo. Binford (1962) estimulou o debate dos significados e usos do estilo na arqueologia dando destaque à variedade artefatual, entendendo que por meio dela poderíamos ter acesso aos sistemas culturais. Para Ribeiro (2006) o amplo debate iniciado na década de 60 aparentemente resultou nas décadas posteriores no entendimento do estilo como multifacetado e versátil quanto a função e significado simbólico.

Annete Laming-Emperaire e Leroi-Gourhan em seus estudos publicados na década de 70 empregaram o conceito de estilo, sem fazer discussões sobre, como modos de se fazer que podem se alterar e se manter no espaço e no tempo (LAMING-EMPERAIRE, 1962; LEROI-GOURHAN 2007 apud LINKE, 2014). As pesquisas realizadas pela Missão Arqueológica Franco-Brasileira tiveram a noção de estilo empregada em suas pesquisas seguindo esta mesma perspectiva.

Linke (2014) argumenta que se fizermos um panorama das tendências de usos do conceito de estilo no Brasil, é possível notar que o termo se caracterizou por poucas variações, sendo o conceito de Tradição relacionado às discussões de estilo. Dessa forma a autora considera que o conceito de estilo com o passar dos anos pode ser organizada em duas vias; como variedade regional ligada à categoria tradição, e como modos de fazer e de se relacionar tanto com o meio quanto com outros grafismos. Esta última abordagem, como sugere a autora, se diferencia da primeira apenas na tentativa de distanciamento das unidades classificatórias. Há também trabalhos que foram construídos a partir das duas abordagens, tendo como uma das preocupações a problematização e crítica sobre as unidades classificatórias como unidades fechadas (por exemplo, ISNARDIS, 2004; RIBEIRO, 2006; TOBIAS, 2010).

De acordo com Hegmon (1992) apesar do estilo ter assumido várias definições os arqueólogos possuem bases comuns ao tratar do estilo. Para a autora, as perspectivas teóricas possuem dois princípios básicos: estilo como uma maneira de se fazer algo e que envolve uma escolha entre várias alternativas. Apesar deste suposto consenso a autora problematiza o estilo em suas especificidades:

> Assim, apesar deste consenso geral de que estilo é uma maneira de se fazer, o debate surge sobre suas especificidades: O que, se alguma coisa, o estilo faz? Como o estilo está relacionado a processos sociais e culturais?[11](HEGMON, 1992, p.518).

Binford (1962) propiciou o debate das expressões materiais ao questionar quais os aspectos a cultura se manifesta por meio de sua materialidade e como as características dessa materialidade como fenômeno social possui atributos que permitem a identificação de permanências e mudanças nas culturas. Nota-se que a maneira como o estilo passa a ser discutido pela Nova Arqueologia incluía uma profunda crítica de como o histórico-culturalismo lidava com o estilo. O estilo também já foi concebido pela perspectiva funcionalista no final da década de 60 como fenômeno passivo e cujo papel nos sistemas culturais era diminuto (LINKE, 2014).

Para Sackett (1977) o conceito de função é amplamente inclusivo pois engloba suas funções ideológicas e sociológicas e não somente o tecnológico. A noção de estilo proposto segundo a autora assume que os artefatos podem ser compostos tanto aspectos estilísticos e funcionais em complementaridade:

> Style and function together exhaust the potential of this [artifact] variability, save for the fortuitous role post—depositional agencies may play in modifying the form of artifacts (SACKETT, 1977, p.370).

Ao contrário de Sackett (1977), para Polly Weissner (1983) e Wobst (1977) os estilos nos artefatos seriam uma forma não-verbal de comunicação que transmite informações inerentes por meio da forma específica de se fazer algum objeto. Para Weissner (1983), as mensagens passadas por meio do estilo são inerentes e, portanto, funcionais. Reconhece-se, então, que o conceito de estilo na arqueologia processualista, apesar de complexificá-lo, permanece como um fenômeno passivo, com pouca atuação no sistema cultural (HEGMON, 1992; LINKE, 2014). Essa passividade, anos mais tarde, foi revista por diversos autores, que afirmaram que o estilo pode manifestar de maneira imbricada, com elementos passivos e ativos. Weissner (1983) diz ainda da necessidade de entender o estilo a partir de termos relacionais, de grupos étnicos ou de indivíduos; manifestos como escolhas conscientes de modo a ser identificado em relação aos outros, ou marcado como aprendizagem interna.

Outro aspecto a se considerar é que a noção que foi dada ao estilo sempre esteve associada a decoração, como característica externa e no artefato, mas não como seu constituinte (MACHADO, 2005). Dentre suas variantes até aqui apresentadas, é valido dizer que o estilo pode possuir diversos papeis nas sociedades e assumir aproximações diversas

[11] Tradução minha.

com os artefatos. Cabe destacar, como argumenta Linke (2014), que as discussões sobre estilo fizeram parte de abordagens para artefatos líticos e/ou cerâmicos e que em muito diferem ao contexto e à sua materialidade quando comparados com a arte rupestre.

Nas últimas duas décadas a arte rupestre tem avançado em nível mundial em função do seu entendimento como registro arqueológico. As pinturas rupestres não foram integradas em explicações de caráter mais gerais, embora tenham sido apropriados métodos e técnicas arqueológicas que possibilitaram estudos com maior rigor e sistematização (ARGUELLO, 2011). É notório que o desenvolvimento de novas perspectivas e abordagens têm dado a este campo avanços no seu entendimento. No entanto, como lembra Arguello parece não haver correspondências em todo o mundo (p.ex. América Latina) já que as pesquisas avançam sem, contudo, ser reflexo das investigações das já estabelecidas tradições arqueológicas europeias e norte-americana.

Conforme apontado anteriormente, os trabalhos com arte rupestre no Brasil bem como em outras regiões, estiveram intimamente ligadas a abordagens da arqueologia histórico-cultural, empregada para delimitação de marcadores espaço-temporais. Os seus usos bastante recorrentes nos estudos tiveram, e ainda tem, um papel importante na investigação pois é essencial a definição cronológica-cultural nos contextos que trabalhamos se quisermos avançar em seu entendimento.

As pesquisas que se apoiam em premissas do histórico-culturalismo é atualmente vistas com muitas críticas em virtude da sua utilização deliberada pelos arqueólogos sem que sejam feitas revisões críticas. A principal crítica apontada por Arguello (2011) sobre os pressupostos histórico-culturalista diz respeito à utilização de modelos que foram naturalizados e meramente reproduzidos, dando origem a trabalhos em que as descrições se tornaram objetivos, e não meios para argumentações e interpretações sócio-culturais. A própria cronologia relativa entre as diferentes figuras é passível de questionamentos e revisões metodológicas.

Segundo Prous (1999) a arqueologia não permite diferenciar etnias ou culturas no sentido moderno e comum desta palavra, mas sim os vestígios do comportamento do homem. É neste sentido que o estilo engendra como um conceito fundamental na possibilidade da identificação das manifestações dos comportamentos em artefatos. Hodder (1982) demonstra que assumir padrões estilísticos como um refletor da natureza da produção ou interação de maneira simples pode não corresponder com as realidades sociais, haja vista que as populações, por meio de diferenças ou semelhanças no registro, podem ofuscar manipulações ideológicas. O contato entre populações, como bem assinalou o autor supracitado, pode ser

competitivo, marcado por violência e os itens culturais podem ser manipulados como suporte para a diferenciação entre os grupos.

A despeito das dificuldades e limites com os quais a investigação na arte rupestre precisa lidar, Linke (2014, p.27) argumenta que este panorama de estudos no Brasil pode ser atribuído à "timidez de diálogo entre a arqueologia brasileira e a antropologia" e, mais ainda, com a não interação entre a antropologia praticada com as sociedades indígenas viventes no Brasil.

A partir os conceitos apresentados até o momento, a arte rupestre será entendida em termos mais generalistas como materialização cultural e não um ato livre e imaginativo (CRIADO, 2000). Assumo-a tal como o faz Troncoso (2002) como **objeto** por ser agente material da formação sócio-cultural e **processo** por estar relacionadas aos processos de construção da realidade social, imbuído nela discursos sociais, econômicos e ideológicos.

O estilo na arte rupestre se caracteriza por ser conjunto de normas determinadas por um sistema de saber-poder, que definem uma forma particular de inscrição gráfica (TRONCOSO, 2001, p.71). O estilo é entendido por este autor como um sistema normatizado amplo por fazer referência à produção material de um sistema maior, que além de definir uma normativa estrita, permite a criação de outros grafismos intimamente ligados a seus pressupostos. Esta última característica faz com que o estilo seja uma entidade de caráter politético e aberta dentro de sua própria estrutura, dá ao agente social elementos básicos que podem ser combinados, ordenados e moldados de acordo com suas intenções e concepções[12].

Barreto (2008) nos lembra que nem todas estas qualidades inerentes ao estilo podem ser identificadas no registro arqueológico, entretanto, ele ser reconhecido enquanto tal pelas características inerentes a ele pode extrapolar os requisitos necessários à função instrumental do objeto; sua reconoscibilidade é intrínseca ao contexto a sua volta, que pode ser induzida ou não por esse contexto; é composto por diversas escolhas ou seleções de alternativas conhecidas nas quais há intenções, conscientes ou não; possui variabilidade limitada, ou seja, é definida por um corpus único e singular (ROE, 1995 apud BARRETO, 2008).

As escolhas e as composições dos grafismos realizados por seus autores não as encaro como sistemas simbólicos herméticos ou que abarcam somente significado e significantes fixos. Neste sentido, considero também que estes sistemas podem ser constantemente estimulados por fatores, fenômenos que podem lhe ser alheios. A exemplo disso, elementos da paisagem são entendidos como ativos da e na cultura,implicam em relações entre o observador e os que estimulam a observação e a significação em uma trama de relações entre

[12] Idem.

homem e paisagem por meio de estímulos e a atribuição dos significados (LINKE & ISNARDIS, 2010, p.45).

No subcapítulo abaixo pretendo apontar as escolhas do método empregada na pesquisa cujas abordagens indicam dois direcionamentos; o estilo e a paisagem, vistas a partir de uma perspectiva que os consideram complementares nos estudos dos abrigos de arte e de seus grafismos nesta pesquisa.

3.4 PROSPECÇÕES E ESCOLHAS METODOLÓGICAS EM TRABALHOS ANTERIORES

Os sítios selecionados para estudo nesta pesquisa tiveram como fatores determinantes pelo menos dois critérios julgados importantes para a definição da amostra. O primeiro deles diz respeito às pesquisas anteriormente realizadas; um pelo LAEP, outro no âmbito do licenciamento ambiental da PCH Serra das Agulhas. Um outro critério diz respeito à proposta deste estudo e inclui os limites e dificuldades encontrados no decorrer da pesquisa.

Quando da realização das atividades de licenciamento ambiental para a PCH Serra das Agulhas, a maior parte dos sítios aqui estudados abrigos foram registrados. A prospecção e o diagnóstico tiveram como estratégia principal o caminhamento próximo ao Rio Pardo Pequeno (RPR) e seus tributários, levando em conta acidentes geográficos, cobertura vegetal, uso atual do solo e locais que teriam alto potencial para assentamentos, como terraços e médias vertentes (AMBIENTO, 2012). Os espaços privilegiados para investigação neste momento foram áreas do *canyon*a montante e a jusante da PCH, terraços consolidados, matacões e abrigos sob rocha, as margens e adjacências do rio Pardo Pequeno, o platô próximo à Consellheiro Mata, o remanso do rio Pardo Pequeno nos distritos Quarteis e Mendes, terraços fluviais antigos da margem esquerda até os contrafortes da Serra Fria cobrindo áreas com turfeiras, os vales de todos afluentes das duas margens, todo o curso do rio Pardo Pequeno foram percorridos abrangendo as bases das serras e matacões. Nesta pesquisa foram identificados ao todo quarenta e quatro sítios arqueológicos, três históricos e quarenta e um em abrigos ou paredões com vestígios de pintura rupestre.

A metodologia aplicada à realização da prospecção foi dividida em quatro macro-áreas de interesses; na margem direita (curso inferior) cujo o relevo é acidentado apresenta densidade de sítios relativamente baixa e com dimensões menores de áreas abrigadas disponíveis; na margem esquerda (curso inferior) de relevo relativamente acidentado, com

planícies aluviais e terraços fluviais mais extensas e cuja densidade de sítios em áreas abrigadas é relativamente baixa; curso superior do rio Pardo Pequeno (margem direita) concentrando a maior densidade de sítios, abrange a serra dos Alforges, serra do Tatu, serra da Contagem, serra da Andorinha e outras serras menores em que há concentração de abrigos de grandes dimensões e disponibilidade; na margem esquerda (curso superior) que possui planícies fluviais mais extensos e concentra quantidade relativamente alta de turfeiras e apresenta densidade de sítios em área abrigada relativamente alta ao longo da Serra da Água Fria e Serra do Taião. Nesta última área se encontra aproximadamente ¼ dos sítios identificados.

Dentre os quarenta e um sítios de arte rupestre localizados na pesquisa anterior, 24 deles foram selecionados para estudo segundo alguns dos critérios descritos acima. A escolha dos sítios levou em conta a densidade de sítios, acesso às áreas, diversidade paisagística, potencial informativo considerando os eventos de sobreposição entre grafismos e a aparente diversidade temática nos abrigos. Nem todos os sítios localizados na área foram selecionados devido às restrições relativas ao tempo de cumprimento da pesquisa e as verbas para a realização de atividades de campo.

A partir das características de cada uma das áreas descritas acima a escolha inicial dos sítios levou em conta um recorte geográfico que abrangesse a diversidade dos sítios e seus contextos ambientais. Portanto, foram elegidas as margens esquerda (Serra da Água Fria e Serra do Taião) e direita (Serra dos Alforges, Serra do Tatu, Serra da Contagem, Serra da Andorinha e serras menores) do Rio Pardo Pequeno em seu alto curso. A área apresenta distintas inserções paisagísticas, concentração da maior parte dos sítios cujos grafismos apresentam vários elementos de sobreposição e quantidade de figurações.

Na margem direita do Rio Pardo Pequeno os sítios selecionados para análise foram o Mendes 1 e 2, Lapa do Chumbinho, Lapa dos Peixes, Lapa da Onça 1 e 4, Lapa da Contagem 1, 2, 3, 4, 5 e 6, Tatu 1 e 2, Lapa dos Alforges 1, 2 e 6, e Andorinha 1 e 3. Na a margem esquerda, dos nove sítios nesta área somente dois sítios foram selecionados: Serra do Taião 1 e 2.

Na margem esquerda a eleição de apenas dois sítios ocorreu em função desta área apresentar terrenos mais planos, mas cujo acesso é mais dificultoso eexigindo tempo e outras logísticas. O acesso à área ocorre atravessando o rio Pardo Pequeno e são necessárias caminhadas longas ou por estrada em que o acesso se dá por Barão de Cocais, distrito de Diamantina. Algumas das dificuldades relativas à atividade de campo que esta pesquisa de

mestrado deparou[13] estão relacionadas sobretudo ao tempo necessário para o registro sistemático dos sítios arqueológicos. Embora tenha sido notada a necessidade de incorporar novos sítios na margem direita para uma amostra mais realística, tempo e verbas se tornaram dificuldades nas etapas finais para realização de atividades de campo que suprisse nossas demandas.

Para a margem direita os sítios Mendes 3, 5, 6 e 8, e na margem esquerda Mendes 4 e 7 não foram analisados pelos motivos expostos acima. Além disso, a quantidade de figurações, eventos de sobreposição são pouco expressivos e o estado de conservação dos mesmos não permitem suas análises. O mesmo ocorre para os sítios Andorinhas 4 e 5, localizados no curso inferior do trecho do rio Pardo Pequeno estudado.

Nos sítios Lapa dos Alforges 3, 4 e 5 (margem direita) não foi possível realizar o levantamento sistemático das figurações e seu contexto de inserção em campo pois no momento da visitação estes se encontravam com vestígios de ocupação recente por garimpeiros. Decidimos por não dar continuidade ao registro sistemático, mas, ainda assim, algumas poucas e rápidas fotografias foram tiradas e a análise considerou apenas os atributos da paisagem. Não foi possível identificar figurações em função dos possíveis painéis estarem cobertos por fuligem. Estes sítios compõem a amostra, mas serão considerados apenas alguns de seus atributos.

3.5 MÉTODO E METODOLOGIA: APROXIMAÇÃO À PAISAGEM E AOS GRAFISMOS

Considerando as perspectivas teóricas apresentadas anteriormente e as pretensões da pesquisa, início algumas reflexões sobre os métodos para aproximar da paisagem e a arte rupestre presentes na amostra. Em um primeiro momento realizo algumas considerações sobre estilo e, posteriormente, sobre a arqueologia da paisagem para, finalmente, abordá-los de maneira conjunta. Será elucidado a maneira como ambos possuem convergências e implicações teórico-metodológicas que podem ser entendidas em conjunto.

O estilo, conforme visto nas páginas anteriores, pode ser entendido como forma de discurso, se encontrar controlado, selecionado e distribuído por procedimentos que fundam sua possibilidade de existência e que remetem às características próprias do discurso. Para

[13] No início de 2015 havia sido aprovado auxílio para minhas atividades de campo. Em meados deste mesmo ano o governo federal realizou corte de verbas que seriam destinadas a todos os programas de pós-graduação das Universidades Federais. O corte de 75% das verbas que ajudam no custeio de atividades de campo e participação em eventos acadêmicos, prejudicou os alunos que tiveram verbas aprovadas e compromissos já marcados.

Troncoso (2002, p.70) o estilo faz referência a uma realidade (própria do sistema de saber-poder) que o origina e se inscreve dentro de um certo horizonte de racionalidade de onde surge sua possibilidade de existência. Sobre o que essa assertiva implica para o estudo da arte rupestre, este autor argumenta que o estilo expressaria pelo menos cinco aspectos: 1) geração de motivos que apresentam algumas regras, um conjunto de representações que incorporam características próprias a seu estilo; 2) técnicas de produção dos referentes que significa que os autores dos grafismos possuem maneiras de compor uma imagem no suporte (pictografado, pintura, gravado); 3) escolhas de quais suportes se deve utilizar; 4) localização espacial específicas nos espaços internos aos abrigos; 5) articulação de motivos em painéis, este último relacionado a uma maneira específica de entender a composição e o espaço do painel. A definição de estilos, se assim o for possível, perpassa inicialmente:

> [...] sobre o que é a busca de regularidades, as leis que regulam as agrupações, para posteriormente tentar reconstruir o núcleo de possibilidades aceitas culturalmente. Em outras palavras, requer de uma perspectiva semiológica que observe um sistema desde seu interior para tentar conhecer sua estrutura [...] (TRONCOSO, 2002, p.71).

Neste estudo, tendo como um dos pontos de partida o que o(s) estilo(s) pode expressar, considero ser possível perceber os sistemas simbólicos expressos nos comportamentos humanos ao grafar determinado sítio, painel. Conforme indicam Linke & Isnardis (2010, p.45): “buscar as regularidades nas relações entre os elementos da natureza e os elementos das intervenções gráficas humanas” nos dá suporte para “reconstituir” a lógica operante na distribuição dos grafismos, como eles se comportam em relação a sí e nos diferentes locais em que se manifestam. Desta maneira seriamos capazes de nos aproximar de alguns aspectos dos possíveis comportamentos simbólicos.

Esta abordagem que se caracteriza pela análise da trama de significantes é válida pois são capazes de entender a estruturação das formas de expressão gráfica e nos dá possibilidade para a melhor compreensão de determinados aspectos da cultura dos autores dos grafismos (LINKE & ISNARDIS, 2008, p.31).

O que se tem praticado e demonstrado eficaz são as abordagens **cronoestilísticas**, que consiste em analisar os grafismos considerando distintos momentos de apropriação dos abrigos e seus suportes. Para isso, faz-se necessário a criação de categorias que classifiquem as pinturas, agrupando-as em conjuntos e atento às relações de sobreposição. A despeito da procura de regularidades nas escolhas e da composição dos grafismos ressalto que os sistemas simbólicos não são herméticos ou incluem somente significantes fixos.

Para Boado (1999, p.10-11) as concepções ou representações espaciais reaparecem em alguma medida em todos os âmbitos da ação social, passíveis de serem definidas arqueologicamente por meio da "*regularidade espacial"*, que corresponde ao padrão comum de organização espacial de uma mesma formação social.

Outra abordagem que tem demonstrado ser bastante eficaz é considerar a análise cronoestilística para além dos elementos que compõem as pinturas ou seus painéis, a exemplo dos estudos realizados por Isnardis (2004),Ribeiro (2006), Linke (2008) e Tobias (2010). Este tipo de análise passa a entender a composição gráfica em conjunto com a paisagem, inserindo elementos espaciais e considerando que seus atributos possam estar relacionados às escolhas feitas pelos autores. A definição de diferentes conjuntos estilísticos considera a localização dos grafismos, características físicas dos sítios, dos suportes e suas relações com o espaço tais como inserção topográfica, proximidade a cursos hídricos e acessibilidade ao sítio.

A identificação de regularidades e de relações recorrentes entre elementos no registro arqueológico em seus contextos podem ser capazes de identificar comportamentos (ISNARDIS, 2004). Esta abordagem possui seus pressupostos no estruturalismo e se caracteriza pela investigação do padrão de escolhas dos autores dos grafismos, perpassa por escolhas (que podem ser inconscientes) referentes aos abrigos, diferentes setores dos sítios, patamares, suportes. Por meio dela é possível ter acesso às relações de compatibilidade que possuem entre si e com outros códigos e práticas de uma formação sociocultural (BOADO, 1999, p.11).

Como foi observado, as aproximações dadas ao estilo e a paisagem embora apresentem diferentes formas de serem entendidas e diferentes abordagens, nas pesquisas recentes as duas perspectivas têm se apresentado fundamentais sobretudo quando vistas a partir do mesmo viés. Estilo se faz mais facilmente compreensível quando são considerados os diversos elementos em que ele é expressado, além de seus aspetos formais. Abordá-los em conjunto com a paisagem pressupõe que as populações poderiam ter apropriado de determinados espaços e deixaram suas particularidades nelas, suas escolhas e relações estabelecidas com o espaço.

As categorias de analises utilizadas na pesquisa fazem parte de critérios subjetivos nossos, mas que são capazes de agrupar e sistematizar suas características; tamanhos, morfologias, localização, tipo de suporte. É importante destacar que, embora os atributos possam obedecer aos nossos critérios e entendimentos acerca de determinada feição, é possível que o nosso entendimento sobre o próprio sítio e de seus "suportes" tenham sido percebidos e compreendidos de maneiras distintas que a dos autores das figurações. As

categorias utilizadas nos foram úteis na medida em que, conforme dito acima, organizaram e puderam agrupar características que são compartilhadas nos abrigos com arte rupestre. Este esforço pode ser capaz de identificar possíveis expressões gráficas de grupos que possam ter percebido e apropriado dos espaços internos aos abrigos de maneiras distintas e/ou similares. O mesmo pode ser estendido às demais categorias que consideram os demais atributos da paisagem.

A análise da paisagem do entorno envolveu diversos aspectos tais como vegetação do entorno, acesso ao sítio, relevo de acesso ao sítio (0 a 50m e 50 a 100m), iluminação natural no sítio, posição topográfica no afloramento rochoso (terço superior, médio e inferior). A descrição da hidrografia considerou seu posicionamento com relação ao sítio, distância do sítio com relação ao curso hídrico, se perene ou intermitente. A paisagem foi abordada e relacionada com os grafismos e os conjuntos em seus contextos de inserção.

Nos espaços escolhidos para receber os grafismos os principais atributos[14] observados e descritos foram suas características (caverna, paredão, abrigo, matacão...), as dimensões (pequeno - até 30m, médio - 30 a 50m, grande - 50 a 100m e muito grande - acima de 100m), orientação geográfica (Norte, sul, leste e oeste).

Internamente aos sítios foram descritos o acesso aos suportes[15] e aos painéis (Difícil, moderado, fácil, heterogêneo), o piso do abrigo, presença ou ausência de drenagens. Foram observados no sítio as características físicas e que eventualmente podem ter relações com os grafismos tais como intemperismo físico (desplaquetamento do suporte, descamações, erosões alveolares, relevo), intemperismo químico (exudação mineral, fungos e liquens), porosidade e textura da rocha (relativa à "qualidade"), biopertubações. O mesmo ocorre para os suportes, considerando que grande parte dos sítios aqui estudados possuem muita disponibilidade, mas nem todos foram grafados e certamente foram identificados pelos autores das pinturas.

Nos painéis foram observadas suas dimensões (altura do chão, comprimento e largura, posição no sítio, quantidade de figurações, tratamento anterior dado ao painel (quando houver), aspecto da tinta em considerando sua fixação em rochas de qualidades distintas (diluição da tinta, cor) e pátina, distância entre painéis.

Em cada painel foram realizadas descrições que entendessem a maneira como foram "construídas" por eventos que indicam diacronia ou sincronia, sejam por sobreposições,

[14] Boa parte dos atributos analisados tem como referência os trabalhos realizados anteriormente, sobretudo o desenvolvido por Linke (2008).

[15] Suportes são entendidos como espaços que não receberam pinturas, ao contrário de painel, este sim uma delimitação arbitrária realizada pelo arqueólogo no intuito de sistematizar e facilitar a compreensão dos espaços grafados. A delimitação de um painel leva em conta sua localização, homogeneidade e morfologia da rocha, proximidade com outros painéis.

justaposição, proximidade, similaridades e diferenças temáticas, preenchimento das figuras, técnica de realização, relações de pátina, acréscimos e associações. Todos estes elementos dão subsídios para a elaboração de cronologias relativas, a definição de estilos e conjuntos temáticos quando possível.

As figurações foram abordadas em conjunto e separadamente, em cada uma delas foram identificadas cores, pátina, elaboração, técnica e suas relações com as demais. Todos estes elementos descritos acima em algum momento são relacionais e comparáveis uns com os outros. Algumas figurações servem de apoio para possíveis "diagnósticos" no delineamento de conjuntos estilísticos, mas que são delineados sobretudo pela recorrência em conjunto com todos os atributos entendidos como significativos. Fundamental para a construção dos conjuntos estilísticos são as análises dos grafismos a partir da observação dos modos de composição por técnicas distintas, tipo de preenchimento, forma, presença ou ausência de partes do corpo, recorrências, localização nos sítios, articulação de motivos em painéis. Os principais temas encontrados foram agrupados em diversas tipologias: cervídeos, quadrúpedes, aves, sáurios, biomorfos, antropomorfos, geométricos, círculos radiados, alinhamento de bastonetes e pontos, incisões, grades, zig-zags, armas...

3.6 O REGISTRO DOS GRAFISMOS

A coleta de informações dos grafismos rupestres se deu por meio de duas técnicas distintas e que foram utilizadas segundo as necessidades da pesquisa. A técnica do calqueinicialmente, utilizada desde a década de 70 pelo Setor de Arqueologia da UFMG (PROUS, 1996/97), constituiria a principal técnica de registros das figurações. Esta técnica, conforme destaca Tobias (2010), vem sendo cada vez menos utilizada por diversos pesquisadores no Brasil em função do surgimento de novas técnicas e pela possibilidade de contaminação de amostras datadas por alógenos introduzidos por polímeros plásticos (ROWE, 2001 apud TOBIAS, 2010). A outra técnica utilizada para registro dos grafismos consistiu no registro por meio de fotografias sistemáticas, esclarecidas abaixo.

Diversos pesquisadores salientam que a técnica do calque em escala real possui qualidades que não podem ser alcançadas quando comparada com os procedimentos mais modernos que envolvem fotografias dos paineis e seus grafismos. Na técnica em que é utilizado plástico transparente os traços e contornos são reproduzidos em tamanho real, indicam o seu preenchimento, cores, sobreposições e possuem referências ao aspecto visual dos pigmentos, elementos caros à descrição dos grafismos. Esta aproximação às figuras permite a construção e reprodução mais realística dos elementos importantes na

documentação dos registros rupestres como a topografia dos painéis, fendas, depressões, escorrimento mineral, distância entre painéis, tudo julgado pertinente de registro naquele momento é passado é registrado.

Isnardis (2004) observou que o decalque em plástico proporciona uma experiência sensorial importante para a compreensão do contexto na qual os grafismos estão inseridos. Como bem destacou Tobias (2010), as sensações e a observação de fatos peculiares aos grafismos promovem uma melhoria substancial na compreensão do contexto do sítio na paisagem e possibilita o pesquisador aproximar de maneira concreta às posturas corporais estabelecidas pelos autores, realizar gestos que possuam semelhanças com aqueles realizados na confecção original e permite a observação minuciosa.

Notadamente, a utilização do plástico a ser fixado nos painéis (ver figura 05)demanda um investimento relevante e vinculado necessariamente à presença em campo por períodos mais extensos. Precede a fixação do plástico a discussão com a equipe sobre quais painéis são prioritários, seguidas dos diálogos sobre as tintas, cores, processos, pátinas e relações de sobreposição. Após este momento, e uma vez fixado o plástico ao painel, os grafismos são reproduzidos e as demais informações são transcritas. Esta atividade, dependendo da densidade e complexidade de informações dos paineis podem durar dias. O conteúdo é então fotografado, passado para o computador e processado em softwares específicos que permitem a vetorização e manipulação das figuras, e suas partes em camadas segundo as relações de sobreposições, observadas em campo.



Figura 5: Realização do calque em plástico, sítio Mendes 1.

Todo este processo descrito acima resulta em uma imagem com o painel digitalizado.O painel abaixo (Figura 6) vetorizado por Valdiney Amaral (2015, no prelo) possui 120 figurações, a maior parte delas em sobreposição. Em atividade de campo em Senador Modestino Gonçalves no sítio Itanguá 06, estavam presentes 5 arqueólogos em campo e foram necessários seis dias na reprodução e aproximadamente 20 horas em sua vetorização.

A proposta inicial para o levantamento de informações das figuras considerou a técnica descrita acima como a que pudesse proporcionar uma melhor compreensão dos grafismos e consequentemente a construção dos conjuntos gráficos. O calque a essa maneira, contudo, apresentou alguns limites no decorrer da pesquisa, o que tornou o seu emprego mais dificultoso.

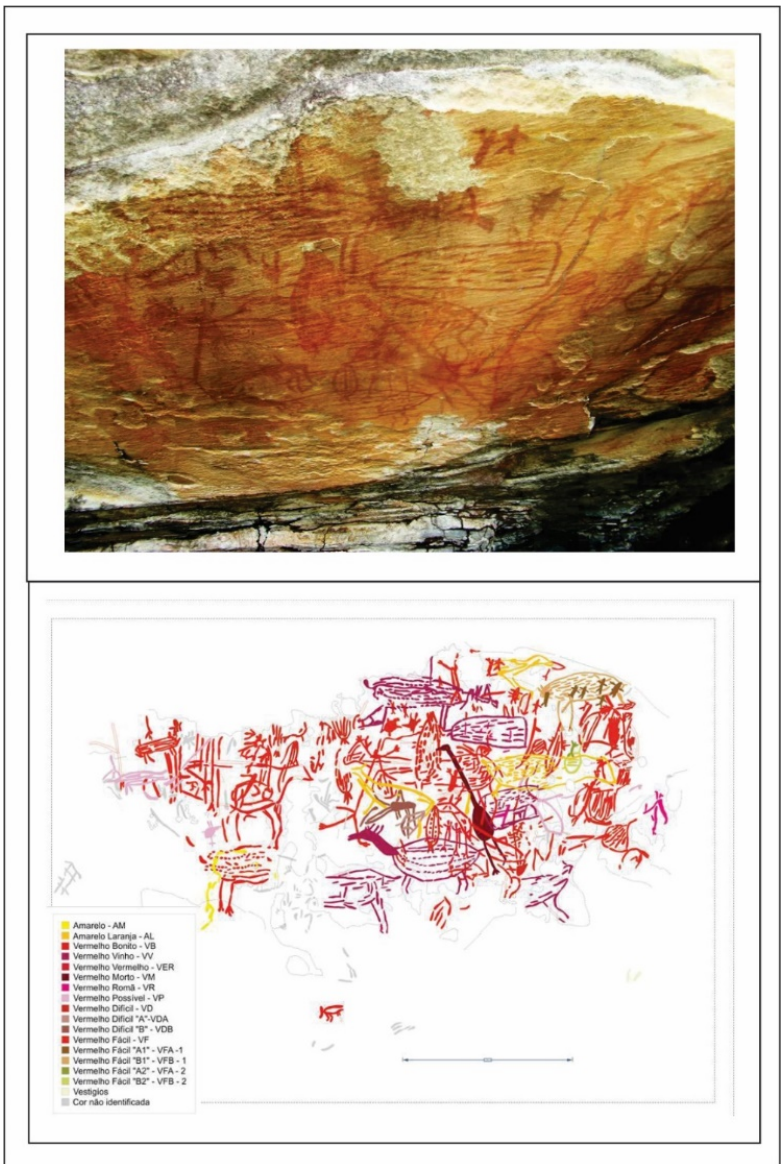


Figura 6: Sítio Itanguá 6, painel vetorizado. Fonte: Valdiney Amaral Leite (2015, no prelo)

Considerando o esforço e o tempo em que o calque em plástico e a presença em campo demandam, não seria possível registrar sistemática e integralmente os sítios e seus grafismos. As restrições em verba e tempo para campo nos levou optar por registrar os grafismos a partir de outra técnica, a do registo sistemático por fotografias. Esta escolha também se deu por entender que a técnica possui outras qualidades quando comparada com o calque em plástico e, além disso, podem ser técnicas complementares.

No processo de registo das figurações em diversos sítios foi indispensável a cautela e reavaliação da necessidade do calque. Em diversos painéis os agentes naturais como desplaquetamento, descamação e escorrimento mineral possuem estágio avançado de degradação e a fixação de um plástico nestes casos seria muito nocivo para o já desgastado painel. Há também painéis cujos acessos exigem escalada – quando possível – e o posicionamento do arqueólogo neles é bastante restrito. Nestas situações somente as anotações e fotografias dão conta minimamente de fazer o registro. Em outros casos, como o sítio Lapa do Tatu 1, somente as fotografias sistemáticas puderam registrar as figuras para posteriormenteserem tratadas em softwares específicos. Neste sítio, em função de seu posicionamento e as características do painel, a ação direta das intempéries como o calor, frio, luz, vento, chuva ou mesmo a composição das tintas, não permitiram que as figurações resistissem ao tempo. As figuras do painel encontram-se quase que completamente apagadas, parcamente visíveis a olho nu e, portanto, demandaram o registro por descrições e fotografias sistemáticas.

O registro fotográfico adota basicamente os mesmos processos realizados pelo calque em plástico. Nesta técnica também são discutidas as cores, tinta, pátinas, relações de sobreposição. Entretanto, a maneira como as fotografias são tiradas exigem procedimentos e atenção com relação às particularidades dos painéis de modo que o registro de possíveis distorções sejam amenizadas. Diferentemente deste, o calque em plástico é capaz de registrar o relevo, superfícies irregulares, desplaquetamento, processos físicos presentes onde as figuras estão localizadas.

Em painéis mais extensos, em que uma única foto não enquadra todas figurações sem produzir grandes distorções, foram tiradas diversas fotos em sequência de alta qualidade que se sobrepõem e são posteriormente manejadas no software PTgui®. Este programa une as fotografias e cria uma imagem do tipo panorâmica em alta qualidade em projeção plana (Figura 7). As imagens, então, passam pelos mesmos processos descritos anteriormente para a vetorização das figuras. Ao registrar os suportes sistematicamente este trabalho adotou os mesmos procedimentos realizados por Tobias (2010) em Jequitaí:

> O procedimento adotado para o registro consiste na noção de que as superfícies fotografadas não são sempre regulares e estabelecem diferentes relações de distância ao plano focal, induzindo ao aumento de distorções. As fotografias foram feitas, de modo a equilibrar a quantidade de distorções no registro através da planificação do painel. Para tanto, as fotos foram feitas a partir de uma mesma distância, com o plano focal da máquina em posição paralela ao eixo predominante do suporte enquadrado (TOBIAS, 2010, p.121).

As escolhas das técnicas de registo dos grafismos dependeram da natureza do registro com o qual estávamos lidando, seu estado de conservação e localização (acesso) no sítio. Foi necessário avaliar e reavaliar nossas necessidades e interesses específicos, considerando-se que o registro arqueológico exerce um papel fundamental na definição das estratégias a serem adotadas em campo e em outras etapas da investigação. No caso desta pesquisa, ora o calque em plástico demonstrou ser a escolha a ser feita e que atendeu às expectativas, ora o registro por fotografias foram a alternativa mais viável do ponto de vista técnico e analítico. As escolhas realizadas na pesquisa consideraram não somente preferencias técnicas por sua qualidade no registro, afinal o "objeto" de estudo esteve dialogando e a todo momento nos sugerindo e exigindo diferentes abordagens.

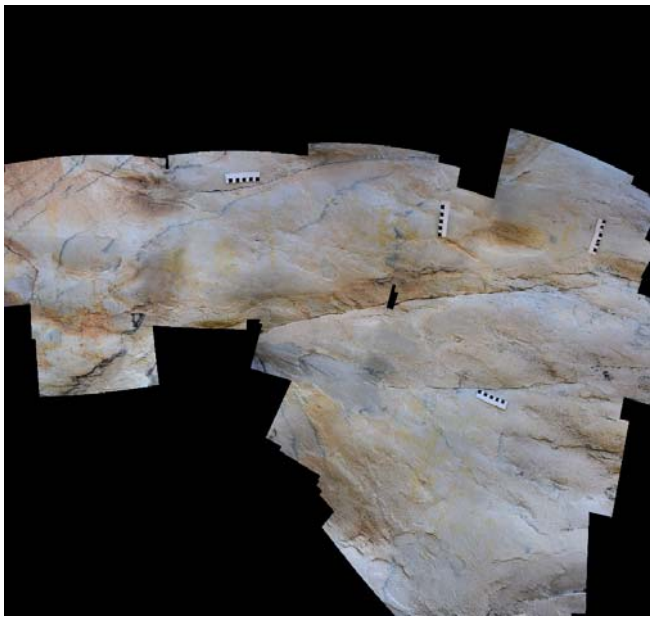


Figura 7: Foto do tipo panorâmica de painel,sítio Lapa do Tatu 1.

O registro das figurações por meio do calque em plástico foram realizados nos sítios no painel 8 do sítio Mendes 1, paineis 3 e 4da Lapa do Chumbinho e paineis 4 e 24 da Lapa da Onça 1. Estes sítios apresentam maior diversidade em figurações e em relações de sobreposição. Os demais sítios foram registrados e vetorizados por meio de fotografia aliada às descrições em campo.

4. A SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL

Cantiga de campo
de concentração

a gente bem sente
com precisão
mas recordo a tua imagem
naquela viagem
que eu fiz pro sertão
eu que nasci na floresta
canto e faço festa
no seu coração
Voa, voa, azulão.
Voa, voa, azulão.
Cantiga de roça
de um cego apaixonado
cantiga de moça
lá do cercado
que canta a fauna e a flora
e ninguém ignora
se ela quer brotar
bota uma flor no cabelo
com alegria e zelo
para não secar
Voa, voa no ar
Voa, voa no ar
Cantiga de ninar
a criança na rede
mentira de água
é matar a sêde:
diz pra mãe que eu fui pro açude
fui pescar um peixe
isso eu num fui não
tava era com um namorado
pra alegria e festa
do meu coração
Voa, voa azulão
Voa, voa azulão
Cantiga de índio
que perdeu sua taba
no peito esse incêndio
céu não se apaga
deixe o índio no seu canto
que eu canto um acalanto
faço outra canção
deixe o peixe, deixe o rio
que o rio é um fio de inspiração
Voa, voa azulão

Sete Cantigas Para Voar
Vital Farias

Discorrer sobre as paisagens do Espinhaço Meridional, isto é, colocá-las em linhas descritivas, é um fazer um tanto *aprazível* (como outrora fixado por um visitante nas paredes de um sítio arqueológico) sobretudo por sua monumentalidade, subjetivada pelos olhares

daqueles que caminham por e sobre suas serras e campos. A Serra, diria que ela, maquilhasse como uma paisagem por excelência onde a diversidade daquilo que se ergue diante de nossos sentidos se faz presente.

Na medida em que, ao estar nas paisagens da Serra nossas percepções são manifestas, fixa-la nestas páginas ou descrevê-la não necessariamente é um destoar. Como é indispensável descrevê-la aqui, é preciso dar início de um ponto de partida, destrinchar, observar, descrevê-la a partir de pontos de vista distintos. Ao entender a Serra como composta por diferentes momentos, nas páginas que seguem exponho eventos com os quais podemos em alguma escala perceber em diferentes instâncias a Serra e suas qualidades, processos e dinâmicas que sobrevieram e ocorrem neste espaço, ocupadaos ou não por sujeitos. Para entender as relações tecidas na paisagem e mesmo a paisagem, é preciso reconhecê-la por diferentes perspectivas da ciência ou por entendimentos que muitas vezes são alheios aos ambientes acadêmicos.

Entender como os aspectos naturais foram e são modelados permitem que sejam analisados em outro momento de maneira conjunta, estruturada e estruturante. Permite observar uma parcela, pequena que seja, a respeito da maneira coerente com a representação ideal do mundo que tem o grupo sociocultural que ocupa o espaço, seja pintando os abrigos e em todas as suas atividades.

A paisagem aqui exposta, neste momento, apresenta-se de certa forma desmembrada em diferentes aspectos: geológico, geomorfológico, vegetação e clima. Estas divisões, bastante influenciadas pelas formas modernas e acadêmicas de ser perceber e entender a paisagem, podem produzir o distanciamento entre aquela percebida por outras culturas, ou mesmo em nossos contextos culturais. No entanto, a maneira proposta de se aproximar dos lugares aonde as populações pré-coloniais teceram relações provê como recurso analítico útil na identificação das relações com os atributos da paisagem.As páginas seguintes têm por objetivo organizar e estruturar a paisagem em escalas e períodos distintos, no tocante às formas que são interrelacionadas e que a compõem.

4.1 CONTEXTO GEOLÓGICO GERAL: A SERRA DO ESPINHAÇO

Os sítios neste estudo estão inseridos nos domínios do que é referido por muitos anos como a Serra do Espinhaço. Para Saadi (1995) a denominação de “serra” dada ao Espinhaço esconde uma realidade fisiográfica que se adequaria melhor ao termo “planalto”. Os estudos na Serra do Espinhaço tiveram início com a descoberta de seus recursos minerais despertando

diferentes interesses, mas no âmbito das pesquisas geológicas ainda falta consenso entre os estudiosos sobre as gêneses e processos ocorridos na Serra Espinhaço (SdEM).

Sabe-se que a SdEM teve origem sedimentar depositadas ao longo do Éon Proterozóico a partir de 1,7 bilhões de anos atrás na forma de uma bacia sedimentar do tipo rifte que deu início a acumulação de sedimentos predominantemente areníticos do Supergrupo[16] Espinhaço; fechamento da bacia por esforços compressivos com transporte de leste para oeste, gerando o Orógeno Espinhaço no Mesoproterozóico (1.250 M.a)(SAADI, 1995). O pacote sedimentar foi posteriormente metamorfizado e deformado (SCOLL & FOGAÇA, 1979) que atualmente é composto por oito Formações cujas origens remontam a distintos ambientes deposicionais (DUSSIN; DUSSIN, 1995).

O Supergrupo Espinhaço érepresentante do principal conjunto litoestratigráfico em volume e expressão da Serra do Espinhaço Meridional. Estende-se do Quadrilátero Ferrífero para norte por cerca de 300 km, composta predominantemente por rochas de origem metassedimentares tais como os quartzitos, metassiltitos, metaconglomerados, filitos e metavulcanitos (ALMEIDA-ABREU; PFLUG, 1994,ALMEIDA-ABREU; RENGER, 2002).

A partir de sua face mais a sul até o norte (topo) é composta pelos Grupos: Guinda, e as as formações Bandeirinha, São João da Chapada, Sopa Brumadinho e Galho do Miguel; e o Grupo Conselheiro Mata, composto pelas formações Santa Rita, Córrego dos Borges, Córrego da Bandeira, Córrego Pereira e Rio Pardo Grande (ALMEIDA ABREU, 1993). Outras estratigrafias foram propostas na divisão do Supergrupo Espinhaço, portanto, não é consensual entre os pesquisadores estas relações, com exceção do condicionamento de seu relevo. Fogaça (1997), por exemplo, propõe a existência dos Grupos Guinda, e Conselheiro Mata. Dussimet al. (1984) dividiram o Supergrupo em Grupo Diamantina e Conselheiro Mata, jáAlmeida Abreu (1993), sugere a Formação Bandeirinha na base do Grupo Guinda, divisão que foi utilizada nesta pesquisa (Figura 8).

Em uma nova abordagem Chemale Jr et al.(2011, p.177) entendem as unidades do Supergrupo Espinhaço não como uma bacia simples, mas como uma sequência de ciclos deposicionais em um ambiente intraplaca em área cratônica. Além disso, os autores indicam a geração de três ciclos deposicionais ou bacias principais o Espinhaço Inferior (1,80 Ga a 1,68 Ga), o Médio (1,60 Ga- 1,35 Ga) e o Superior (1,19 Ga a 0,91 Ga). Concluem que o Supergrupo Espinhaço Meridional é formado por duas grandes sucessões sedimentares separados por nítida discordância angular, interpretadas como dois ciclos de preenchimento

[16] Supergrupo é uma unidade litoestratigráfica forma, é constituída pela associação de vários grupos ou de grupos e formações, elas devem ter características litoestratigráficas significativas que os inter-relacionam.

de bacia em períodos distintos. Nesta abordagem os autores propõem a disposição estratigráfica da Serra do Espinhaço Meridional da seguinte maneira:

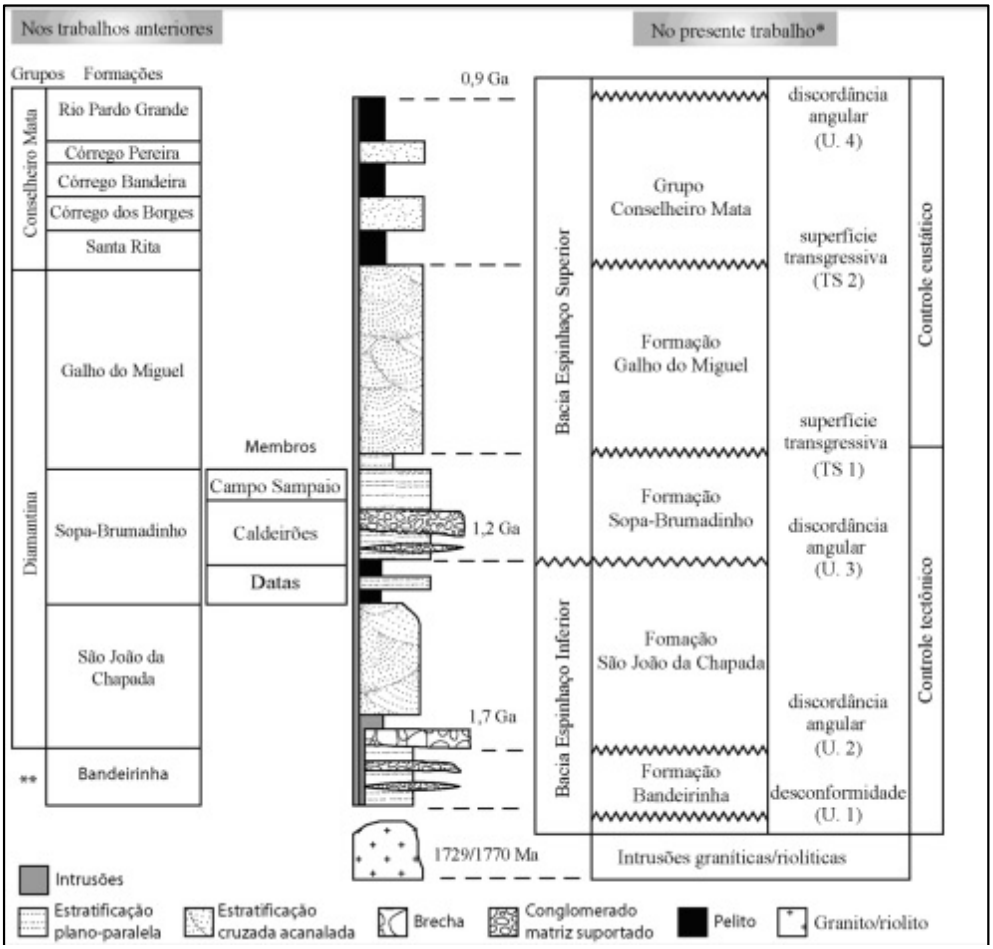


Figura 8: Disposição simplificada do Supergrupo Espinhaço. Modificado de Chemale Jr et al. (2011, p.176)

A já notada complexa e diversa litoestratigrafia da Serra do Espinhaço pode ser entendida,resumidamente, a partir de três conjuntos: complexo granito-gnaisse-migmático basal (Complexo de Gouveia); sequência metavulcano-sedimentar pré-Espinhaço (Supergrupo Paraúna) e sequência metassedimentar que corresponde ao Supergrupo Espinhaço, onde estão presentes também diques[17] e *sills*[18] metabásicos que "cortam" todas estas unidades (ARANHA et al, 2010).

[17] Intromissão de magma em forma alongada através das camadas da crosta terrestre (GUERRA, 2008, p.206).

O **Grupo Guinda** possui três formações que representam a maioria das que afloram na Serra do Espinhaço Meridional, assentados sobre os xistos do Supergrupo Rio Paraúna e/ou rochas cristalinas (granitos e gnáisses) do Complexo Brasil (ALMEIDA-ABREU; RENGER, 2002). A **Formação Galho do Miguel**- representante da maior parte dos sítios aqui estudados - é considerada por alguns autores como a fase transicional da bacia. Dossin *et al.* (1990) a descreve como uma sequência monótona de quartzitos puros, esbranquiçados, de granulometria fina e boa seleção. Nesta formação são observadas duas fácies[19]; estratificações cruzadas tabulares e acanaladas de grande porte, além de marcas de onda assimétrica, cristas sinuosas e bifurcadas cujas associações podem caracterizar os depósitos como de natureza eólica (DOSSIN, 1983; DOSSIN; DARDENNE, 1984 *apud*DOSSIN et al.,1990). A segunda fácies ocorre como intercalações no anterior, marcada pela associação de quartzitos de granulação fina, às vezes micáceos e raras intercalações filíticas nos planos de acamamento[20] (idem: 182).

O **Grupo Conselheiro Mata** é representado por sedimentos de origem marinha costeira e contribuição de sedimentos de origem continental (ALMEIDA-ABREU, 1993 apud ALMEIDA-ABREU, 1995). Para Dossin *et al.* (1990) o Grupo Conselheiro Mata é uma unidade constituída por alternâncias cíclicas de sedimentos arenosos e sítico-argilosos em episódios transgressivos e regressivos em ambiente marinho. **A formação Santa Rita**, componente da unidade, possui quartzitos de granulação fina, raras intercalações de metapelitos marcam a base da sequência. Mais para o topo, predominam metassiltitos e filitos com intercalações lenticulares de quartzitos finos, esta formação também sugere deposições em ambiente marinho raso[21].

A **Formação Córrego dos Borges**é composta por quartzitos com granulometria que varia de fina a média, com presença de mica, caracterizados por laminações plano-paralelas que podendo ser marcadas por níveis de óxido de ferro[22]. A associação faciólogica foi delimitada em pelo menos dois ambientes deposicionais; um de tipo marinho raso a litorâneo,

[18] Definido como um corpo magmático intrusivo ou derrame de lavas em forma de lençol, concordante, paralelo ao acamamento, estratificação, foliação, ou xistosidade das rochas encaixantes. Pode ser chamado de *filão* (IBGE, 1999; GUERRA, 2008)
[19] Definido pelo conjunto de características de ordem litológica e paleontológica, elas permitem o reconhecimento das condições em que foram realizados os depósitos e podem ser divididas entre continentais (fluvial, eólica, glacial, lacustre, vulcânica) e marinhas (litorânea, nerítica, batial e abissal) (GUERRA, 2002)
[20] Disposição paralela ou subparalela que tomam as camadas ao se acumularem formando uma rocha (GUERRA, 2002)
[21] Idem.
[22] Ibidem, 182.

outro representado pelo avanço de uma frente deltaica[23] sobre os sedimentos marinhos rasos subjacentes[24].

Segundo Dossin et al. (1990), um novo aprofundamento da lâmina de água marca a passagem para a **Formação Córrego Bandeira**, cujas litologias predominantes são quartzitos finos com estratificações cruzadas e marcas de ondas, podem ocorrer também lentes de filitos, cujo ambiente deposicional correspondem a marinho raso. A **Formação Rio Pardo Grande**compreende topo do Supergrupo Espinhaço que predominam metassiltitos, filitos e quartzitos muito finos, localmente encontram-se lentes de mármores dolomíticos de espessura métrica, o ambiente de deposição é de mar raso e em algumas porções da bacia sujeitas à atuação de ondas e de marés[25].

Neste estudo sítios estão inseridos nas formações geológicas do Supergrupo Espinhaço em que são abrangidas as formações Galho do Miguel, Santa Rita e Córrego Bandeira (ver tabela abaixo e figura 9). O recorte amostral dos sítios escolhidos para estudo não incorporou outras formações, contudo, notasse que os sítios estãoquase sempre próximosou em zonas limítrofes a outras formações que compõem o Supergrupo Espinhaço. A maior parte dos sítios estão em rochas quartzíticas da Formação Galho do Miguel, que representa a unidademais expressiva da Folha Diamantina (FOGAÇA, 1997). As áreas próximas aos sítios apresentam características que se distinguem, passando por diferentes eventos tectônicos e estruturais.

A área que engloba os sítios pesquisados, embora inserida no Supergrupo Espinhaço, possui uma diversidade de características no que se refere as diferentes litologias. Há quartzitos com diferentes propriedades e, por consequência, afloramentos com morfologias, tamanhos, resistências mecânicas e granulometrias. Os sítios e seus suportes, da mesma maneira, apresentam características e qualidades distintas e com diferentes implantações, é possível que estas tenham disso identificadas e, portanto, escolhidas pelos grupos pré-coloniais.

Tabela 2: Sítios arqueológicos estudados e inserção litológica

Sítio Arqueológico	Formação	Grupo
Mendes 1 e 2, Lapa dos Peixes, Lapa da Onça 1 e 4, Lapa da Contagem 1, 2, 3, 4, 5 e 6, Lapa do Chumbinho, Serra do Taião 1 e 2, Lapa do Tatu 1 e 2, Lapa do Alforges 3, 4, 5 e 6	Galho do Miguel	Diamantina
Lapa do Alforges 1 e 2,	Santa Rita	Conselheiro Mata
Andorinha 1 e 3	Córrego Bandeira	

Fonte: o autor.

[23] Delta é um depósito aluvial que aparece na foz de certo rios, os deltas avançam em forma de leque na direção do mar em determinadas condições como a ausência de correntes marinhas, fundo raso e abundância de detritos (GUERRA, 2008, p.185).
[24] Idem.
[25] Ibidem, 183.

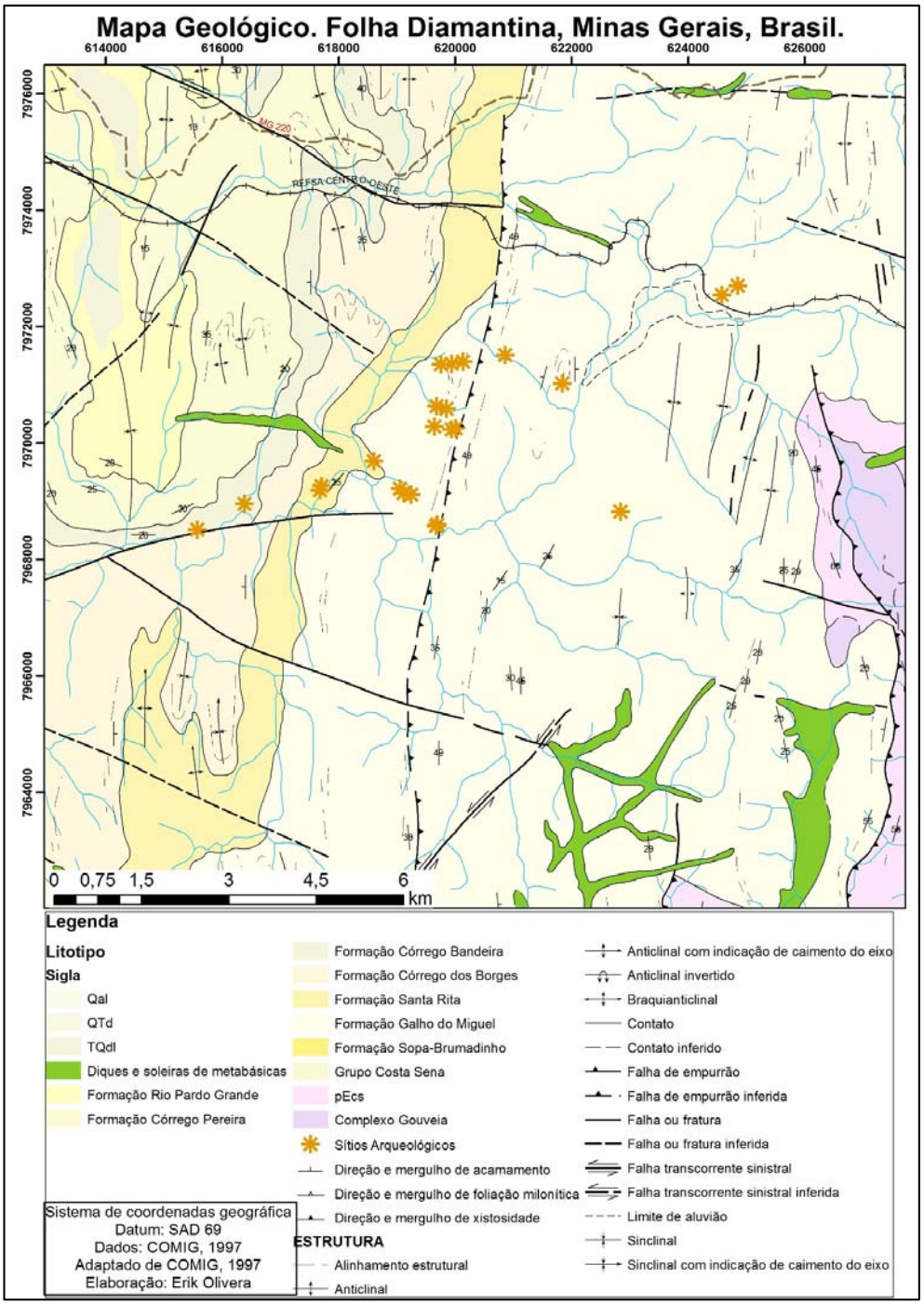


Figura 9: Mapa de inserção geológica e formações da área de pesquisa – Folha Diamantina (MG) SE.23-Z-A-III.

4.2 GEOMORFOLOGIA: ASPECTOS DO RELEVO E HIDROGRAFIA

O resultado da complexa evolução geotectônica no Espinhaço reflete em um quadro lito-estrutural que influenciou significativamente a evolução geomorfológica da Serra do Espinhaço. Considerando o relevo como um dos principais definidores de unidades ambientais, este possui estreita relação com a distribuição de outros atributos que o compõem, como o solo e a vegetação.

Para Saadi (1995), a Serra do Espinhaço constitui em Minas Gerais um conjunto de terras altas, com forma de bumerangue de direção geral norte-sul e convexidade orientada para oeste. Asprincipais características são pela presença marcante dos quartzitos em toda sua extensão compondo uma cobertura rígida, mas densamente fraturada[26] e cisalhada[27].

Segundo entendido por Marcelino Morais (2014) as terras que correspondem ao Distrito Diamantino guardam uma certa unidade paisagística marcada pelas feições da Serra do Espinhaço, com afloramentos de quartzito, inúmeros córregos e cachoeiras, formações campestres e rochas entremeadas de espécies vegetais endêmicas. A profunda denudação[28] do Planalto do Espinhaço Meridional expôs volumes litoestratigráficos com predomínio de rochas siliciclásticas, em que as rochas da Formação Galho do Miguel apresentam alta resistência às intempéries (SIMÕES et al., 2014).

A Serra do Espinhaço é um importante divisor de águas do sudoeste brasileiro e o Planalto de Diamantina é considerado como teto orográfico regional pois irradia drenagens dos rios São Francisco, Doce, Jequitinhonha e Araçuaí. As feições do relevo para o Espinhaço apresentam diversidades no que diz respeito a seus aspectos formativos, diferentes características em escalas locais e regionais. Uma das feições mais marcantes da Serra do Espinhaço em toda sua extensão é o seu relevo protuberante e rugoso que dá destaque a uma paisagem dominada por rochas nuas expostas, cristas, escarpas íngremes escalonadas e vales encaixados, alguns deles adaptados às direções das estruturas rochosas (ALMEIDA-ABREU et al., 2005)

Saadi (1995, p.43) destaca que a história sedimentar e metamórfica proterozóica resultaram em quatro grande “unidades” litoestratigráficas, cujas diferenças em seu

[26] Caracterizado por descontinuidade que aparece isoladamente em uma rocha. Ela não corresponde nem a uma junta nem a uma falha (IBGE, 1999)

[27]Deformação que envolve uma solicitação tangencial, resultado de duas forças paralelas e de sentidos opostos (binário ou conjugado) (IBGE, 1999).

[28]Em última análise, denudação (ou desnudação) é o arrastamento das formas de relevo mais salientes pela ação conjugada de diferentes agentes erosivos. Terrenos sedimentares formados de detritos constituem provas da erosão das rochas preexistentes (GUERRA, 2008, p.187).

comportamento em relação às intempéries e de resistência mecânica à erosão, controlam uma parte significativa da formação do relevo em escala regional: O Supergrupo Espinhaço (predominantemente quartzito); diques e sills de rochas metabásicas "recortando" a anterior; o Grupo Macaúbas (predominantemente xistosa) e a unidade pelítico-carbonática do Grupo Bambuí.

A hipsiometria do Planalto Meridional mostra que se trata de um plano pouco convexo ao longo de um eixo meridiano inclinado de norte para sulque, próximo à borda oeste do planalto, confere à sua superfície certa assimetria no sentido E-W[29]. As características principais para a borda oeste são caracterizadas pela presença de canyons entalhados, perpendicularmente à escarpa, por cursos hídricos que pertencem à bacia do rio São Francisco, tributários como o rio Pardo Grande, Pardo Pequeno, Preto e Jequitaí. As principais formas de relevo presentes para o Planalto Meridional são:

> [...] representadas, majoritariamente, por cristas, escarpas e vales profundos adaptados às direções tectônicas e estruturais (SAADI, 1995, p.43/44).

A evolução geomorfológica do Espinhaço em Minas Gerais, segundo a sucessão de eventos denudacionais e deposicionais, é entendida com base na coordenação dos eventos de aplainamentos regionais (ocorridos durante o Mesozóico-Terciário) e de eventos do quaternário de dissecação e entulhamento dos vales[30]. No Planalto de Diamantina alguns autores interpretam-no como o resto de uma superfície primitiva que se encontra preservado em função de seu alçamento tectônico[31].

Segundo Marcelino Morais (2014), a morfologia do Planalto de Diamantina reflete de perto a disposição arquitetônica do pacote rochoso e está estreitamente relacionada às litologias que o integram. Almeida-Abreu (1982) definiu o Planalto de Diamantina em três níveis escalonados no relevo regional: o Nível 3 ocorre entre 1200m e 1400m, localizado entre as nascentes do ribeirão Datas até a norte de Guinda (divisor de águas do São Francisco e Jequitinhonha) com inclinações para oeste/sudoeste em direção a Conselheiro Mata e leste/nordeste em direção a Diamantina. Neste nível são encontrados inselbergues, couraças ferruginosas, brejos em depressões hidromóricas e nascentes com presença de turfeiras sobrepostas a areias e cascalhos fluviais e/ou coluviais cobertas por solos arenosos. O Nível 2 ocorre em altitudes de 1000m – 1100 m como retalhos verticalmente desnivelados por falhas normais e de direção majoritariamente noroeste/sudoeste, possui jazidas de manganês de até

[29] Ibidem, 44.
[30] Idem.
[31] Ibidem, 58.

2m de espessura. O Nível 3 ocorre a 750m -800m, formação atribuída à uma última fase de pedimentação, com datas que remontam ao último período glacial do hemisfério Norte.

Em escala de análise regional para a Serra do Espinhaço Meridional, Pflug (1965 apud FONSECA, 2010) classifica cinco compartimentos morfológicos: 1) caracterizado por escarpas escalonadas, esculpidas sobre rochas do grupo Bambuí e marcado por áreas extensas com superfícies planas; 2) denominado de Paisagens das Chapadas, localizadas a nordeste da SdEM (bacias do rio Jequitinhonha e Araçuaí) associadas aos Grupos Macaúbas e Supergrupo Espinhaço, representadas por coberturas eluviais e depósitos clásticos; 3) Compartimento de Planalto que ocorre na porção central (inclui o Planalto de Diamantina) em que o relevo é caracterizado por ser acidentado, com escarpas íngremes e vales encaixados contrastando com superfícies planas; 4) relevo de *hogback*smais presente na porção oriental da SdEM (abrange a porção central e oeste da bacia do alto Jequitinhonha) que contém cristas mantidas por quartzitos ou carapaças lateríticas; 5) representado por colinas policonvexas esculpidas sobre as rochas do Complexo Guanhães e Gouveia, apresentam com cotas altimétricas variando de 500 a 800m (podendo chegar a 1050m).

No Planalto de Diamantina e em regiões adjacentes ocorrem as superfícies de aplainamentos[32], feição do relevo que são marcadas com a distinção de morros residuais denominados de *inselbergues* ou *monadnocks* (dependendo das interpretações do processo de formação). Estes são mencionadas por Fogaça (1997, p.1590) como pediplanos[33] com altitudes médias de 1200-1300m podendo chegar a 1400m, de onde emergem hogbacks[34] de quartzitos.

Na borda oeste, na sub-bacia do Rio Pardo, Fonseca (2010) a descreve como marcada por uma linha de escarpa erosiva disposta espacialmente com alguma regularidade que se estende do rio Pardo Pequeno ao Pardo ou Pardo Grande e rompem perpendicularmente a escarpa oeste esculpindo *canyons* até desaguar na bacia do rio das Velhas.

A respeito dos solos[35], entendido por diversos pesquisadores como principais estratificadores de ambientes, Silva (2005) aponta para a diversidade peculiar e contrastante

[32] Superfície de aplainamento se refere quando uma superfície de erosão corta estruturas diversas, mostrando formas fracamente onduladas (GUERRA, 2008, p.591)

[33] Pediplano é uma denominação proposta por L.C. King, uma superfície inclinada, formada pela coalescência de pedimentos (formação que aparece em regiões de clima árido quente ou semi-árido, cujo material é trazido pelos rios) onde podem ser encontrados relevos residuais, em outras palavras, *inselbergues* (GUERRA, 2008, p.467).

[34] Estrutura inclinada semelhante à de cuesta, porém o mergulho das camadas é superior a 30 graus (GUERRA, 2008, p.340).

[35]Segundo Alexandre Cristófaro aproximadamente 70% dos solos na SdEM é formada pelo Neossolo Litólico Psamítico típico. Ocorre associado a afloramentos rochosos de rochas metareníticas, possui cascalhamento ou não cascalhamento, é encontrado entre 750m e 2002m em áreas dissecadas onde o relevo regional é montanhoso

no Espinhaço Meridional, reflexo da diversidade de materiais de origem, da morfologia da paisagem e da evolução do relevo e das paisagens. Almeida-Abreu et al. (2005) argumenta que a composição da maioria destas rochas deu origens a solos essencialmente arenosos e rasos por serem muito resistentes ao intemperismo químico, com exceção de alguns fundos de vales que permitem a acumulação de sedimentos e matéria orgânica, aliados à maior umidade que permitem a presença de matas. Em áreas com rochas mais suscetíveis ao intemperismo, moldadas sobre embasamentos granítico-gnaíssico, xistos, filitos e intrusão de rochas metabásicas, ocorrem solos mais desenvolvidos como os Latossolos e Cambissolos (SILVA, 2005)

Simões et al. (2014), em um estudo na sub-bacia do rio Pardo Pequeno, indica que seu curso é marcado pela presença alternante de formações superficiais[36] e afloramentos rochosos (abundantes) concentrados em zonas de sinclinais [37]e anticlinais[38]. Nas porções centro-leste e sudoeste da bacia. A distribuição das formações superficiais no alto curso segundo o autor, é caracterizada pela nítida heterogeneidade, desenvolvendo de duas formas; linear e zonal. As formações de forma linear podem ocorrer margeando os cursos de água, mas também de forma independente da proximidade da rede de drenagem, já as formações de forma zonal não possuem forma geométrica específica e não tem distribuição com limites bem definidos. Esta característica pode ser justificada com contexto estrutural do Planalto da SdEM. O mapeamento de estruturas, segundo o autor supracitado, indica que a formação linear se mostra condicionada por falhas e fraturas no sentido WNW-ESE e pelas zonas de anticlinais e sinclinais, por outro lado, as zonais são comandadas pelas diferenças entre a resistência das diversas rochas às intempéries[39].

O mais extenso compartimento topográfico para a sub-bacia do Rio Pardo, da borda oeste aos divisores de água no Alto Jequitinhonha, atinge cotas altimétricas que variam entre 976 a 1200 metros (FONSECA, 2010).

---

e escarpado (declive acima de 50%) e em superfícies de aplainamento com relevo plano a ondulado de declividade entre 2 e 20% (CRISTÓFARO, 2005, p.61/62).

[36] Usado para denominar o lençol constituído de material decomposto ou da transformação de rochas decompostas em solos que recobre a rocha sã, englobamnoções de solo e parte do subsolo e podem ocorrer de forma autóctone ou alóctone, resultam das transformações externas que sofrem as rochas (erosão) (GUERRA, 2008, p.284).

[37]Parte convexa de uma dobra em que as camadas se inclinam de maneira divergente, a partir de um eixo (GUERRA, 2008, p.46).

[38] Parte côncava de uma dobra em que as camadas se inclinam de modo convergente formando uma depressão (GUERRA, 2008, p.576).

[39] Idem.

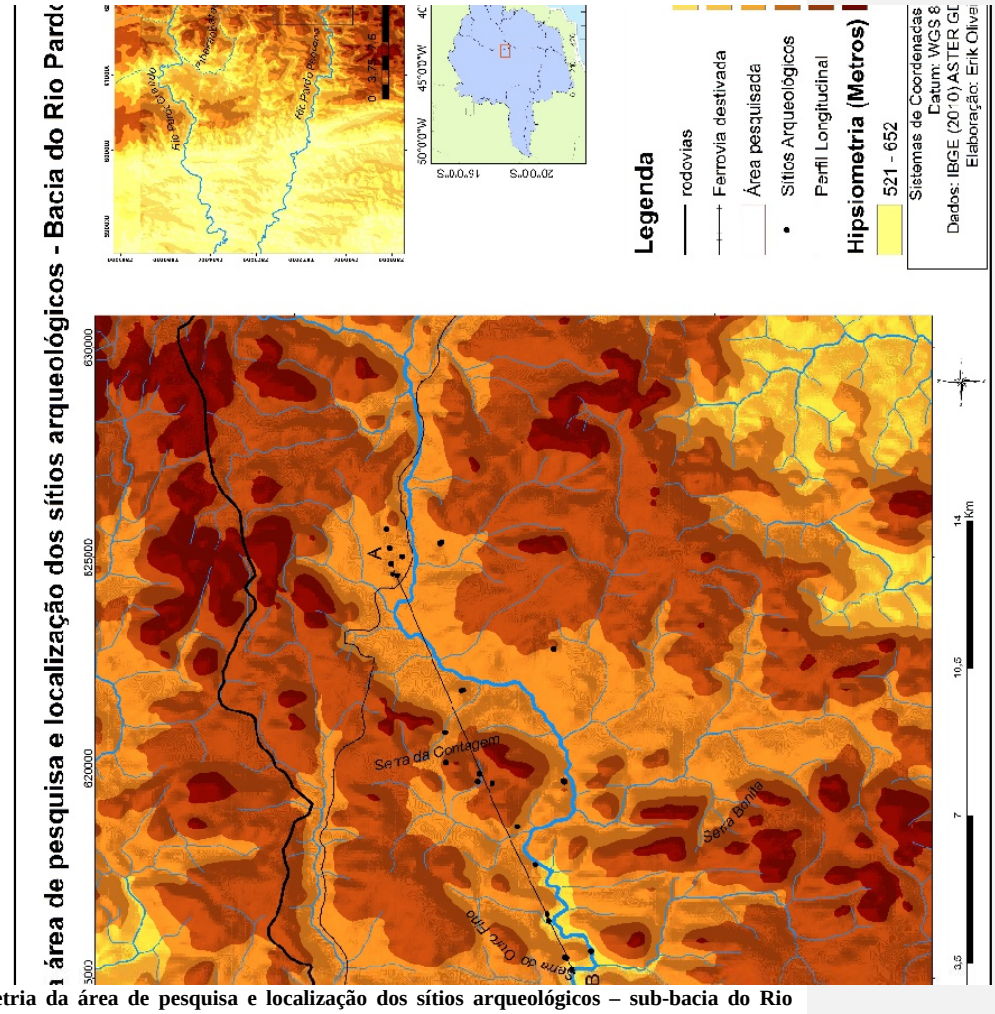


Figura 10: Hipsometria da área de pesquisa e localização dos sítios arqueológicos – sub-bacia do Rio Pardo Pequeno.

Traçando em linha reta um perfil de elevação (A-B no mapa acima e figura 11), perpassando por aproximadamente 11km em linha reta, os primeiros 200 metros correspondem à planície do rio Pardo Pequeno. Em suas adjacências localizam-se os sítios Mendes 01 e 02 (indicados por "1" figura abaixo) cujas elevações alcançam 1280 metros. Avançando até 3,3Km se encontra o sítio arqueológico Chumbinho (indicado por "2"), localizado a 1276 metros de altitude. Já na Serra da Contagem, afloramento rochoso que dista aproximadamente 2km do rio Pardo Pequeno, estão localizados os sítios Lapa da Onça 1 (indicado por "3") com altimetrias que variam de 1368m em seu topo a 1213m. Mais à frente, no sopé da Serra da Contagem, está localizado o sítio Lapa dos Alforges 6 (indicado por 4) na cota altimétrica de 1130m, distante 300m em linha reta do rio P. Pequeno e 1km da Lapa do

Cabrito (indicado por “5”). Este último sítio está localizado próximo às margens do mesmo rio, na Serra do Ouro Fino, cujo relevo apresenta menores altitudes (1090m no sítio e 1050m nas margens do rio). É neste local onde encontra-se também os sítios Andorinha 1 (indicado por “6”) e mais à frente o sítio Andorinha 3 (indicado por “7”).

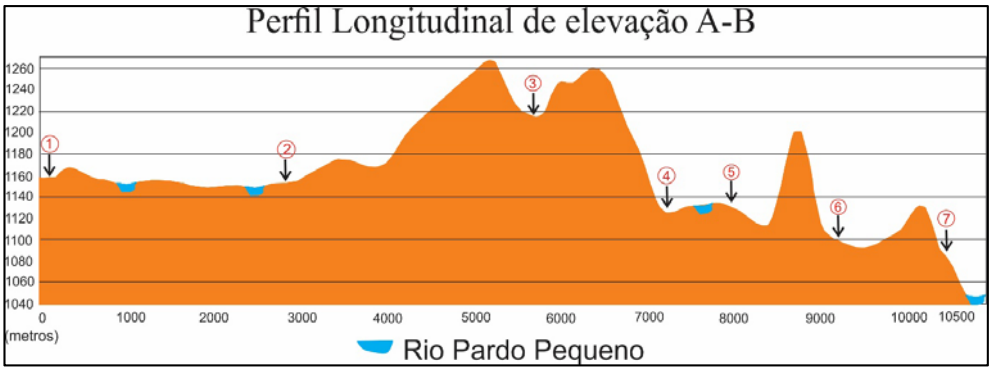


Figura 11: Perfil de elevação A-B.

Conforme indica Simões et al. (2014), as formações superficiais do alto curso do rio Pardo Pequeno são profundamente distribuídas em função do arcabouço litoestutural do Planalto do Espinhaço Meridional. Embora a maior parte dos sítios arqueológicos neste estudo esteja inserida na Formação Galho do Miguel, cuja resistência é alta, a evolução da geomorfologia regional apresenta uma diversidade significativa de características e diferentes feições morfológicas compondo o cenário regional.

O recorte espacial realizado para esta pesquisa, que envolve as margens alto curso do rio Pardo Pequeno, aponta para a declividade do relevo local com diferentes aspectos. Na região dos Mendes, predominam áreas de campos rupestres com declividades plana, suave ondulado, quebrados pelas serras de regime montanhoso. Da mesma maneira, na margem esquerda, no sítio Taião 1 e 2 a presença é predominante de campos com declividade plana a forte ondulado, feição que é interrompida pelas serras que o circundam. Descendo as margens do rio Pardo Pequeno a partir da Lapa do Tatu 1 e 2 as feições possuem características de canyon, vale encaixado que segue sendo esculpido pelas águas e expondo rochas até a Serra das Agulhas, limites geográficos que este estudo abrange. Este rio, bem como o Pardo Grande, quando alcançam o sopé da Serra do Espinhaço Meridional no município de Monjolos encontram substrato rochoso das rochas carbonáticas do Grupo Bambuí, ganhando novas feições e cursos que meandram com mais frequência.

A litologia da Serra do Espinhaço influenciou substantivamente os processos erosivos, cujas características mineralógicas e texturais condicionaram a permeabilidade e

consequentemente a suscetibilidade do carreamento de partículas. Neste sentido, as unidades litoestratigráficas controlam em boa medida a formação do relevo em função de seus comportamentos distintos frente às intempéries.

A formação de abrigos e suas características estão intimamente relacionadas aos eventos geoestruturais que ocorreram na Serra do Espinhaço Meridional. Tendo em vista a diversidade de eventos e a sua natureza, os abrigos bem como as feições associadas a eles deram origens a feições do relevo, afloramentos e abrigos, tipos vegetacionais, dinâmicas hidrográficas e solos com características distintas. É neste contexto em que os grafismos se inserem e cujas “qualidades” e particularidades foram apropriadas pelos grupos humanos.

A respeito das características dos abrigos no recorte espacial são comuns o surgimento de feições com características diversas. Nos afloramentos rochosos são comuns abrigos com dimensões variadas e cujas morfologias apresentam relevos e áreas abrigadas com algumas tendências, mas que dizem respeito da conformação geomorfológica da SdEM. Embora certas características estejam presentes em boa parte dos afloramentos rochosos e abrigos, internamente a eles o que se nota é a combinação de muitos atributos.

Na área pesquisada os abrigos possuem orientações geográficas variadas, suportes rochosos com dimensões, localizações, morfologias e com características de visibilidade distintas que variam em cada área estudada e segundo as formações geológicas a qual fazem parte. No que se refere aos suportes são encontradas paredes amplas e restritas, tetos escalonados e verticais amplos e restritos, cornijas, patamares, espelhos amplos e restritos e paredes subverticais (Figura 12).

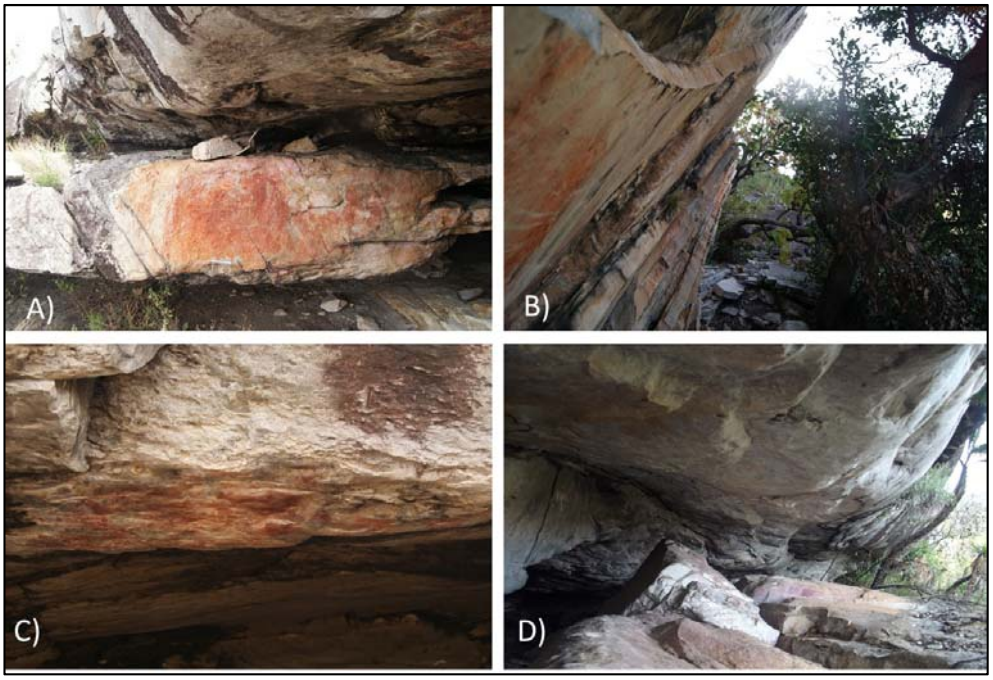


Figura 12: Principais tipos de suporte encontrados nos abrigos: A) Espelho; B) Parede inclinada; C) Cornija; D) Teto.

4.3 ASPECTOS DA VEGETAÇÃO: UM MOSAICO FITOFISIONÔMICO

A Serra do Espinhaço Meridional, já descrita anteriormente pelos viajantesnaturalistas do século XIX, sempre esteve em destaque e recebe atenção por sua biodiversidade. É uma região que incorpora ecossistemas e feições fitofisionômicas distintas eregiões de ecótone. Isnardis (2009) e Morais (2014) dentre outros pesquisadores refletem sobre a frequente e equivocada interpretação da biodiversidade do Planalto de Diamantina: ao contrário do que se imagina, aridez e pobreza não condizem com o cenário regional. Em trabalhos anteriormente realizados, Isnardis (2013) refere à região de Diamantina como "mosaico vegetacional", pois, nos sítios estudados, em um raio de poucos quilômetros são encontradas diversas feições do Cerrado.

Atualmente o Espinhaço Meridional incorpora três ecossistemasprincipais; o Cerrado e diversas feições fitofisionômicas, Mata Atlântica, e nas menores latitudes a Caatinga, além ecótones entre estas formações vegetais. As fitofisionomias do Cerrado são entendidas por Gontijo[40] (2008) como condicionadas ao clima e aos aspectos morfológicos da Serra.

Linke (2008) assinala que, embora a Serra seja classificada como predominantemente composta por campo rupestre, há uma grande diversidade de aspectos que se desenvolvem em função dos diferentes ambientes deposicionais e dos sedimentos que as formaram. Segundo Rezende et al. (2010) a cobertura vegetal no Espinhaço Meridional é condicionada por características climáticas e pedo-geológicas sendo as áreas mais elevadas, onde prevalecem os quartzitos, a vegetação de campo rupestre e secundariamente os campos limpos predominantes.

O Cerrado abrange os seguintes conjuntos de ecossistemas: savana, matas, campos e matas de galeria (KLINK, C; MACHADO, R.,2005). A fitofisionomia campo rupestre[41], segundo a definição de Vasconcelos (2011), ocorre principalmente acima de 900m de altitude e, para a Cadeia do Espinhaço, está situada em áreas de transição entre o Cerrado, Caatinga e a Mata Atlântica. Os **campos rupestres** são representados por um conjunto de comunidades predominantemente herbáceo-arbustiva que podem variar de acordo com o relevo,

[40]Ao considerar a importância da Cadeia do Espinhaço por sua antiguidade geológica e sua posição geográfica, o que a dá um aumento na sua relevância ecológica, Gontijo (2008) argumenta que a Cadeia não é somente um divisor uma faixa de transição e um divisor de três biomas (Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica), mas sim um como um bioma. Além disso, o autor entende os campos rupestres de altitude no Espinhaço mineiro constituem um dos quatro biomas do estado, importância que vai além de seu arranjo florístico/fitofisionômico pois esta gravada no imaginário mineiro. Nas palavras de Gontijo (2008, p.10): A história das "minas gerais" passa necessariamente, pelos seus campos rupestres".

[41] De acordo com Vasconcelos (2011) há diferença entre campo rupestre e campo de altitude, este último é típico de pontos mais elevados de montanhas que soergueram durante o Terciário médio (por ex.: Serra do Mar e da Mantiqueira), estão localizados acima dos 1500m de altitude e associados a rochas ígneas ou metamórficas.

microclima, profundidade do solo e natureza do substrato. Apresentam, portanto, uma grande variedade de fisionomias como áreas amplas cobertas por vegetação herbácea a adensamentos de arbustos e árvores de pequeno porte[42]. Os campos rupestres crescem sobre pedregulhos ou rochas em solos rasos, podendo ser pedregosos ou ocorrer em depósitos arenosos, em conjunto ou entremeando os grandes afloramentos rochosos (KAMINO et al., 2008).

Os campos rupestres são frequentemente intercalados por matas ciliares e por capões de mata (RAPINI *et al.*, 2008), e podem ser continuamente quebrada pela presença de manchas de cerrado e matas de encosta (GONTIJO, 2008). As formações de florestas, segundo Santos *et al.* (2011), nas áreas quartzíticas, são restritas às matas de galeria e ciliares no entorno dos cursos hídricos ou associadas a capões de mata. Este último geralmente está localizado em declividades suaves e rampas de colúvio, que propiciam a formação de solos mais profundos e apresentam maior disponibilidade hídrica. Segundo Rapini *et al.* (2011) a fitofisionomia campo rupestre pode incluir campos limpos e campos sujos localizados em solos arenosos, baixos e com declividade suave. Para a vegetação associada aos afloramentos rochosos o autor nota que é comum serem arbustiva.

As formações savânicas do Cerrado são três subtipos: Cerrado Típico, Cerrado Ralo e Campo Rupestre, Ribeiro e Walter (1998) consideram que as diferenças entre estes três subtipos dizem respeito à porcentagem de cobertura e o tipo de substrato. O primeiro é o mais denso, possui de 20 a 50% de cobertura arbórea e altura média de 3 a 6m, o Cerrado Ralo e o Cerrado Rupestre possuem cobertura arbórea de 5 a 20% e altura entre 2 e 4m. Para as formações campestres do Cerrado (Campos limpos e Campos rupestres), os primeiros são representados por espécies herbáceas, raros arbustos e ausência de árvores[43].

Segundo Gontijo (2008), a interface com a Mata Atlântica alcança os cursos hídricos (matas de ciliares ou de galeria) e em ambientes mais propícios, quando encontra depressões geológicas e áreas geomorfologicamente favoráveis (capões de mata). Este mosaico de biomas possui respaldo na biodiversidade concentrando ecótones ora entre campos rupestres e cerrados (bacia do São Francisco), ora em campos rupestres e caatinga (nas menores latitudes) e entre Mata Atlântica e campo rupestre (nas porções mais a leste)[44].

A Floresta Estacional Semidecidual é entendida por Veloso *et al.* (1991) como condicionado pela dupla estacionalidade climática; uma com época de intensas chuvas de verão seguidas por estiagens prolongadas, e outra subtropical sem período seco provocado pelas temperaturas baixas do inverno (temperaturas médias inferiores a 15º). Segundo o autor

[42] Idem.
[43] Idem.
[44] Ibidem, 12.

este tipo florestal é muito descontínuo e situados entre dois climas, úmido e árido. Presente no Espinhaço Meridional, esta vegetação é encontrada no contorno das serras, margens de rio (Mata Ciliar) e nos capões de mata.



Figura 13: Fisionomias vegetais na região de pesquisa. a) Campo limpo; b) campo rupestre; c) Cerrado ralo; d); cerrado típico; e)mata de galeria; f) Capão de mata.

4.4 PAISAGENS PRETÉRITAS:VARIAÇÕES, PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES

Muito tem se discutido a respeito das mudanças climáticas, sobretudo na passagem do Pleistoceno ao Holoceno em função do seu interesse para a arqueologia e por este no Brasilindicar o período em que teve início a ocupação pelos primeiros grupos. É comum em

trabalhos arqueológicos sobre populações pré-coloniais a realização de um breve apanhado acerca das mudanças e permanências ocorridas no clima e suas possíveis implicações para o modo de vida dos mesmos.

Os atributos que compõem a paisagem hoje vista no Espinhaço Meridional é lembrança daquilo que já foi e possui identidades diretas com a biografia das paisagens pretéritas. Neste sentido, utilizo para este fim as pesquisas realizadas por Alexandre Christófaro, Ingrid Hórak e equipe no Espinhaço Meridional, capazes de pôr em evidência as mudanças ocorridas na vegetação e no clima.

Segundo Kipnis e Scheel-Ybert (2005) para transição Pleistoceno/Holoceno na região tropical acreditava-se que as mudanças no Pleistoceno terminal não teriam sido significativas e afetaram somente as terras baixas da América do Sul de forma homogênea. Segundo os autores, isto não condiz com a complexidade e diversidade de ecossistemas e as respostas dadas às variações nas regiões tropicais. Considera-se que, de modo geral, estas flutuações foram sincrônicas com outras regiões do mundo.

Para o Brasil Central, eventos de maior umidade (clima mais ameno) teriam ocorrido entre o final do Pleistoceno e início do Holoceno (BEHLING, 1998; LEDRU, 1993; RODRIGUES-FILHO, 2002 apud ARAUJO; NEVES; PILÓ, 2003) seguido por períodos com menores pluviosidades durante o Holoceno Médio (BEHLING, 2002; LEDRU, 1993; LEDRU et al., 1996; MARTIN et al., 1997; SERVANT et al., 1993 apud ARAUJO; NEVES; PILÓ, 2003).

Os estudos paleoclimáticos na SdEm tem sido impulsionado a partir dos estudos em turfeiras dispostas em superfícies de aplainamento escalonadas e que, segundo Silva *et al.* (2009a, 2009b), estão separadas por áreas com alto grau de dissecação localizadas em relevo montanhoso e escarpado. As depressões das superfícies de aplainamento, nomeadas de cabeceiras de drenagem, são preenchidas por vários tipos de turfeiras[45] e constituem nascentes de diversas drenagens. Por serem formadas em ambientes úmidos aonde há acumulação de matéria orgânica, possuem capacidade de retenção de água e de manter estes pedoambientes saturados de água o ano inteiro (SILVA, 2009a).

Segundo Hórak (2014), as propriedades físico-químicas e principal composição das turfas podem ser respostas de cinco processos principais: a acumulação relativa de matéria orgânica e mineral ligada à evolução de solos de captação; depósito de poeira a partir de

[45]De acordo com estimativas somente 20% dos restos orgânicos se acumulam em forma de turfa (SJÖRS, 1980 apud HÓRAK, 2009). Os principais fósseis depositados e preservados nos solos das turfeiras são representados sobretudo por polens, esporos de pteridófitas, briófitas, fungos e algas. As turfeiras encontram-se sobretudoonde a fisionomia dominante é o de Campo Limpo Úmido. (HÓRAK, 2009, p.28).

fontes regionais e distantes; preservação de restos florísticos; e decomposição de turfa em curto e longo e prazo.

Segundo os estudos realizados em turfeiras na Serra do Espinhaço Meridional a evolução ambiental do Holoceno do centro-leste no Brasil esteve sobretudo relacionada a mudanças climáticas em que a estratigrafia das turfas evidencia as mudanças decorridas e que coincidem com as variações encontradas nas vegetações e dinâmicas ambientais[46]. Para a Turfeira Pau de Fruta Hórak (2014) propõe seis fases principais de mudanças, em escalas locais e/ou regionais: fase I (~10.000-7.360 anos AP): As mudanças na vegetação desta fase sugerem um ambiente úmido e frio; Fase II (~7.360-4.200 anos AP): Nesta fase sugerem úmido e quente; fase III (~4.200-2.200 anos AP): ambiente seco e quente; fase IV (~2.200-1.160 anos AP): Seco e resfriamento pontuado; fase V (~1.160-400 anos AP) e VI (< ~400 anos AP): condições até o clima sub-úmidoatual foram criadas.

A partir da análise da turfeira Pau de Fruta[47] por meio da descrição e caracterização do Organossolo, da composição isotópica[48] e elementar do carbono e nitrogênio, das assembléias palinológicas[49], caracterização botânica e isotópica da vegetação de cobertura, datação C^{14}, Hórak (2009, p.187/188) aponta cinco mudanças ambientais principais:

1. Para o Pleistoceno Superior (anterior a 20.359 ± 230 anos AP), o clima é considerado mais úmido do que o presente, com energia elevada próximo ao canal de drenagem da APA Pau de Fruta, o que arrancou toda a cobertura pedológica;
2. Em ± 20.359 anos AP, a energia do sistema diminuiu gradualmente e permitiu o desenvolvimento da vegetação e instalação da turfeira nos topos do relevo, as condições seguiram a tendência de diminuição da umidade (em função do Último Máximo Glacial a cerca de 18.000 anos AP), conformando um clima mais seco e frio do que o atual;
3. No Holoceno Inferior/Médio, as condições mais úmidas retornaram, embora tenha havido expressiva frequência de períodos curtos mais secos e com temperaturas mais elevadas, cuja vegetação foi caracterizada pela expansão do

[46] Idem.
[47] A própria formação da turfeira bem como o desenvolvimento da vegetação, foi e é influenciado pela geomorfologia local e pelas condições climáticas (HÓRAK, 2009, p.188)
[48] Isótopos são bioindicadores, neste caso, juntamente com dados de descrição e caracterização do solo, operam como ferramenta para inferência dos ambientes que ocorreram no Quaternário (HÓRAK, 2009, p.28).
[49] Assembleia polínica possibilita atribuir padrões à vegetação do passado, é definida por um conjunto de pólen (HÓRAK, 2009, p.131)

Campo Úmido, Floresta Estacional Semidecidual de Galeria, Campo Rupestre e Cerrado (Campo Cerrado e Cerradão);

4. Em torno de 2.500 anos AP, as condições foram de redução da temperatura, apresentando vegetação rala, composta basicamente por campo;
5. Já no Holoceno Superior, depois de 430 anos AP, condições mais quentes que o presente, envolveram a vegetação campestre, com clima mais seco. Além disso houve regressão da floresta de galeria que permaneceu até a atualidade em forma de resquícios de Capões de Mata Semidecídua nos interflúvios.

O clima sub-úmido e a vegetação do bioma Cerrado atual é considerado por Hórak (2014) como relativamente recente, tendo se estabelecido depois de 3.300 anos AP, entretanto, como a pesquisadora distingue, condições similares estiveram presentes entre 60.000-27.800 anos AP. A Floresta Semidecídual, floresta de montanha e campo úmido são entendidas pela autora como relíquias de climas mais úmidos por terem sido mais desenvolvidas em fases anteriores (entre ~27.800 e 6.600 anos BP).

Já no Holoceno Inferior/Médio entre 7.130-4.500 anos AP a autora indica que houve expansão de todas as fisionomias, caracterizando clima mais úmido e quente pelo aparecimento de Florestas de Galeria de Myrtaceae, em 6.680 anos AP, e a formação de uma lagoa, em 4.500 anos AP. Entre 4.500-3.150 anos AP houve diminuição novamente da umidade, retornando o Campo Cerrado e floresta montana. Para o Holoceno Médio/Superior, entre 3.150-525 anos AP, houve expansão de habóreas pioneiras indicando novo desenvolvimento de mata, possivelmente originários dos Capões de Mata atuais. Entre 490-200 anos AP e de 200 anos até o presente, o primeiro apresentou um período mais seco e regressão de todos os táxons, posteriormente houve retorno da umidade assumindo as fisionomias atuais: herbácea e herbácea/arbustiva e algumas arbóreas.

De acordo com Horak (2011), houveram flutuações do clima que refletiram na regressão da mata e na expansão do campo, além da substituição do Cerrado lenhoso por Cerrado campestre e uma extensa Floresta Semidecidual (Capões de Mata). De modo geral a autora agrupa as seguintes tendências: clima úmido e frio no Holoceno Inferior para clima muito mais úmido e mais quente no Holoceno Médio e clima seco no Holoceno Médio/Superior, até atingir o clima sub-úmido atual.

O clima atual,segundo a classificação de Köppen, comum ao Planalto Meridional do Espinhaço, é caracteristicamente mesotérmico brando, tipo Cwb (ou intertropical). Devido às altitudes elevadas, as temperaturas nos meses de verão são possuem médias de (22-28°C) e o

inverno apresenta-se pouco rigoroso (10-15°C). A pluviosidade máxima é registrada em novembro, dezembro e janeiro e, embora as chuvas sejam escassas, nos meses compreendidos entre maio e setembro as precipitações sempre alcançam índices medianos anuais superiores a 1000 mm,friona estação do inverno, queimadas naturais, ventos e altas taxas de radiação solar.

A abundância de biomas e fitofisionomias acima descritas variáveis ao longo do tempo em Diamantina também encontra respaldo na abundância faunística. Segundo Isnardis (2009) os relatos orais dos moradores da Serra e escritos assinalam, além dos usos tradicionais das espécies do cerrado, a presença de fauna herbívora de maior porte: capivara, antas, cervídeos, porcos do mato, e fauna de porte menor que, pela caça, impactaram significativamente e resultaram, não somente em sua escassez de avistamento, mas em ameaça à extinção.

Os possíveis cenários da vegetação e do clima expostos acima são capazes de demonstrar, mesmo que parcialmente, os processos dinâmicos e ativos que atuam no ambiente. Os aspectos da vegetação hoje encontradas na Serra do Espinhaço Meridional assumiu em outros tempos diferentes feições e passou por diversas variações. A diversidade de fitofisionomias com tendências à expansão à retração em função das variações climáticas e dinâmicas locais durante o Holoceno, sugerem a possibilidade de que diferentes populações pré-coloniais que estiveram na Serra deparavam em algum comedimento com fisionomias distintas. Múltiplos questionamentos podem e devem ser levantados considerando que tais mudanças ambientais ocorrem gradualmente. Para isso, seria necessário conhecimento sólido em como e se tais mudanças seriam percebidas e integradas em seus contextos ao longo do tempo e espaço.

4.5 BOQUEIRÕES: OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E A CATEGORIA DE ENTENDIMENTO LOCAL DA PAISAGEM

Em meados de julho de 2014, quando da realização da primeira campanha de campo, enfrentávamos dificuldades com relação aos acessos dos sítios. Já no primeiro dia das atividades, demos conta de que seria preciso algum morador local familiarizado com as serras próximas ao curso do rio Pardo Pequeno. Nós, mesmo com certo conhecimento da região e de alguns sítios, delongaríamos nas atividades de campo ou se quer encontraríamos os sítios sem um auxílio. Deslocamos até Quarteis e lá fui apresentado ao Sr. Ricardo, que já havia participado deste mesmo esforço com outras equipes em outras campanhas. Após algumas xícaras de café e prosas em sua casa, Sr. Ricardo prontamente se dispôs a nos ajudar. A partir

de então, com sua presença, a primeira campanha de campo pôde ser realizada, sem enganos e desorientações.

Sr. Ricardo esteve conosco durante a primeira campanha de campo por quatro dias indicando caminhos, a localização exata dos sítios e, a todo momento, nos comunicando sua percepção e compreensão de seu lugar a cada sítio que visitávamos. Em uma das caminhadas, atravessando o rio Pardo Pequeno para acessar a Serra do Taião, sugeri apontando em outra direção, a possibilidade de haver sítio nela. Sr. Ricardo sem titubear respondeu: - "*Ali não tem nada, sô. Pintura só tem em Boqueirão*". Espantava-me a maneira assertiva e sua convicção ao se referir dos lugares onde os sítios estão localizados naquele momento. Eu que estive sempre acostumado com as incertezas da Arqueologia, aquela vivenciada nos ambientes acadêmicos, a princípio demorei um tempo, ainda caminhando, para entender o que Sr. Ricardo queria nos dizer. Concatenei brevemente sobre o que seriam os Boqueirões, buscando referências nos sítios que visitei e em seus atributos. Pouco mais a frente, já no sítio Serra do Taião, em uma conversa curta perguntei sobre os Boqueirões. Ali, entre as atividades de registro do abrigo, Sr. Ricardo explicou brevemente sobre eles, conciliando-os logo em seguida com outros elementos, como por exemplo a direção dos ventos, fundamental para aqueles com intenção de caçar nos abrigos.

Voltamos do campo compreendendo ligeiramente sobre os Boqueirões, mas o suficiente para prestar a devida atenção a Sr. Ricardo e sua rica percepção da paisagem regional, também compartilhada por outros moradores de Quarteis e da região. Foi preciso outra etapa de campo para que nossos ouvidos estivessem atentos somente às palavras de Sr.Ricardo. Decidimos acompanhá-lo até a Lapa da Onça 1 na Serra da Contagem de modo que ele pudesse nos mostrar e explicar mais detidamente.

Ricardo Francisco, 58 anos, nascido em Quarteis, sempre permaneceu no distrito, sua vivência nas serras se deu naquele lugar desde que nasceu. Ali esteve ligado a atividades bastante costumeiras da região, algumas delas em declínio.Garimpou durante muitos anos e, assim como outros garimpeiros da região, (re)conhece intimamente as paisagens; as lapas, serras e campos, estando de passagem ou estabelecendo-se em atividades que exigem dias e noites nos abrigos.

Dentre os diversos entendimentos e elementos que Sr.Ricardo julga atuantes nas escolhas dos abrigos[50] pelos "antigos", o Boqueirão, local na paisagem aonde os sítios estão

[50] Além do entendimento sobre os Boqueirões, Ricardo acredita que os ventos são importantes nas escolhas dos abrigos. Pare ele o vento é um importante auxiliador na caça pois o cheiro é capaz de espantar animais. A do mocó (*Kerodon Rupestris*), por exemplo, é realizada sempre com o caçador contra o vento. Além disso o vento é um importante fator de segurança, como alerta de odores.

inseridos, configura-se em sua perspectiva como o mais importante. Perguntado sobre o que seria a sua formação Ricardo respondeu: - "*Eu acho que o formato, parece que passou foi um vento, foi fazendo a abrindo esses canais, né? O menino falou que foi a água que fez, mas eu acho que não. Eu acho que passou foi um vento, né? E abrindo esses canais*". A respeito dos canais abertos pelos ventos Sr.Ricardo argumenta que são espaços entre uma serra e outra. – "*O Boqueirão é uma serra na outra. Boqueirão é isso aí. Porque olha a serra aqui, olha a outra lá! Uns tem menos de 500 metros. Um quilômetro até a outra. "*

Os Boqueirões ou os espaços entre as serras segundo Sr. Ricardo variam, podendo ser espaços restritos; menores que 100 metros, 500 metros ou maiores que 1 quilômetro. Os sítios arqueológicos para Sr. Ricardo incidem somente nestes locais, entremeados por serras, em posições diferenciadas nos Boqueirões e nas serras que o compõem: - "*Só acontece porque todas as pinturas que você vê é no Boqueirão. Parece que os antigos ficavam mais de olho e desenhando, né? Eles não ficavam em praça pública assim não. A gente nunca vê uma pintura na vargem! Não tem, né?*" Perguntado sobre as vargens, Sr.Ricardo aponta para os campos longes dos afloramentos: - "*Esse chapadão aí. Isso não é Boqueirão, é salteado* (gestos como se indicasse que eles estivessem espalhados pela paisagem) *"*. A posição topográfica no afloramento também indica outros elementos relevantes para Ricardo: - "*Aqui nós tão alto, né? Olha lá, ó! Ali onde carro ficou tem uns 600 metros. O que acontece: Eu fico aqui quieto, tudo passando sabe o quê que é. Ninguém te vê, ué. Pra eles é vantagem isso ai*".

A respeito dos formatos e dos atributos dos Boqueirões, Ricardo vê diferenças entre eles: - "*Variam de formato. Tem uns que são mais largos. Lugar mais melhor, lugar mais pior. Tem Boqueirão que você desce a pé, custando a descer, uai. Por exemplo, tem um aqui nas Parobas que desce, que chega lá no Tatu. Lá desce assim, ó! É apertadinho* (gestos com as mãos indicando relevo íngreme).

Segundo Ricardo os autores dos grafismos pintavam nestes locais para atividades específicas e estariam relacionadas, sobretudo, com a caça. – "*Parece que eles viviam numa espera, né? Igual você perguntou, nós estamos aqui agora e está vendo todo mundo, longe, ó! Quem tá passando (*gestos apontando para fora do abrigo*) não está vendo nós aqui. Ficavam tudo quieto aqui e tá passando ali um bicho, uma criação, uma pessoa. Sempre na tocaia. Eles faziam isso. "* E sobre as caças Ricardo continua: - "*90% eu acho que era para caça. Só vê isso aqui. Tipo numa espera. Tá passando um bicho ali, tá passando um bicho ali. Passou. Antigamente os antigos falavam assim, ó: "eu vou ficar na espera pra passar o bicho assim, assim, assim". Ficava, né*? ".

Os Boqueirões em função da sua morfologia[51] possuem outras funções, como a de passagem. Nas palavras de Sr. Ricardo - "*É uma passagem. É uai, tem bebida, né? É uma espera. Os antigos faziam espera. Porque o que acontecia: Tudo que sair de lá pra cá agora vai sair ai, ué, em cima de você (*gestos apontando para uma das extremidades do Boqueirão da Lapa da Onça 1*). Antigamente o pessoal fazia até aquelas casinhas, né? As cabaninhas e ficavam vigiando passar o bicho. Aqueles jiraus em cima das árvores pra ficar esperando".*

A referida "espera" nos Boqueirões ou abrigos, estes eram os momentos em que os "antigos" pintavam nas paredes: - "*No tempo que eles ficavam escondido eles ficavam desenhando alguma coisa. Pra entreter. Porque o que você vê ai é isso ai. Lá na Lapa Pintada também. Ela tá longe. Lá tem pintura mesmo! Lá é um Boqueirão. Boqueirãozeira. Lá é apertado mesmo!". "Eu achava que eles pintavam tipo pra perder tempo. Igual nós tão aqui agora. Tô sentado aqui agora, riscando o chão. Fazendo. Parado o cara até dorme, né? Então ele fazia alguma coisa. Num é isso? Entreter até o bicho chegar. Pode ser que era*".

Durante o período que estivemos conversando sobre os Boqueirões na Lapa da Onça 1, Ricardo foi perguntado sobre as características de alguns dos Boqueirões nos sítios aqui estudados. No texto que segue serão descritos os sítios e seus respectivos Boqueirões:

- Sítios **Mendes 1 e 2**: "*O Boqueirão dele é engraçado porque o que acontecia: Eles estavam longe, né? Estavam perto do rio. O rio que fazia o Boqueirão. Porque tinha a serra e o rio. Mas tudo faz sentido. Ele era a bebida d'água, para os bichos voltar. Tem, igual aqui é*".
- **Lapa do Chumbinho**: - " *No chumbinho é. Ah, o Chumbinho é mais perto o Boqueirão, né? Pertinho. Ali pode ter uns 500 metros. Até menos. Aonde o rapaz achou aquela pedra de espada e desmaiou* (Referência a uma ponta de flecha encontrada pelo companheiro Valdiney) ". Segundo Ricardo, a partir da Lapa da Onça 1: - "*vai cair lá no Chumbinho* ".
- **Sítios localizados na Serra da Contagem**: - "*Lá é mais distanciado, mas é um Boqueirão também. Aí cai lá em baixo, lá no Tatu. Cai lá embaixo no Tatu. Vai só apertando e cai lá.*
- Sítios **Alforges e Tatu 1 e 2:** *Tem um córrego lá, né? Tem uma coisinha mínima. É um Boqueirão também. Lá é um Boqueirão violento! Você cai no Tatu e cai no Cabrito*" (este último é local aonde estão localizados os sítios

[51] Alguns dos sítios, como os localizados na Serra da Contagem, são reconhecidos localmente como Espera do Veado.

Alforges 1 e 2. Próximo ao Tatu, no mesmo Boqueirão estão localizados os sítios Alforges 3, 4, 5 e 6).

- Sobre o **Alforges 1 e 2**: - "*Esse povo garimpou muitos anos. Os antigos garimparam lá. Lá devia tá garimpando mesmo. Aquele cachoeirão lá. Tem uns 100 metros (*referência do sítio até o rio Pardo Pequeno*). Lá eles trabalharam mesmo. Lá deu pouca pintura. Parece que o povo ficou mais preguiçoso*".
- **Andorinhas 3**: "*Descemos lá, saltamos e aí voltamos* (gestos indicando a curva necessária por detrás da Serra do Ouro Fino para subir o Boqueirão da Andorinha 3). *É um Boqueirão. Alí sai no Pega Fogo. Perto da Candonga. Pouco alí tá a Candonga. Foi devera. Eu tô lembrado.Chegou lá, descemos ".*
- **Taião**: - "*Aquele Boqueirão ficou o quê? De longe é um Boqueirão. Cê viu, né? Um entre o rio e ele e outro vindo assim* (gestos indicando sua localização ao lado do sítio). *Lá tem dois Boqueirão. Um vindo assim e outro vindo assim. Eles gostavam de espera, né? Viesse aqui, viesse alí. Porque aqui curvava. Aqui passava aqui* (novamente gestos indicando onde estariam) ".

Para além da percepção local da paisagem, dos Boqueirões e a inserção dos sítios neles, a conversa com Sr. Ricardo levantou outras questões. À medida que os sítios foram sendo estudados os Boqueirões começaram a ganhar forma em nossos pontos de vista de maneira articulada com o recorte espacial da pesquisa, as análises realizadas e asnoções promovidas por Ricardo.

5. DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS – APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS E DE SEUS GRAFISMOS

A fim de sistematizar a apresentação, descrição e análise dos sítios arqueológicos e de seus atributos algumas considerações foram realizadas. De maneira geral, é possível notarem termos geomorfológicos uma certa homogeneidade da área pesquisada, inserida no Planalto de Diamantina cujas altitudes variam entre 1260 a 1090 metros. Considerando como eixo principal o rio Pardo Pequeno, todos os sítios estão localizados relativamente próximos às margens do curso hídrico. Traçando uma linha reta dos sítios até o rio Pardo Pequeno, a mais próximo deles é o sítio Lapa do Cabrito, a 44 metros de distância, já o mais distante, o Lapa da Onça 1, a 2km de distância.

Embora toda a área seja caracterizada por uma diversidade paisagística, a apresentação dos sítios tomou o alto curso do Rio Pardo Pequeno como elemento descritivo. O curso do rio foi dividido em três segmentos; superior, médio e baixo para fins organizativos. Na apresentação dos sítios 24 sítios arqueológicos neste estudo optei por fazê-lo tomando como ponto de partida as margens direita e esquerda do rio Pardo Pequeno em seu alto curso. Portanto, serão apresentados inicialmente no alto curso e margem direita os sítios Mendes 1 e 2, Lapa do Chumbinho, Lapa dos Peixes, Lapa da Onça 1 e 4, Lapa da Contagem 1, 2, 3, 4, 5 e 6. Segue-se no médio curso e margem esquerda com os sítios Serra do Taião 1 e 2; e margem direita, Tatu 1 e 2 e Alforges 3, 4, 5 e 6. Por último, no baixo curso e margem direita, serão descritos os sítios Lapa dos Alforges 1 e 2, Andorinha 1 e 3.

5.1 ALTO CURSO DO RIO PARDO PEQUENO

5.1.1 SÍTIO MENDES 1

A sudoeste de Diamantina, a aproximadamente 25 km, nas proximidades da fazenda dos Mendes, está localizado o distrito Quartéis, cujo um dos acessos se dá pela rodovia que vai até Conselheiro Mata (MG 220), paralela à desativada estrada de ferro Centro Norte. Encontra-se neste cenário a maior parte dos sítios aqui estudados; início das caminhadas, prosas, descansos sob candeias retorcidas e em abrigos de garimpeiros, aonde a arqueologia teve início para mim.

Serperteando as serras, o caminho deixado pela antiga estrada de ferro é um dos tantos acessos que leva até os Mendes, região onde há uma grande densidade de sítios arqueológicos. Neste trecho, embora a estrada de ferro ainda "meandre" em função das serras, as superfícies de aplainamento, áreas suavemente onduladas, brejo em depressões hidromórficas, formações campestres mais ou menos extensas; campos limpos e campos rupestres contrastam com a suntuosidade de grandes afloramentos rochosos. É possível encontrar aqui e ali pequenos capões de mata dispersos, onde há solos mais profundos e maior disponibilidade hídrica. Localizado a norte do Pardo Pequeno, a 620 metros de sua margem direita, o sítio arqueológico Mendes 1 está próximo a um depósito aluvionar com detritos e sedimentos ricos em areia, seixos, siltes, argilas, diamante. Daí a exploração da área por garimpeiros por muitos anos, atividade que ainda se faz presente, porém menos intensa que outrora, e cujos autores ocuparam diversos dos abrigos aqui estudados.

O sítio Mendes 1 (Figura 14), devido a sua localização próxima ao rio Pardo Pequeno e em áreas mais aplainadas, recebe das serras que o circundam grande volume de águas da chuva, fazendo com que drenagens, pequenos cursos hídricos nasçam entre as serras e nos campos locais. Dista do sítio, a 230 metros a sul, uma depressão hidromórfica, que em períodos de maiores precipitações transforma-se em uma lagoa e resguarda diversas espécies da fauna regional. Os cursos hídricos perenes mais próximos, ambos a norte do sítio, são o Córrego Brejão e Mocambo, a 600 metros e 1km, respectivamente. Mais próximo ao sítio, à sua frente (aberta para oeste) a 10 metros do limite da área abrigada, há uma pequena drenagem intermitente que vai de encontro ao referido brejo.

A partir de determinada distância do sítio, em meio ao afloramento rochoso que está situado, destoam na paisagem os suportes do abrigo que expõe rochas em quartzito relativamente protegidas e em que as intempéries agiram menos intensamente, saltando aos olhos daqueles que se aproximam. Já no abrigo, têm-se visibilidade de até 190 metros de distância para oeste, quebrada por um grande afloramento rochoso que segue quase paralelamente ao afloramento onde o Mendes 1 se encontra. Assim, a visibilidade a partir do sítio ganha maiores profundidades somente a norte e a sul, este último ainda mais extenso.

O sítio Mendes 1 está localizado no terço médio do afloramento rochoso. Em função do depósito de sedimentos no talude, o acesso ao sítio se dá por meio de uma rampa moderadamente inclinada que recebeu ao longo dos anos sedimentos, blocos abatidos e plaquetas de diferentes tamanhos, um deles com pinturas. Embora a quantidade plaquetas de menores dimensões tomem conta de todo o sítio, esta característica atribuiu ao chão do abrigo regularidade associada à presença de pouco sedimento.

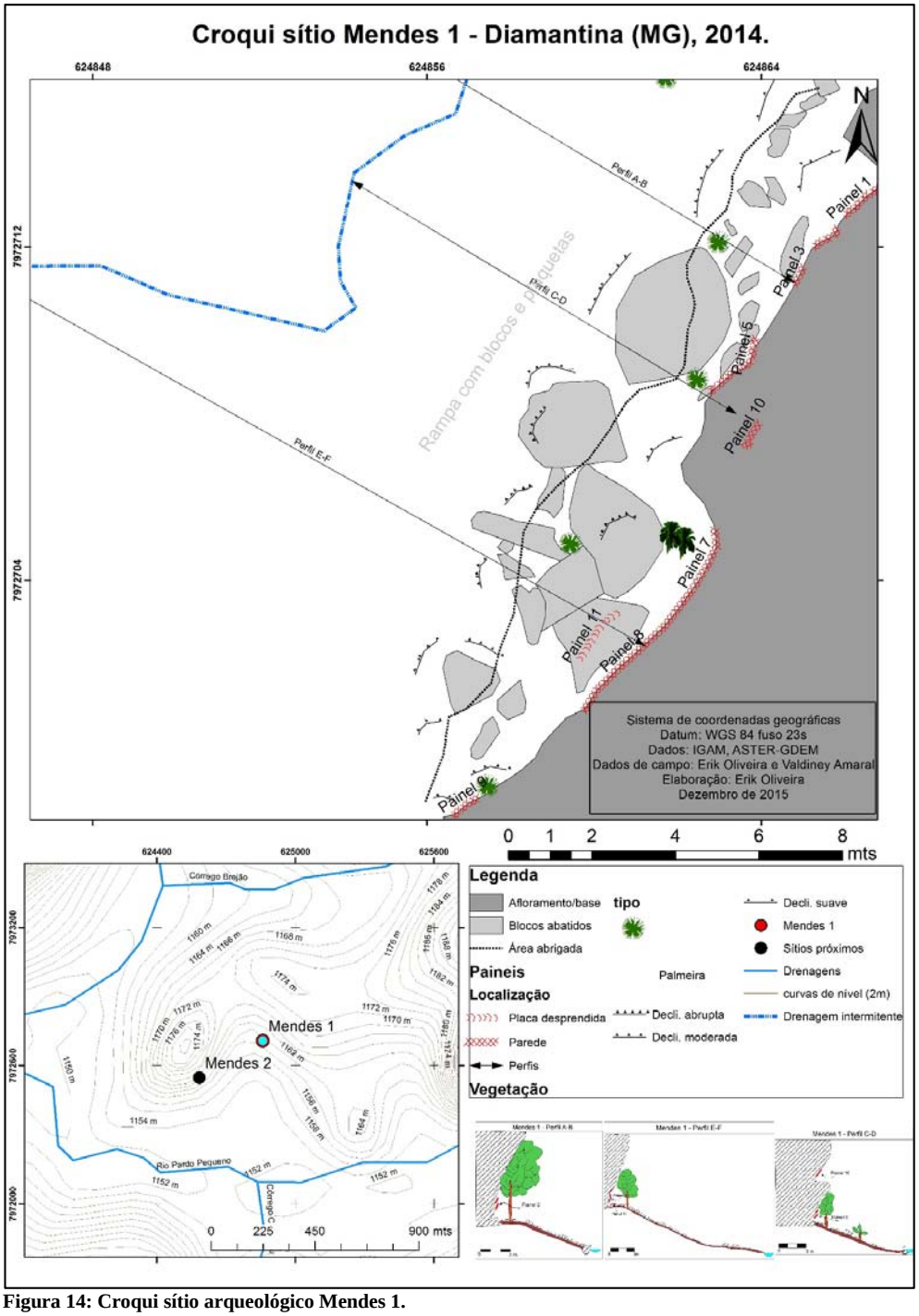


Figura 14: Croqui sítio arqueológico Mendes 1.

A área abrigada possui 20 metros de comprimento e a profundidade varia longo do sítio entre 1m e 3,80m, chegando a até 8m na porção central. Uma das principais características morfológicas é o fato de ser estritamente um paredão com superfície levemente inclinada, quase que ausentes os tetos e outras feições. Predominam no sítio paredes amplas e pequenas superfícies que assumem o formato das zonas de desplaquetamento condiconadas pela fragilidade das linhas de acamamento. Localizado na formação Galho do Miguel, os painéis e suportes apresentam de modo geral textura fina e são mais ou menos homogêneas. Quase todos os painéis foram pintados em paredes pequenas e médias nos negativos dos desplaquetamentos. Esta característica deu a alguns dos suportes superfícies mormente lisas e, mesmo a porosidade e textura variando nos suportes, lhes conferiu certa homogeneidade.

No sítio Mendes 1 foram realizados calques em plástico somente no painel 8, em função deste estar localizado na porção central do sítio, relativamente preservado, possuir maior quantidade de sobreposições e por seu acesso facilitar o posicionamento frente a ele. Foram delimitados 11 painéis em todo o sítio. Alguns deles não puderam ser calcados digitalmente em função de seu estado de preservação, mas vestígios de tinta e traços que pudessem indicar pátinas, cores, traços sobreposições foram calcados na possibilidade de serem comparados e associados a outros grafismos completos em painéis mais preservados.

Ao todo foram identificadas 87 figuras, traços e manchas que representam 15% do total de 582 figuras analisadas no estudo. De modo geral todos os setores e painéis foram ocupados, alguns mais intensamente, e outros receberam somente uma figuração. Caminhando em linha reta e paralelamente ao piso do abrigo percebesse que poucos são os espaços que não receberam grafismos. Os painéis que foram mais intensamente pintados são os painéis 1 e 8, o primeiro localizado a norte do afloramento e o segundo na porção central, ambos suportes com as maiores dimensões em todo o sítio. Foram identificados instrumentos distintos na elaboração dos grafismos tais como pincel, crayon com diferentes espessuras, incisões e dedo, este último presente em maior frequência. As técnicas serão descritas e discutidas à medida que os painéis forem apresentados.

Os **painéis 1 e 2** (Figura 15) estão localizados em paredes de fácil acesso com diversas quebras e desplaquetamentos. Nesses painéis a 1,50m do piso do abrigo e 1,20m de largura x 4,10m de comprimento foram analisados 29 grafismos. Cervídeos, antropomorfos, peixes, “riscos em crayon”, alinhamento de bastonestes, incisões e outros zoomorfos compõem o painel.

O painel 1 certamente recebeu outros grafismos, mas que se encontram muito desbotados e desvanecidos, o que impossibilitou o seu registo por completo. Os cervídeos

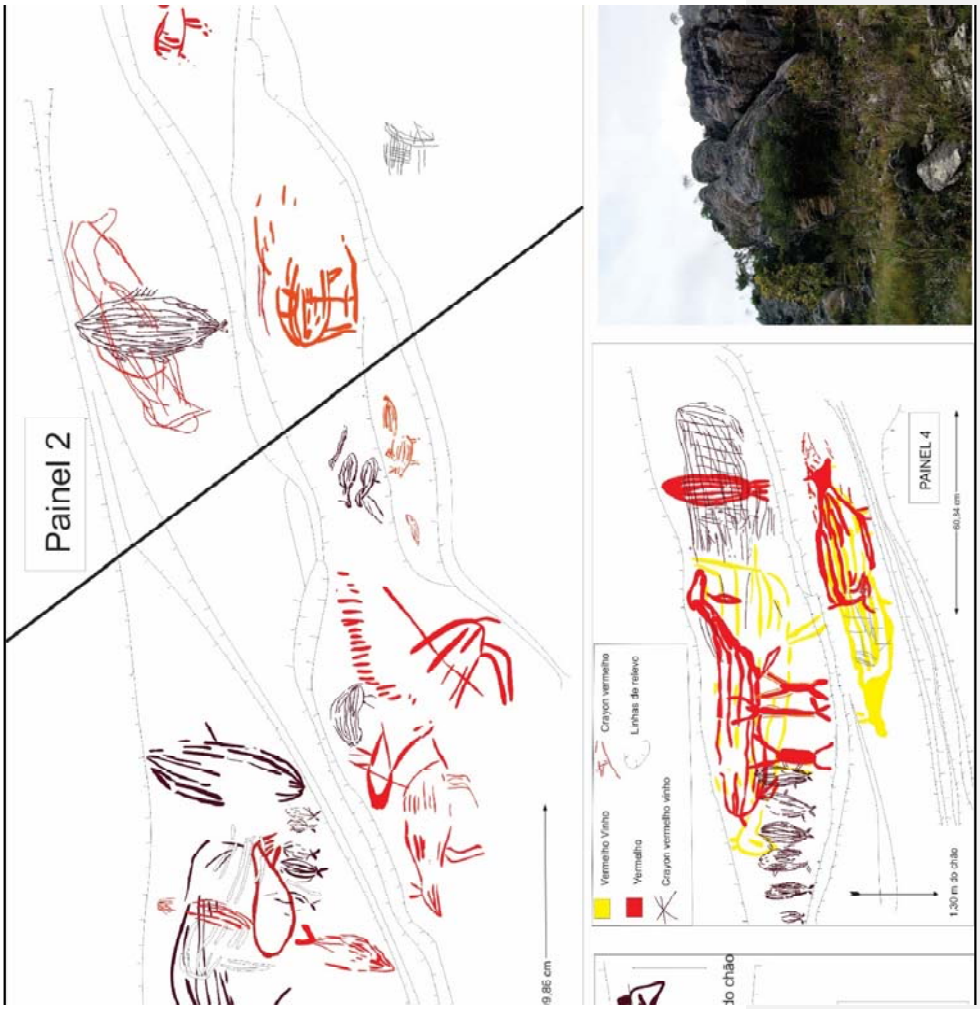
deste painel foram realizados por meio de duas técnicas distintas: o pincel, com diferentes espessuras, e a aplicação de tinta diretamente com o dedo. Em um deles não foi possível notar a cor utilizada pois a tinta descamou. As espessuras dos traços são bastante regulares. O preenchimento interno a eles é constituído por traços mais ou menos paralelos ao dorso, os quais se estendem até o quarto dianteiro da figura que, por sua vez, encontra-se ilegível. No primeiro momento, no cervídeo em cor vermelho vinho, as patas receberam dois traços para representar as coxas. Ao contrário deste, no cervídeo que o sobrepõe, apenas um único traço pouco curvo foi desenhado na representação das pernas.

Nos outros dois cervídeos localizados mais abaixo, não foi possível identificar com clareza as técnicas de elaboração. A tinta fixada no suporte é pouco homogênea, apresenta concentrações em determinados pontos e, aparentemente, não se consolidou no suporte que possui descamações e textura áspera. A impressão que se tem é que foram feitas por pigmento seco, embora as espessuras variem em toda figura. Exceto pela diferença na técnica, estes cervídeos também apresentam traços paralelos ao dorso perpassando até a cabeça, as patas são curvas e o menor deles possui traços indicando as coxas e orelhas. Próximo a eles, há um alinhamento de bastonetes feito a dedo com 1cm de espessura média.

Os grafismos que predominam no painel 1 são os peixes, concentrados próximos aos cervídeos descritos acima. Embora todos eles apresentem preenchimentos por traços paralelos com certa simetria, o que os diferencia são as técnicas; presença ou ausência de partes anatômicas, tamanhos, formas e irregularidade na espessura dos traços. Foi utilizado majoritariamente o pincel, havendo um em crayon e outro a dedo. O maior deles, com 44cm, possui traços com espessuras de até 1,33cm. O peixeelaborado em crayon apresenta traços de até 0,16cm de espessura bastante regulares, há barbatanas e cauda.

O tema “outros zoomorfos” aparece 9 vezes no total nos painéis 1 e 2 e estão localizados na porção central e a direita do painel, sendo somente um deles, feito em crayon. Aqueles localizados na parte central do painel 1 foram feitos a partir de pincel (3) e dedos (2), estes últimos localizados logo abaixo. Assim como as outras figurações feitas por pincel, os zoomorfos também apresentam espessuras irregulares e possuem aspecto desbotado. Na porção direita do painel 2, destacam-se dois zoomorfos, um deles com traços regulares, paralelos ao dorso e outro com traços verticais. Próximo a eles encontra-se um cervídeo feito a dedo com traços paralelos mais ou menos regulares preenchendo seu corpo. Este cervídeo é sobreposto por um antropomorfo com as mesmas cores, braços curvos, com membro fálico e corpo sobrepondo-o. Aparentemente um traço longo no limite do painel (no negativo de desplaquetamento) foi pintado próximo à perna do cervídeo.

Figura 15:Painel



O uso dos termos “incisões” e “riscos em crayon” foram empregados no contexto deste sítio (e em outros, conforme serão apresentados mais adiante) pois em alguns de seus painéis pôde-se notar apropriações um tanto distintas relativas à técnica e ao que foi pintado. Nos painéis 1 e 2, por exemplo, alguns de grafismos com temas já conhecidos, como o peixe e os zoomorfos, são sobrepostos em outros momentos por traços que variam entre paralelos e alguns aparentemente aleatórios ou anárquicos. Estes aparecem também isolados e não associados a qualquer outro tema. No painel 1 há traçosem crayon vermelho vinho isolados na porção mais à direita, com espessuras e cores idênticas às dos grafismos realizados com esta técnica. No painel 2 os riscos em crayon em cor avermelhada aparecem sobrepostos ao peixe e a outra figura não identificada. Na parte mais inferior do painel 2, próximo a manchas de tinta muito patinadas, foram realizadas incisões pouco profundas com instrumento muito fino, composto por traços paralelos, verticais e anárquicosque possuem o formato de uma “grade”.

O **painel 3,** assim como os painéis descritos anteriormente, é de fácil acesso e está localizado em parede restrita. Este painel possui apenas uma única figuração, a de um cervídeo de 27cm elaborado em pincel. O corpo é preenchido por traçosde espessuras irregulares (de 0,13cm a 0,50) cm até o quarto traseiro do animal, quando é infletido. Sobrepõem-se a este cervídeo, incisões pouco profundas com traços irregulares, paralelos e anárquicos feitas por instrumento muito fino.

O **painel 4**é composto por 19 figuras, entre elas cervídeos, antropomorfos, peixes, contornos, riscos em crayon e incisões, pintados em suporte de 1,70m de comprimento a 1,30 do piso do abrigo. Na porção superior, o primeiro cervídeo grafado em amarelo possui 90,5 cm, traços que saem do quarto traseiro (mais volumoso) e seguem retilíneos até o pescoço. As patas foram desenhadas a partir de traços únicos e retilíneos. Foram delineados ainda orelhas com traços diminutos. O cervídeo em vermelho sobreposto a este possui 75 cm, seu preenchimento foi feito por traços paralelos em todo o corpo, com exceção da cabeça. Foram desenhadas patas com traços únicos e flexionados. Possivelmente, pelo mesmo autor deste cervídeo, foram pintados três antropomorfos esquemáticos elaborados a dedo, o central com indicação do falo.

Logo abaixo dos cervídeos descritos acima, outro cervídeo foi pintado em vermelho, este possui 43 cm, traços paralelos ao dorso e cabeça completamente preenchida. As patas dianteiras não são proporcionais ao tamanho geral da figura, que terminam no limite do painel. É possível que o limite do painel tenha sido considerado pelo autor ao deparar com a superfície restrita. Este cervídeo sobrepõe um quadrupede (80cm) em amarelo com as mesmas características, contudo, a proporcionalidade do corpo destoa em relação às patas.

No painel 4, foram representados 7 peixes, sendo que 6 deles aparecem perfilados e realizados por crayon que sobrepõem os dois cervídeos da porção superior. O preenchimento interno é composto por diversos traços paralelos que convergem nas extremidades. Foram representadas caudas e barbatanas. O segundo peixe, elaborado a dedo, localizado mais à direita da porção superior, possui internamente traços longos paralelos, sua calda é constituída por traços retilíneos menores com espessura média de 1,23cm. Neste painel os "traços em crayon" sobrepõem o peixe isolado e parcialmente o cervídeo localizados na porção superior. Os traços foram alinhados paralelamente na vertical e na horizontal, há também traços descontínuos curvos e anárquicos, o que dá à figura o aspecto geral de uma grade. Dois dos antropomorfos no painel 4 receberam "contornos" em crayon de cor alaranjada em suas extremidades. A porção inferior do painel recebeu incisões com instrumento fino sobre o cervídeo e o antropomorfo. Foram feitos traços paralelos na vertical, horizontais e curvos, todos sem forma aparente reconhecível.

O **painel 5**(Figura 16) está localizado porção central do abrigo, próximo ao painel 8 também de fácil acesso. Este painel é composto por um peixe e dois zoomorfos, todos feitos a dedo. Há muitas manchas e tintas escorridas, indicando que houve outras figuras, mas que não resistiram ao intemperismo. O zoomorfo na porção inferior possui preenchimento por traços paralelos de espessura média de 0,83cm. A representação de uma das pernas possui traços que representam a coxa, além de pés com traços divergentes. O peixe foi elaborado por traços paralelos curvos e verticais que convergem até a extremidade. O zoomorfo à esquerda do peixe possui corpo chapado e traços indicando as orelhas. Em função de seu estado de conservação, não foi possível identificar a figura por completo.

O **painel 7**, também na porção central do abrigo, localiza-se em parede ampla a aproximadamente 4 metros do chão. É possível acessá-lo a partir da diáclase próxima ao painel ou pelos negativos dos desplaquetamentos que oferecem apoio. Foram identificadas 8 figuras; 1 antropomorfo, 4 peixes, 1 ave e 2 outros zoomorfos. Na parte inferior, onde o intemperismo e descamações permitiram uma boa qualidade à rocha, num pequeno suporte de 36cm, foram desenhados dois peixes e um antropomorfo. O primeiro deles feito a dedo, possui traços verticais que se sobrepõem e dão maior volume aos contornos. Há indicações de barbatanas e nadadeiras. O peixe que se sobrepõe a ele foi elaborado em crayon. Nota-se que inicialmente foram delimitados os contornos do animal e que posteriormente foi preenchimento por traços paralelos pouco curvos que convergem até a cauda. Dois traços no seu dorso foram desenhados. Sob o peixe em crayon há um antropomorfo filiforme com indicações de pernas e braços. Acima deles foram pintados 2 zoomorfos, um de 15 cm feito a

dedo com traços paralelos ao dorso, pernas retilíneas e indicação de patas, e outro em crayon com 25cm de comprimento. Este último preenchido por traços curvos e paralelos que convergem no quarto traseiro e na cabeça, além disso, aparentemente os limites do corpo foram delimitados antes de seu preenchimento. As pernas são traços únicos e quase retilíneos.

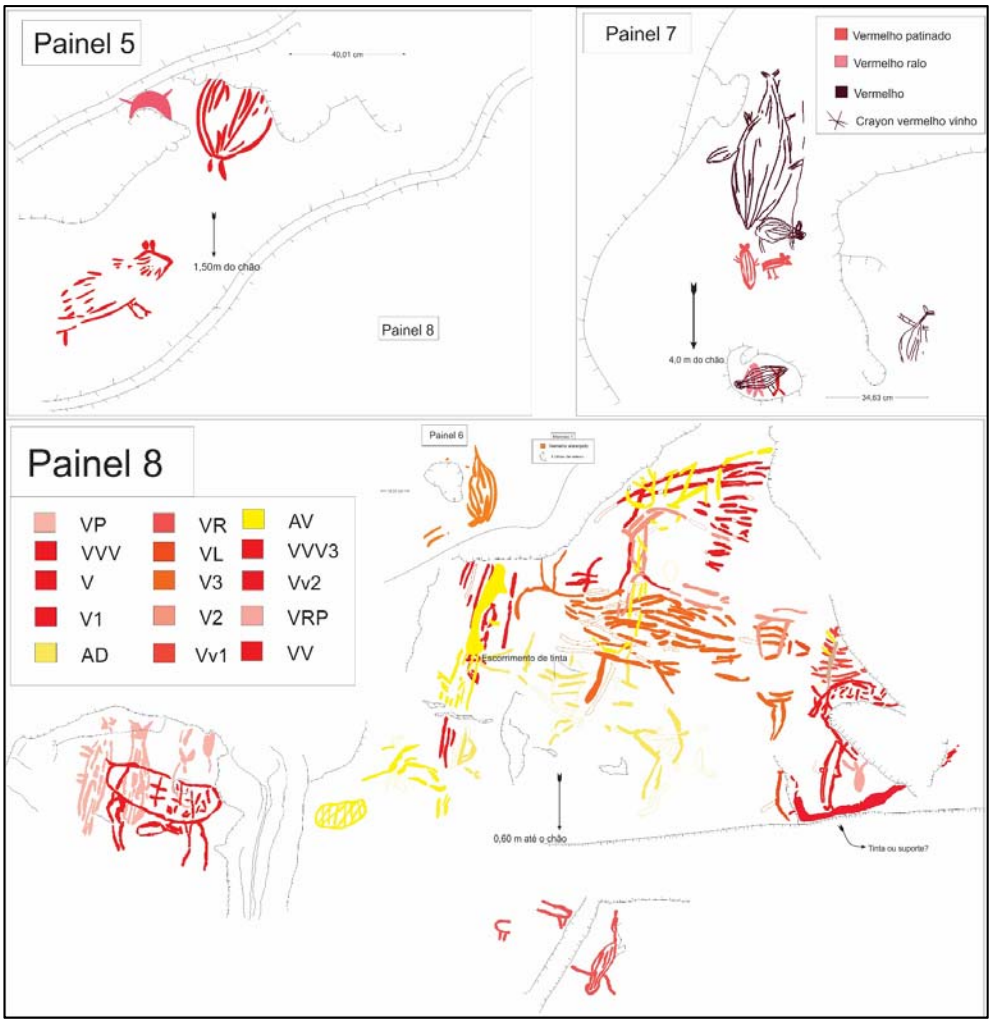


Figura 16: Painel 5, 6, 7 e 8, sítio Mendes 1.

Próximo ao zoomorfo flechado há um peixe de 76cm em crayon, elaborado da mesma maneira que o os descritos anteriormente com esta técnica. Apresenta cauda, barbatanas em ambos lados. O peixe abaixo deste, de aproximadamente de 22cm, foi elaborado a dedo, a partir de traços paralelos e retilíneos, há indicações de cauda circular e barbatanas elaboradas por traços únicos. Mais à direita na porção inferior uma ave foi desenhada em crayon, com as

mesmas características daqueles elaborados nesta técnica. As asas são constituídas por dois traços paralelos e preenchidos por traços verticais ao eixo principal.

O **painel 8** é composto por 15 figuras, divididas entre 5 cervideos, um antropomorfo, três peixes, dois alinhamentos de geométricos longos, três outros zoomorfos e uma grade. Apesar deste ser o painel em que a maior quantidade de informações de figuras sobrepostas pudesse ser obtida, o calque realizado no sítio identificou em sua maioria figuras incompletas, traços, manchas e escorrimento de tinta. A intensidade dos desplaquetamentos fez com que um uma grande placa que continha figuras (painel 11) desabasse.

Na porção mais à esquerda, um pouco isolado do suporte centrale próximo ao chão, em uma parede restrita cujos limites são os desplaquetamentos, foi pintado umcervídeo sobrepondo-se a três peixes de tamanhos variados. Estes últimos apresentam traços paralelos ao dorso, indicações de nadadeiras e barbatanas feitas por dois traços paralelos verticais ao dorso. O cervídeofoi preenchido por traços verticais e horizontais ao dorso que, em algumas partes, se sobrepõem. As pernas estão levemente flexionadas e em duas delas há indicações da coxa. Os cervídeos estão concentrados no suporte central em meio a diversos traços cujas figurase as respectivas relações de sobreposição encontram-se ilegíveis. O cervídeo em amarelo (AD na figura 16), no centro do suporte, possui 75cm, com preenchimento por traços paralelos ao dorso que se estendem até o pescoço; as pernas da frente são traços únicos e flexionados. Acima deste, vê-se um outro cervídeo em vermelho (V3) de 89cm de comprimento preenchido por muitos traços paralelos. Próximo a este, outro cervídeo muito apagado apresenta os contornos que delimitam seu corpo e alguns traços paralelos ao dorso, rabo e pernas elaboradas por traços únicos e flexionados.

Os alinhamentos de traços longos feitos a dedo estão localizados na porção direita superior e inferior do painel, em cores vermelha e amarela, respectivamente. O primeiro, apesar de estar pouco visível e muito patinado, possui até 25cm de comprimento. Abaixo deste, o alinhamento em amarelo possui até 20 cm de comprimento. Ao lado há um zoomorfo com traços curvoscomo preenchimento que seguem até o quarto traseiro. Outros 2 zooomorfos estão localizados na parte inferior do painel, próximo ao chão. Não foi possível identificar morfologias completas em função do desgaste, apenas quartos traseiros e patas feitas por traços únicos e retilíneos. É nesta porção inferior que foi pintado o único antropomorfo identificado, com 30cm de comprimento e preenchido por traços mais ou menos retilíneos paralelos ao corpo e braços divergentes.

O **painel 6** é composto por apenas uma figura zoomorfa que foi desenhada no negativo de um desplaquetamento. É possível que a figura seja uma ave pela composição geral dos

traços, no entanto, aqui foi entendida como zoomorfo genericamente, em função da difícil atribuição temática. Nela é possível notar poucos traços paralelos e curvos que convergem nas extremidades.

O **painel 9** (Figura 17) está localizado em uma parede de fácil acesso na extremidade sudeste do sítio, no término da área abrigada. O painel possui 1,45 m de cumprimento por 70cm de altura, próximo ao chão (0,6m). Compõem o painel dois cervídeos, dois peixes e duas aves. No primeiro cervídeo grafado aparentemente não foram desenhadas as patas ou estas se apagaram. Seu corpo é preenchido por traços verticais paralelos e longitudinais em relação ao dorso, alguns deles se sobrepõem. Posteriormente, a pintura foi sobreposta por uma ave preenchida por traços paralelos ao dorso. A cabeça é preenchida por traços únicos e verticais. Da mesma maneira, as asas foram feitas por dois traços paralelos sobrepostas por outros transversais a seu eixo. Sobrepondo-se à ave e ao cervídeo, foi desenhado outro cervídeo em crayon. Possivelmente, foram delimitados os contornos da cabeça e do pescoço e acrescentados traços verticais paralelos e horizontais sem sentido majoritário. Logo acima, dois peixes em crayon foram desenhados. Estes apresentam traços paralelos pouco circulares que convergem nas extremidades. Em um deles, à direita, há indicações das barbatanas que foram delineadas e preenchidas por diversos traços diminutos. A 60cm dos grafismos descritos acima foi pintada uma ave de preenchida por traços paralelos ao dorso que convergem nas extremidades. A asa foi elaborada por apenas um traço como eixo de onde despontam traços verticais.

O **painel 10** está localizado a 6,15m do chão do abrigo em sua porção central. Para acessá-lo é preciso subir por uma diaclase que separou parte do abrigo. Neste painel, uma parede de 1,17m por 0,17m, foram pintados dois cervídeos por pincel. Nota-se que o uso do pincel não conferiu aos traços regularidade na espessura, que varia em ambos os cervídeos. Em alguns pontos, sobretudo nas extremidades dos traços, a espessura torna-se mais fina. O cervídeo maior, de 65cm de comprimento, é preenchido por poucos traços descontínuos em sequência, paralelos ao dorso, que juntos formam um longo traço. O segundo cervídeo está disposto no interior do dorso do cerídeo maior, não possui pernas e apresenta apenas os contornos e preenchimento por traços irregulares paralelos ao dorso.

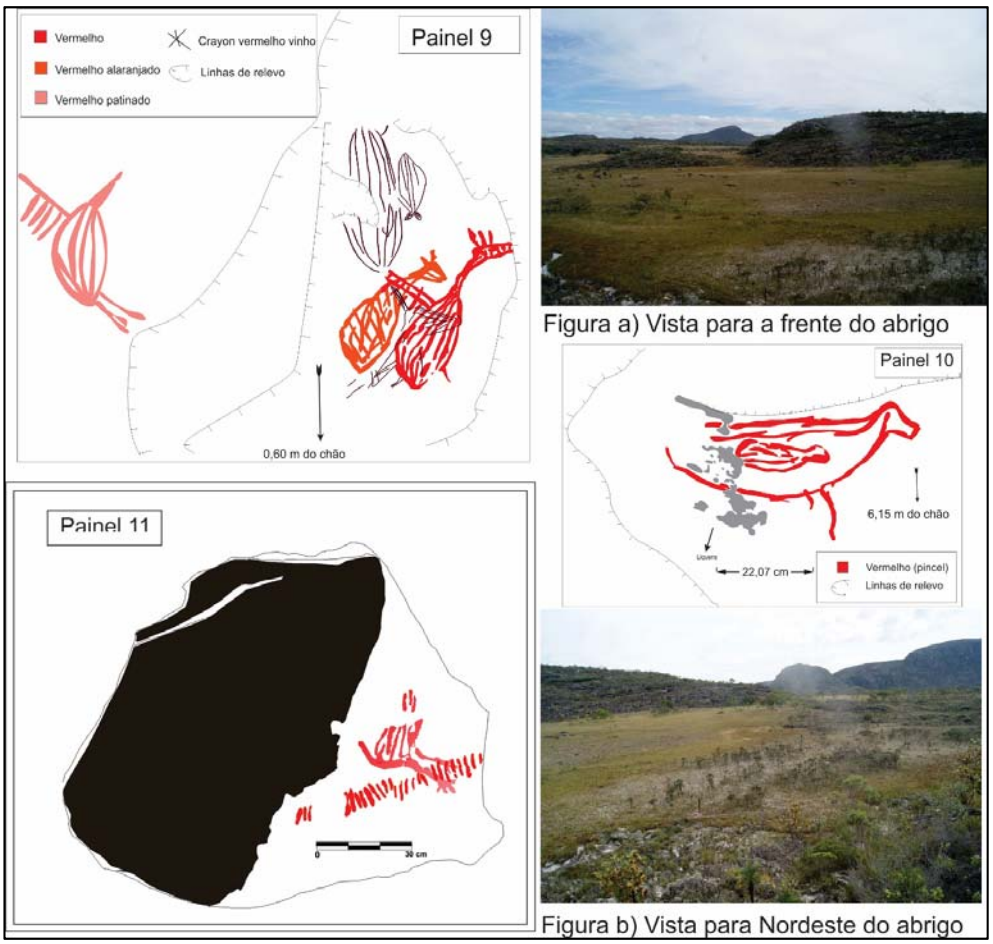


Figura 17:Painel 9, 10 e 11, sítio Mendes 1.

O **painel 11** está localizado na porção central do sítio, próximo ao painel 8. Trata-se de uma placa que caiu no piso do abrigo e fazia parte do painel 8. No ano de 2010, em uma campanha pelo LAEP, foi possível registrar as figuras da placa que se encontram viradas para o chão. Na placa de aproximadamente 1,30m x 1,10 foi possível identificar uma ave e alinhamentos de bastonestes. Não foi possível determinar todos os elementos que formam a ave, contudo, a composição geral, assim como daquelas descritas acima, são bastante semelhantes, a exceção das pernas que possuem indicações dos pés. O alinhamento de bastonetes (totalizando 23 traços) se sobrepõe à ave.

5.1.1.1. Cronoestilística do sítio Mendes 1

O sítio Mendes 1 demonstrou-se bastante rico em informações cronológicas e estilísticas, a despeito de uma parte significativa dos painéis estarem muito patinada e com escorrimentos de água, o que deixou muitas das figuras irreconhecíveis e o estabelecimento de relações cronológicas dificultoso. Organizando os eventos de sobreposição e os estilos identificados no sítio foi possível identificar conjuntos estilísticos distintos no sítio (Figura 18). As diferenças entre temas, cores, técnica de realização, localização e tamanho das figuras foram utilizadas para a sistematização. A tabela abaixo indica a quantidade de temas por painéis:

Tabela 3: Quantidade de temas por painel do sítio Mendes 1

Painel	Cervídeos	Antropomorfos	Peixes	Aves	"Riscos em crayon"	Alinhamento de bastonetes	Alinhamento de geométricos longos	Outros zoomorfos	Incisões	Contornos	Grades	Total
1	4	0	9	0	2	1	0	7	0	0	0	22
2	1	1	1	0	1	0	0	2	1	0	0	7
3	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2
4	3	3	7	0	2	0	0	1	1	2	0	19
5	0	0	1	0	0	0	0	2	0	0	0	3
6	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
7	0	1	4	1	0	0	0	2	0	0	0	8
8	5	1	3	0	0	0	2	3	0	0	1	15
9	2	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0	6
10	2		0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
11	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	2
Total dos temas	**19**	**6**	**27**	**4**	**4**	**2**	**2**	**17**	**3**	**2**	**1**	**87**
% do total	**21,8**	**6,9**	**31,0**	**4,6**	**4,6**	**2,3**	**2,3**	**19,5**	**3,4**	**2,3**	**1,1**	**100,0**

Fonte: o autor

O**Conjunto estilístico Mendes 1 (M1)** inaugurou o sítio e é caracterizado por apenas duas figuras de cervídeos em cor amarela e vermelha. Ao longo do sítio, poucas figuras foram pintadas, sendo apenas em suportes mais restritos, mas com alta visibilidade painéis e um deles de difícil acesso (painel 10). O processo de elaboração das figuras deste momento possui uma certa consistência no que se refere aos traços, sendo necessários poucos traços

para a realização da figura. Além dissoos cervídeos receberam pouco ou nenhum detalhe anatômico, como coxas e patas. As duas figuras deste conjunto no sítio apresentam 63cm e 80cm de comprimento.

O**Conjunto estilístico Mendes 2** (**M2**) é caracterizado pela presença de cervídeos, "outros zoomorfos", aves, peixes, antropomorfos, alinhamento de bastonetes e aves. Este conjunto caracteriza-se por diferentes técnicas na realização dos grafismos, sendo utilizado pincel e dedo. As figuras ocorrem sobrepondo-se ao conjunto anterior e a figuras do mesmo conjunto. Além disso, suportes com características distintas foram escolhidos para receber pinturas -suportes de maior destaque no sítio (visibilidade), restritos e de menor visibilidade. Os cervídeos, bem como os outros zoomorfos, receberam tratamentos estilísticos variados, conferindo, sobretudo, fluidez[52] aos traços. A representação de detalhes anatômicos também é fluida, apresentando-se de modo diverso em diferentes partes do corpo. Os tamanhos e formas - incluindo o volume do corpo - dos temas zoomorfos variam, mas mantêm proporcionalidade.

O **conjunto estilístico Mendes 3 (M3)** é caracterizado pela presença de cervídeos, peixes e "outros zoomorfos" feitos em crayon e pincel, o primeiro com traços de espessuras muito regulares, já o segundo, a espessura oscila ao longo dos traços. Os peixes, sobretudo, receberam tratamentos estilísticos variados, em tamanho, forma e na cor da tinta (vermelho, vermelho vinho, crayon vermelho e crayon vermelho vinho). Todos os peixes foram feitos por crayon. Neste conjunto, as figuras procuraram se sobrepor às demais, mas também houve escolhas por painéis que não tinham sido ocupados. Embora haja semelhanças entre este conjunto com o conjunto M2, este aparece sempre se sobrepondo a eles e as técnicas de realização são distintas: neste somente o crayon e pincel são utilizados.

O **4º conjunto estilístico(M4)** sobrepõe-se a todos momentos descritos acima. Nota-se que parte significativa das figuras nos painéis foi "rabiscada". Sobre a técnica utilizadaneste conjunto, exclusivamente o crayon, poderia ser levantada a hipótese de que fazem parte do terceiro conjunto por apresentarem semelhanças, ou que foram feitas por visitantes recentes. O argumento que reforça o contrário é a presença do 4º conjunto sobrepondo figuras do 3º conjunto. Além disso a apropriação do painel se deu de maneira diferente, na medida em que os "riscos" em crayon aparentemente não possuem formas animais ou de outros temas conhecidos no sítio. Há apenas traços paralelos e verticais que aparentam formar grades e o caso de um antropomorfo associado a um cervídeo (painel 4) em que os traços do crayon

[52] Tomo aqui emprestado o termo "fluidez" que fora utilizado anteriormente nas publicações de Linke e Isnardis para referir a determinado modo de se pintar em Diamantina (MG).

parecem “contornar” os limites do antropomorfo. Outras técnicas também foram utilizadas como as incisões feitas com instrumentos muito finos, sobrepondo-se a algumas figuras. Nas atividades de campo realizadas nos sítios regionais pudemos notar que os visitantes de nossa época comumente utilizam fragmentos de hematita (crayon?) e carvão em suas inscrições. Fazem parte do repertório temático destes visitantes frases, nomes e datas que, a priori, indicam intencionalidades distintas entre estes e os autores pré-coloniais.

Os autores dos segundo e terceiro conjuntos estilísticos ocuparam mais intensamente os suportes do sítio Mendes 1, expandindo o repertório temático e suportes (paredes) ocupados, que, além cervídeos, passam a receber quadrúpedes variados, aves, peixes, figuras geométricas e grades, em suportes com diferentes atributos, como acesso e visibilidade. A diversidade estilística e temática, os elementos que compõem os corpos dão unicidade aos grafismos entre estes conjuntos, ocorrendo sobreposições dentro de um mesmo conjunto e inaugurando novos painéis. A variabilidade estilística é grande, sendo possível identificar uma diversidade de elementos que compõem e preenchem cada um dos grafismos. Alguma das figuras identificadas nos painéis em função de sua temática e tintas utilizadas, a exemplo dos geométricos no painel 8, não foram atribuídas a elas um conjunto cronoestilístico. Estas figuras serão discutidas no capítulo posterior.

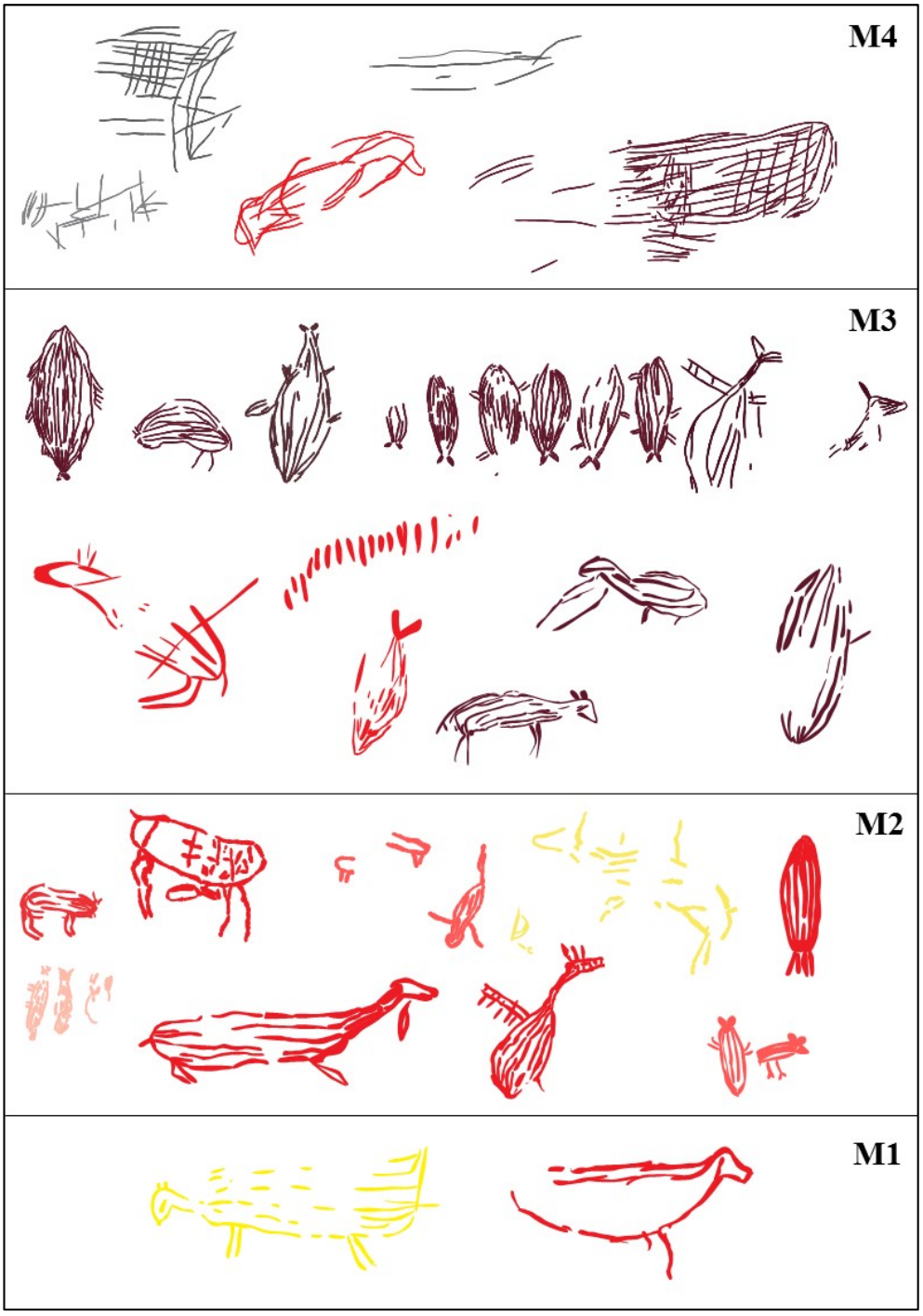


Figura 18: Conjuntos cronoestilísticos do sítio Mendes 1.

5.1.2 SÍTIO MENDES 2

O sítio Mendes 2 está localizado a 300 metros a sudoeste do Mendes 1, no afloramento rochoso a frente deste sítio. O acesso ao sítio se dá por meio de um campo e os painéis por uma rampa pequena e inclinada, com muitos blocos. Implantado no terço inferior do afloramento, o sítio tem sua visibilidade do entorno um pouco comprometida, exceto a nordeste. O campo em frente ao abrigo é bastante restrito pois há um pequeno afloramento rochoso a 50 metros. O abrigo possui 26 metros de comprimento e altura média de 2,70m, que diminui à medida que adentramos no abrigo e em suas extremidades. A profundidade do abrigo varia nos seus limites, chegando a até 9 metros na porção central.

O piso do abrigo é predominantemente rochoso e a presença de sedimento está concentrada em sua porção mais a sul, sentido para onde são carreados os materiais em superfície e na entrada central do abrigo. Em todo sítio há plaquetas no piso associados a sedimentos pouco espessos, além de blocos abatidos próximos à cornija. Intervenções recentes modificaram as dinâmicas internas do abrigo com a construção de um fogão de pedras (Figura 19) e um muro que se entende da porção central para norte, local de maior elevação no sítio. A utilização deste sítio porcoletores de sempre viva, caçadores e por garimpeiros contribuiu para que os suportes ganhassem uma camada espessa de fuligem no teto na porção central do abrigo.

A abertura do abrigo para leste, em função de sua morfologia e da presença da cornija, permitiu que a água de chuva atuasse intensamente escorrendo minerais, oxidando a rocha e dando espaço para que fungos e liquens tomassem conta de parte significativa dos suportes. No período da manhã, a iluminação do abrigo é parcial e muitas zonas são pouco iluminadas; em outras, a luz não atinge os suportes. No período da tarde os suportes são ainda menos visíveis. De modo geral, há poucos suportes disponíveis no interior do abrigo e parte significativa está coberta por sujidades e liquens de coloração cinza e preto e aspecto rugoso.

As escavações realizadas pelo LAEP no sítio Mendes 2 puderam identificar segundo Fagundes & Tameirão (2013) artefatos líticos unifaciais produzidos sobre plaquetas e lascas, sendo a façonagem e retoque utilizados para os artefatos em plaqueta. Já os instrumentos realizados sob lasca a sequência debitagem-façonagem-retoque são ainda mais presentes. Em um dos conjuntos analisados, a técnica predominantemente utilizada foi a percussão direta dura, outras lascas em menor quantidade indicam o uso de percussão macia. Diferentemente dos estudos anteriores para a indústria lítica recente, neste sítio houve produção de artefatos

plano-convexos sobre lascas em que foram utilizados suportes largos com modificação do volume pela façonagem.

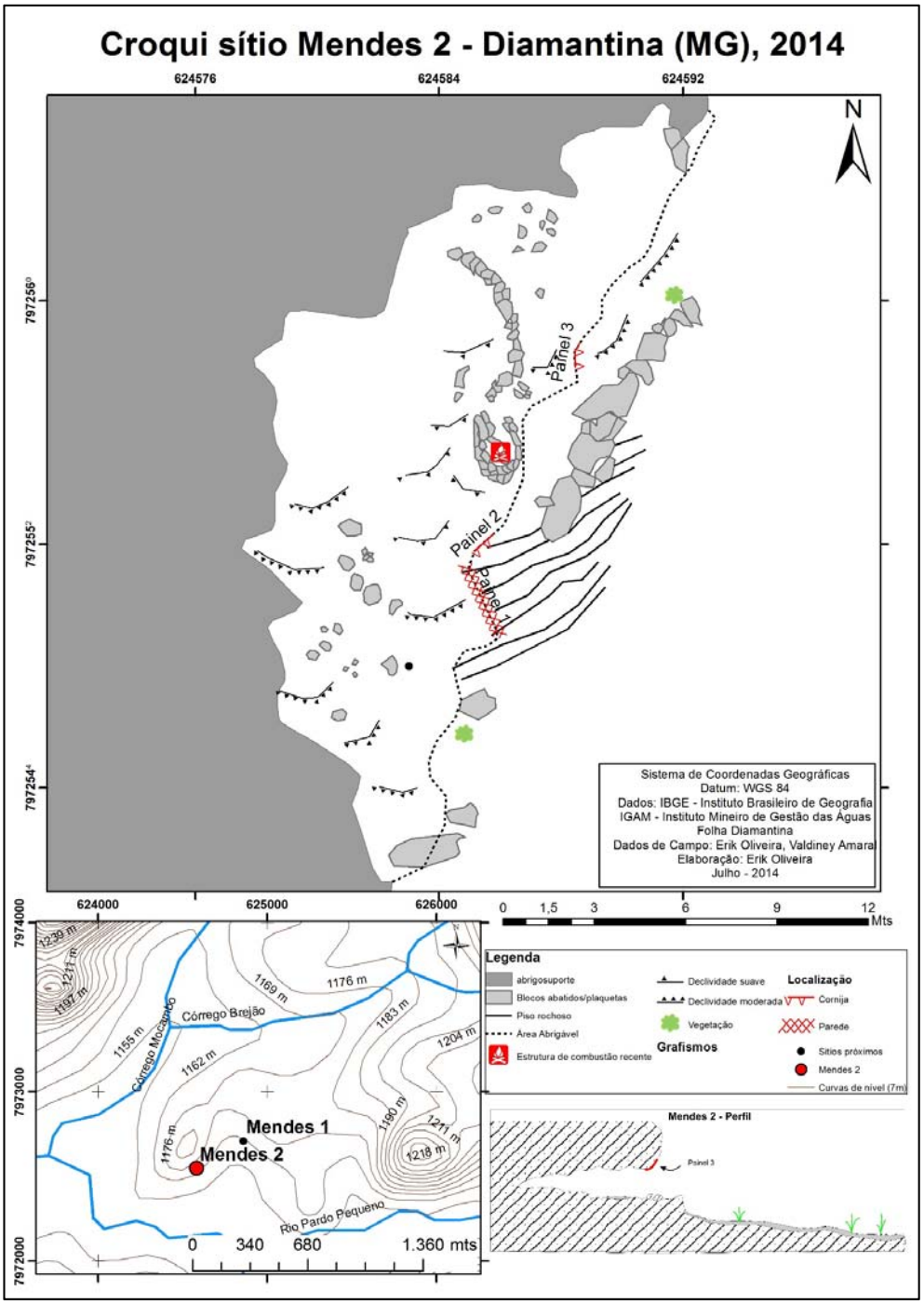


Figura 19: Croqui sítio arqueológico Mendes 2.

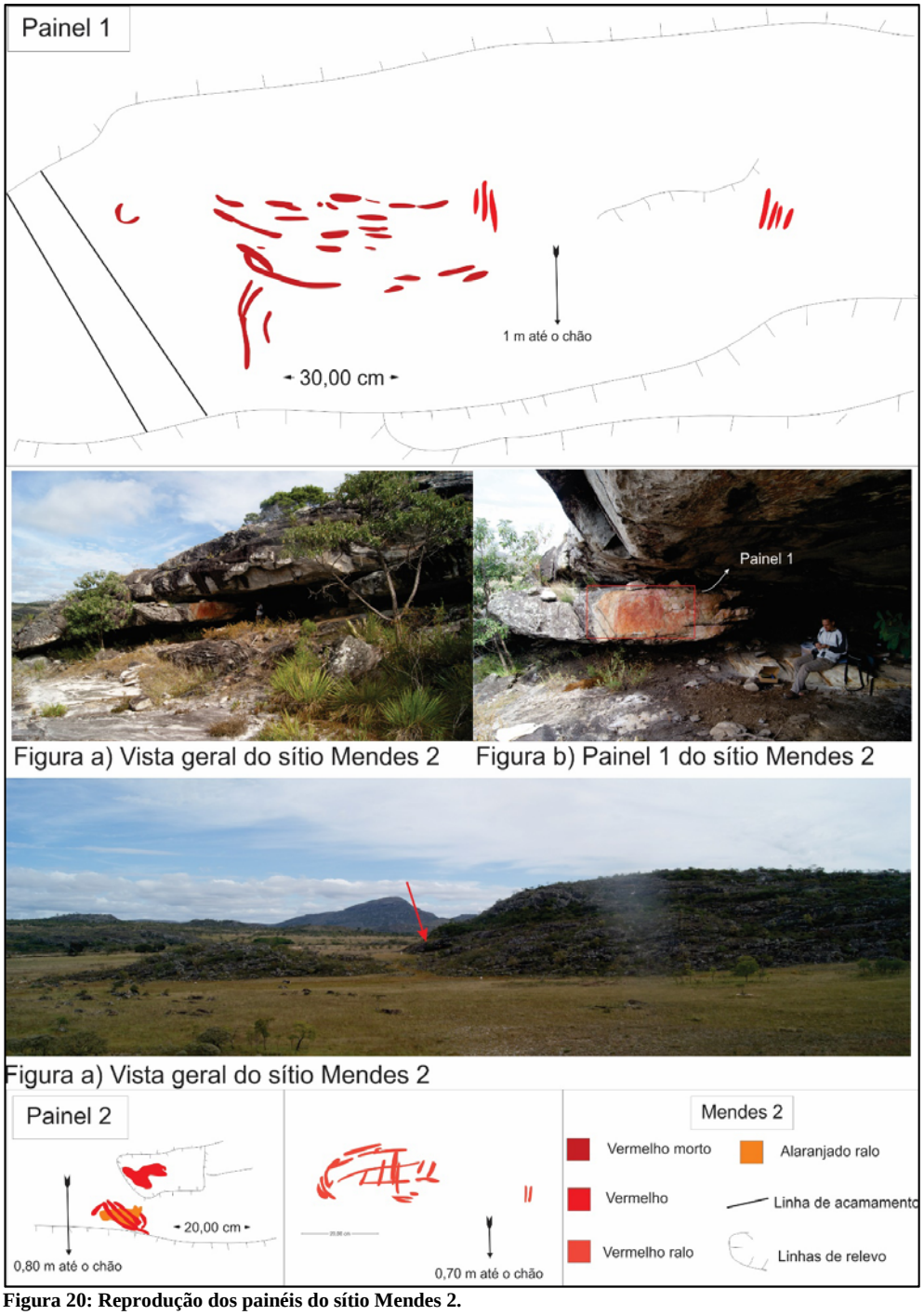


Figura 20: Reprodução dos painéis do sítio Mendes 2.

No registro dos grafismos no sítio Mendes 2 foram identificadas apenas três figuras completas, além de outras duas incompletas e manchas. O estado de conservação das pinturas em todo o sítio é ruim devido à exposição quase integral à chuva e ao escorrimento d'água nos painéis. Foram identificados três painéis e o maior deles (espelho) recebeu mais grafismos, mas estes encontram-se ilegíveis. Neste painel, de 2,50m de comprimento por 0,87m de largura a 1,0m do piso, foi identificado um cervídeo incompleto de aproximadamente 1,0 m com traços paralelos ao dorso. Há indicações de coxas e uma das pernas. Há ainda 2 alinhamentos de bastonetes, um próximo ao cervídeo e outro na porção mais à esquerda (Figura 20).

Os **painéis 2 e 3** localizam-se na cornija do abrigo, com espaços restritos e irregularidades em seu relevo. Nestes painéis não foram identificadas figuras completas. Aparentemente um cervídeo ou zoomorfo preenchido com traços horizontais e verticais (painel 3) e o outro zoomorfo no painel 2. As peculiaridades que o sítio possui, tais como a pouca disponibilidade de suportes amplos, zonas que recebem pouca luminosidade, suporte com presença de liquens, escorrimento d'água, irregularidades com aspectos e textura rugosas são atributos que podem ter sido considerados por aqueles que estiveram no abrigo, justificando a baixa incidência de figuras em todo o sítio.

O sítio Mendes 2, assim como diversos outros que serão descritos nas páginas seguintes, por possuírem poucos grafismos, pouca diversidade estilística e em eventos de sobreposição não serão realizadas análises cronoestilísticas como no sítio Mendes 1. Embora seja possível identificar diferenças estilísticas e cronológicas, a elaboração de um quadro para estes sítios pode ser frágil no sentido de que se apoia em uma amostra pequena e pouco representativa. A diversidade quantitativa de grafismos e em distintos suportes, como no sítio Mendes 1, pode desempenhar um auxílio nos sítios ao serem delineados possíveis conjuntos estilísticos.

5.1.3 LAPA DO CHUMBINHO

O sítio Lapa do Chumbinho está localizado próximo às margens do rio Pardo Pequeno, a 300 metros da sua margem direita. O acesso ao sítio é feito próximo às margens do rio e por caminhos diversos a partir dos afloramentos que circundam o vale. É possível acessá-lo a partir das extremidades norte e sul do afloramento, que oferece "vias" para o interior do campo, que é entreposto por dois afloramentos que distam entre si aproximadamente 135m. Apesar deste espaço restrito, aqueles que se aproximam pelas margens do afloramento têm

visão privilegiada do vale do rio Pardo Pequeno, das serras aonde estão localizados outros sítios (Serra do Taião, Contagem, Mendes).

Os suportes onde estão localizadas as pinturas somente são visíveis à medida que se aproxima do campo restrito à sua frente, deixando também a visibilidade do entorno do abrigo limitada, exceto a sul. A partir do sítio, a visibilidade do entorno a leste chega a até o afloramento oposto, a 135m, e da alta vertente da serra onde está localizado a Lapa do Peixe. A norte a visibilidade é de até 180m, porção mais elevada do relevo onde as serras se estreitam, tornando-se mais próximas (oblíquas). Somente a sul a visibilidade alça muitos quilômetros; vê-se os campos e serras por alguns quilômetros.

O relevo próximo ao sítio possui declividade suave de feição levemente convexa, há uma drenagem intermitente no centro do campo, sentido da deposição dos sedimentos. O afloramento possui aproximadamente 470m de extensão, dos quais 150m apresentam suportes ocupados. As formas de acesso aos painéis são heterogêneas, há diaclases e quebras no afloramento que permitiram a divisão do sítio a fim de sistematizá-lo em três setores; norte, central e sul.

O **setor norte** foi delimitado em função da diáclase que separa o pequeno abrigo do afloramento. Sua extensão é diminuta e possui apenas um teto amplo inclinado (1,78m x 1,58m). O acesso a este setor se dá pelo campo à sua frente, subindo uma rampa inclinada no sopé do afloramento formada por placas e blocos abatidos em seu piso, que deram ao relevo declividade moderada.

O **setor central** (Figura 23) está localizado no sopé do afloramento, a aproximadamente 25m do setor norte. Sua extensão é de 46m e seu acesso é feito pelo campo à sua frente. Neste setor, há diversos patamares que possivelmente foram utilizados para acessar os suportes mais altos. Seu piso é sedimentar e bastante regular, apresenta declividade suave, com plaquetas, blocos e rochas aflorando. Há um patamar próximo ao piso, na extremidade sul do afloramento, que dá acesso aos painéis localizados nesta porção. A vegetação está presente próxima ao limite da área abrigada (zona de pingueira), algumas delas de porte arbóreo, localizadas na porção norte. Os processos formativos dos suportes neste setor deram origens a espelhos restritos, paredes amplas e restritas, tetos amplos e restritos e cornijas dispersas em todo o sítio, em diferentes posições do afloramento.

O **setor sul** (Figura 21) está localizado no terço médio do afloramento a 10m do setor central. Sua extensão é de 9m e pode ser acessado pela extremidade norte e sul e pelo campo à sua frente. Neste último, é preciso subir uma rampa moderadamente inclinada formada por muitos blocos abatidos e plaquetas de dimensões variadas. Internamente ao abrigo, seu piso é

irregular e de declividades abruptas, com exceção da área próxima à parede do afloramento. Seu piso apresenta muitos blocos abatidos próximos ao limite do abrigo e em seu interior, que deixaram o espaço, a visibilidade do entorno e das figuras a partir do sítio bastante restritos. Os processos formativos no afloramento neste setor deram origens a paredes inclinadas, teto amplos inclinados e restritos, além de blocos abatidos com tetos e paredes restritas.

Neste sítio os calques em plástico foram realizados nos painéis 3 e 4, cada um deles com uma figura apenas, localizados no setor sul. As figuras calcadas a partir desta técnica foram escolhidas em função da preservação das figuras e de seus suportes, além de serem facilmente acessados, principal fator considerado no registro das pinturas no sítio Lapa do Chumbinho. Os outros painéis foram registrados por meio de descrições no sítio, realização de croquis, registrados por fotografias sistemáticas e posteriormente digitalizados em função de seus posicionamentos (acesso) e estado de conservação.

Foram delimitados no sítio 18 painéis em que foram calcadas 108 figuras, que representam 18 % do total de figuras analisadas nos 24 sítios estudados. Entre essas figuras, 83 apresentaram-se bem conservadas e puderam ser analisadas por completo. Os temas identificados foram cervídeos, antropomorfos, peixes, aves, “riscos em crayon”, alinhamento de bastonetes, alinhamentos de pontos, “outros zoomorfos”, incisões, escadas, círculos chapados e figuras não identificadas.

No setor sul, foram delimitados 4 painéis (Figura 22) que totalizam 16 figuras. **O painel 1** está localizado em um teto inclinado amplo, a 4,70m do piso. Seu acesso é difícil e exige escalada por uma parede inclinada na base. Nele foram identificados três cervídeos, um antropomorfo, cinco peixes e três outros zoomorfos sobrepostos, todos pintados a dedo. No primeiro momento de ocupação do painel, foi desenhado um cervídeo (vermelho patinado) que se encontra incompleto, mas que, aparentemente, possui grandes dimensões e preenchimentos por traços curvos e paralelos ao dorso. Posteriormente foram adicionados um cervídeo, dois peixes e um antropomorfo em vermelho claro, de 51cm, 20cm e 23cm respectivamente, com preenchimento por traços paralelos ao dorso, há indicações de joelhos, coxas, rabos e orelhas para o primeiro e barbatanas nos peixes. O Antropomorfo é esquematizado e possui indicações dos membros (formato de ‘X’). Sobrepõe-se a estes um zoomorfo (Amarelo pastoso) de 107cm, preenchido por muitos traços paralelos e longos e traços curtos transversais ao dorso. Há indicações de dedos (três traços), coxas e orelhas. Ao lado dele, foram pintados outros zoomorfos menores com o mesmo preenchimento e composição e proporções volumétricas. Sobrepondo-se aos zoomorfos foram desenhados um cervídeo (60cm) com contornos e preenchimento por traços curvilíneos e outros mais longos

geométricos (vermelho escuro). Somente os limites das patas e da cabeça foram desenhados por traços contínuos. Acima dele e do lado direito foram desenhados peixes com tamanhos distintos e preenchidos por traços paralelos, há indicações das barbatanas por traços duplos. Mais à direita, sobrepondo-se a um dos zoomorfos, foi pintado um peixe preenchido por traços paralelos que convergem nas extremidades. Neste há indicações apenas da barbatana caudal.

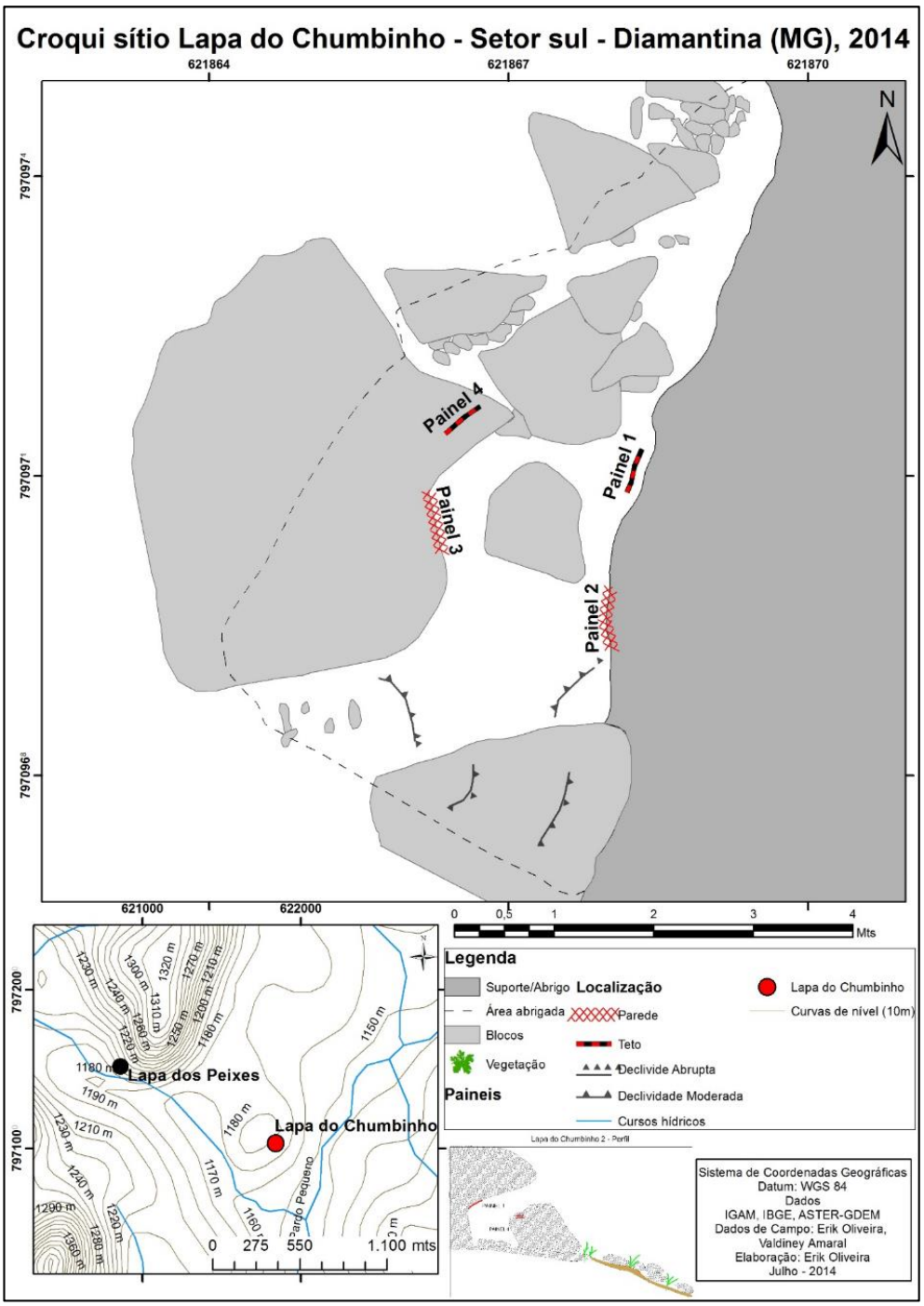


Figura 21: Croqui sítio Lapa do Chumbinho, setor sul.

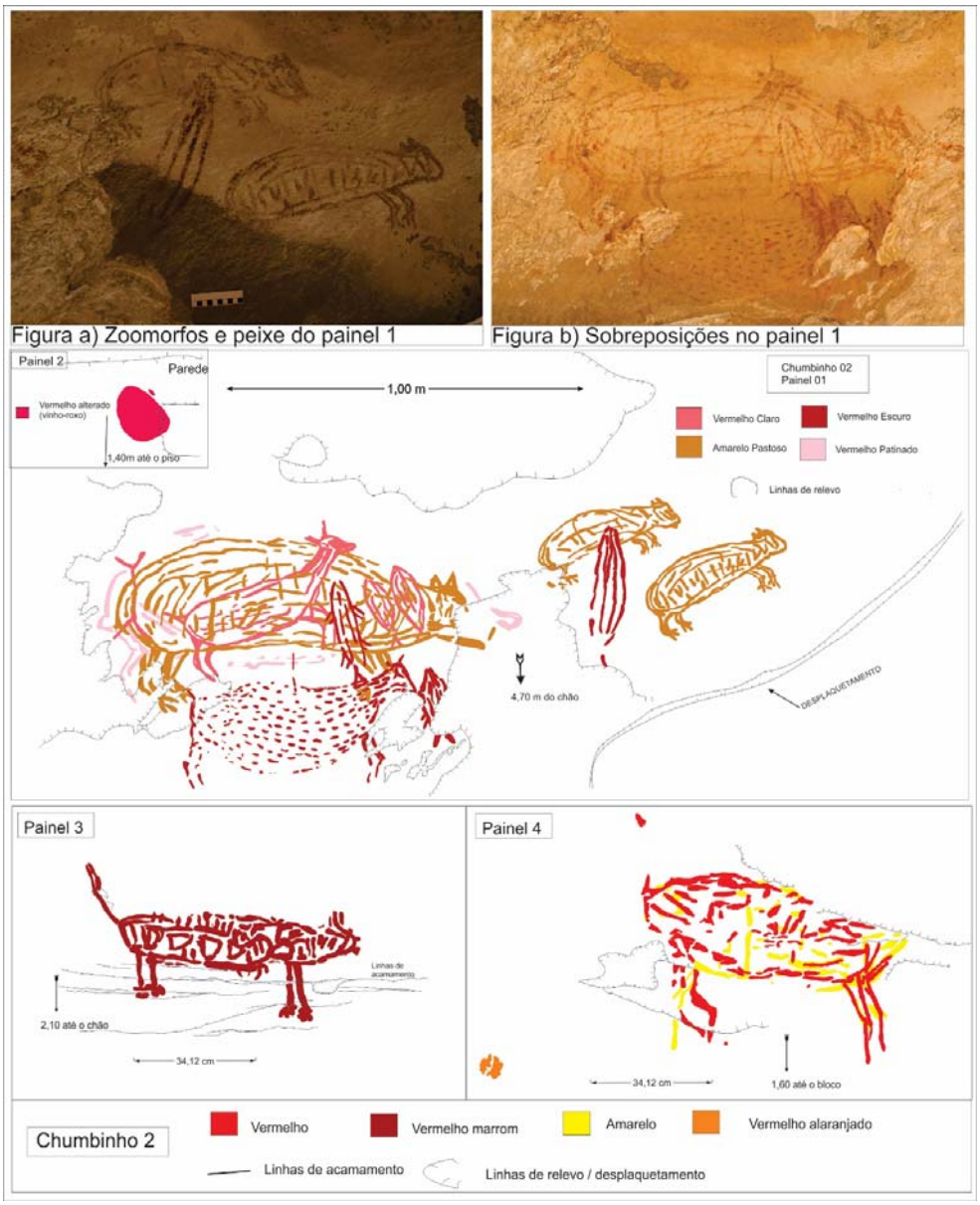


Figura 22: Reprodução dos painéis do setor sul, Lapa do Chumbinho.

O **painel 2**está localizado em uma parede inclinada a 1,40m do piso. Foi pintado um círculo chapado (vermelho alterado – vinho roxo) com aproximadamente 16cm de diâmetro. O **painel 3**está localizado em paredea 2,10m do pisode um grande bloco abatido. No painel foi desenhado um zoomorfo de 77cm preenchido por figuras subtriangulares e círculos e muitos traços transversais no dorso e no quarto traseiro. Há indicações das pernas por dois

traços retilíneos e paralelos que se sobrepõem. As pernas e patas foram elaboradas por traços centrífugos, que deram a ela aspecto de flor. Ao lado deste zoomorfo, a 1,80m do piso, em um teto restrito, dois cervídeos foram pintados (**Painel 4**). No primeiro momento de ocupação do painel um cervídeo em amarelo, já bastante apagado, foi sobreposto por outro cervídeo em vermelho. Seu preenchimento é por traços paralelosirregulares verticais e horizontais.

No setor central foram delimitados 12 painéis (Painel 5 a 17), totalizando 82 figuras. O **painel 5** (Figura 24) está localizado em uma parede restrita (1,02m x 0,56m), próximo ao piso, em porção não abrigada do afloramento do setor central. Foram identificados três cervídeos em sobreposição. O primeiro deles encontra-se muito apagado e foi possível identificar apenas parte do seu ventre e quarto traseiro, elaborados por traços contínuos. Sobrepõe-se a ele um cervídeo em amarelo, preenchido por traços transversais ao dorso no quarto traseiro e horizontais em sua porção central. Posteriormente foi pintado em vermelho outro cervídeo por cima dos limites da figura anterior. O autor sobrepôs alguns dos traços, acrescentou outros (orelha) e preencheu os espaços vazios no quarto traseiro com traços curtos transversais ao dorso no quarto traseiro. As patas foram feitas por traçosarqueados simples e a pernas por dois traços divergentes.

O **painel 6** está localizado em uma parede restrita (1,10m x 0,60m) a 1,70m a esquerda do painel anterior, também próximo ao piso. No primeiro cervídeo não foi possível identificar sua morfologia completa. Próximo a ele, outro cervídeo elaborado a dedo (cor vermelho alterado – vinho-roxo) possui preenchimento por traços verticais paralelos transversais ao dorso, em uma das pernas há indicações da coxa. Sobrepondo-se aos cervídeos, foi pintado em amarelo um zoomorfo (24cm) com preenchimento por traços curtos paralelos ao dorso. Há indicações nas pernas das coxas traseiras. Na parte frontal, na cabeça, há uma sequência de pequenos traços paralelos. Logo acima, a 30cm de distância, um cervídeo, também em amarelo, foi pintado um cervídeo com pernas arqueadas e indicações das coxas. Seu preenchimento é por traços curtos descontínuos paralelos ao dorso. Sobrepõem-se aos “outros zoomorfos” e aos cervídeos traços retilíneos em crayon. Em sua porção superior são sobretudo paralelos e alguns traços se cruzam. Na porção inferior, os traços em crayon também são subparalelos, levemente curvos, que convergem na extremidade esquerda.

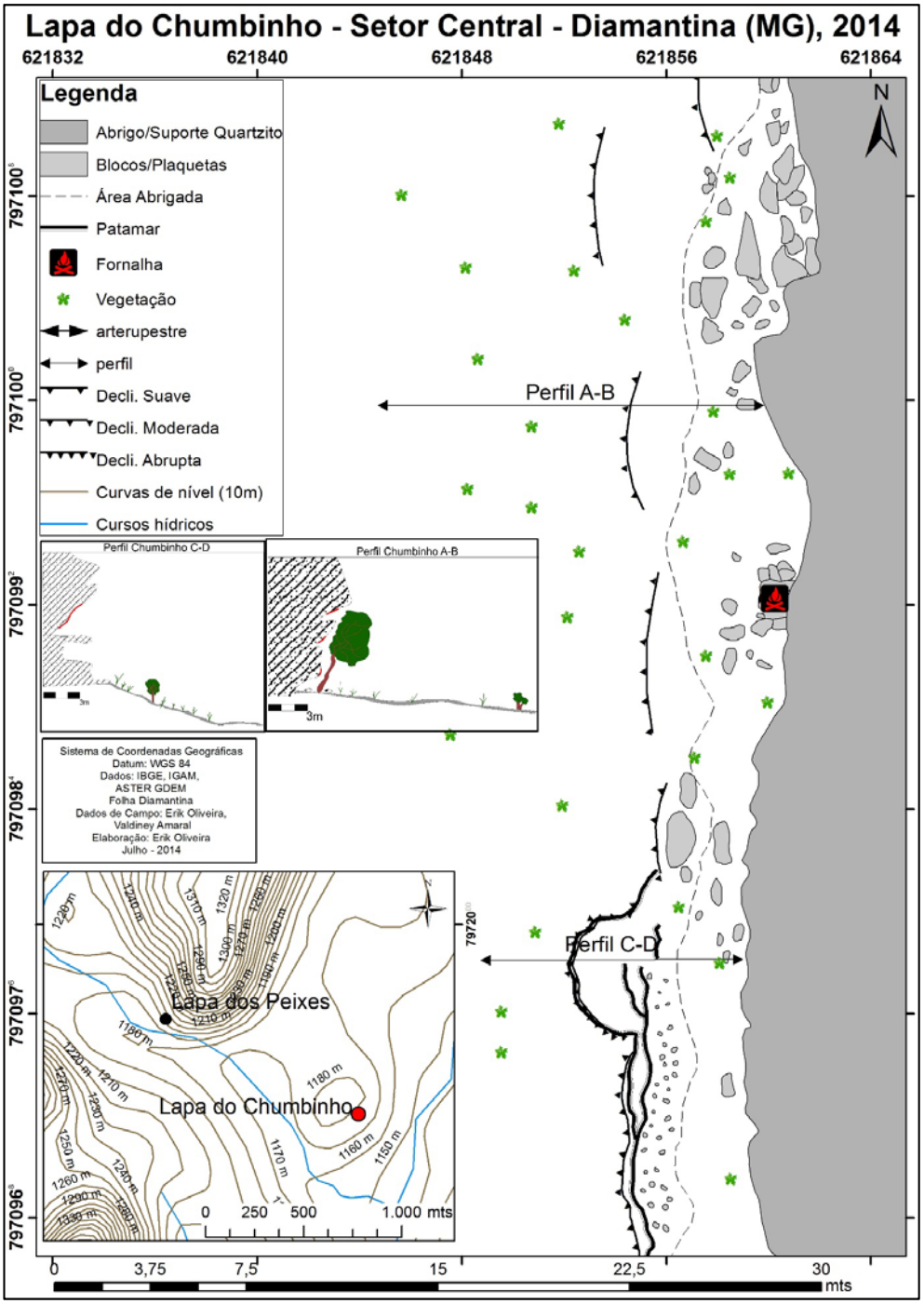


Figura 23: Croqui sítio Lapa do Chumbinho, setor central.

O **painel 7** está localizado em uma parede ampla de fácil acesso, a 1,20m do patamar de acesso aos painéis nesta porção do sítio. A parede foi formada a partir dos desplaquetamentos em todo o suporte, alguns deles com espaços muito restritos e heterogêneos. A rocha apresenta textura muito rugosa e com descamações e, a despeito dos processos naturais no suporte, sua textura é fina e resistente. Atualmente o suporte se apresenta muito alterado, com fuligens, escorrimento de água, fungos e liquens agregados ao suporte. É razoável supor que, em função das condições de exposição e da presença de manchas de tinta por todo o suporte, parte significativa ou a maioria das figuras tenha sido apagada, sobretudo na extremidade esquerda. Entre as figuras que puderam ser identificadas, na extremidade direita, há um zoomorfo (25cm) com preenchimento por traços paralelos e curvos, próximo a outro zoomorfo (amarelo pastoso) de maiores dimensões e preenchido por traços paralelos ao dorso. Na extremidade esquerda, foi possível identificar uma "escada", elaborada por dois traços paralelos (vermelho marrom) preenchidos por traços curtos ora diagonais, ora retos. Ao lado dele, foi pintado um zoomorfo do qual foram identificadas somente os limites do corpo e as pernas. Logo acima, um peixe (24cm) em crayon preenchido por traços paralelos que convergem nas extremidades. Na extremidade direita inferior, há incisões feitas por um instrumento muito fino sobre manchas de tinta, os traços são paralelos e levemente curvos.

O **painel 8** (Figura 25) está localizado em uma parede restrita (0,83m x 0,23m) próxima à extremidade direita inferior do painel 7, a 1,00m do piso. Foram identificados um cervídeo, um antropomorfo e outras três figuras não identificadas. O cervídeo possui preenchimento por dois traços paralelos ao dorso. O antropomorfo esquematizado apresenta representação do falo.

O **painel 9** está localizado em uma parede ampla (3,30m x 1,60m) de fácil acesso, a 0,60m do piso do patamar que dá acesso aos painéis da porção sul do afloramento. Os processos formativos dos suportes e agentes que atuam apresentam as mesmas características apresentadas no painel 7. O painel está exposto às intempéries e são encontrados escorrimento mineral e de água, parte significativa está coberta por fungos e liquens. Sua superfície é bastante heterogênea, com descamações, desplaquetamentos e relevo irregular. Foram identificados quatro cervídeos, um antropomorfo, dois peixes, dois alinhamentos de pontos e um "outro zoomorfo". O peixe (34cm) da porção direita inferior apresenta preenchimento por pontos e traços curtos (amarelo pastoso) em toda sua extensão. As faces externas, próximas ao limite do corpo, foram circuladas por pontos. Este peixe foi sobreposto por dois cervídeos (vermelho vivo), um deles preenchido por traços longos e curtos paralelos ao dorso. As pernas

estão arqueadas e há indicações das coxas, elaboradas por dois traços que confluem nas extremidades. Sobrepõe-se ao peixe e aos cervídeos uma figura em cor branca de difícil atribuição temática.

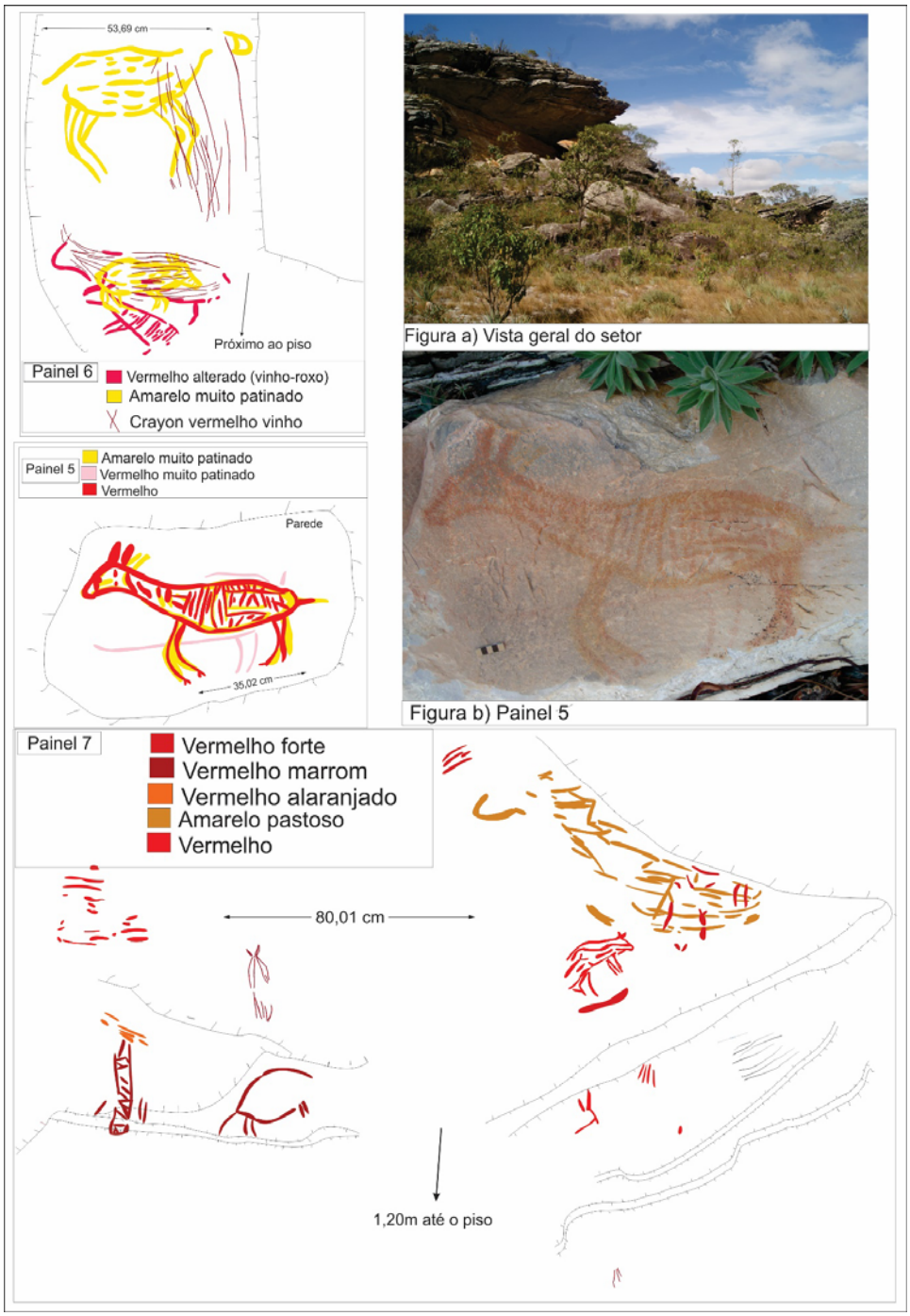


Figura 24: Reprodução dos painéis5, 6 e 7, Lapa do Chumbinho.

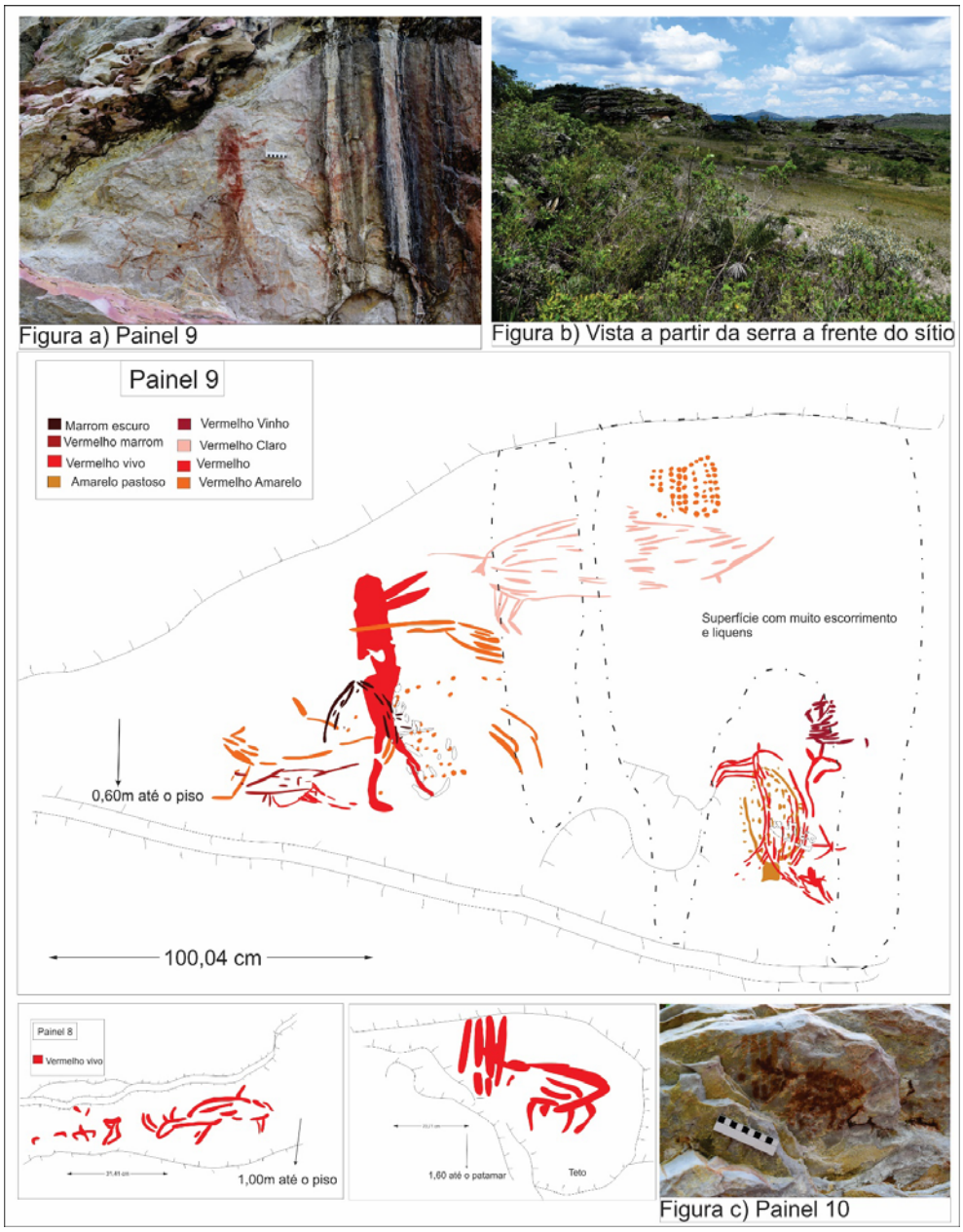


Figura 25: Reprodução dos painéis 8, 9 e 10, Lapa do Chumbinho.

Na porção superior central, foi identificado um cervídeo flechado preenchido por muitos traços paralelos ao dorso e patas traseiras há indicações das coxas por três traços. Acima dele foram pintados alinhamentos de pontos (vermelho amarelo). Na porção esquerda, as figuras encontram-se pouco nítidas, sendo identificáveis somente alguns de seus atributos e

a composição geral das figuras. Vê-se um zoomorfo (vermelho), elaborado com instrumento fino e sobreposto por outro zoomorfo (vermelho vinho). Ao lado, um antropomorfo de grandes dimensões (73 cm), com indicações dos braços (paralelos estendidos) e pés é sobreposto por um peixe (marrom escuro) muito desbotado e uma figura sem identificação em cor branca. Abaixo desta última figura foram pintados alinhamentos de pontos (vermelho amarelo).

Os painéis 10 a 17 (Figura 25 e 27) estão localizados na extremidade norte do setor central. Neste setor, o acesso aos painéis se dá por patamares, contudo, é possível que tenha sido utilizado a vegetação de porte arbóreo no piso sedimentar. Atualmente há a possibilidade de subir os patamares a partir de uma árvore de médio porte. O **painel 10** está localizado em um teto inclinado restrito (47x24cm) a 3,10m do piso. Seu acesso exige subida por um patamar íngreme a 1,50m do piso. Foram identificadas duas figuras, um alinhamento de bastonetes (vermelho) e um cervídeo (vermelho vivo) de 16cm com dois traços paralelos ao dorso.

O **painel 11** está localizado em um espelho (36 x 22cm) próximo ao painel 10. Foi identificado um zoomorfo (17cm) em vermelho, seu preenchimento é por poucos traços sem orientação específica; os contornos do dorso fazem parte do preenchimento. O **painel 12** está localizado em um espelho (33 x 10cm) próximo aos painéis descritos acima. Foram pintados três antropomorfos esquemáticos (vermelho forte) com indicações dos falos.

O **painel 13** está localizado em um teto restrito (84 x 61cm) a 4,50m do piso. Foram pintados dois cervídeos, um peixe e um "outro zoomorfo". O primeiro cervídeo (alaranjado), pintado a dedo, encontra-se muito desbotado e não foi possível identificar a composição geral da figura, apenas um traço de preenchimento que acompanha paralelamente o quarto traseiro, um traço paralelo ao dorso e manchas. Este cervídeo foi sobreposto por outro cervídeo (vermelho), seu preenchimento é por traços retilíneos verticais que se estendem por todo o corpo, cruzados por um longo traço paralelo ao dorso. Sobrepõe-se ao cervídeo alaranjado um peixe (vermelho alterado – vinho-roxo) preenchido por traços paralelos ao corpo. Os dois cervídeos e o peixe são sobrepostos por um zoomorfo elaborado por instrumento fino (0,5cm de espessura), preenchido por muitos traços paralelos e verticais que se cruzam.

O **painel 14** está localizado próximo ao painel 13, na extremidade direita, em uma parede inclinada (26 x 09cm) a 4,50m do piso. Foi identificada parte de um cervídeo (vermelho ralo) de aproximadamente 15cm. Não foi possível identificar o seu preenchimento. Este painel está próximo do **painel 15** a 3,20m do piso, onde foi pintado um cervídeo

(vermelho) de 15cm, preenchido por um único traço paralelo ao dorso e pernas elaboradas por traços únicos curvos.

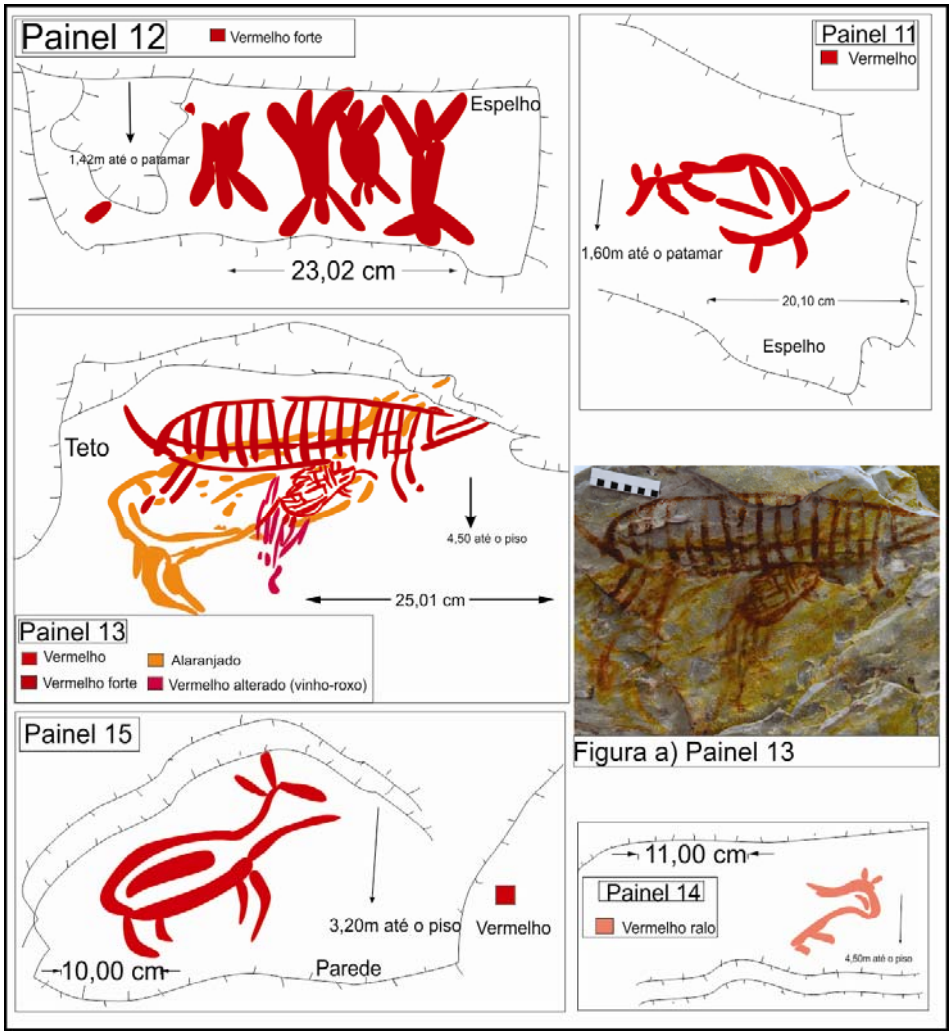


Figura 26: Reprodução dos painéis 11, 12, 13, 14 e 15, Lapa do Chumbinho.

O **painel 16**(Figura 27a) está localizado em um teto amplo (2,72 x 0,75m) a 7,0m do piso que pode ser acessado a partir da escalada de três patamares na extremidade norte do setor central ou a partir dos patamares na extremidade sul da porção central. Foram identificados cinco cervídeos, três antropomorfos, um peixe, uma ave, dois “riscos em crayon”, um “outros zoomorfos” e uma figura não identificada. O primeiro zoomorfo (alaranjado) está bastante apagado e foram identificados somente alguns traços paralelos ao dorso. Este zoomorfo é sobreposto por um cervídeo (vermelho fraco) de corpo flechado,

preenchido por diversos traços contínuos paralelos ao dorso. Ao lado deles, um cervídeo maior (94cm em vermelho ralo), preenchido por diversos traços curtos e longos, ora paralelos ao dorso, ora sem orientação específica. As pernas possuem três traços representando as coxas e dois traços que se bifurcam representando os cascos. Os três cervídeos descritos acima são sobrepostos por uma ave (vermelho forte), preenchida por traços curtos paralelos ao dorso, as asas foram representadas por dois traços únicos curvos. Ao lado, sob o cervídeo de maiores dimensões foram desenhados dois antropomorfos esquemáticos (vermelho forte). Ambas figuras, cervídeo e antropomorfos, estão sobrepostos por um cervídeo e um peixe em cor branca, que apresentam diversos traços predominantemente paralelos ao dorso, mas há outros que se cruzam no cervídeo.

Na porção central do painel há riscos em crayon (alaranjado) subparalelos e curvos que se cruzam. Na extremidade direita, foram identificados um cervídeo e um antropomorfo (vermelho fraco), preenchidos por traços retilíneos paralelos à extensão do corpo. No antropomorfo, os pés foram indicados por traços curtos. Ao lado dele, foram feitos pequenos riscos em crayon (alaranjado), que não apresentam forma ou temática específica. Contudo, os traços centrais apresentam-se paralelos e os externos curvos, todos eles foram cruzados por um longo traço em crayon.

O **painel 17** (Figura 27b) está localizado em uma parede ampla inclinada (3,08m x 0,63m) a 7,0m do piso, seu acesso se dá pelos mesmos patamares do painel anterior. Neste painel foram identificados sete cervídeos, um peixe, uma ave, um “outro zoomorfo” e duas figuras sem identificação. Aparentemente, no primeiro momento de ocupação do suporte foram pintados a dedo um cervídeo (75cm), preenchido por muitos traços contínuos paralelos ao dorso, e uma ave com mesmo tipo de preenchimento. A ave (55cm) apresenta cabeça completamente preenchida por pigmento e asa elaborada por traços que divergem a partir de um eixo. O segundo cervídeo a ser pintado encontra-se muito desbotado, sendo identificada somente sua cabeça, parte de seus limites e pernas elaboradas por traços levemente curvos. O terceiro cervídeo se sobrepõe ao segundo e ao primeiro e seu preenchimento é por traços contínuos curtos e levemente curvos. Há indicações das coxas nas pernas. O quarto cervídeo foi pintado abaixo do cervídeo anterior, com os mesmos tipos de preenchimento e cor. Os traços que preenchem o terceiro cervídeo compõem parte do dorso do quarto cervídeo. O quinto cervídeo foi pintado em sentido oposto aos três últimos cervídeos. Seu corpo apresenta o quarto traseiro com volumes ‘desproporcionais’ quando comparado com os demais e com seu próprio volume. Seu preenchimento, bem como os limites de seu corpo, combina traços curtos e longos levemente curvos. Há indicações de galhadas por quatro traços irregulares e

de uma coxa nas pernas dianteiras. Este cervídeo foi sobreposto por outro cervídeo e ‘outro zoomorfo’, cujo preenchimento é por traços longos curvos, curtos e paralelos ao dorso. Nas extremidades direita e esquerda foram pintados um cervídeo e um peixe em cor vermelho-alaranjado. O primeiro foi preenchido por traços curvos longos e curtos paralelos e transversais ao dorso. O peixe apresenta a composição de seu corpo a partir de traçoslongitudinais longos e curvos. Há indicações de barbatanas por traços únicos que divergem do corpo.

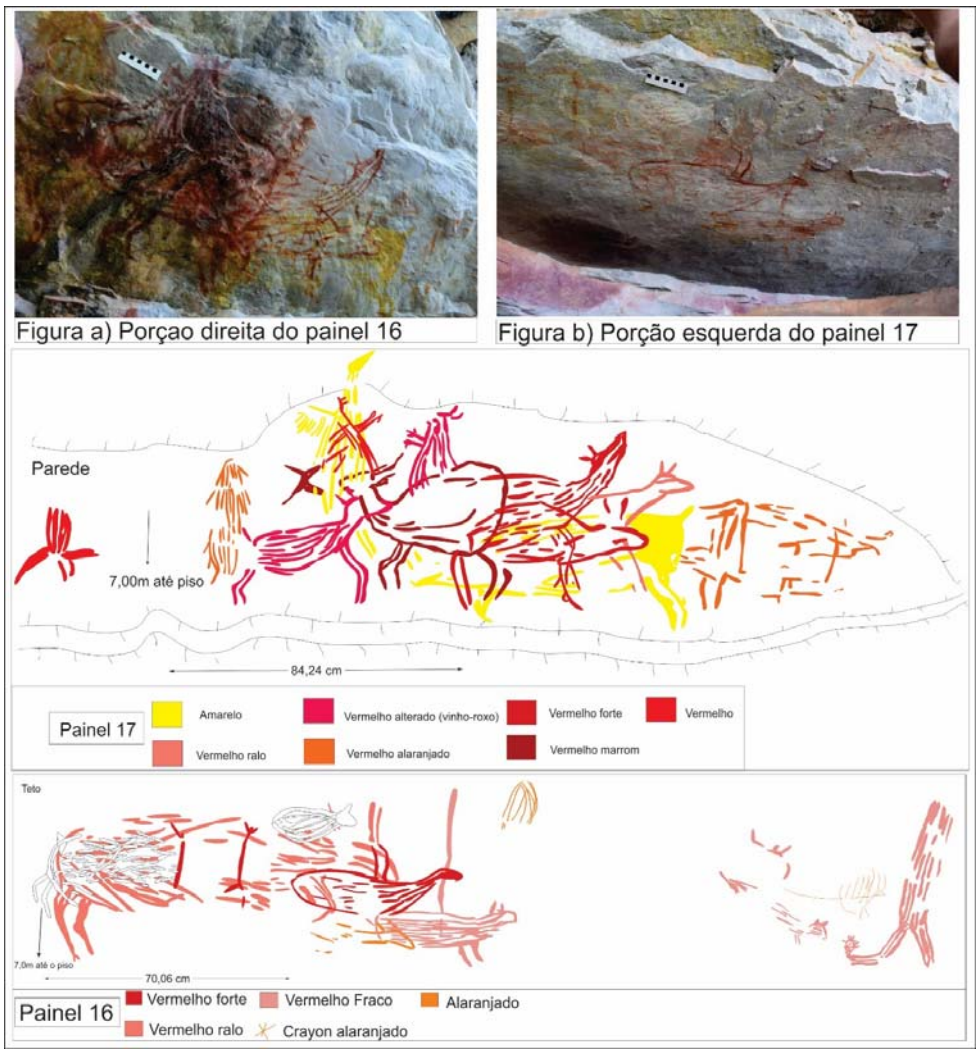


Figura 27: Reprodução dos painéis 16 e 17, Lapa do Chumbinho.

O **painel 18**(Figura 28c) está localizado no setor norte do abrigo em um teto amplo inclinado (1,84m x 1,80) de fácil acesso a aproximadamente 2,0m do piso. O suporte encontra-se muito alterado, com intensas descamações, fuligem, oxidação da rocha e escorrimento d'água por toda sua superfície. Foram identificados dois cervídeos, um peixe e outra figura de difícil atribuição temática. O cervídeo em vermelho apresenta traços curvos e longos, paralelos ao dorso. O cervídeo em vermelho possui preenchimento por traços levemente curvos, paralelos ao dorso. A descamação na rocha impede a visualização dos tipos de traços que compõem a figura, se contínuos ou não. Ao lado do cervídeo há um peixe preenchido por traços longitudinais ao corpo. As barbatanas caudais são completamente preenchidas por pigmento.

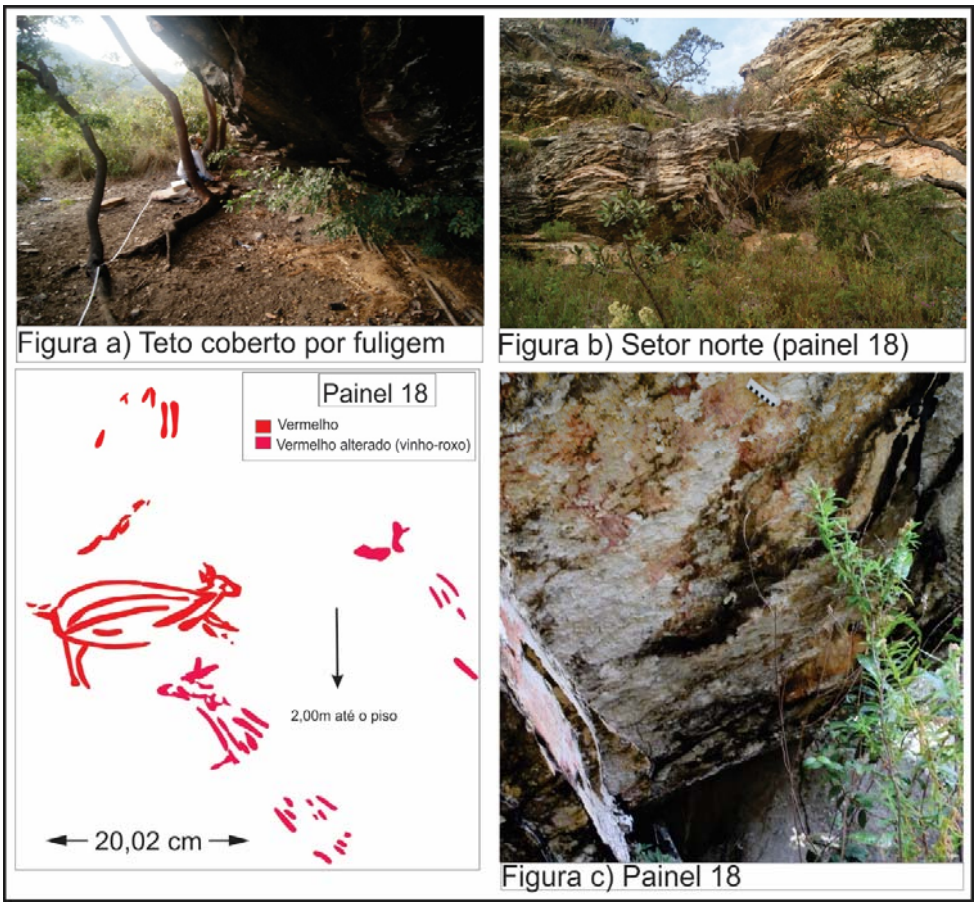


Figura 28: Localização do setor norte e reprodução do painel 18, Lapa do Chumbinho.

5.1.3.1. Cronoestilística do sítio Lapa do Chumbinho

A partir da organização dos eventos de sobreposição e dos estilos das figuras, considerando a posição no suporte e suas características, foi possível reunir elementos para o estabelecimento de diferentes conjuntos estilísticos. Nos 18 painéis delimitados (ver tabela abaixo), as figuras encontram-se em espelhos restritos (2), parede ampla (1), Parede inclinada ampla (3), paredes inclinadas restritas (2), paredes restritas (4), tetos inclinados amplos (3), tetos inclinados restritos (2), teto restrito (1). Em função da conservação ruim dos suportes outros painéis pintados não foram registrados, sobretudo aqueles localizados nas paredes e tetos na porção norte do setor central, cobertos por fuligem expostos diretamente à chuva.

Tabela 4: Quantidade de temas por painel do Lapa do Chumbinho

Painel	Cervídeos	Antropomorfos	Peixes	Aves	"Riscos em cravon"	Alinhamento de bastonetes	Alinhamento de pontos	Outros zoomorfos	Incisões	Escadas	Círculo chapado	Não identificados	Total
1	3	1	5	0	0	0	0	3	0	0	0	0	12
2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
3	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
5	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
6	3	0	0	0	2	0	0	1	0	0	0	0	6
7	0	0	1	0	1	0	0	3	1	1	0	10	17
8	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	5
9	4	1	2	0	0	0	2	2	0	0	0	5	16
10	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2
11	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
12	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	5
13	2	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	5
14	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
15	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
16	5	3	1	1	2	0	0	1	0	0	0	1	14
17	7	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	2	12
18	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4
Total dos temas	35	10	12	2	5	1	2	14	1	1	1	24	108
% do total	32,41	9,26	11,11	1,85	4,63	0,93	1,85	12,96	0,93	0,93	0,93	22,22	100,00

Fonte: o autor.

O **conjunto estilístico Lapa do Chumbinho 1 (LC1)** inaugurou os suportes do sítio, ocupando teto inclinado amplo (painel 1), paredes restritas (painel 5, 6 e 15), teto restrito (painel 13), parede inclinada restrita (painel 14), totalizando 6 figuras. As figuras desse conjunto são caracterizadas por cervídeos de grandes dimensões e de tamanhos diminutos em cor vermelho e amarelo (alaranjado), localizados em painéis de visibilidade média e alta no afloramento. As figuras apresentam poucos ou nenhum detalhe anatômicos, como orelhas, galhadas e coxas, sendo necessário apenas alguns poucos traços para compô-la. O preenchimento destes cervídeos poucos é escasso e não está presente em toda extensão do corpo. As cabeças, quando não receberam preenchimentos foram pintados apenas um único traço. O processo de elaboração das figuras não apresenta sistematicidade ou rigor, os contornos podem ser contínuos e mais ou menos regulares.

O **conjunto estilístico Lapa do Chumbinho 2 (LC2)** inaugurou novos suportes no sítio e sobrepõe-se a figuras do conjunto LC1. Foram utilizados tetos inclinados amplos (painel 1 e 16, 17 e 18), tetos inclinados restritos (painel 4 e 10), parede restrita (painel 5 e 6), paredes inclinadas amplas (painel 7 e 17), espelho restrito (painel 11), parede ampla (painel 9) e teto restrito (Painel 13). Compõem o conjunto: cervídeos, aves, peixes, quadrúpedes e figuras geométricas variadas. As figuras deste conjunto ocuparam intensamente os suportes por todo o sítio, totalizando 62 figuras, caracterizadas por possuírem tamanhos diversos (16cm a 105cm), maiores nos cervídeos.

Os detalhes anatômicos dos zoomorfos variam muito e, quanto à ausência ou presença de orelhas, rabo, joelhos, coxas, pés e galhada, foram observados 14 tipos de combinações distintas[53]. Para além da diversidade na presença ou ausência dos detalhes anatômicos, nota-se que internamente às categorias há variações importantes; raramente os cervídeos apresentam as mesmas características no preenchimento e nos detalhes anatômicos, além dos tamanhos. É possível encontrar, por exemplo, cervídeos com apenas uma das coxas representadas, sendo elas nas patas traseiras ou dianteiras. Outrossim há cervídeos que apenas uma das pernas possui representação de outros detalhes anatômicos que, além da localização, as formas de representá-los também diferem.

O **conjunto estilístico Lapa do Chumbinho 3 (LC3)** inaugurou outros painéis e se sobrepôs a figuras dos conjuntos estilístico LC1 e LC2. As figuras deste conjunto também são sobrepostas pelo conjunto LC2. Foram pintadas em painéis de maior destaque e visibilidade

[53] As combinações quanto a presença ou ausência foram: cocha, rabo e orelhas; cochas; cochas, joelho, orelhas e rabo; cochas, joelho e rabo; cochas, joelhos, orelhas e galhada; joelhos; joelhos, rabo e orelha; orelhas; orelhas e cochas; orelhas e joelhos; orelhas e rabo; orelhas, cochas e pés; orelhas, rabo e pés; rabo.

no afloramento: um teto inclinado amplo (painel 1) e uma parede inclinada (painel 7). Este conjunto apresenta apenas quatro quadrúpedes em todo o sítio, em que foi utilizada tinta com tonalidade amarela, pouco diluída, bastante consistentes e de aspecto pastoso. Não há representações de cervídeos. As figuras possuem tamanhos variados; figuras médias a grandes cujas dimensões variam entre 50cm e 105cm. A principal característica estilística é a presença de muitos traços com orientações distintas preenchendo o corpo dos quadrúpedes. Os traços podem ser alternados em contínuos e descontínuos de menores dimensões. Os traços internos se cruzam, ora paralelos ao dorso, ora verticais e, alguns dos traços do preenchimento também fazem parte dos limites do corpo do animal. As representações possuem naturalismo por meio daharmonização do volume, da representação dos detalhes anatômicos, sobretudo das coxas, dos pés e orelhas.

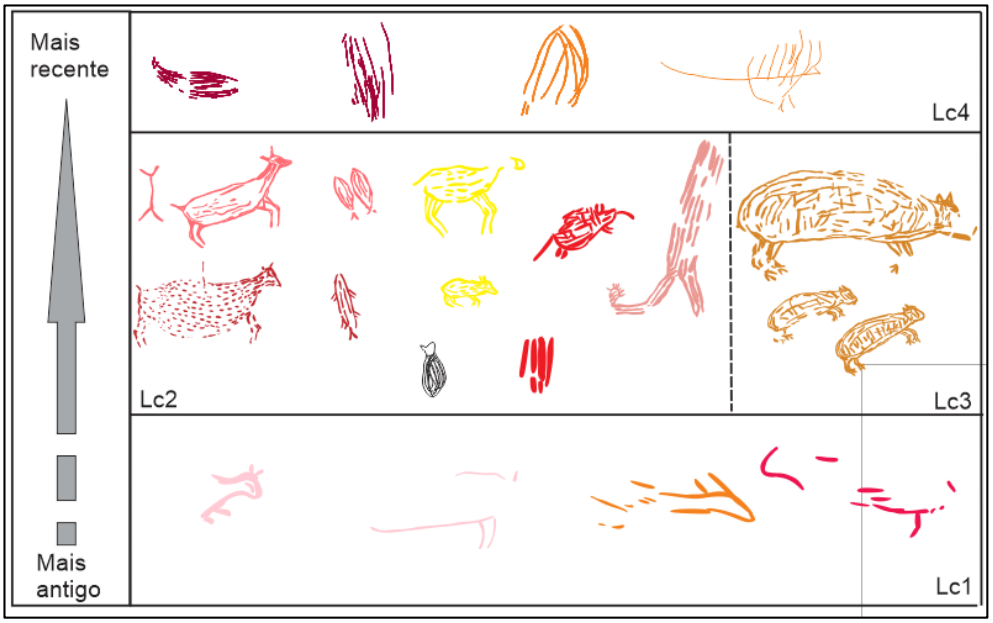


Figura 29:Conjuntos estilísticos da Lapa do Chumbinho. Linha contínua representa relação cronológica bem estabelecida. Linha tracejada representa conjuntos distintos que as figuras sobrepõem umas às outras.

O **conjunto estilístico Lapa do Chumbinho 4 (LC4)** se sobrepôs a figuras dos conjuntos LC1 e LC2, em paredes restritas (painel 1), parede inclinada ampla (painel 7) e teto inclinado amplo (painel 16). As figuras que compõem este conjunto foram elaboradas em crayon nas cores vermelho vinho e alaranjado e por incisões. As figuras apresentam traços paralelos e anárquicos e, nos painéis maiores (painéis 7 e 16), onde há grande quantidade de

figuras, ocupa as margens dos suportes. Já nos suportes menos visíveis e nas extremidades do afloramento, sobrepôs-se a figuras já existentescom traços paralelos e anárquicos.

Neste sítio houve figuras que não foram atribuídas a nenhum dos conjuntos cronoestilisticos delimitados. Faltam elementos de sobreposição, tinta, estilo e quantidade de figuras suficientes para entendê-los ou como novo conjunto ou integradas aos conjuntos já existentes. Tais figuras serão abordadas posteriormente em conjunto com as figuras dos demais sítios em que não foi possível o estabelecimento ou entendimento razoável no contexto que estão inseridas.

5.1.4 LAPA DOS PEIXES

O sítio Lapa do Peixes (Figura 30) está localizado em um vale entre dois grandes afloramentos rochosos, a Serra da Contagem e outra vizinha a ela. O sítio, de fácil acesso, caracteriza-se por um matacão no sopé do afloramento rochoso formado por sedimentos e diversos blocos abatidos que rolaram serra abaixo. Dentre os blocos de diferentes dimensões, o maior deles, de 8m de comprimento por 8m de largura, recebeu pinturas.

A vegetação esparsa e de pequeno porte no entorno contrasta com a presença da mata ciliar de um curso hídrico perene, localizado a 45 metros do sítio. Tais características tornam dificultosa a visualização do sítio de longas distâncias, somente a alguns metros do bloco após a densa vegetação, é possível vê-lo. A partir do sítio, a visibilidade do entorno é relativamente restrita em função de sua posição no relevo e da vegetação. Estando no sítio, tem-se visadas apenas para a alta vertente da Serra da Contagem, dos afloramentos vizinhos, da vegetação circundante e as vertentes do vale que se estende a até 200 metros à frente do sítio (Figura 31d).O relevo de acesso apresenta irregularidades (moderadamente inclinado para sul) e, em seu piso sedimentar, há pequenos afloramentos, blocos e plaquetas ao redor do matacão. Devido à sua localização, no entorno há formação de solo e a vegetação ganha maiores estaturas, campo rupestre e cerrado ralo se fazem presentes.

No restrito espaço interno do sítio, à medida que adentramos, a altura entre o teto e o piso diminui. A área abrigada possui apenas 6 metros de profundidade, onde estão localizados diversos blocos e plaquetas de pequenasdimensões. As paredes externas do pequeno abrigo expõem suportes com relevos irregulares, porém sua textura é fina e homogênea, de cor cinza clara. Na porção interna do matacão há alguns poucos suportes disponíveis, sendo eles restritos e irregulares, tomados por caminhos de cupim e de pouca iluminação.

Foi identificado um único painel, este de fácil acesso (1,60m do chão) localizado em uma parede relativamente ampla (1,26 x 0,70 m) de superfície irregular e ondulada, textura

fina e muitas descamações. Foram pintados a dedo no painel dois peixes de estilos semelhantes (Figura 31c) em cor vermelha, mas que se encontra muito patinada e cujo pigmento está sendo lavado em função do escorrimento de água. O primeiro dos peixes, na parte superior do painel, possui 64cm de comprimento por 26cm de largura. Os traços são levemente curvos e paralelos, convergindo nas extremidades. Há indicações das nadadeiras e barbatanas realizadas por traços duplos em ambas laterais do peixe. Logo abaixo, encontra-se o segundo peixe, realizado de maneira semelhante ao descrito acima, nas proporções e no preenchimento, contudo, seu tamanho é menor: 32 x 15cm.

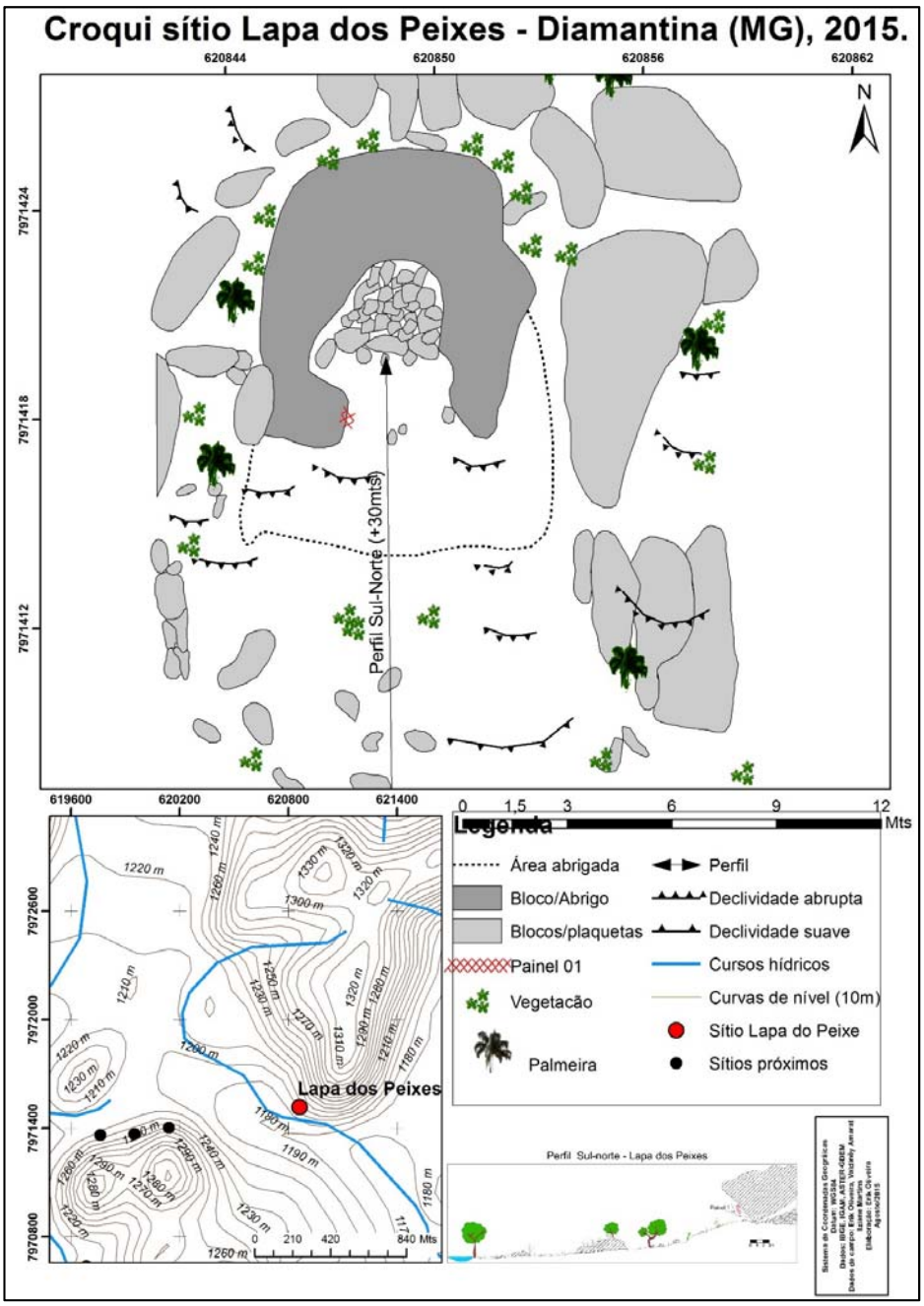


Figura 30: Croqui sítio arqueológico Lapa dos Peixes.



Figura a) Visão geral do abrigo a partir de sua frente



Figura b) Painel único com peixes

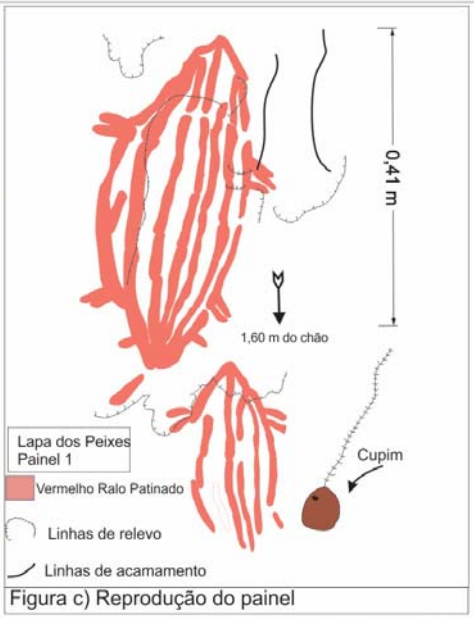


Figura c) Reprodução do painel

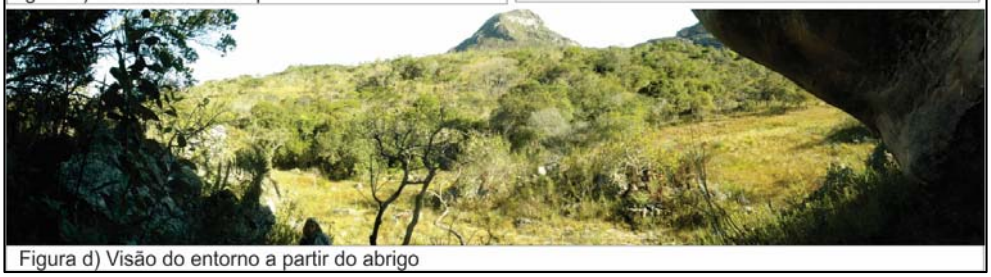


Figura d) Visão do entorno a partir do abrigo

Figura 31: Visão geral a partir do sítio, do matacão e reprodução das figuras da Lapa dos Peixes.

5.1.5 LAPA DA ONÇA 1

O sítio Lapa da Onça 1 está localizado a 290m do sítio Lapa da Contagem 1 e 2. O acesso ao sítio pode ser feito por diversas "vias"; a norte, por umamplo campo rupestre, a leste, pelo campo entre a serra da Contagem e outra serra de menor dimensão, e, a sudeste, por um pequeno vale entre a serra da Contagem próxima ao sítio Lapa dos Peixes. Os afloramentos rochosos onde os sítios localizados na Serra da Contagem foram formados, em termos estruturais, em sua porção mais a norte, por um alinhamento das rochas com direcionamento geral Norte-Sul. Na Serra da Contagem, há sítios que expõem rochas (abertura) para norte e para leste.

A Lapa da Onça 1 está localizado na meia vertente do afloramento rochoso e por isso facilmente visto de longas distâncias (ver Figura 33a). O seu afloramento rochoso é um dos maiores *inselbergues* localizados na área estudada chegando a até 1317m no topo e no sopé 1202m. Embora o sítio tenha alta visibilidade na paisagem, à medida que o caminhante se se aproxima do afloramento a visibilidade do entorno é limitada. Ali a vegetação de porte arbóreo-arbustivo e o relevo irregular impedem a visualização de maiores distâncias do entorno. É possível observar as medias e altas vertentes das serras a noroeste e a nordeste e rochas expostas do abrigo que possuem tons avermelhadas e cinzas. Já no sítio, a visibilidade do entorno ganha alguns quilômetros para norte e nordeste.

Para acessar o sítio, é preciso subir no talude uma rampa inclinada de aproximadamente 61 metros com sedimentos acumulados entre blocos de pequenas e médias dimensões, entremeados por vegetação arbustiva e arbórea característica das encostas. O abrigo possui 60m de extensão e o piso apresenta diversos blocos abatidos e plaquetas que deixam o relevo relativamente irregular. Os blocos estão dispersos por todo o abrigo (Figura 32), sobretudo na porção leste e central,local em que os de maiores dimensões estão localizados e onde os processos de queda atuaram mais intensamente. A topografia do sítio apresenta características distintas; na porção leste, mais elevada, o relevo é muito irregular e abrupto com rochas aflorando e menor acúmulo de sedimentos, direcionados para a porção central, que, por sua vez, é o local de sentido geral de deposição de sedimentos. Nesta porção há formação de solo mais significativa, muitos blocos abatidos e relevo levemente plano.

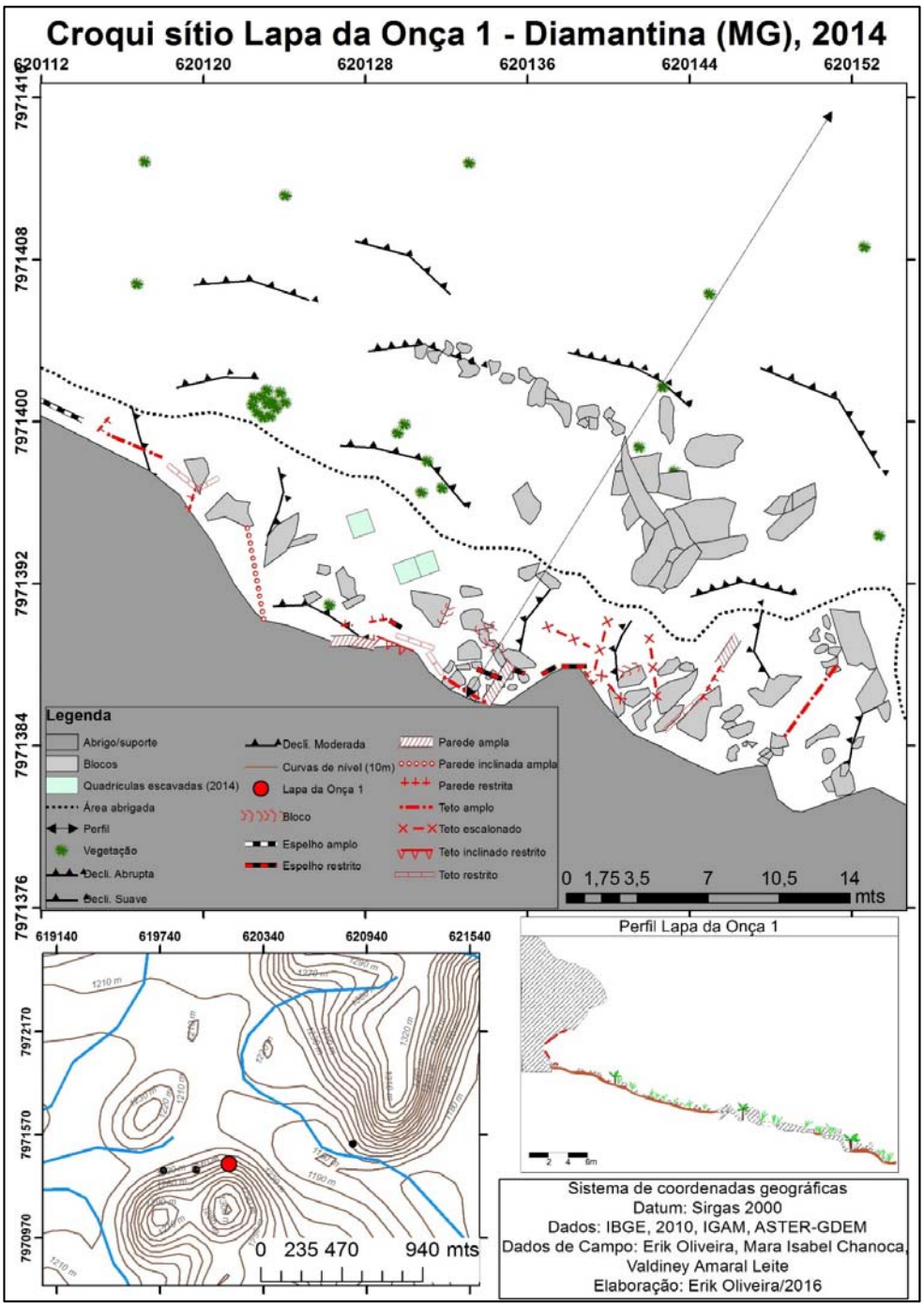


Figura 32: Croqui sítio arqueológico Lapa Onça 1.

O afloramento possui uma extensa área abrigada que alcança até 11m de profundidade na porção leste. A diferença em metros entre o piso e o teto (ou cornija do abrigo) varia na porção leste e oeste entre 1,20m e 3,40m. Na porção central do abrigo esta diferença (altura) alcança até 15 metros. O sítio está inserido em termos geológicos no Formação Galho do Miguel, que conferiu às rochas granulometria fina e, em alguns pontos, apresenta fácies micáceas e fíliticas, dando aspectos diferenciados, texturas e diferentes comportamentos erosivos frente às intempéries. De modo geral os suportes na Lapa da Onça 1 possuem granulometrias finas e homogêneas, com exceção dos suportes centrais, que, devido à presença de mica, apresentam aspecto rugoso e áspero, com descamações mais frequentes. Internamento ao abrigo há uma diversidade de suportes com diferentes processos formativos, que deram origem a tetos e paredes amplas e restritas, tetos escalonados, espelho restritos e amplos e paredes inclinadas amplas.

Foram registrados no sítio 248 figuras distribuídas por 28 painéis, representando 42,6% de todas as figuras analisadas na pesquisa. Neste sítio foram realizados calques em plástico no painel 4 (20 figuras) e no painel 24 (10 figuras) e os outros painéis foram registrados pelas técnicas descritas anteriormente. As temáticas identificadas foram cervídeos, antropomorfos, peixes, aves, “riscos em crayon”, alinhamento de bastonetes, alinhamento de geométricos longos, alinhamento de pontos, “outros zoomorfos”, quadrúpedes, grade, ‘máscaras’, pectiformes, armas, aspas, círculos irradiados, zig-zags e outras 24 figuras não identificadas em função dos desgastes naturais.

Os painéis descritos abaixo (Painel 1 ao 8) estão localizados na porção leste do sítio, que possui menores área abrigada e altura entre o piso e o teto, apresentam superfícies irregulares com ondulações (escalonados), restritos e de visibilidade média e baixa.

O **painel 1** (Figura 33) está localizado em um teto amplo de baixa visibilidade na extremidade leste do afloramento, a 1,60m do piso. O primeiro cervídeo pintado (amarelo) encontra-se muito desbotado, contudo foram identificadas orelhas, poucos traços compondo o seu corpo e ausência de preenchimento. Sobrepõe este um outro cervídeo (vermelho rosa) de 64cm de comprimento, com preenchimento por traços contínuos e descontínuos paralelos ao dorso; joelhos e coxas foram representadas. Acima destes, foi pintado um cervídeo (amarelo muito patinado) em que foi possível identificar somente o preenchimento por traços descontínuos paralelos ao dorso. Próximo a estas sobreposições e em uma das extremidades do painel, foram realizados traços em crayon (vermelho vinho) paralelos e anárquicos. Na extremidade norte do painel foi pintado uma ‘máscara’ (vermelho); elaborada por um longo

traço que forma uma meia circunferência e por um longo traço que o divide simetricamente. Há internamente em cada uma das faces um traço curto e um ponto.

O **painel 2** está localizado em uma parede ampla de visibilidade média a 2,00m do piso. Foi identificada uma arma (vermelho vinho), elaborada por traços contínuos e descontínuos cruzados por um longo traço. A figura é sobreposta por traços em crayon paralelos e anárquicos e curvos. Na extremidade do painel há alinhamentos de pontos (vermelho vinho) em formato retangular. O **painel 2a**está localizado em uma parede restrita a 1,0m do piso. Nele foi pintado um cervídeo (vermelho vinho) com preenchimento por traços contínuos e curvos, paralelos ao dorso. A galhada foi elaborada a partir de um eixo principal, de onde outros traços saem. O corpo do cervídeo e sua galhada apresentam tamanhos semelhantes.



Figura 33: Localização do sítio e reprodução dos painéis 1 e 2, Lapa da Onça 1.

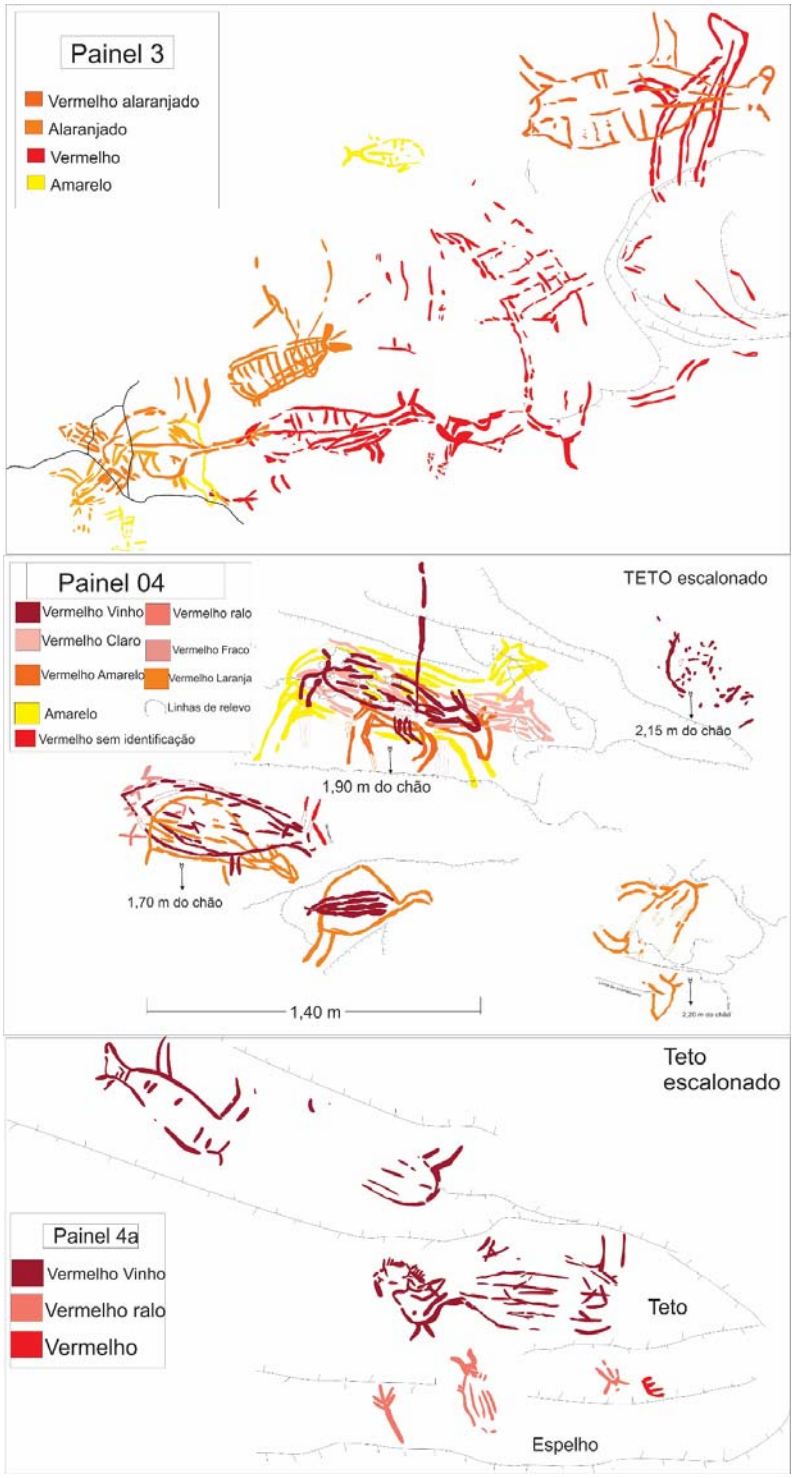


Figura 34:Reprodução dos painéis 3, 4 e 4a, Lapa da Onça 1.

O **painel 2b** está localizado em um teto restrito, a 1,00m do piso. Inicialmente foi pintado um peixe (amarelo), preenchido por traços por traços contínuos, um deles longitudinal dá simetria ao corpo. Há indicações da barbatana caudal e nadadeiras. Este peixe é sobreposto por um cervídeo (vermelho vinho) com preenchimento por traços descontínuos paralelos ao dorso e representação do rabo e joelhos. Acima dele foi pintado um zoomorfo (vermelho vinho), preenchido por traços paralelos, contínuos e descontínuos.

O **painel 3** (Figura 34) está localizado em um teto escalonado de alta visibilidade, a 1,80m do piso. Neste painel foram identificados cinco cervídeos (vermelho e vermelho alaranjado); três deles com preenchimentos contínuos paralelos etransversais ao dorso, há representações de coxas, joelhos e orelhas. Um dos cervídeos é sobreposto por outro em vermelho, cujo preenchimento é feito por traços duplos paralelos contínuos e irregulares, próximos ao dorso e ventre. Um peixe em amarelo também foi elaborado por traços paralelos longitudinais e verticais. Na porção inferior esquerda, há um "emaranhando" de figuras (amarelo, alaranjado e vermelho alaranjado) pouco visíveis que se sobrepõem. Ao lado, um peixe (alaranjado), elaborado por traços que vertem dos limites do corpo. Há apenas um único traço longitudinal ao corpo.

O **painel 4**, composto por dezessete figuras,está localizado em um teto escalonado de baixa visibilidade a 1,90m do piso. Até quatro superposições de cervídeos foram registradas, além de sobreposições entre cervídeos e peixes e outros zoomorfos. De modo geral os cervídeos apresentam muitas semelhanças entre sí, a despeito dos tamanhos distintos, tipos de preenchimento e detalhes anatômicos. Todos estes elementos combinados dão aos cervídeos características únicas, contudo, todos os preenchimentos apresentam sempre traços contínuos e incontínuos paralelos ao dorso. As representações de detalhes anatômicos ocorrem de maneira distintas e em diferentes posições, sobretudo nas pernas (joelho e cochas). Os dois primeiros cervídeos sobrepostos possuem representações das cochas traseiras, entretanto, nota-se que cada cocha desenhada apresenta origem em diferentes traços que compõem o ventre do animal (um dos limites e outro interno a ele). Ambos seguem até a parte dianteira que, por sua vez, foram utilizados como eixo para as pernas dianteiras. É possível, considerando à maneira como as figuras foram elaboradas, que tenha sido a intenção do(s) autor(res) dar profundidade e movimento às figuras, sobretudo no cervídeo amarelo?

O**Painel 4a** é formado por um teto escalonado e em um espelho, localizados respectivamente a 1,70m e 1,20m do piso. No espelho, foi pintada uma arma (Vermelho ralo), elaborada por um traço maior com ramificações simétricas em uma das extremidades. Ao lado deste, um peixe (vermelho ralo) e um pectiforme foram pintados. No teto escalonado, foram

identificados três cervídeos e um peixe, todos em cor vermelho vinho. Os cervídeos apresentam preenchimentos distintos; paralelos contínuos e descontínuos ao dorso, e transversais ao dorso. No cervídeo, na porção inferior direita, há pequenos traços sem orientação específica. Ao lado de sua cabeça, um peixe (vermelho vinho) foi desenhado, com muitos traços curtos nos limites do corpo representando nadadeiras.

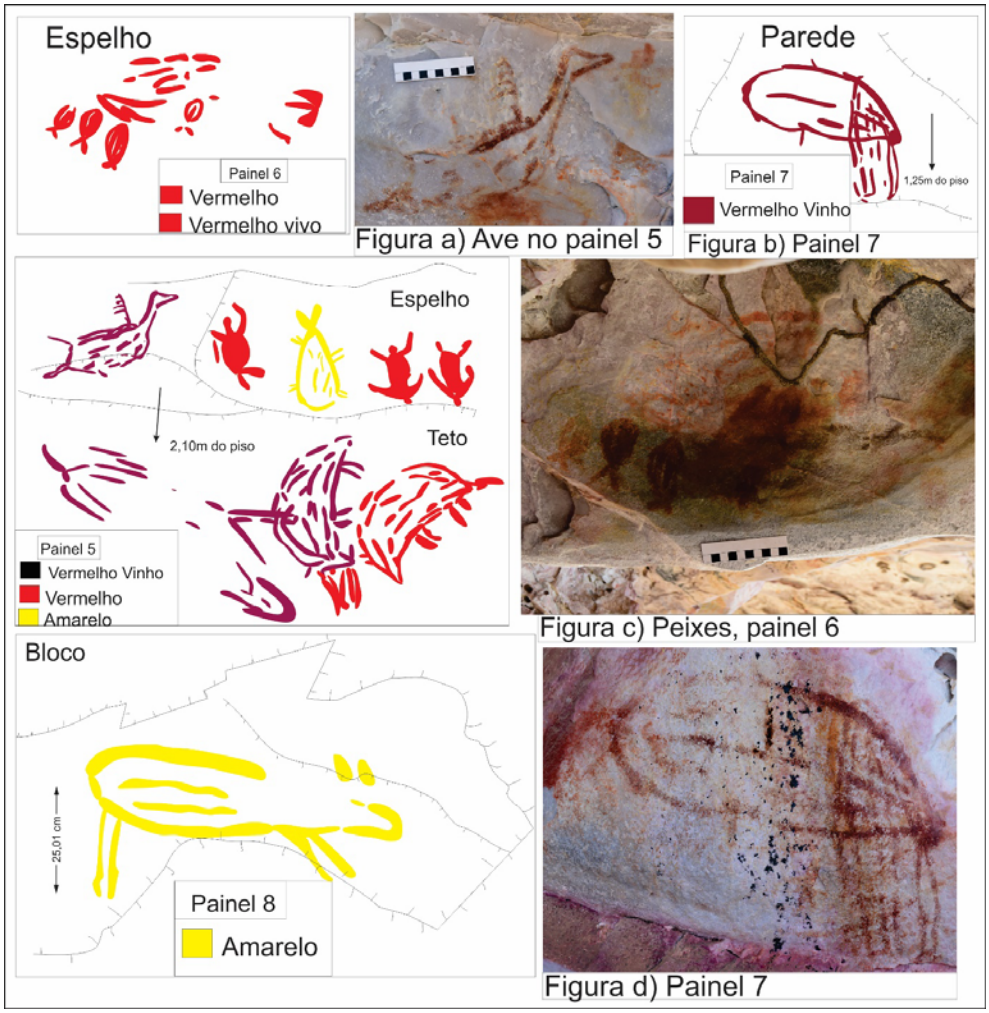


Figura 35:Reprodução dos painéis 5, 5a, 6, 7 e 8, Lapa da Onça 1.

Os **painéis 5** e **5a** (**Figura 35a**) estão localizados em teto restrito e espelho restrito, respectivamente, a 2,10m do piso. No teto, foram pintados dois quadrúpedes (vermelho vinho e vermelho) preenchidos por traços curtos paralelos ao dorso, alguns deles compõem os

limites do animal. Ao lado, foi pintado um cervídeo (vermelho vinho), já desbotado, preenchido por traços paralelos ao dorso. No espelho restrito logo acima, uma a ave (vermelho vinho) apresenta os mesmos preenchimentos dos quadrúpedes e alguns dos traços compõem os limites do corpo. Os antropomorfos esquemáticos apresentam os membros superiores, inferiores, falo e cabeças. O peixe localizado entre os zoomorfos possui traços longitudinais curtos. Há indicações da barbatana caudal e nadadeiras. Pouco mais à frente, no **painel 6**, um espelho restrito a 2,25m, do piso foram pintados quatro peixes (vermelho vivo) de pequenas dimensões. Os traços longitudinais preenchem quase que por completo o corpo dos peixes. O **painel 7** está localizado em uma parede restrita a 1,25m do piso. Nele, foram pintados dois peixes (vermelho vinho) que se encontram em mau estado de conservação. Os peixes foram elaborados por traços longitudinais e apenas um deles possui indicações das nadadeiras. No piso, em um bloco (**painel 8**) próximo aos painéis descritos acima, foi pintado um cervídeo (amarelo). Seu preenchimento é feito por dois traços retilíneos paralelos ao dorso.

Os painéis descritos a seguir estão localizados na porção central do abrigo, neste trecho, os suportes ganham outras feições; a área abrigada torna-se mais ampla, a diferença entre o piso e o teto são maiores, os suportes possuem visibilidade alta, mas ainda assim há irregulares em função dos desplaquetamentos, quebras e descamações da rocha. Do painel 9 ao painel 14, o acesso é feito pelas paredes fraturadas que dão apoio.

O painel 9 está localizado em três tipos de suportes distintos: parede restrita (painel 9), espelho restrito (painel 9a) e teto escalonado (painel 9b), acessados a partir de “degraus” que as paredes próximas oferecem. O painel 9 localiza-se a 2,55m do piso. Nele foram pintados, próximo a erosões alveolares, cinco antropomorfos (vermelho), quatro deles esquemáticos. Um dos antropomorfos, pouco preservado, possui corpo com limites e preenchimentos por traços longitudinais. Também em cor avermelhada, foi desenhado um quadrúpede preenchido por traços descontínuos paralelos ao dorso e com membros retilíneos (pernas e rabo). Em cor alaranjada, próximo aos antropomorfos, há uma “cobra” elaborada por traços únicos em forma sinuosa, que bifurca em uma das extremidades. No espelho, foram pintados incialmente alinhamentos de bastonetes (alaranjado) que foram posteriormente sobrepostos por dois antropomorfos esquemáticos. No teto escalonado, mais à direita e a 3,10m do piso, um peixe (vermelho vivo) de corpo chapado é sobreposto por um antropomorfo em preto preenchido por traços longitudinais que por sua vez foi sobreposto por um cervídeo em crayon (vermelho vinho), cujo preenchimento aparentemente é feito por traços paralelos ao dorso. O pigmento seco fixado no suporte não apresenta a sequência de possíveis movimentos realizados pelo

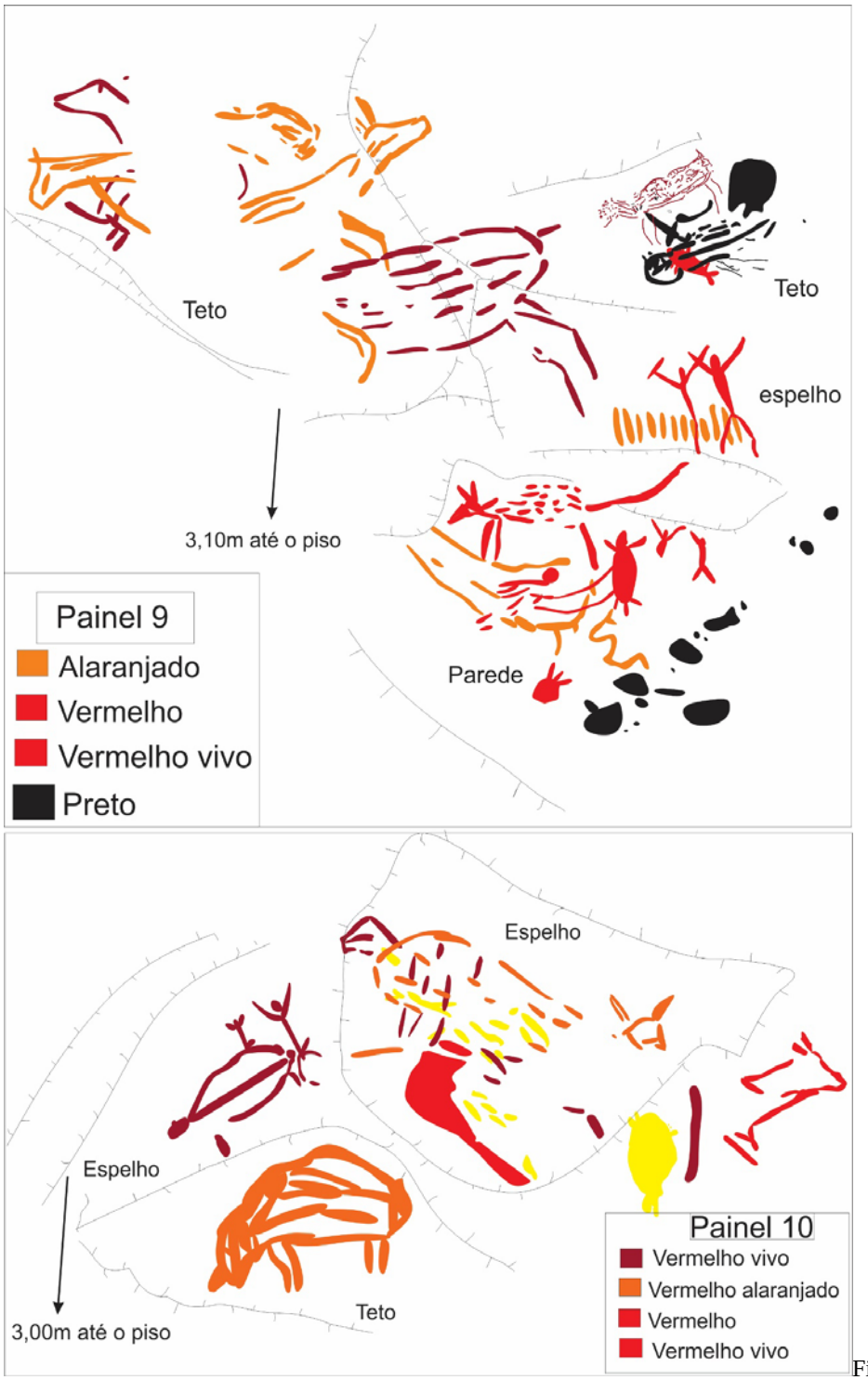


Figura 36:Reprodução dos painéis 9 e 10, Lapa da Onça 1.

autor, impossibilitando a visualização dos traços e deixou apenas pequenos pontos difusos. Mais à esquerda, foram pintados quatro cervídeos, dois em vermelho vinho e dois em tom alaranjado. O estado de conservação é ruim e comprometeu a visualização por completo das figuras. Duas das figuras em sobreposição, uma em vermelho vinho e outra em alaranjado, apresentam-se mais conservadas (quarto traseiro e dianteiro), ambas preenchidas por traços descontínuos paralelos ao dorso. Há indicações de coxas, joelhos e orelhas.

O painel 10 está localizado em dois espelhos e um teto, todos restritos e a 3,00m do chão. No teto foi identificado um quadrúpede (vermelho alaranjado) preenchido por traços paralelos ao dorso e partes de seu preenchimento compõe os limites do animal. Em ambos espelhos foram pintados três cervídeos, dois deles de difícil visualização e apenas um (alaranjado). Ao lado desse, no espelho, um zoomorfo (vermelho vinho) preenchido por um único traço retilíneo que o cruza simetricamente. Foram acrescentados dois antropomorfos esquemáticos. No espelho à direita sobrepondo traços e outros zoomorfos foi pintada uma arma. Na extremidade direita há um peixe (amarelo) completamente preenchido por pigmento e indicações de cauda e barbatana.

O **painel 11** está localizado em uma parede ampla a 3,50m do piso. O acesso a ele pode ser feito pelo apoio que oferecem paredes fraturadas na base do afloramento. O painel possui destaque no sítio, localizado em suporte elevado e de alta visibilidade. O seu estado de conservação é ruim e parte significativa das pinturas se perdeu. No primeiro momento de ocupação do suporte, foram pintados quatro zoomorfos e pelos menos dois quadrúpedes (amarelo pastoso) grandes. Estas figuras apresentam muitos detalhamentos anatômicos, sobretudo nos quadrúpedes que possuem coxas, joelhos e patas e preenchimento por muitos traços descontínuos paralelos ao dorso e sem orientação específica. Os antropomorfos possuem formato de peixe; membros erguidos, e corpo preenchido por traços longitudinais que têm início na cabeça e traços arqueados. As figuras se sobrepõem a um cervídeo (vermelho) em ruim estado de conservação. Abaixo dos quadrúpedes, foram pintados dois cervídeos (vermelho vinho), preenchidos por traços contínuos e descontínuos, paralelos ao dorso. Entre estes, há um quadrúpede com preenchimento por traços curtos sem orientação específica.

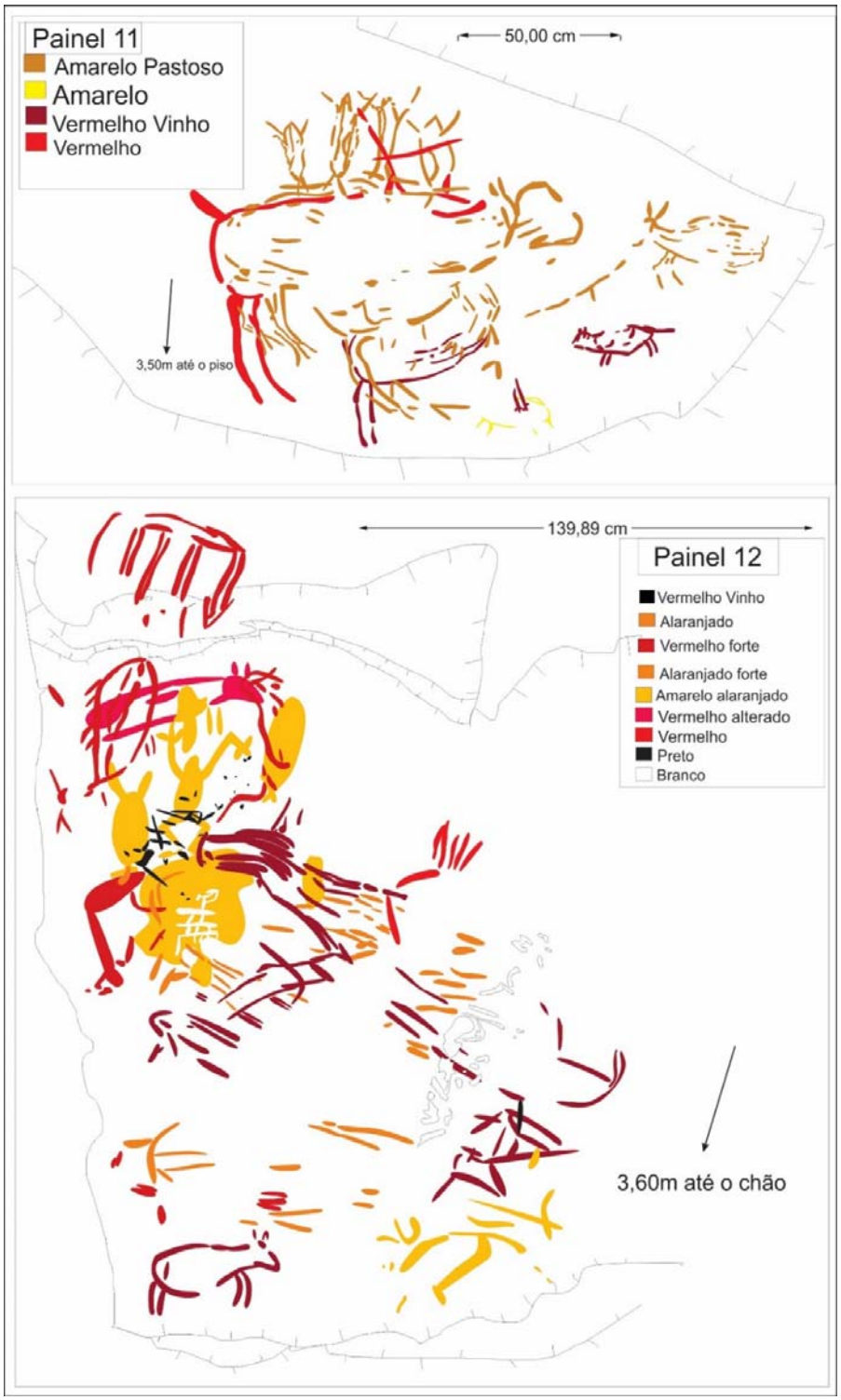


Figura 37:Reprodução painel 11 e 12, Lapa da Onça 1.

O **painel 12** está localizado em um teto de visibilidadealta a 3,60m do piso. As figuras encontram-se em mau estado de conservação, dificultando sua visualização. Há muitas sobreposições, manchas de tinta, traços e figuras de difícil atribuição temática. O acesso ao painel pode ser feito escalando-se as fraturas da parede. No painel, o acesso à sua extremidade superior para registro das figuras é dificultoso, sendo necessário se equilibrar. Ao todo foi possível identificar 10 figuras com temática bem definida. Inicialmente, um cervídeo (vermelho alterado) foi sobreposto por dois antropomorfos esquemáticos (amarelo alaranjado), um deles com membros superiores estendidos e indicações dos dedos por três traços simples. Ao lado, foi pintado um peixe (amarelo alaranjado) de corpo completamente preenchido por pigmento, nele há apenas indicações das barbatanas caudais elaboradas por pequenos traços. As figuras em amarelo alaranjado foram sobrepostas por um cervídeo (vermelho vinho), elaborado por traços transversais ao dorso com indicações dos joelhos nas pernas dianteiras, e por um peixe (vermelho forte), elaborado por poucos traços pouco curvos, longitudinais, contínuos e descontínuo. Acima do peixe foi pintado uma grade (vermelho vinho). Na extremidade inferior, foi identificado um cervídeo (vermelho vinho) em mau estado de conservação. Manchas e traços de tinta em tonalidade preta e branca sobrepõem boa parte das figuras identificadas.

O **painel 13**(Figura 38)está localizado em um teto restrito de visibilidade alta, a 4,10m do piso. Em um primeiro momento, foi pintado um cervídeo (amarelo) preenchido por poucos traços sem orientação específica. Os limites do corpo são compostos por traços longos e contínuos, pernas muito arqueadas e uma delas com indicações da coxa. Este cervídeo é sobreposto por outro, preenchido por traços paralelos ao dorso. Uma ave (preto), preenchida por traços contínuos e descontínuos paralelos ao dorso, se sobrepõe às duas figuras. Ao lado, há um quadrúpede (vermelho vinho) preenchido por muitos traços irregulares paralelos ao dorso. A 1,10m deste painel, em um espelho restrito (**painel 14**), foi pintado um cervídeo (amarelo) preenchido por um único traço. Os traços do dorso são contínuos e compõem o rabo, traseira e pernas. Acima dele e ao lado do cervídeo, foram pintados respectivamente um pectiforme (vermelho vinho) e uma sequência de aspas (vermelho).

O **painel 15** (Figura 39) está localizado em um teto inclinado restrito, a 4,40m do piso, cujo acesso se dá por alguns blocos abatidos e a parede fraturada. Foram pintados uma sequência de peixes (vermelho vinho), elaborados por traços únicos sem preenchimento, e uma grade (alaranjado pastoso), que se sobrepõe a eles. Na porção esquerda do painel um peixe (vermelho), preenchido por traços longitudinais e transversais a um eixo, é sobreposto por um quadrúpede (vermelho muito alterado), preenchido por traços paralelos ao dorso. Ao

lado do peixe, foram pintados quatro antropomorfos esquemáticos (vermelho muito alterado). O painel 15a (espelho restrito) é composto por dois cervídeos sobrepostos (vermelho vinho e bege), que, por sua vez, são sobrepostos por traços em crayon (vermelho vinho).

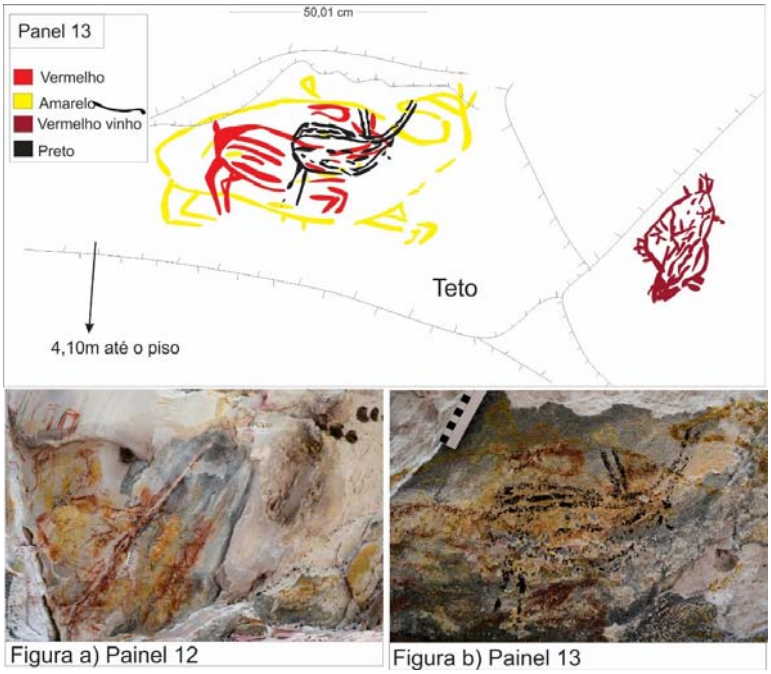


Figura 38:Reprodução dos painéis 12 e 13, Lapa da Onça 1.

O **painel 16** (Figura 40) está localizado em uma parede restrita a 1,60m do piso, isolada dos demais painéis. Nele, foi pintado em crayon (vermelho vinho) um círculo irradiado. Acima deste painel, a 6,50m do piso, em um teto restrito (**painel 17**), foram pintados dois cervídeos (vermelho vinho), preenchidos por traços paralelos ao dorso. O cervídeo mais à direita foi sobreposto por outro, cujo preenchimento é apenas um traço retilíneo próximo ao dorso. Os ventres se sobrepõem e as pernas traseiras estão justapostas. É possível que o segundo autor tenha se apropriado do preenchimento e das pernas da primeira figura. O **painel 18**está localizado a 1,50m do piso em uma parede restrita. Foi pintado um cervídeo (vermelho alterado) sem preenchimento, elaborado por poucos traços contínuos. Acima dele, foi pintado (crayon vermelho vinho) um círculo irradiado. Pouco mais à frente, em uma parede ampla (**painel 19**) bastente fraturada e com as linhas de acamamento em estado avançado de erosão, há nove sequências de alinhamentos de bastonetes (vermelho forte), entre os acamamentos da rocha. Abaixo, há um cervídeo (vermelho marrom) preenchido por traços contínuos, sinuosos e sem orientação específica. Na porção mais à

direita, foram identificados três antropomorfos esquematizados (vermelho forte), uma sequência de alinhamento de bastonetes (vermelho alaranjado) e um zigzague (vermelho forte).

O **painel 20** está localizado em uma parede inclinada ampla, entre 2,40m e 3,66m de altura em relação ao piso. Sua superfície é irregular, ondulada e com muitas descamações em quartzito com presença de mica, que conferem à superfície aspecto rugoso. Neste painel, foram identificados vinte e quatro antropomorfos, sete em cor vermelha e dezessete em amarelo pastoso. Os primeiros antropomorfos a serem pintados apresentam semelhanças e diferenças estilísticas relativas à composição e tipos de preenchimento. Todos eles apresentam, aparentemente, a mesma tinta, possuem formato de peixe, como aqueles identificados no painel 11, descrito acima. Os membros apresentam-se erguidos, e corpo preenchido por traços longitudinais, que têm início na cabeça, e traços arqueados; alguns apresentam detalhes nas cabeças, orelhas, mãos e pés. Um conjunto destes antropomorfos é sobreposto por outros, que também apresentam diferenças e semelhanças estilísticas; além da cor utilizada (vermelho), possuem membros superiores e inferiores erguidos, mas dois destes apresentam preenchimento por traços paralelos ao dorso e volumes distintos.

Os **paineis 21 e 21a e 21b** (Figura 41) estão localizados em um teto restrito, parede restrita e teto restrito, respectivamente. No painel 21, foi pintado aparentemente um cervídeo (amarelo), que foi sobreposto por um quadrúpede preenchido por traços retilíneos paralelos ao dorso. Ao lado, foi pintada uma máscara (amarelo) elaborada por traços sinuosos que, em sua porção superior, apresenta forma triangular completamente preenchida por pigmento. No teto acima desta figura, um peixe (vermelho claro) é sobreposto por um cervídeo (vermelho vinho) em mau estado de conservação. Ao lado destes painéis, em um teto amplo e irregular (**painel 22**), foi pintado outro cervídeo (vermelho vinho), também em mau estado de conservação. Nesta poção do abrigo, em um espelho restrito isolado dos demais painéis, dois “riscos em crayon” (vermelho) elaborados por traços paralelos e anárquicos foram pintados em uma parede restrita (**painel 23**).

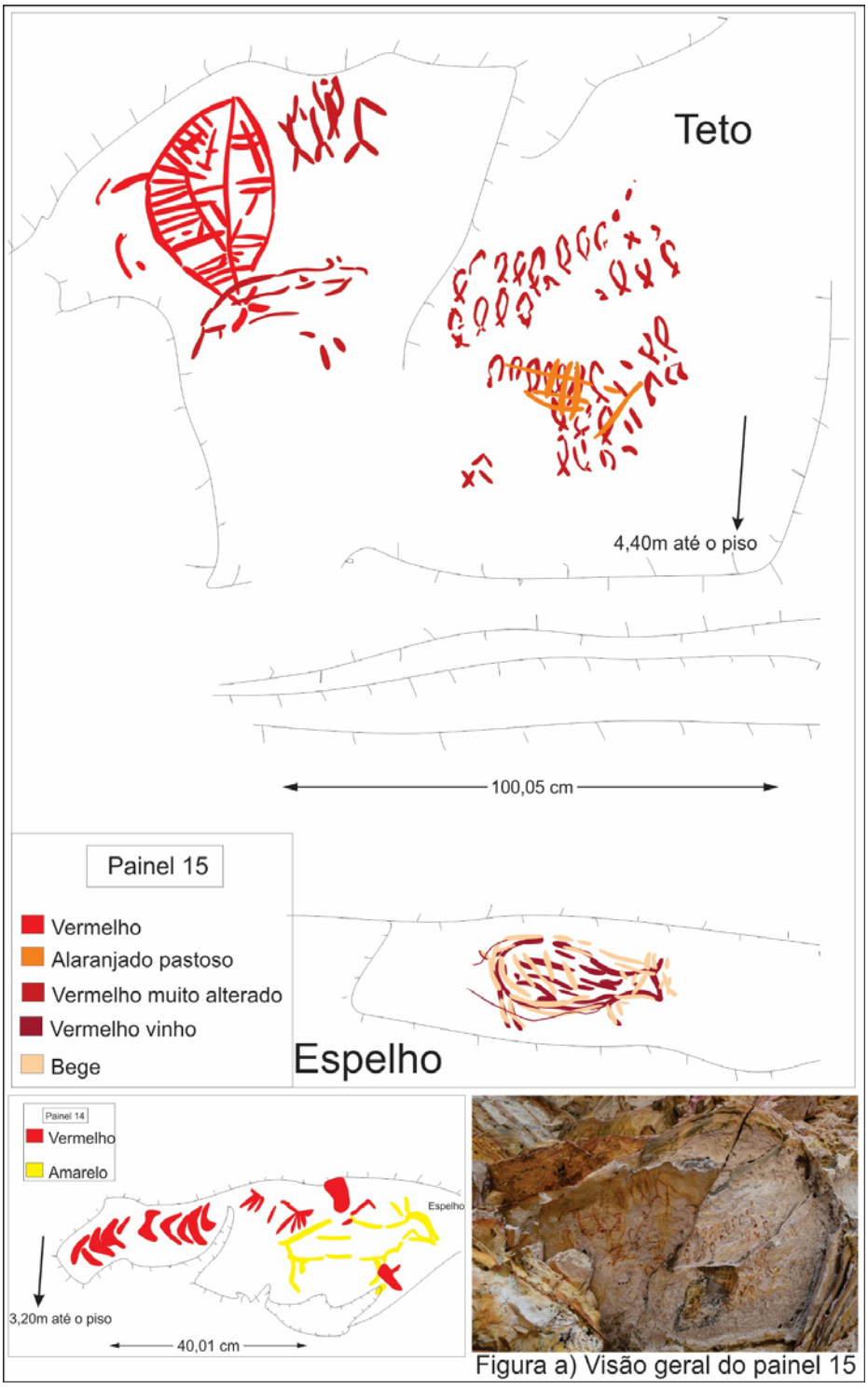


Figura 39:Reprodução dos painéis 14 e 15, Lapa da Onça 1.

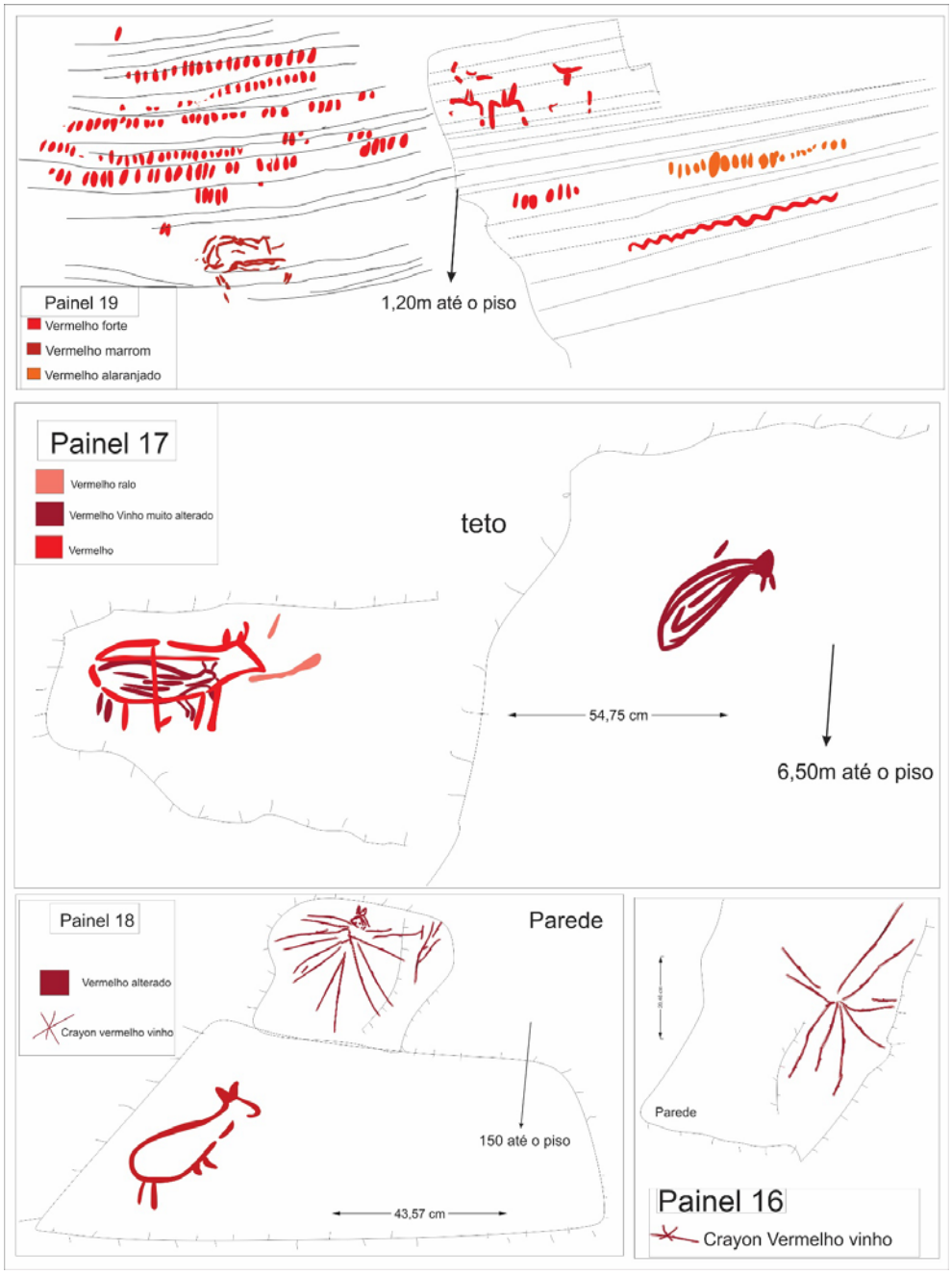


Figura 40: Reprodução dos painéis 16, 17, 18 e 19, Lapa da Onça 1.

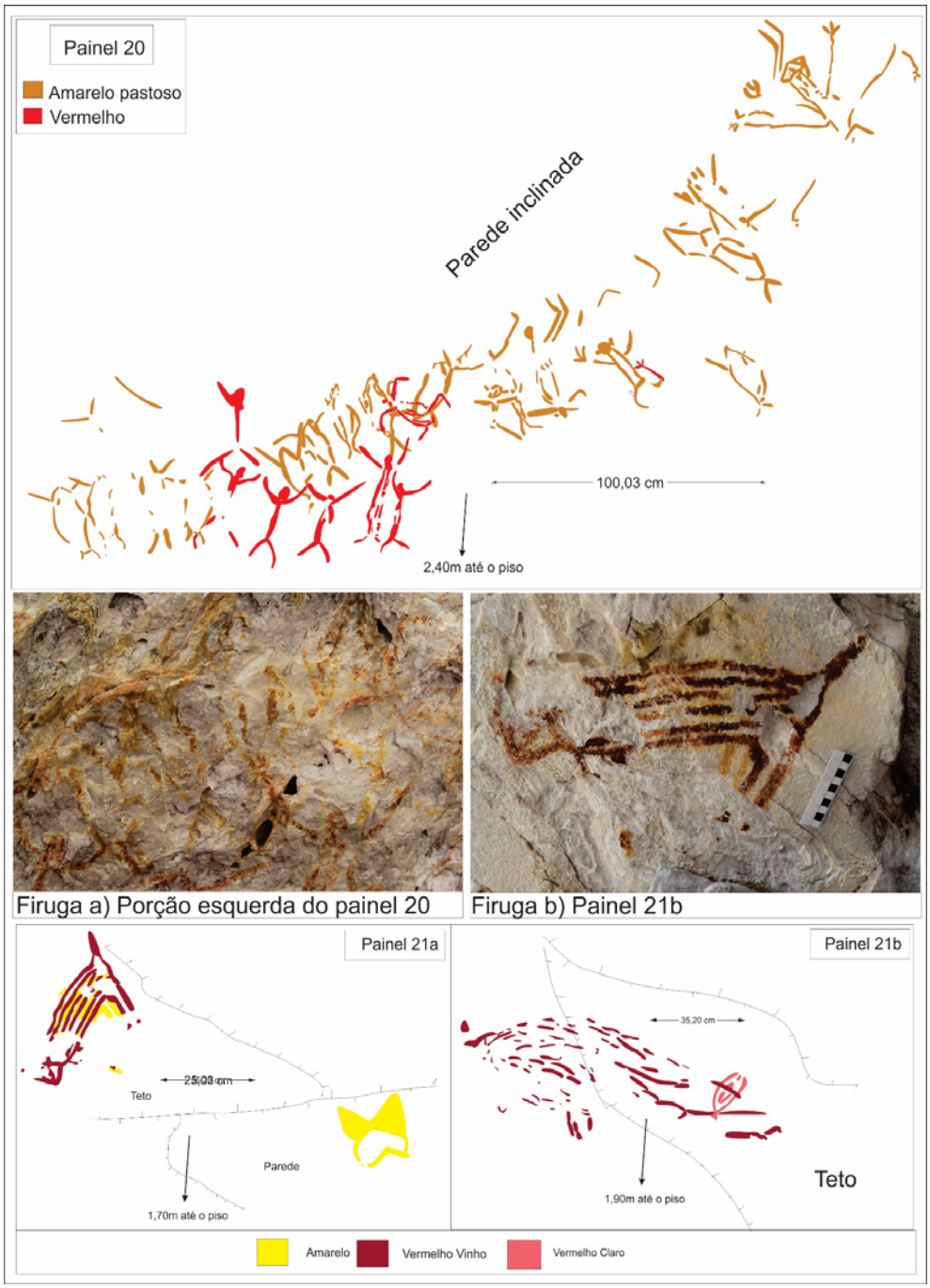


Figura 41: Reprodução dos painéis20, 21a e 21b, Lapa da Onça 1.

Na extremidade oeste do abrigo, em um espelho amplo (**painel 24**), foram pintados três cervídeos, um quadrúpede e “riscos em crayon”, além de quatro figuras de difícil atribuição temática (Figura 42). No primeiro momento de ocupação do suporte, foram pintados um cervídeo (amarelo) preenchido por traços paralelos ao dorso e um quadrúpede elaborado por traços contínuos e com apenas um traço sobreposto ao ventre. Abaixo dele, um cervídeo (alaranjado claro) foi preenchido por traços descontínuos, paralelos e transversais ao dorso. No quarto traseiro foi acrescentado um cervídeo (alaranjado) preenchido por traços transversais ao dorso. Os limites do pescoço do animal se estendem e também compõem parte do preenchimento. Acima destas figuras, dois “riscos em crayon” elaborados por traços simples contínuos e com ramificações se sobrepõe ao quadrúpede.

Os painéis **25, 26, 27 e 28** (Figura 43) estão localizados em blocos no piso, próximos à porção central do abrigo. Em uma superfície plana (painel 26) e exposta do bloco abatido, foram pintados dois alinhamentos de pontos, um em formato circular e outro retangular. Próximo ao piso, em uma porção abrigada deste bloco (painel 27) entreposto por outros blocos, outros três zoomorfos foram pintados em cor vermelha e vermelha forte. Este último se sobrepõe aos de cor vermelha. Na outra face deste bloco (painel 28), foram pintados outros três zoomorfos (vermelho forte); as figuras apresentam poucos traços, sendo nítidos os limites do corpo e poucos os detalhes anatômicos. Em uma superfície restrita entre dois blocos (painel 25), próximo aos painéis 11 e 12, foi pintado um pectiforme (vermelho forte).

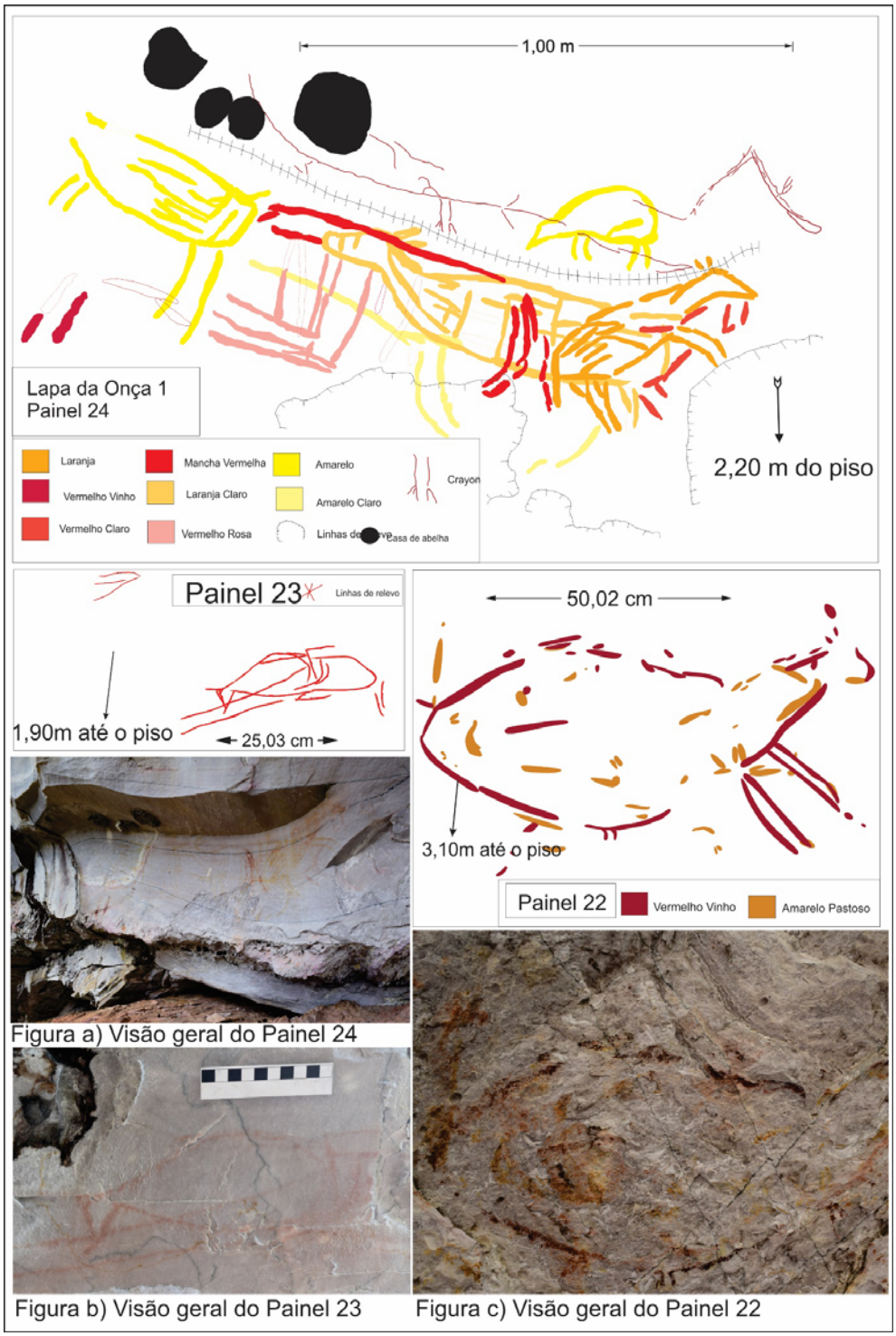


Figura 42: Reprodução dos painéis 22, 23 e 24, Lapa da Onça 1.

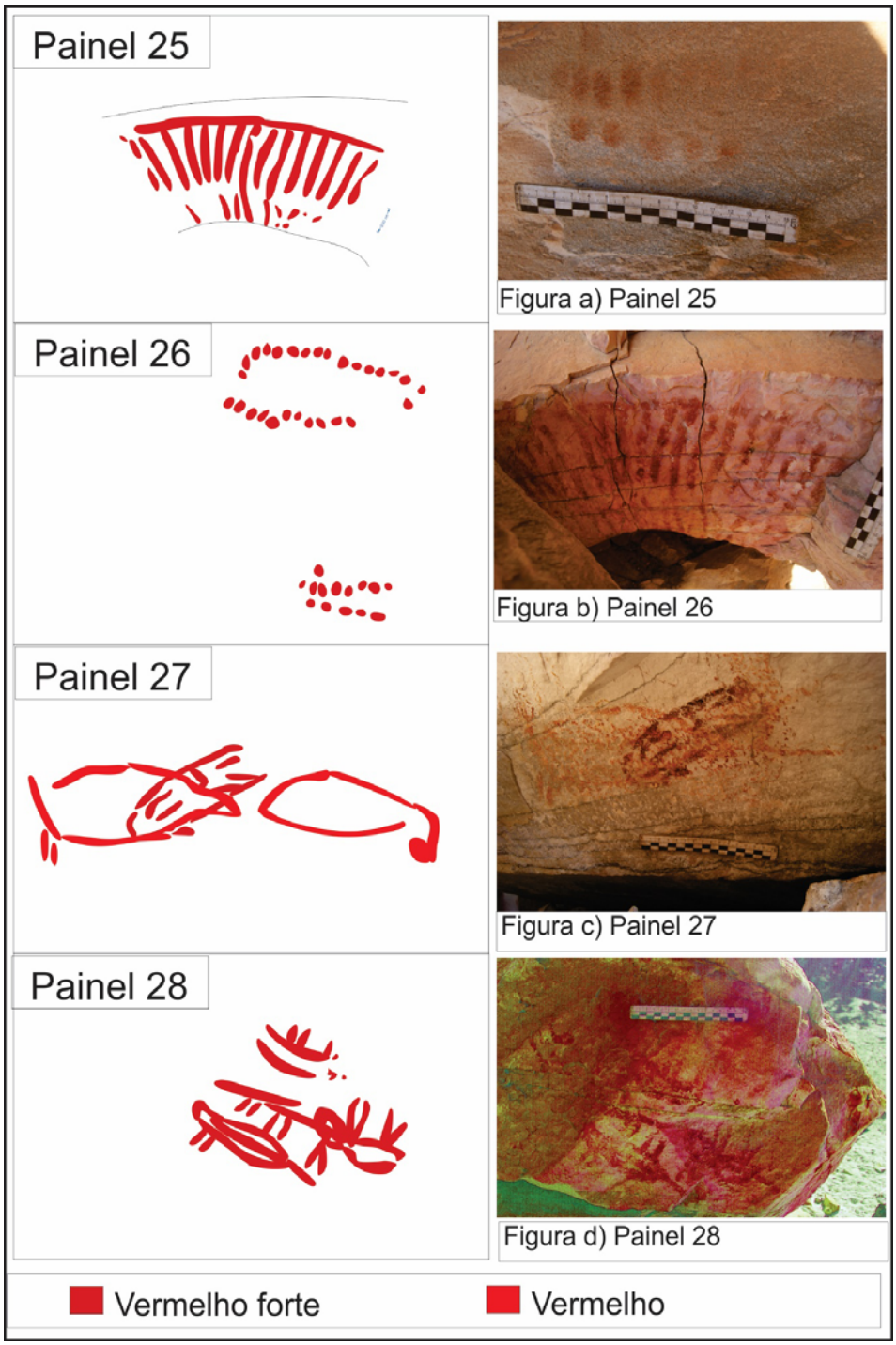


Figura 43: Reprodução dos painéis 25, 26, 27 e 28, Lapa da Onça 1.

5.1.5.1. Cronoestilística do sítio Lapa da Onça 1

A partir da organização dos eventos de sobreposição, dos estilos e das escolhas dos suportes a receber os grafismos, foi possível delimitar pelo menos conjuntos estilísticos na Lapa da Onça 1, alguns deles com relações cronológicas, conforme será abordado a seguir.

No **Conjunto estilístico Lapa da Onça 1** (**LO1**), não houve preferência em suportes com morfologias específicas, nem que apresentassem visibilidade alta. Foram ocupados os seguintes painéis: teto amplo (painel 1), teto restrito (13), espelho restrito (painel 5 e 14), bloco (painel 8) e parede restrita (painel 18). Para estas categorias de análise demonstra-se que foram pintados em suportes que apresentam visibilidade alta, média e baixa em suportes em que, mesmo sendo restritos, é possível observar as figuras a partir de certa distância. Da mesma maneira, há suportes em que a visualização das figuras necessita de aproximação maior (teto restrito e bloco). As figuras deste conjunto inauguraram os painéis do sítio e são pouco expressivas, somando apenas sete figuras. Este conjunto é caracterizado por cinco cervídeos e um peixe, majoritariamente pintados em cor amarela. As figuras deste conjunto apresentam tamanhos variados, os preenchimentos dados aos corpos são poucos ou ausentes. Os detalhes anatômicos também são poucos, aparecendo somente orelhas e joelhos. Para compor as figuras são necessários poucos traços, que na maioria das vezes são contínuos e regulares.

Tabela 5: Quantidade de temas por painel do sítio Lapa da Onça 1

Painel	Cervídeos	Antropomorfos	Peixes	Aves	"Riscos em crayon"	Alinhamento de bastonetes	Alinhamento de pontos	Outros zoomorfos	Grades	Máscara	Pectiforme	Armas	Aspas	Círculo Irradiado	Zig-zag	Não identificados	Total
1	3	0	0	0	2	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	6
2	2	0	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	7
3	4	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	11
4	10	0	3	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	4	20
5	0	3	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	7
6	0	0	4	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	5

7	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
8	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
9	5	6	1		0	1	0	3	0	0		0	0	0	0	4	20
10	3	2	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	2	10
11	3	4	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2	11
12	2	2	2	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	15	24
13	2	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	4
14	1	0	0		0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	4
15	2	4	35	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	43
16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
17	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4
18	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2
19	1	3	0	0	0	9	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	14
20	24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	24
21	1	0	1		0	0	0	2	0	1	0	0	0	0	0	0	5
22	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2
23	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
24	3	0	0	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	4	10
25	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
26	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
27	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
28	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Total dos temas	**71**	**25**	**53**	**2**	**7**	**11**	**3**	**23**	**2**	**2**	**3**	**3**	**1**	**2**	**1**	**39**	248
% do total	**28,6**	**10,1**	**21,4**	**0,8**	**2,8**	**4,4**	**1,2**	**9,3**	**0,8**	**0,8**	**1,2**	**1,2**	**0,4**	**0,8**	**0,4**	**15,7**	100

Fonte: o autor.

O **conjunto estilístico Lapa da Onça 2 (LO2)** inaugurou novos suportes no sítio, se sobrepõe a figuras do conjunto LO1 e a outros conjuntos. Pelo menos 17 painéis, em todo o sítio, possuem figuras deste conjunto: tetos amplos e restritos, tetos inclinados, paredes amplas e restritas, tetos escalonados, espelhos, espelhos amplos e restritos. Este conjunto apresenta maior expressão na ocupação dos painéis e em quantidade de figuras, muitas delas em sobreposições (entre as figuras do mesmo conjunto e outros conjuntos) e não houveram preferência aparente nas escolhas dos painéis, podendo ter visibilidade baixa, média ou alta,

bem como superfícies onduladas, restritas ou homogêneas e amplas. Os temas representados são mais diversos: há cervídeos, quadrúpedes, aves, tatus, peixes, antropomorfos e figuras geométricas que variam de forma e tamanho, mas mantem proporcionalidade (volume) entre as partes do corpo. De maneira semelhante ao observado na Lapa do Chumbinho, os detalhes anatômicos dos zoomorfos, sobretudo nos cervídeos, variam muito e, além da presença ou ausência dos detalhes, mudam quanto à localização, à quantidade de traços e às maneiras de se representarem. As diferentes combinações de detalhes anatômicos, conforme apresentados na Lapa do Chumbinho, para este sítio são ainda maiores. A presença deste conjunto no sítio indica a possibilidade de terem sido pintados muitas figuras em sincronia e diacronia.

O **conjunto estilístico Lapa da Onça 3 (LO3)** inaugurou um suporte (painel 20) e se sobrepõe à figuras do conjunto LO2 (painel 11), há também figuras do conjunto LO2 que se sobrepõe a este conjunto. Os painéis pintados por este conjunto são caracterizados por possuírem visibilidade alta em suportes de maiores dimensões. No sítio foram identificados vinte e dois grafismos que compõem este conjunto; 21 antropomorfos, um quadrúpede e duas figuras de difícil atribuição temática. A tinta utilizada por este conjunto possui tonalidade amarela pastosa e pouco diluída. Assim como o observado na Lapa do Chumbinho, as figuras apresentam muitos traços como preenchimento e detalhes anatômicos bem representados, conferindo a elas naturalismo. A principal característica estilística é a presença de muitos traços com orientações distintas preenchendo o corpo dos quadrúpedes. As figuras antropomorfas apresentam corpo em formatos diversos, membros erguidos, e corpo preenchido por traços longitudinais que têm início na cabeça e traços curvos que finalizam no próprio segmento do corpo, alguns deles com indicações de orelhas e dedos.

O **conjunto estilístico Lapa da Onça 4 (LO4)** se sobrepõe a figuras do conjunto LC1 e LC2. Os painéis ocupados por este conjunto foram teto amplo (painel 1), parede ampla (painel 2), teto escalonado (painel 9), espelho restrito (painel 15), parede restrita (painel 16, 18 e 23) e espelho amplo (painel 24). Foram ocupados suportes com visibilidade baixa e média, com exceção das figuras no painel 2 e 9, que possuem maiores dimensões, visibilidade média, mas que estão postas nas margens do suporte. As figuras, sempre elaboradas em crayon em tonalidade vermelho vinho e vermelho, possuem pequenas dimensões e estão presentes em painéis mais periféricos e de pouco destaque no afloramento. As figurações não apresentam forma ou temática semelhantes aos encontrados no sítio, possuem traços anárquicos, às vezes paralelos e curvos que convergem nas extremidades.

O **conjunto estilístico Lapa da Onça 5 (LO5)** se sobrepõe a figuras do conjunto LC2. Os painéis ocupados por este conjunto são tetos amplos, parede ampla, espelho, espelho

restrito, teto amplo, parede ampla, e superfícies restritas de blocos abatidos. Este conjunto optou por ocupar preferencialmente suportes amplos e suportes restritos, mas de baixa visibilidade. Embora, no conjunto delimitado, tenha sido observado preferência por ocupar tais suportes, há figuras localizadas em suportes que apresentam visibilidade média a alta. As figuras foram elaboradas por dedo e as cores observadas nos diferentes suportes variam em vermelho, vermelho forte, vermelho alaranjado e vermelho ralo. A temática que compõe o conjunto é composta por alinhamento de pontos e bastonetes, pectiformes, zoomorfos, armas, zigzags. De modo geral, a temática predominante é a geométrica, elaborada por traços simples (pontos, bastonetes) contínuos e irregulares, o mesmo ocorre para os zoomorfos que aparecem em menor quantidade, são elaborados por poucos traços irregulares contínuos e descontínuos e não há detalhes anatômicos representados. Este conjunto aparentemente possui sistemas visuais distintos; uma localizada em suportes relativamente amplos de pouco destaque, em painéis "periféricos", mas que possuem visibilidade alta; e outra localizada em suportes restritos de pouco destaque e que é necessário a aproximação e posturas corporais mais flexíveis para a sua visualização.

Os conjuntos descritos acima apresentam uma maneira específica de se apropriar dos suportes disponíveis e a quantidade de figuras, recorrências e relações bem demarcadas com outros conjuntos apresentam certa coesão no que se refere à maneira de representar os grafismos, a cor utilizada e temáticas próprias. No entanto, não são todas as figuras identificadas no sítio que se "encaixam" na lógica organizativa proposta neste trabalho para delimitação dos conjuntos. Algumas das pinturas apresentam temáticas poucos comuns, aparecem em pequena quantidade e suas relações cronológicas e estilísticas apresentam divergências com os demais conjuntos, embora haja também semelhanças. Algumas figuras geométricas (aspas, pectiformes e grades) possuem cores e estilos distintos em sua representação e que, em função da pouca quantidade no sítio, neste momento torna-se difícil e duvidosa a sua associação a um determinado conjunto estilístico, seja como figuras pertencentes aos já descritos conjuntos, ou como um conjunto distinto. Mais à frente a discussão será retomada, quando da construção do cenário e articulação de todos conjuntos estilísticos identificados.

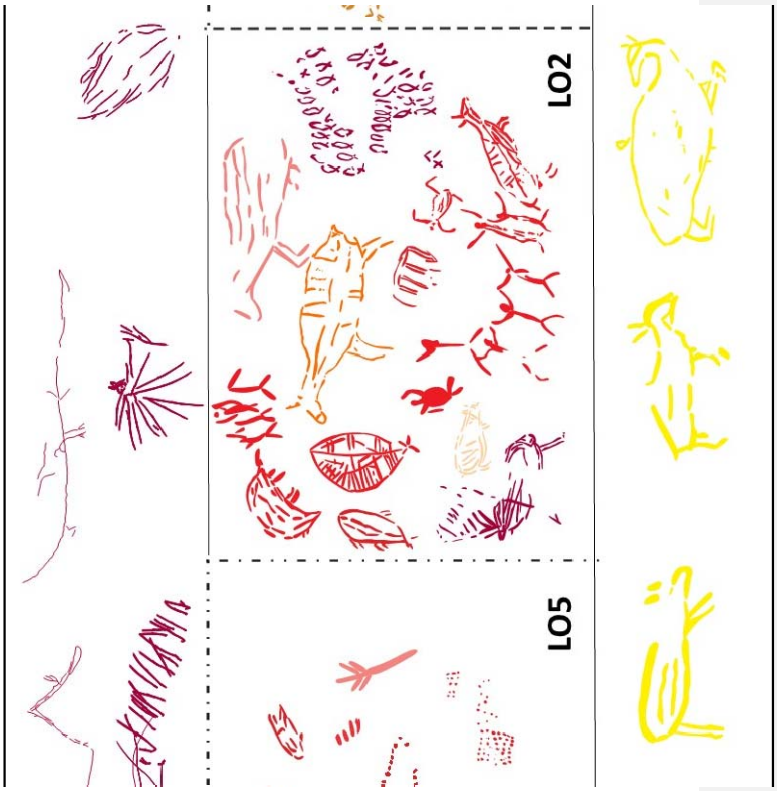


Figura 44: Conjuntos estilísticos da Lapa da Onça 1. Legenda: Conjuntos estilísticos da Lapa do Chumbinho. Linha contínua representa relação cronológica bem estabelecida. Linha tracejada representa conjuntos distintos que as figuras sobrepõem umas às outras. Linha tracejada e com pontos representa conjuntos que não possuem relações cronológicas estabelecidas.

5.1.6 LAPA DA ONÇA 4

O sítio Lapa da Onça 4 está localizado a 240 metros a leste do sítio Lapa da Contagem 6, também na Serra da Contagem. Seu acesso é feito pelos mesmos caminhos que levam aos sítios descritos anteriormente. É possível acessá-lo também pelo campo rupestre a leste do afloramento. Na sua frente, a 340 metros a norte, está localizado outro afloramento rochoso onde se situa o sítio Lapa da Contagem 3.

O campo à frente do abrigo possui declividade suave, solo pouco espesso e vegetação característica de campo rupestre.Apesar das pequenas dimensões do abrigo, o afloramento é facilmente visto de longe. Todo o afloramento apresenta muitas fraturas e possui tonalidades cinza escuro, exceto no interior do abrigo que possui suportes de dimensões restritas com tons de cinza claro e avermelhadas em função da forte oxidação na rocha. O piso do abrigo é plano e predominantemente sedimentar. Além de uma pequena drenagem à frente do abrigo, por

estar localizado em campo com turfeira, há disponibilidade hídrica mesmo em períodos de estiagem.

A parte abrigada do afloramento (Figura 45) possui 14 metros de comprimento e profundidade máxima de 6 metros, na parte central, e, nas extremidades, média de 1,80 de profundidade e 6 metros de altura até a cornija. De modo geral os suportes são facilmente acessados, contudo, os dois painéis identificados estão localizados na parte superior cujo acesso é difícil, sendo necessário escalar uma parede central muito fraturada. Os suportes por todo o sítio apresentam oxidação, escorrimento d'água de chuva. As fraturas conferiram ao sítio suportes muito restritos. Há pouca disponibilidade de suportes amplos e aqueles que possuem maiores dimensões foram pintados.

Foram identificados dois painéis localizados em espelhos, ambos estão em estado avançado de deterioração, tanto as pinturas quanto os suportes. O **painel 1**(Figura 46c) possui 80cm x 29cm e está a 2,40m do piso do abrigo. Nele foi pintado, aparentemente, um cervídeo feito a dedo em cor com tonalidade alaranjada (forte). Os traços que preenchem o cervídeo são paralelos curvos, que se estendem pelo corpo. As pernas foram elaboradas por dois traços flexionados.

O **painel 2**(Figura 46d) está bastante patinado e as figuras quase que imperceptíveis. Aparentemente foram pintados a dedo pares de peixes. É possível notar apenas traços divergentes que seriam indicativas da barbatana e um traço interno como preenchimento.

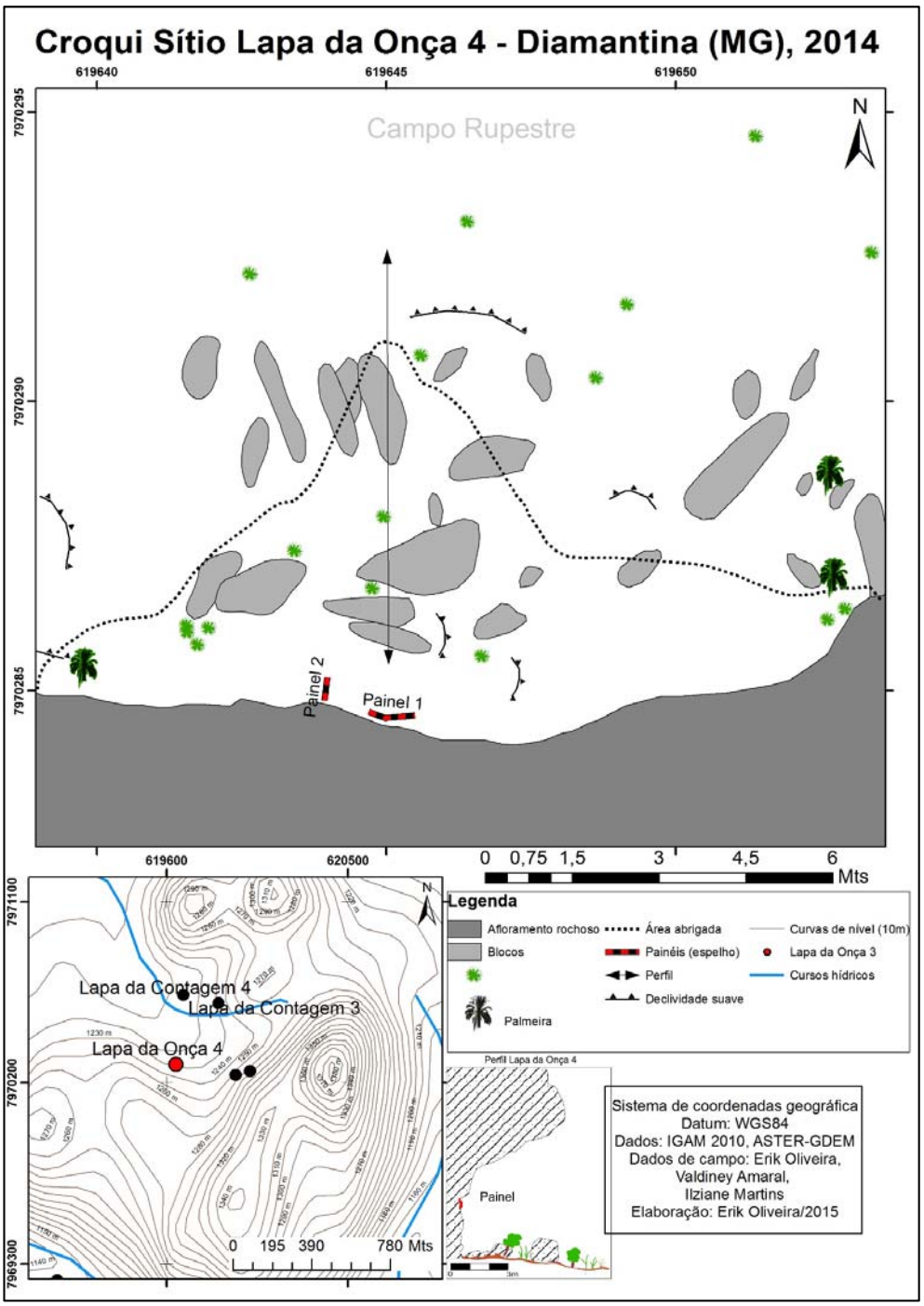


Figura 45: Croqui Lapa da Onça 4

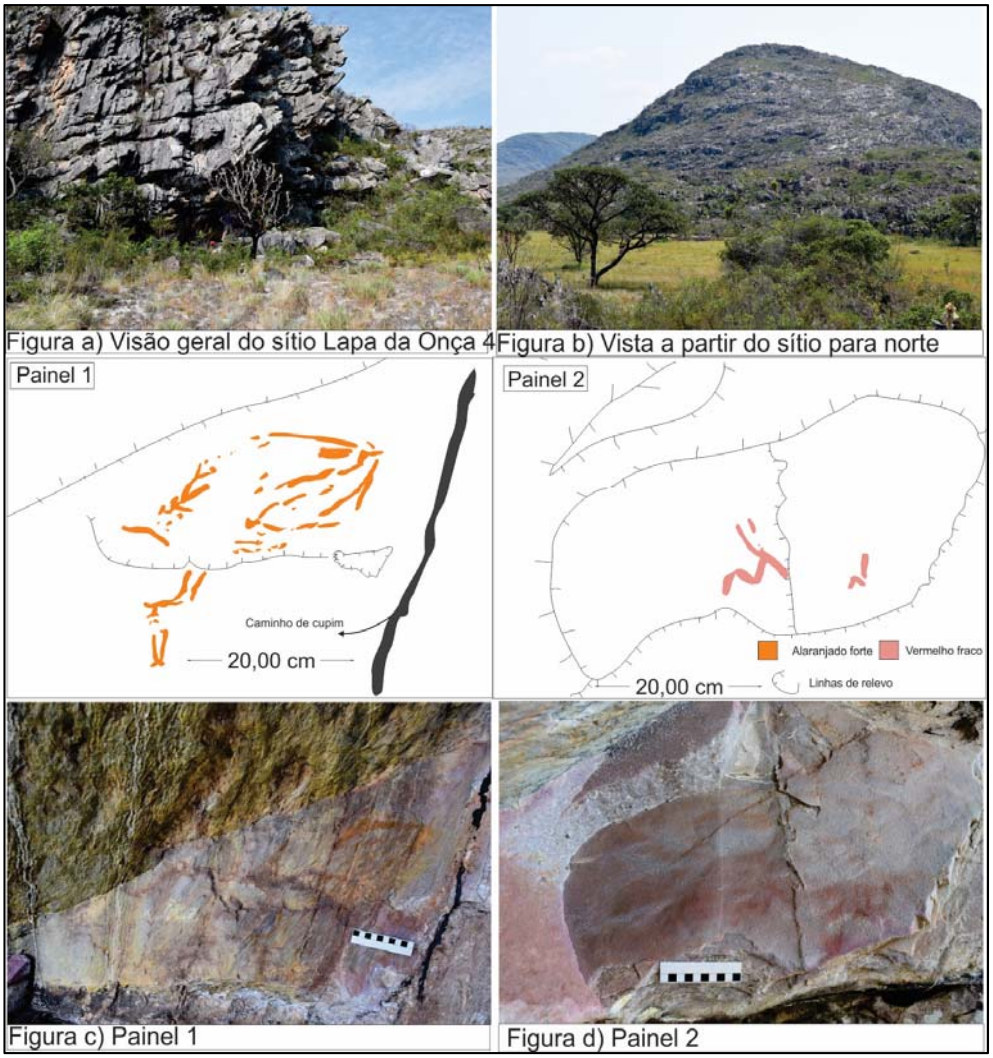


Figura 46:Localização do sítio, dos painéis e reprodução digital

5.1.7 LAPA DA CONTAGEM 1 E 2

Os sítios que será descrito abaixo foi registrado parcialmente em função razões já expostas no capítulo 3. Para estes sítios foram aplicadas a ficha de campo, desenho de perfil do painel e calques digitais. Não foram realizados calque em plástico nem croquis esquemáticos. O sítio Lapa da Contagem 1 encontra-se entre duas serras e é facilmente acessado pelo campo rupestre a nordeste e a sudoeste. A área do entorno é plana e apresenta características de campo rupestre o que possibilita a fácil visualização (até 500m a nordeste) e alguns quilômetros a sudoeste. A visibilidade do entorno a partir do sitio somente é

interrompida pelas serras que se estendem a norte e a sul, a primeira a 200 metros e a segunda, Serra da Contagem, a menos de 50 metros. Neste espaço entre as serras, surge uma pequena drenagem a 120 metros do sítio.

O sítio Lapa da Contagem 1 está localizado na serra homônima é caracterizado por ser um matacão, um bloco de quartzito de aproximadamente 10 metros de comprimento por 6 metros de largura de formato irregular que em uma das faces apresenta uma pequena "cornija" que dispõe uma pequena área abrigada de pouco mais de dois metros de largura por 1,50m de profundidade. O bloco chega a até 6m de altura. É somente nesta porção que os suportes possuem alguns atributos tais como homogeneidade da rocha e "proteção"; não estão expostos às intempéries e não apresentam sujidades, ondulações e fortes erosões. As pinturas estão localizadas na porção inferior da parte abrigada e há muitos arbustos ao redor. O painel, uma parede de 2,30m comprimento por 1,20m de largura, tem início a partir do piso sedimentar e nele foram identificados somente alguns traços muito patinados sendo impossível, portanto, a reconhecimento por completo das figuras.

O abrigo (Lapa da Contagem 2), localizado no terço inferior do afloramento rochoso, é acessado por meio de uma rampa com blocos, plaquetas e sedimentos acumulados em alguns pontos, o que torna aproximação relativamente dificultosa. O acesso aos suportes é heterogêneo pois há uma grande quantidade de blocos abatidos em seu piso que é mormente rochoso, além da topografia muito irregular. Próximo à zona de gotejamento (cornija), sentido de deposição geral dos sedimentos, há vegetação de porte arbóreo e arbustivo.

Internamente ao abrigo, que possui dimensões medianas (entre 30 a 50metros de comprimento) com abertura para nordeste, há muitos suportes disponíveis, mas que não sofreram intervenções. Apenas um único painel foi identificado, um pequeno teto restrito (1,0 x 0,86m). De modo geral os suportes do sítio apresentam qualidades ruins; há muitos desplaquetamentos, erosões alveolares, queda de blocos, ação intensa da água de chuva, fungos e liquens tornando o aspecto das rochas rugosas com tons cinza-escuro. Na porção mais externa do abrigo, próximo à cornija, há alguns suportes (teto restritos) que expõem rochas mais homogêneas de textura fina em tom cinza claro.

O único painel identificado no sítio está localizado próximo a cornija (Figura 47e) em um pequeno teto (a 2,70 metros do piso) de qualidade distintas quando comparada com os outros suportes do sítio. Embora sua superfície apresente oxidação e muitas descamações sua textura é fina. Nele foi pintado apenas um único cervídeo de tamanho indeterminado pois encontra-se muito desbotada. O cervídeo é preenchido por traços paralelos ao dorso, as patas e orelhas são traços únicos e retilíneos.

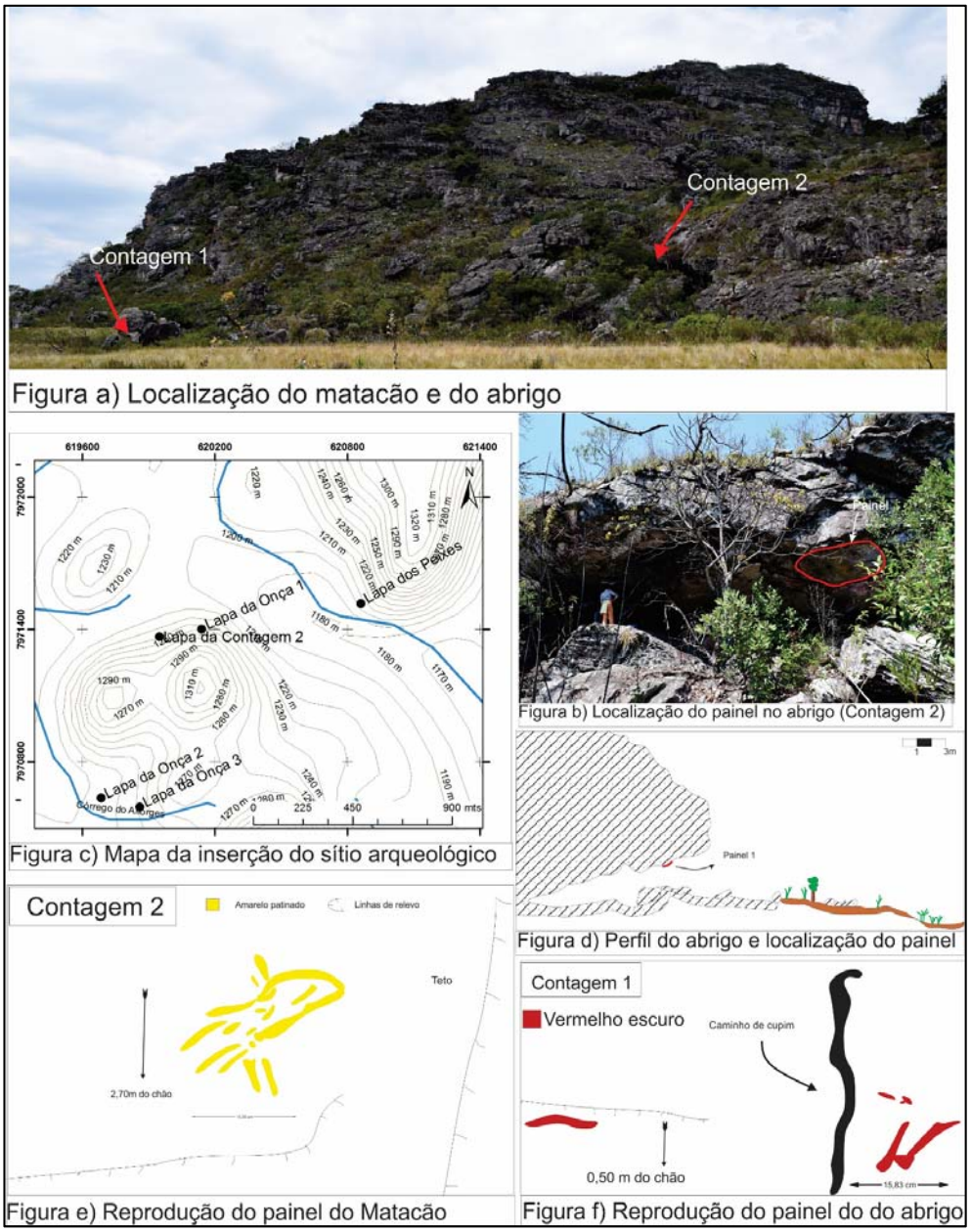


Figura 47: Localização do matacão e do abrigo, painéis, perfil, e reprodução digital das figuras.

5.1.8 LAPA DA CONTAGEM 3

O sítio Lapa da Contagem 3 está localizado a aproximadamente 700 metros a sul da Lapa da Contagem 2, em um dos afloramentos que compõem a Serra da Contagem. O sítio é acessado pelo campo rupestre que se encontra a leste do abrigo. Localizado no terço médio do afloramento rochoso, o sítio é acessado por uma rampa com blocos abatidos, plaquetas, sedimentos acumulados entre as rochas e vegetação de pequeno porte e arbustivo, com exceção de algumas esparsas árvores no limite do abrigo (Figura 48b).

Na frente do abrigo, a 130 metros, há um pequeno relevo residual que se estende de leste a oeste e impede o a visualização do entorno (Figura 48a). A 170 metros a leste outra serra se estende em sentido norte e sul. A partir do sítio, a visibilidade do entorno ganha maiores distâncias (alguns quilômetros) a oeste, por onde o acesso à área é realizado. O campo rupestre à frente do abrigo está assentado em uma turfeira que se avulta por toda a região do entorno, próximo também a outros sítios que serão descritos posteriormente. Em meio às rochas que afloram a turfeira retém água em sub-superfície e mantêm um curso hídrico mesmo nos períodos de estiagem. Nestes períodos é possível encontrar água nas porções mais rebaixadas e basta alguns poucos centímetros abaixo da superfície para ela minar.

O sítio é facilmente visto de longas distâncias por aqueles que chegam a oeste. Sua posição topografia no afloramento e as grandes rochas expostas ora em tons mais acinzentados, ora mais escuros, chamam a atençãode quem se aproximam por suas cores e tamanho. O sitio possui aproximadamente 35 metros de comprimento e, seu piso, predominantemente rochoso e com blocos, dificultam o deslocamento no sítio. A área abrigada possui aproximadamente 12 metros de profundidade e 9 metros de altura máxima.

No interior do abrigo há muitos suportes disponíveis que não receberam figurações. A ação das intempéries físico-químicas em todo o sítio deu aos suportes tonalidades de cinza escuro. Observando o sítio percebe-se que seu estado de conservação é ruim: blocos e plaquetas tomam a maior parte de seu espaço interno. Os suportes, de modo geral, são bastante irregulares e possuem trechos restritos e micáceos. Mesmo os suportes apresentando escorrimentos minerais, sujidades e aspecto rugoso, há painéis com características distintas das observadas em todo o sítio, alguns deles receberam pinturas.

Ao todo foram delimitados cinco painéis posicionados em diferentes compartimentos do sítio. Os temas que compõem os painéis são “riscos em crayon” e 3 zoomorfos não identificados. O **painel 1**(Figura 48) é um teto (1,0m x 0,6m) localizado a 2,45m do piso do

abrigo, com textura rugosa e muito descamada. Não há blocos nem indícios de que houvesse uma árvore que daria apoio para que o autor alcançasse o teto. Nele foi pintado um zoomorfo não reconhecível, a maior parte de seu corpo está apagada em função do desgaste. Aparentemente seu preenchimento é de traços paralelos.

O **painel 2**, localizado a 4 metros do painel 2, é um bloco abatido escorado por outros blocos que se encontra na porção central do abrigo. Em uma pequena superfície de 20cm x 60cm a 1 metro do chão foram realizados traços anárquicos em crayon sem forma específica. O **painel 3** está localizado na porção mais interna do abrigo, em um espelho de 1,40m x 0,5m a 2,90m do chão. Atualmente todo a superfície está tomada por fungos e fuligens, além de ter havido o escorrimento de água, as duas figuras encontram-se quase que completamente encobertas, desbotada e com seu pigmento escorrido pelo suporte. Não foi possível identificar com clareza o modo que foram elaboradas, contudo, uma delas onde o escorrimento se deu de maneira menos intensa foi identificado traços em sua extremidade que despontam de seu corpo. Além disso seu preenchimento é totalmente preenchido por pigmento, sem traços aparentes.

O **painel 4** está localizado a 2,0 metros do painel 3 em um espelho de 1,10m x 1,15m a 1,15m do piso do abrigo. Neste os traços feitos em crayon são longos, paralelos e levemente curvados e em sua extremidade esquerda, além dos traços horizontais, foram feitos outros verticais que os cruzam. A pintura com espessura do crayon média de 0,02cm possui até as extremidades 74cm de comprimento. O **painel 5** está localizado próximo à porção esquerda do abrigo. Para acessá-lo é preciso subir um grande bloco abatido. Nesta local há várias intervenções recentes elaboradas em crayon (hematita?) e por carvão. As figurações pré-coloniais aparentemente foram sobrepostas por tais intervenções. É possível notar a diferença entre as espessuras do crayon, pátina e cor entre os distintos autores, além dos temas pintados. Da mesma maneira que o descrito para os outros sítios, as figuras pré-coloniais são compostas por traços paralelos que divergem e que possuem tamanho máximo de até 23cm. Diferentemente destes, as inscrições recentes possuem temáticas distintas.

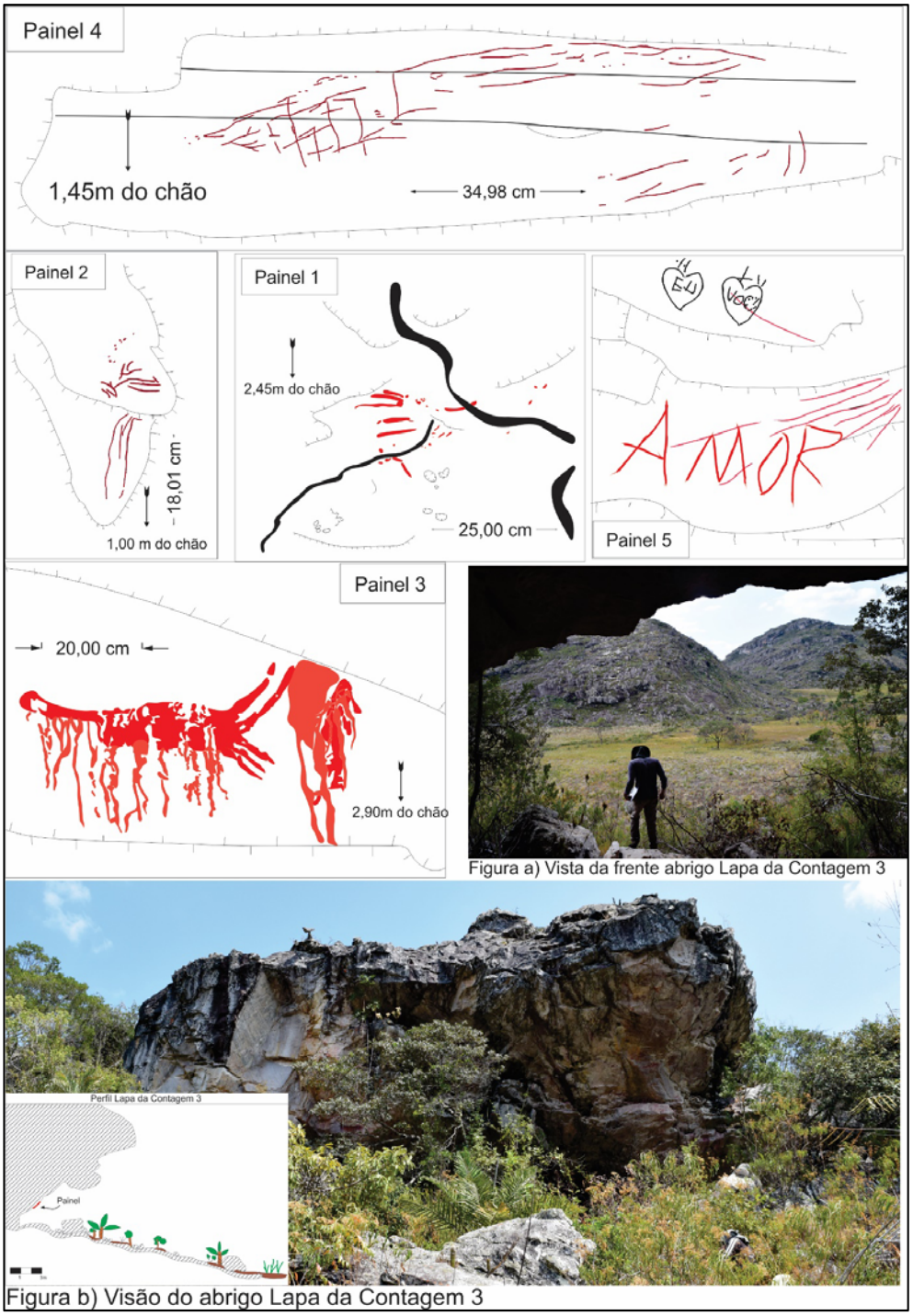


Figura 48:Localização do sítio, perfil e reprodução digital dos painéis.

5.1.9 LAPA DA CONTAGEM 4

O sítio Lapa da Contagem 4 está localizado a 160 metros a leste da Lapa da Contagem 3, próximo a um grande afloramento de compõe a Serra da Contagem, que se estende em sentido norte a sul (Figura 49). O acesso ao sítio é feito pelo campo, que também dá acesso ao sítio descrito anteriormente e apresenta as mesmas características espaciais. O sítio está localizado no terço médio do afloramento rochoso e, embora as adjacências sejam circundadas por serras, a partir do sítio, a visibilidade do entorno a noroeste e a leste alcança aproximadamente 2,5 quilômetros e a sul 800 metros. Da mesma maneira que o sítio Lapa da Contagem 3, há uma pequena drenagem em turfeira a 40 metros do sítio. O acesso se dá por meio de uma rampa com blocos abatidos, onde se acumulam sedimentos com vegetação arbustiva.

Visto facilmente de longe, o afloramento onde o sítio está assentado expõe uma grande parede de cor cinza claro que contrasta com as rochas externas do abrigo. O sítio possui pequenas dimensões: apenas 17 metros de comprimento, 6 metros de profundidade e altura máxima de 10 metros. Contudo, um paredão se estende por mais 40 metros a sul, aonde não há área abrigada e suportes pintados. O piso do abrigo é predominantemente rochoso, contudo os sedimentos se acumulam em alguns pontos de relevo plano. De modo geral, o piso é aplainado, composto por rochas aflorando, pequenos blocos abatidos e plaquetas dispersas em todo seu interior.

A base do abrigo apresenta muitas linhas de acamamento e quebras por placas. Nestas zonas, a textura das rochas apresenta-se mais grossa, oxidação e decomposição são mais intensas, com tonalidades mais avermelhadas e com dimensões mais restritas quando comparada com os outros suportes. No teto e nas paredes, as rochas possuem tonalidades cinza claro, apresentam homogeneidade e textura fina.

Foram identificados no sítio quatro painéis dispostos em diferentes setores. Os temas identificados foram um cervídeo, dois antropomorfos, peixes, alinhamento de bastonetes e uma figura não identificada, no total de 7 figurações. As cores utilizadas foram o “vermelho vinho” e “vermelho ralo”, este último ocorre apenas nos peixes.

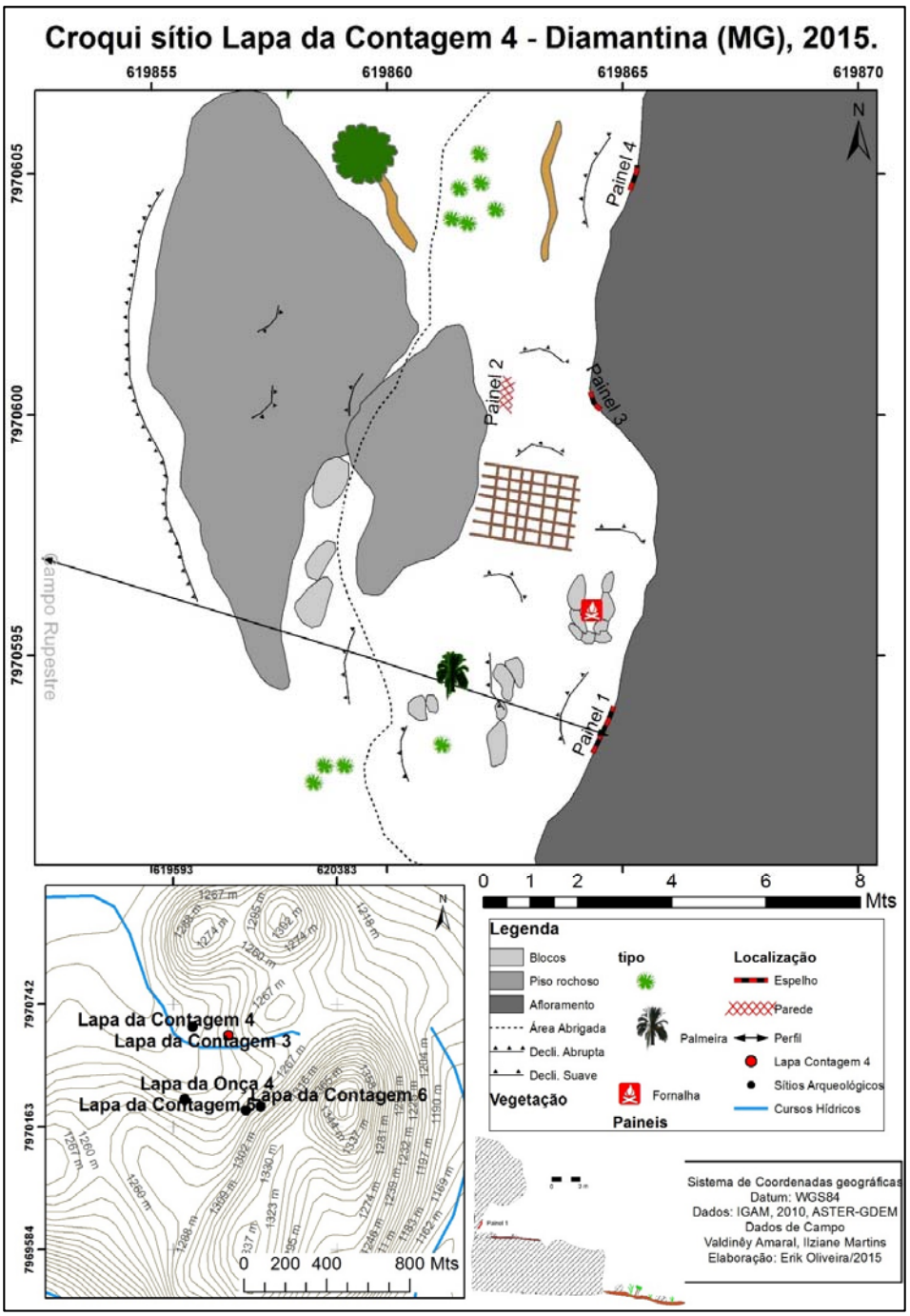


Figura 49:Croqui sítio Lapa da Contagem 4.

O **painel 1** (Figura 50) está localizado em um espelho (2,10m x 0,5m a 60cm) de fácil acesso, próximo à base do afloramento. Foram identificadas quatro figurações: dois peixes, um cervídeo e um antropomorfo. O primeiro momento grafado neste painel foram dois peixes (vermelho fraco), de 16cm de comprimento por 7cm de largura feitos a dedo. Os peixes apresentam o mesmo estilo e há simetria em seus corpos, preenchida por traços longitudinais retilíneos. Há indicaçõesdas barbatanas por traços retilíneos e únicos. Sobrepondo-se aos peixes foram pintados a dedo um antropomorfo e um cervídeo, formando aparentemente uma "cena". O antropomorfo (vermelho vinho), que se encontra incompleto em função das intempéries, foi realizado por traços simples. Há indicações das mãos e em uma delas um longo traço curvo segue em direção ao cervídeo. Sua cabeça é circular e não foi preenchida. À direita deste antropomorfo, foi pintado um cervídeo (vermelho vinho) de 75cm de comprimento. Seu preenchimento é por muitos traços longos paralelos, contínuos e descontínuos, atravessados por traços menores, oblíquos e verticais. Nas patas, há indicações de joelhos e coxas e na cabeça, orelhas elaboradas por dois traços que convergem nas extremidades.

O **painel 2** está localizado em um teto escalonado (1,98 x 0,80m), a 3,27m do piso. Sua qualidade é boa, apresenta homogeneidade e textura fina, contudo, apenas vestígios de tinta com os mesmos aspectos do cervídeo e do antropomorfo foram identificados. O **painel 3** está localizado na base do afloramento, em um suporte muito restrito em função das erosões avançadas condicionadas pelas linhas de acamamento da rocha. O painel possui 33cm de comprimento por 9cm de largura a 1,40m do piso do abrigo. Nele foi pintado uma sequência de bastonetes (vermelho vinho) alinhados com aproximadamente 27cm.

O **painel 4** está localizado a quatro metros do painel 3, na base do afloramento com as mesmas características do painel anterior. Suas dimensões são 70cm de comprimento por 30cm de largura, a 60cm do piso. A figura encontra-se parcialmente apagada e aparenta ser um antropomorfo esquemático com indicações do falo.

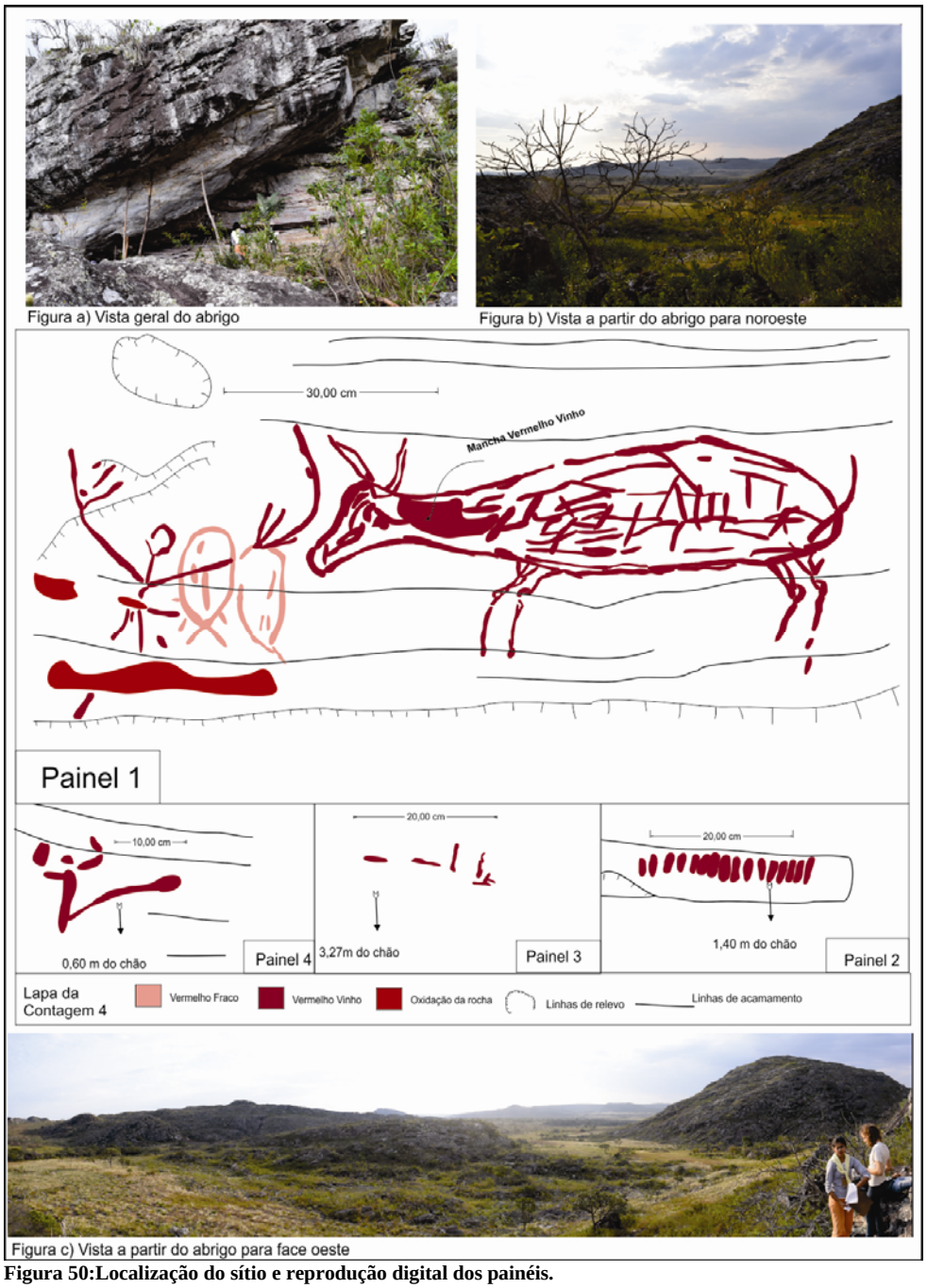


Figura 50:Localização do sítio e reprodução digital dos painéis.

5.1.10 LAPA DA CONTAGEM 5

O sítio Lapa da Contagem 5 está localizado a 370 metros a sul da Lapa da Contagem 4. É possível acessá-lo a partir de três passagens entrepostas pelos afloramentos que compõem a Serra da Contagem; os campos restritos que dão acesso aos sítios descrito anteriormente e à Lapa da Onça 4. Outro possível acesso se dá a nordeste da Serra da Contagem, que segue para o vale onde está localizado o sítio Lapa dos Peixes. Embora sua posição no terço médio do afloramento rochoso, dê maior visibilidade para o abrigo, sua visualização é comprometida pela presença de vegetação de porte arbóreo e arbustivo no talude, onde há formação de solo e blocos. A vegetação por toda a extensão próxima à cornija do abrigo bloqueia parcialmente a visualização dos suportes. Tal característica torna a subida dificultosa, dependendo do caminho tomado, contudo, o acesso pela extremidade norte não apresenta muitos obstáculos.

Sua compartimentação topográfica no afloramento lhe dá visibilidade de alguns quilômetros a oeste. A norte, a visibilidade atinge até 250 metros, quando é quebrada pelas serras aonde estão localizados os sítios da Serra da Contagem descritos acima. A 180 metros a leste do sítio, há um adensamento da vegetação em uma depressão hidromórfica com turfeira retendo água em períodos secos.

Há vários blocos abatidos dispersos por todo o piso do abrigo, que possui pacote sedimentar, rochas aflorando e um grande bloco de quartzito de 2,5m de comprimento por 1,39 de largura (Figura 51). A parte abrigada possui 17 metros de extensão com profundidade máxima de 6 metros, na porção central. Nas extremidades, a profundidade é menor, chegando a até 3 metros. Apesar dos blocos abatidos dispersos pelo sítio, o relevo é regular, sua topografia é plana. Há muitos suportes em todo o afloramento e boa parte foi pintada, com exceção do teto.

Neste sítio os suportes que apresentam maior homogeneidade, textura fina com tonalidades cinza claro, estão localizados na parede do afloramento, que é caracterizada por uma ampla superfície homogênea. O teto do abrigo possui textura fina, contudo, a oxidação, descamação da rocha e outros agentes do intemperismo aparentam ter atuado mais intensamente, dando a eles tons avermelhados e relevo irregularidades.

.

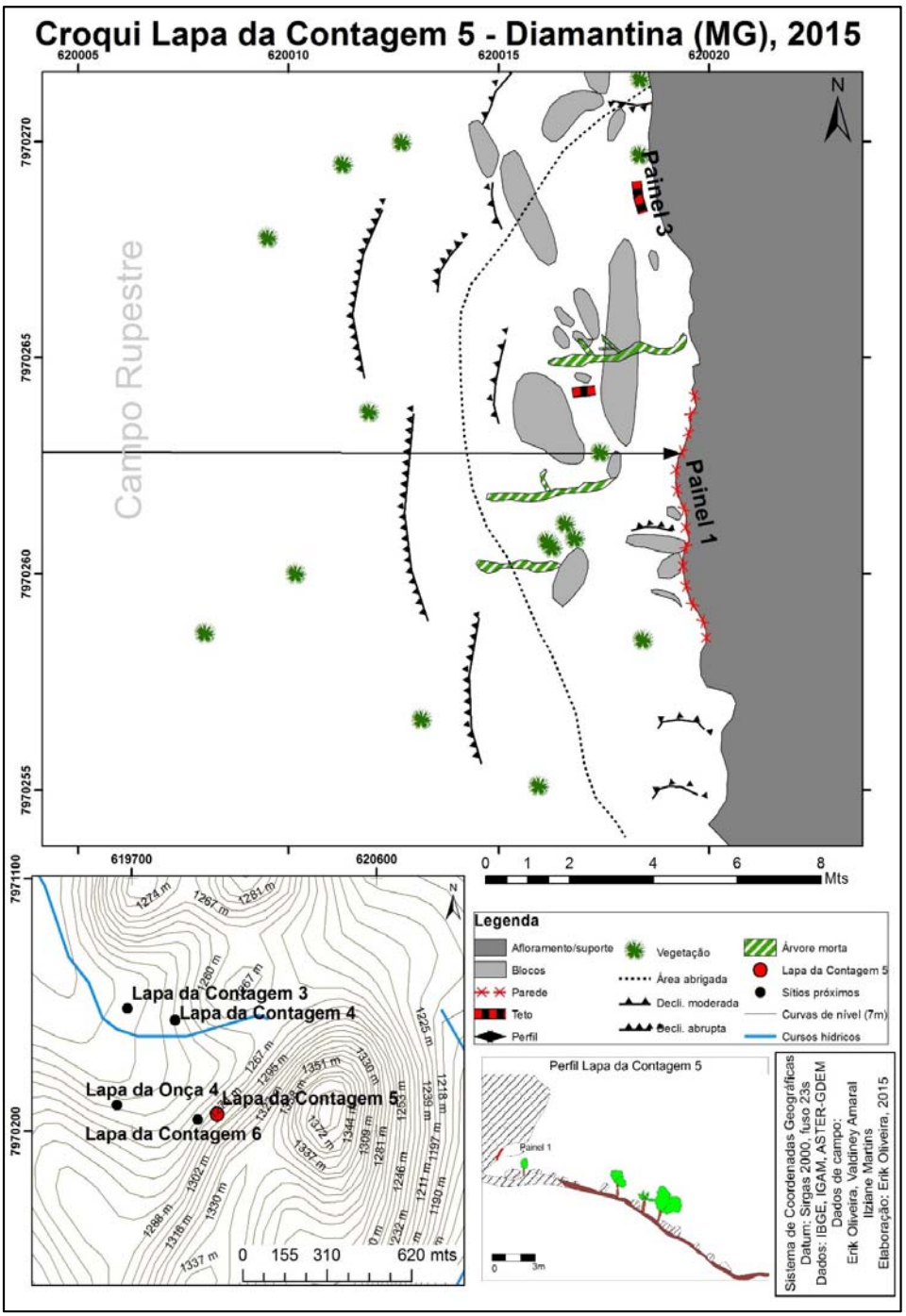


Figura 51Croqui Lapa da Contagem 5.

Foram delimitados na Lapa da Contagem 5 três painéis com temática predominante de cervídeos (6) e outros zoomorfos (5), e traços que se apropriaram de figuras já existentes, totalizando 13 figuras. O **painel 1** (Figura 52) é composto unicamente pela temática zoomorfa. A maioria das figuras está disposta na extensa e homogênea parede do abrigo com 5,43m de comprimento e largura média de 0,7m, a 0,85m do piso. O primeiro momento é caracterizado por cervídeos e "outros zoomorfos" pintados a dedo com tinta em tonalidade amarelo alaranjado. Em função das intempéries, o pigmento encontra-se desbotado e com aspecto ralo, sobretudo na extremidade direita do painel. Os cervídeos e os zoomorfos possuem preenchimentos longos paralelos ao dorso e traços mais curtos verticais, ora paralelos, ora sem orientação e alinhamento específico. As pinturas apresentam pernas com indicações de coxas elaboradas por dois traços curvos que convergem nas extremidades. Em um dos zoomorfos (62cm x 24cm), na extremidade esquerda inferior, há indicações de pés por três traços. As figuras deste primeiro momento de ocupação do sítio possuem até 1 metro de comprimento, pintando quase toda a extensão do suporte. Na extremidade inferior, à esquerda, foi pintado em cor vermelha um cervídeo de pequenas dimensões e outras figuras não identificadas que não se sobrepõem. O cervídeo feito a dedo aparentemente não possui preenchimentos internos, com exceção da cabeça, com um único traço no interior. As orelhas e pernas foram elaboradas com traços únicos, este último ligeiramente curvo.

Outro momento de ocupação delineado neste painel, que se sobrepõe ao momento descrito acima, são as figuras zoomorfas que não apresentam seu 'corpo'completo. Algumas das figuras sobrepostas tiveram intervenções posteriores em que foram acrescentadas apenas cabeças de cervídeos, sobrepondo-se à do momento anterior. Próximo aos grafismos não foi notada presença de pigmento que indicasse possível continuidade dos corpos dos grafismos. Tais intervenções consistiram no desenho de cabeças de cervídeos, repintura em figuras esmaecidas e acréscimos de traços em grafismos que já se encontravam no painel.

O **painel 2** está localizado na extremidade esquerda do abrigo, em um teto próximo à parede. Não foi possível identificar a composição geral da figura, apenas alguns traços com tonalidade vermelho vinho. O **painel 3** está localizado no teto na porção central esquerda, a 2,0m do piso. Possivelmente os blocos abatidos no piso tenham dado apoio ao autor para alcançar o teto. Nele, há apenas um zoomorfo (aproximadamente 49cm x 29cm) que não foi possível identificar com clareza em seus detalhes. A cor utilizada possui aspecto amarelo alaranjado e apresenta mesmo estilo das figuras descritas no painel 1. O preenchimento é por traços paralelos ao dorso e nas patas há indicações das coxas, elaboradas por dois traços que seguem paralelos e convergem nas extremidades.

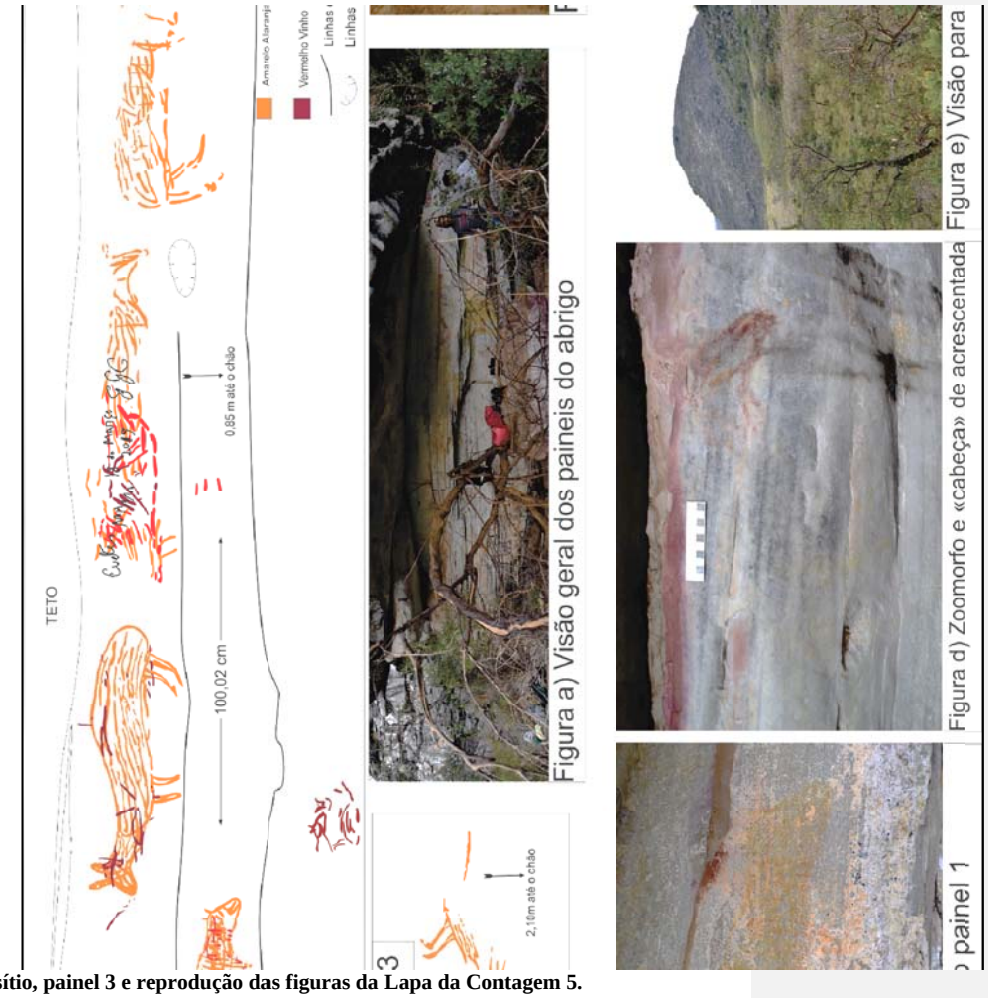


Figura 52: Visão geral do sítio, painel 3 e reprodução das figuras da Lapa da Contagem 5.

5.1.11 LAPA DA CONTAGEM 6

O sítio está localizado a 60 metros da Lapa da Contagem 5, no terço inferior do afloramento. O sítio é um grande matacão circular de aproximadamente 59m² que possivelmente caiu, desprendeu-se da serra que se estende de norte a sul. Sua posição no relevo permite a visualização de longas distâncias, sobretudo a leste. A nordeste, a visibilidade alcança até 240 metros, quando é interrompida pelas serras.

Seu entorno, próximo à turfeira, possui formação de solo de maiores profundidades, que favoreceu o adensamento da vegetação (porte arbóreo) também presente em todo o sítio e próximo à cornija. O interior do matacão possui pouca luminosidade e os suportes estão cobertos por fuligem proveniente de queima por garimpeiros. Os processos de intemperismo físico-químico estão em estado avançado de deterioração e apresentam aspecto rugoso e

muitas descamações da rocha. O acesso aos suportes interiores, mesmo com relevo plano, é dificultoso pois a altura média entre o teto e o piso é de 0,60m, há muitos blocos e plaquetas.

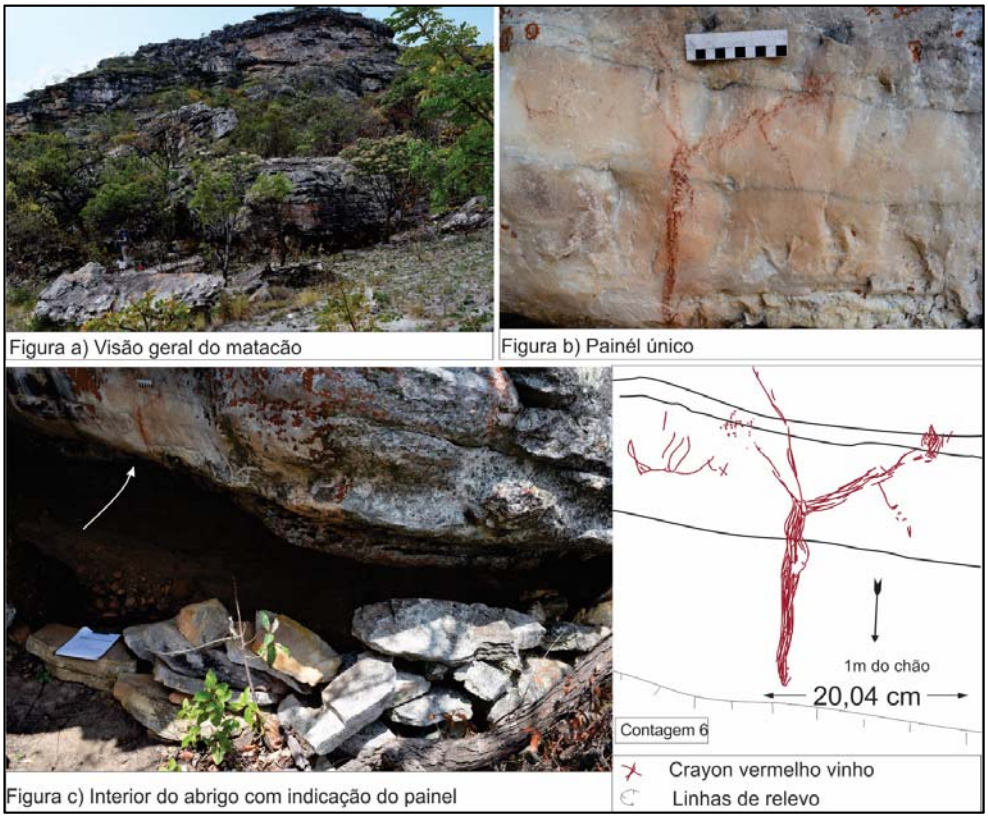


Figura 53: Visão geral do sítio, localização do painel e reprodução da pintura da Lapa da Contagem 5

O painel é composto por traços em crayon com espessura média de 0,7cm. A figura não apresenta forma específica, entretanto, é possível notar que os traços são paralelos, alguns deles se cruzam, e bifurcam na parte superior tendo formato geral de “Y”. À esquerda, há outros traços anárquicos e curvos. Algumas considerações foram feitas ao entender o matacão como sítio arqueológico pré-histórico. Estes sítios, assim como a maior parte dos abrigos estudados nesta pesquisa, foram intensamente ocupados por garimpeiros, coletores de sempre-viva, além de visitantes temporários que, com regularidade, deixam suas inscrições nos suportes. Os temas mais frequentes, expostos na descrição do sítio Mendes 1, neste sítio também são inexistentes.

5.2 MÉDIO CURSO DO RIO PARDO PEQUENO

5.2.1 SÍTIO SERRA DO TAIÃO 1 E 2

O sítio Serra do Taião (abrigos 1 e 2) está localizado a 1,2km da margem esquerda do Rio Pardo Pequeno, no município de Gouveia. Ambos estão postos na serra que lhes empresta o nome a aproximadamente 45 metros de distância um do outro[54]. O acesso a este sítio é feito pelo campo rupestre localizado à frente dos abrigos, que estende até as margens do rio Pardo Pequeno. O sítio foi dividido em dois setores, face norte e sul. Sua localização no terço médio do afloramento permite a visualização do entorno por até alguns quilômetros a leste, suplanta o Pardo Pequeno até deparar com a serra da Contagem, distante dali mais de 3km.

O sítio, quando comparado com os outros até então descritos, possui maior visibilidade do entorno e, a partir dele, é possível observar alguns dos sítios anteriormente descritos e seus respectivos afloramentos. A serra do Taião também pode ser vista de longe por quem está na margem direita do Pardo Pequeno. O afloramento se estende em sentido sudeste-noroeste por aproximadamente 1,9km e nela há outros sítios; Lapa da Serra da Água Fria 1, 2 e 3, distantes aproximadamente 450 metros do sítio. Ao se aproximar do afloramento rochoso, aos poucos as rochas expostas vão tornando-se nítidas e ganham novas tonalidades. Os blocos e rochas abatidos na rampa de acesso, entremeada por vegetação de porte médio, é contrastada pelas paredes no piso que dá acesso aos painéis com tons cinza-claro, brancos e rosados.

O setor norte possui 35 metros de comprimento em que a profundidade varia nas extremidades entre 3,5m e 0,80m. A profundidade máxima é na porção central do abrigo, com 5,0 metros. O patamar onde as pinturas estão localizadas possui aproximadamente 6,0m e seu relevo é relativamente plano, em função dos blocos e placas caídas. A partir deste limite, o piso apresenta declividades mais acentuadas à medida que se caminha para fora do sítio.

Há disponibilidade de suportes por toda a porção abrigada, sendo a maioria paredes amplas ou restritas. Os tetos, pouco presentes, possuem dimensões menores em função da morfologia do abrigo e dos processos formativos e desnudacionais. Quando ocorrem, são em rochas onde blocos abatidos e o intenso desplaquetamento deixaram seus negativos. De maneira geral, os suportes de fácil acesso, próximos à base do afloramento (parede), possuem maior incidência das intempéries e pouca disponibilidade no sítio. Os suportes mais altos, localizados sobretudo em paredes e tetos,são mais homogêneos e de textura fina,

[54] Os sítios Serra do Taião 1 e 2 foram registrados em prospecção realizada no âmbito do contrato (PCH Serra das Agulhas) como sítios distintos. Neste este estudo, em função da localização e proximidade entre os sítios, há elementos compartilhados entre si e serão analisados em conjunto, portanto, como um único sítio.

apresentando características e dimensões distintas quando comparado com aqueles próximos ao piso.

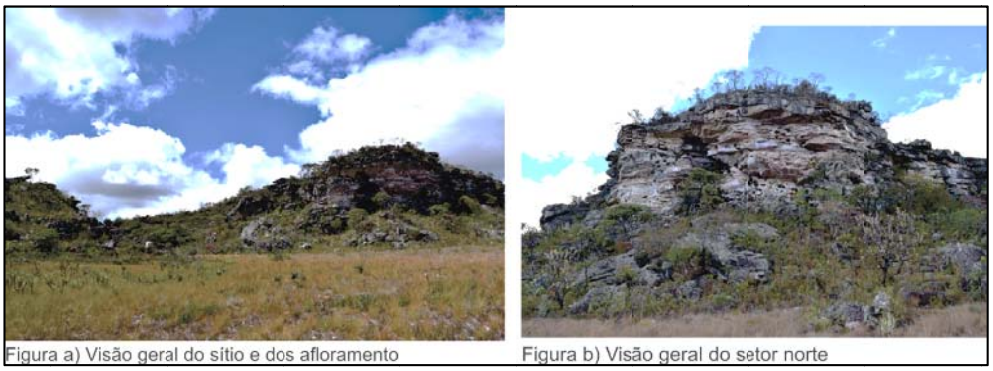

Figura a) Visão geral do sítio e dos afloramento Figura b) Visão geral do setor norte

Figura 54: Visão geral do sítio Taião.

No setor sul (Figura 55), foram delimitados três painéis e identificadas 16 figuras realizadas por técnicas distintas. As temáticas identificadas foram zoomorfos, “riscos em crayon”, círculos radiados, geométricos semicirculares e outras figurações de difícil identificação. O painel 2 foi mais intensamente pintado, mas boa parte das figuras encontra-se apagada. Para o setor norte (Figura XX) foram delimitados nove painéis, dispersos ao longo do sítio. Os temas identificados foram cervídeos, zoomorfos, antropomorfos, alinhamento de geométricos longos, aves, peixe, círculo chapado, “riscos em crayon”, totalizando 25 figurações.

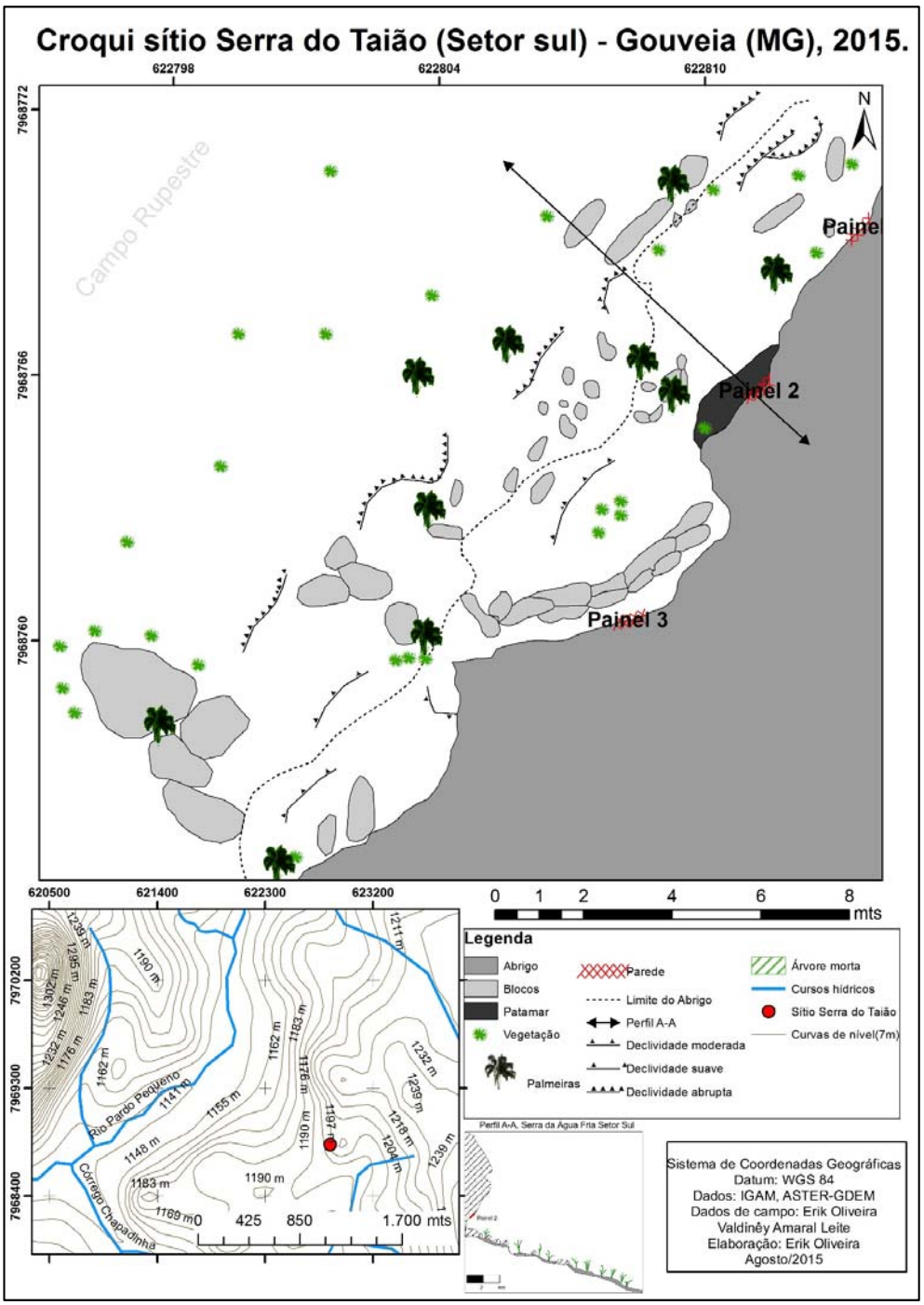


Figura 55: Croqui Sítio Serra do Taião (setor sul).

O **painel 1 do setor sul** (Figura 56) é composto por quatro figuras, um zoomorfo e outras três figuras de difícil identificação. O zoomorfo possui preenchimento por traços paralelos ao dorso e orelhas elaboradas por traços únicos. A esquerda deste zoomorfo há duas figuras não identificadas feita por pincel, uma com espessuras irregulares entre 0,92cm e 1,74cm, e outro acima deste com espessuras média de 0,31cm. A primeira é sobreposta por um traço único em crayon, perpassando-a verticalmente.

O **painel 2do setor sul** está localizado em uma parede (2,70m x 1,37m) cujo acesso se dá por um pequeno patamar a 1,20m do piso com muitas placas. Sua superfície é muito irregular, apresenta em alguns pontos forte oxidação, descamação da rocha e negativos de deplaquetamento. Nele foram identificadas nove figuras. Na porção esquerda, há um zoomorfo feito a dedo, com tinta vermelha pouco diluída. Seu preenchimento é por traços paralelos ao dorso, levemente curvos. As patas dianteiras e traseiras são traços únicos e flexionados em sentidos opostos. Há indicação do rabo por um longo traço retilíneo, cabeça e orelhas completamente preenchidos por pigmento. Na porção central, há três zoomorfos e um cervídeo sobrepostos. O preenchimento do zoomorfo foi realizado valendo-se do preenchimento interno e das patas da figura que já se encontrava no painel. Ambos possuem aproximadamente 25cm de comprimento. Próximo a eles, há outro zoomorfo elaborado por traços longos e curvospouco nítidos, que na extremidade superior são curvos. Na extremidade direita, foi pintado um zoomorfo preenchido por traços paralelos ao dorso e cabeça totalmente preenchida por pigmento. Sobrepõe-se ao zoomorfo um círculo radiado que está localizado próximo a uma figura geométrica semicircular.

O **painel 3 do setor sul**está localizado em uma parede ampla de fácil acesso, em uma zona com muitos negativos de desplaquetamento, a 1,0m do piso. A figura foi elaborada por crayon e, diferentemente das outras figuras nesta técnica encontradas no sítio, possui claramente limites e formas, embora a temática seja de difícil atribuição. O processo de elaboração da figura consistiu inicialmente na delimitação de seu contorno, facilmente observado. Seu preenchimento é composto por muitos traços contínuos e descontínuos. Próximo a esta figura, outros riscos em crayon anárquicos foram realizados, mas não possuem orientação, forma aparente e limites específicos.

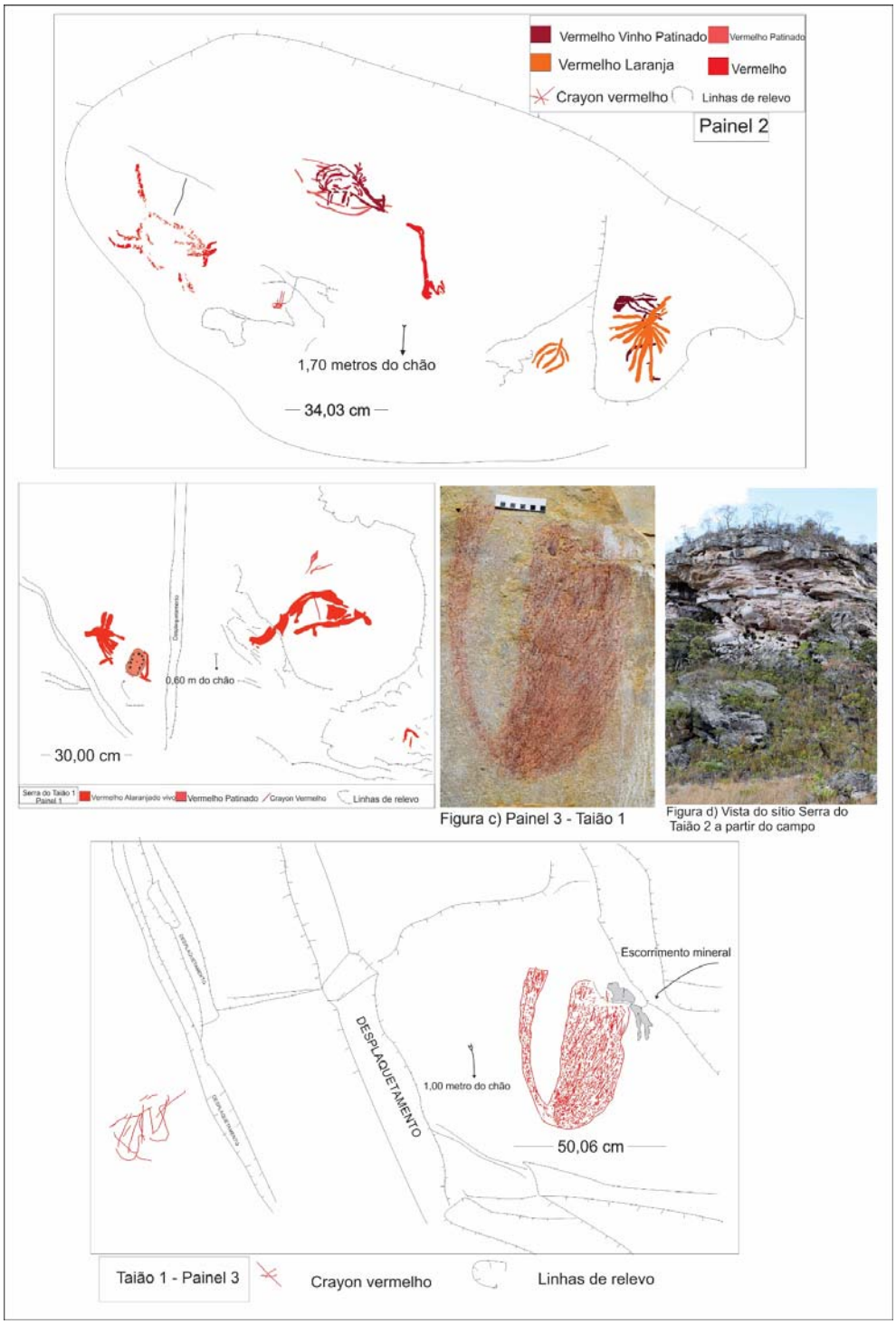


Figura 56: Reprodução digital dos painéis 1, 2 e 3 do sítio Serra do Taião (setor sul).

O **painel 1 do setor norte**(Figura 58)está localizado na extremidade norte da área abrigada em uma parede ampla (3,11m x 1,40m) a 0,5m o piso do abrigo. Sua textura é fina, entretanto possui aspecto áspero,superfície irregular com muitas ondulações e descamação da rocha. No painel foram identificadas oito figurações, além de manchas e traços de reconhecimento difícil. Parte das figuras encontra-se apagada.

Na porção superior central, foi pintado um cervídeo (70cm x 37cm) preenchido por traços paralelos ao dorso. Parte da figura encontra-se ilegível. Há indicações das patas e rabo por traços únicos levemente flexionados. Na porção central do painel, foi pintado um antropomorfo (20cm de comprimento) em amarelo efoi pintado em um dos membros superiores, na extremidade do braço, outro antropomorfo de menores dimensões (5cm). O antropomorfo é sobreposto por um cervídeo em vermelho vinho, de 90cm de comprimento. No quarto traseiro, outro autor, em um momento posterior pintou,aparentemente reforçando, com tinta de tonalidade vermelho-alaranjado, parte do dorso, rabo e um traço (dardo) cruzando o corpo do animal que já se encontrava no painel. Próximo a este cervídeo há outro zoomorfo cujo preenchimento foi feito por pequenos traços transversais ao dorso. Suas pernas e rabo possuem comprimento maior que o do corpo. Ao lado, foi pintado um alinhamento de bastonestes. Na porção direita foram pintados um antropomorfo esquematizado e um peixe, o primeiro possui os membros flexionados e traços sugerindo uma vulva.

O **painel 2 do setor norte** está localizado em uma parede ampla e irregular, exposto diretamente às intempéries que deixaram a única figuração de difícil identificação e atribuição temática. O **painel 3** está localizado em um teto restrito (1,20m x 0,5m), a 6 metros do piso do abrigo. É possível que o acesso feito pelo autor tenha sido por andaimes ou pelo patamar próximo dali. Nele foi pintado um cervídeo de aproximadamente 1,0m de comprimento, preenchido por traços paralelos no dorso e nas patas. **O painel 4** encontra-se a 2m acima do painel 3, também em um teto restrito com as mesmas características. Foi pintado no suporte um cervídeo de aproximadamente 25cm, cujos traços de preenchimento são descontínuos, porém seguem paralelos ao dorso, um deles, o maior, é curvo e acompanhada o dorso do animal.

O **painel 5** está localizado em uma parede lisa e restrita de fácil, na porção central do sítio. O painel é composto por duas figurasfeitas por pincel, um círculo chapado e um zoomorfo. As figuras estão próximas e possivelmente foram feitas pelo mesmo autor, por terem sido feitas pela mesma técnica e cor. O aspecto da tinta fixada no painel é difusa, extrapola os limites dos traços. Além disso a tinta não se espalhou por toda a superfície e

deixou pontos sem pigmento no suporte. O zoomorfo possui 22cm de comprimento com membros totalmente preenchidos por tinta.

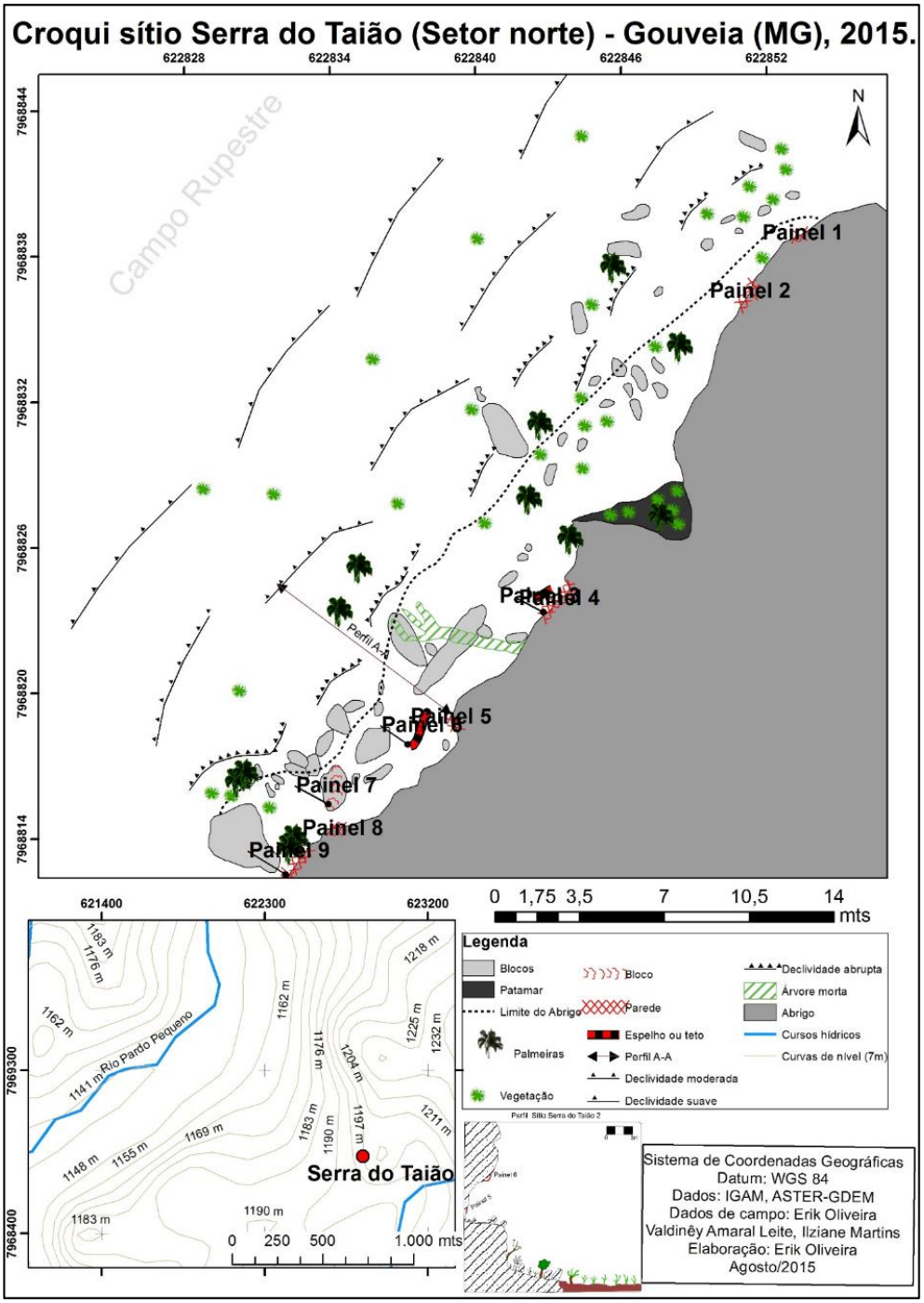


Figura 57: Croqui sítio Serra do Taião (setor norte).

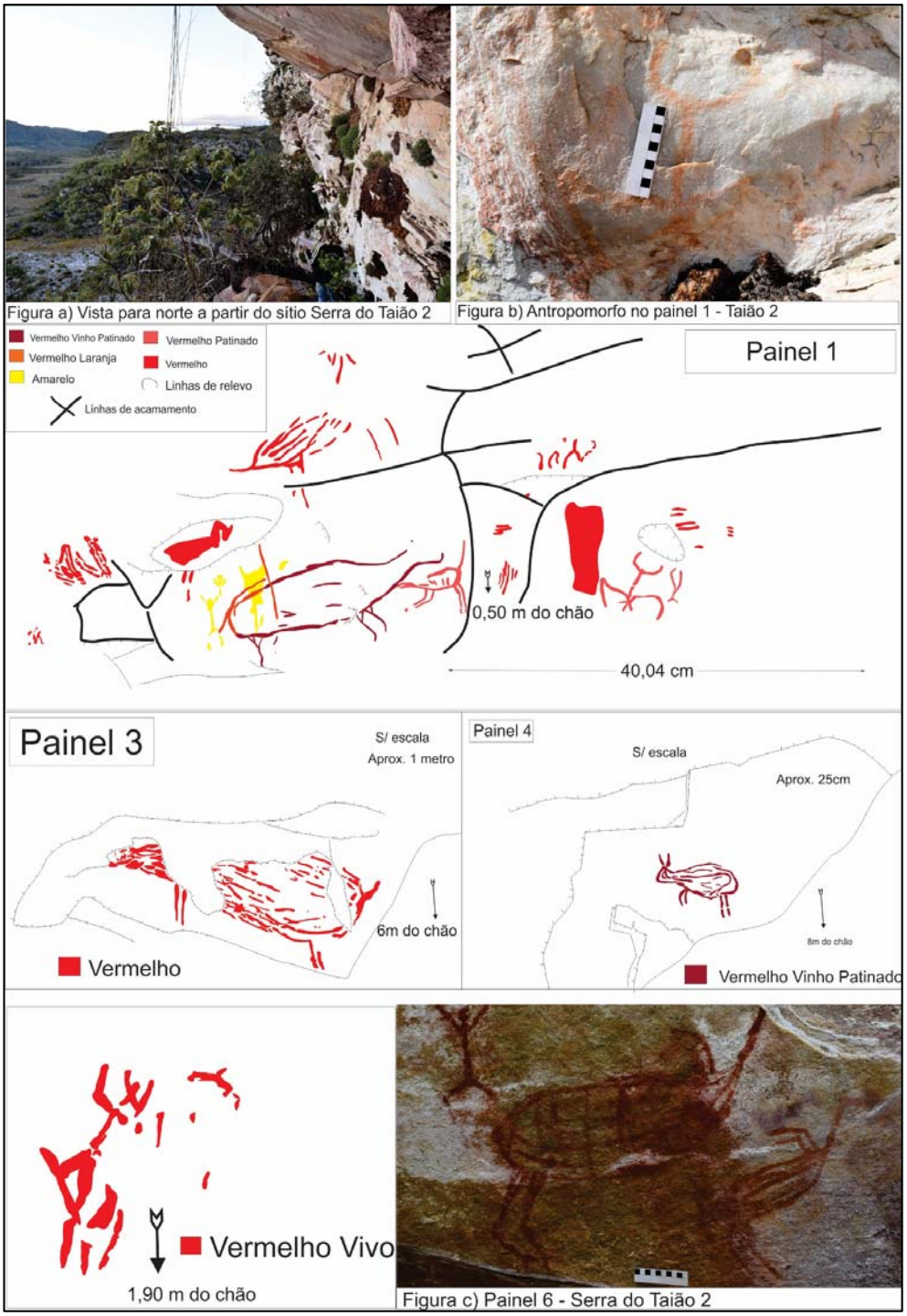


Figura 58:Vista a norte a partir do sítio, antropomorfo no painel 1 e digitalização dos painéis 1, 2, 3 e 4.

O **painel 6** está localizado em uma parede ampla (3,25m x 1,0m), a 4,5m do piso. É possível que tenha sido utilizado um andaime para acessá-lo pois não há patamares, blocos, nem solo no entorno imediato que permita o crescimento de vegetação de porte arbóreo e que pudesse auxiliar a aproximação do autor ao suporte. Foram pintados um cervídeo, duas aves, um antropomorfo e um "tipiti". O aspecto das tintas (vermelho vinho) fixadas no suporte características é o mesmo em todas as figuras. O cervídeo possui muitos traços contínuos, que delimitam o corpo, que é preenchido por traços paralelos longos e descontínuos,cruzados por traços verticais. Há concentração de traços no quarto traseiro, convergindo e dando aspecto chapado a esta parte do animal. O grafismo chama a atenção pela regularidade e quantidade de traços. A orelha possui um traço interno dividindo-a simetricamente. Nas pernas, há indicações de joelhos e coxas por traços únicos semicirculares. À frente deste cervídeo foi pintado um "tipiti", figura geometrizada elaborada por dois traços preenchida por um zig-zag[55]. Na porção direita, as aves foram elaboradas por traços paralelos e transversais ao dorso e traços simples e curvos representando as asas. Na maior delas há indicações de coxas e pés. Acima delas, à direita, foi pintado um zoomorfo esquemático com membros arqueados.

O **painel 7** é um bloco (1,52m x 0,8m) que se encontra no piso do abrigo. Foram identificados dois cervídeos, um deles bem preservado, que possui traços paralelos como preenchimento, pernas flexionadas e orelhas elaboradas por dois traços que se sobrepõem. Próximo a este painel em um teto, formado pelo negativo de onde o bloco (painel 7) se desprendeu, está localizado **o painel 8**. Nele, foram identificadas as manchas de um grafismo apagado e riscos em crayon.

Para acessar o **painel 9** é preciso escalar um grande bloco abatido escorado na parede da extremidade sudeste do abrigo. O painel é heterogêneo e apresenta muitos negativos de desplaquetamento, textura fina, porém muito erodido. Ao todo, foram identificadas seis figurações: três cervídeos e um zoomorfo e outras duas de difícil identificação. À medida que se sobe o bloco, já próximo ao painel (4,63m x 0,91m), depara-se com um zoomorfo (31cm) com traços paralelos e transversais ao dorso e pernas levemente curvas. Logo acima dele há outro zoomorfo incompleto de difícil identificação. Na porção central e à esquerda, dois cervídeos foram pintados por muitos traços curtos e espaçados que delimitam os corpos. O preenchimento também foi realizado por muitos traços que ora tendem a seguir uma orientação, ora aparecem desalinhados. As pernas e rabo, por sua vez, foram realizadas por traços longos e curvos, em uma delas há indicação dos cascos. O zoomorfo destoa dos

[55] A forma da figura sugere esse instrumento, daí referir-me à figura como "tipiti", mas não pretendo sustentar aqui que seja de fato uma representação dele. O contexto regional não dá nenhum elemento para apoiar essa identificação.

cervídeos, pois seu preenchimento foi elaborado por traços mais longos, mas ainda assim espaçados.

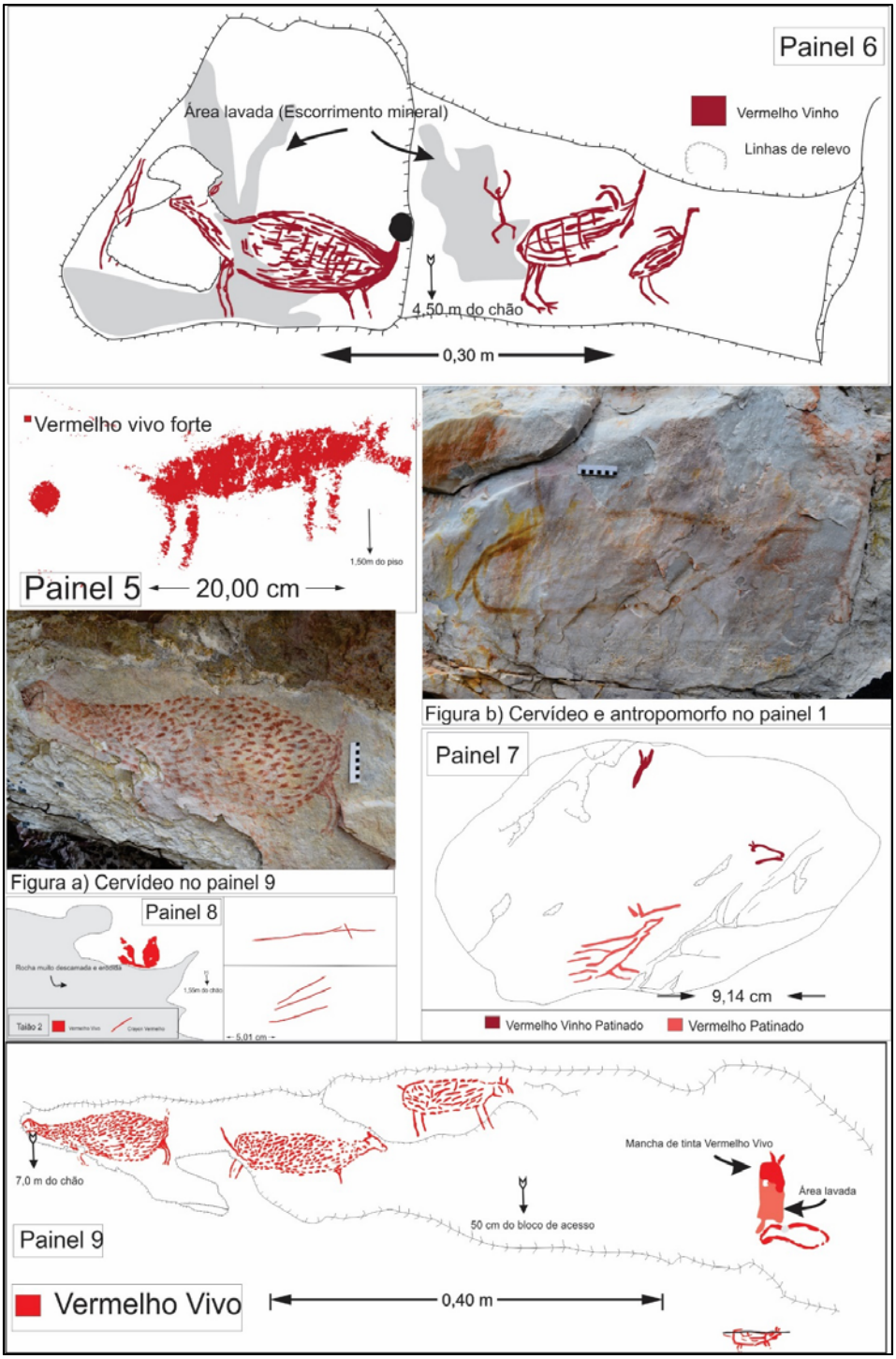


Figura 59:Cervídeos do painel 9 e 1 e digitalização dos painéis 5, 6, 7, 8 e 9.

5.2.2 LAPA DO TATU 1 E 2

O sítio Lapa do Tatu[56] (abrigos 1 e 2) está localizado a 104 metros a sul da margem direita do rio Pardo Pequeno. O acesso a eles é feito a nordeste, margeando o curso do rio e por um caminho entreposto por duas serras onde estão localizados os sítios Lapa dos Alforges 3, 4 e 5. A distância entre eles é de 31 metros e ambos são caracterizados por matacões, rochas que se desprenderam e rolaram para a baixa vertente da Serra do Tatu.

O sítio está inserido em meio às serras o que tornou a visibilidade do entorno reduzida. A noroeste e norte, é possível observar parte dos relevos residuais que compõe a Serra da Contagem por até 800 e 380metros, respectivamente. A visibilidade a leste, onde segue o curso do Pardo Pequeno, é bloqueada pela vegetação densa de porte médio distante 50 metros do sítio. Os matacões podem ser vistos à medida que nos aproximamos da área e, além do sítio, diversos outros blocos abatidos jazem próximos ao sopé serra. Há uma drenagem intermitente entre os dois abrigos.

O bloco onde está localizado o abrigo Tatu 1 contrasta com os outros blocos das proximidades, em função de sua altura de aproximadamente 8 metros, que expõe uma superfície ampla e irregular de rochas com tonalidades claras e avermelhadas. Próximo a ele, a 31 metros a sudoeste, outro matacão (Tatu 2), composto por diversos blocos abatidos formando duas áreas abrigadas, que, em função da morfologia e posicionamento dos blocos, não expõem os painéis. O sítio foi ocupado por garimpeiros que amontoaram blocos para construção de um fogareiro. Parte significativa do teto está coberta por fuligem.

O piso de ambos matacões é predominantemente sedimentar, composto por cascalho, areia e algumas rochas aflorando na superfície de topografia plana. As dimensões dos sítios são pequenas. Para o Tatu 2 (Figura 62) o conjunto de blocos possui 14 metros de comprimento juntos, 5 metros de profundidade, e altura média de 1,60m até a base. O menor conjunto de blocos possui profundidade máxima de 3,0 metros e altura média de 1,30 metros. O Tatu 1 (Figura 60) possui morfologia semicircular, também com blocos e plaquetas em seu entorno, 9 metros de comprimento e área abrigada (profundidade) máxima de 1,5 metros.

Foram delimitados quatro painéis no sítio Tatu 2 e um painel no Tatu 1. Este último é composto por figuras 21 figuras: três “lagartos”, um antropomorfo, cinco biomorfos, sete tridáctilos, uma figura bicrômica, um zig-zag, um alinhamento de bastonetes, um pectiforme semicircular e um alinhamento de traços longos.

[56] Estes sítios foram registrados em trabalhos anteriores (PCH Serra das Agulhas) como dois, contudo aqui serão entendidos em conjunto em função da proximidade e inserção.

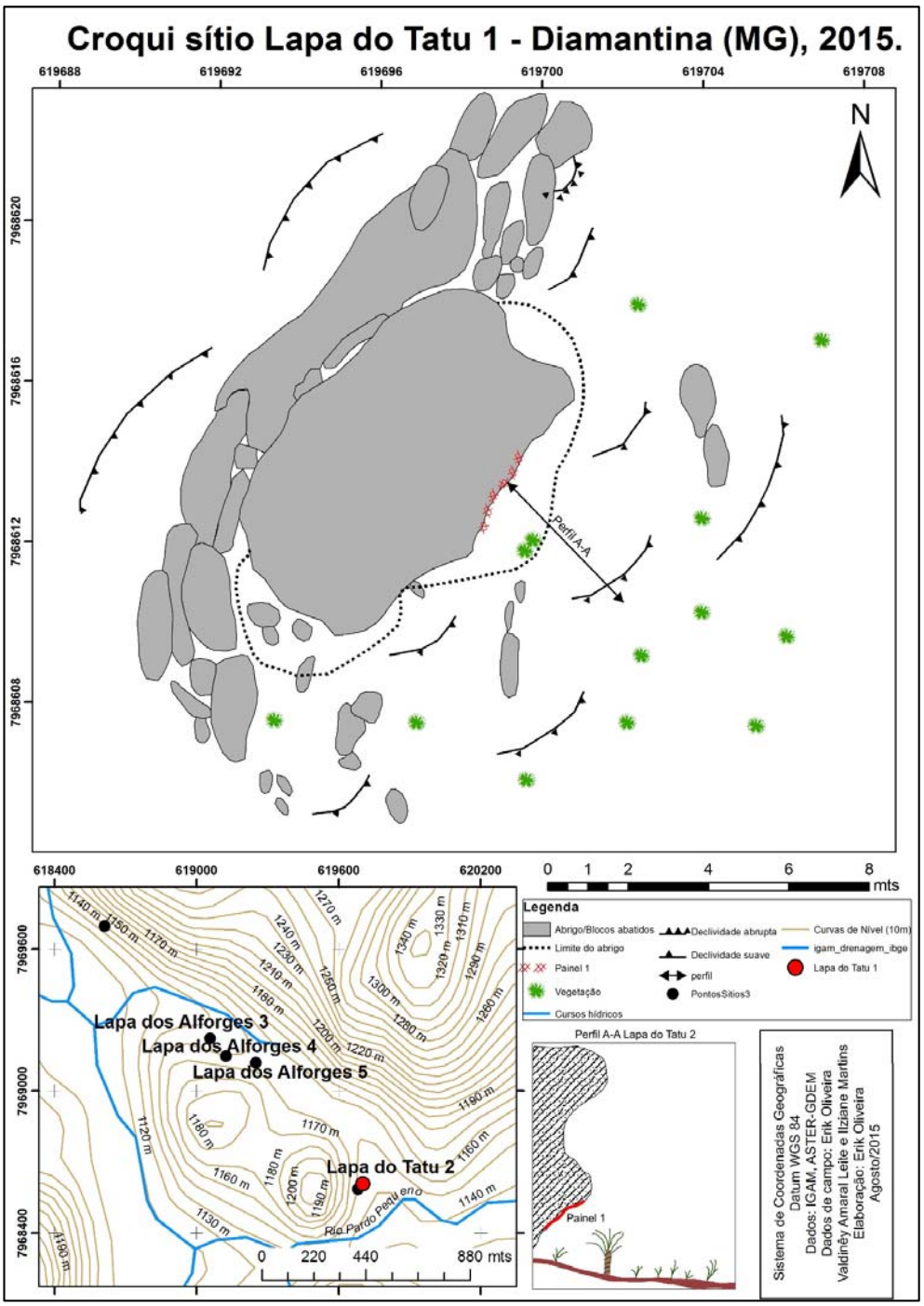


Figura 60Croqui Lapa do Tatu 1.

O único painel do sítio Lapa do Tatu 1 encontra-se em uma parede ampla e irregular de coloração branca e textura fina, a 1,10m do piso. O painel está exposto diretamente à chuva e à luz solar. As figuras encontram-se quase que completamente apagadas, de difícil visualização a olho nu. Foi possível a identificação das figuras somente após as fotos digitais serem tratadas no software DStrech. O aspecto das tintas é de difícil abordagem, pois em todo o painel há escorrimento de tinta, contudo, foi possível observar três diferentes tonalidades: vermelho patinado, laranja claro e laranja patinado (Figura 61). Estes últimos possivelmente são variações de uma mesma tinta que se alterou de maneira distinta no painel.

O antropomorfo esquemático (11cm de comprimento) está localizado na porção central superior e possui forma de “X”. Os lagartos, dois na porção central e um na porção inferior, foram elaborados por tintas em tonalidades alaranjadas e vermelha, possuem simetria bilateral e indicações dos pés por três traços simples. O maior deles, de 27cm, possui mais traços preenchendo o corpo e membros. Os biomorfos possuem três formas distintas: ramificações assimétricas de extremidades com três traços divergentes (2 figuras), ramificações simples com extremidades com três traços divergentes (2 figuras) e ramificação simétrica com extremidades com três traços divergentes (1 figura). Os tridáctilos encontram-se alinhados, um deles com início na parte inferior do painel até a porção central à direita e outro na porção superior, próximo a dois “lagartos”. O zig-zag com ângulos retos está mais isolado das demais figurações, na porção superior direita. O alinhamento de traços longos está entre um biomorfo (ramificação simétrica) e o alinhamento de tridáctilos superiores. A figuração bicrômica possui “corpo” chapado, completamente preenchida por pigmento. Em sua extremidade inferior há apêndices regulares em cor alaranjada. Entre estes apêndices foram adicionados traços em cor vermelha. O pectiforme semicircular está ao lado do lagarto, na porção inferior. A figura é caracterizada por ser um traço curvo maior em que foram adicionados outros traçosexteriores menores. Logo abaixo deste, foi desenhado um alinhamento de bastonetes.

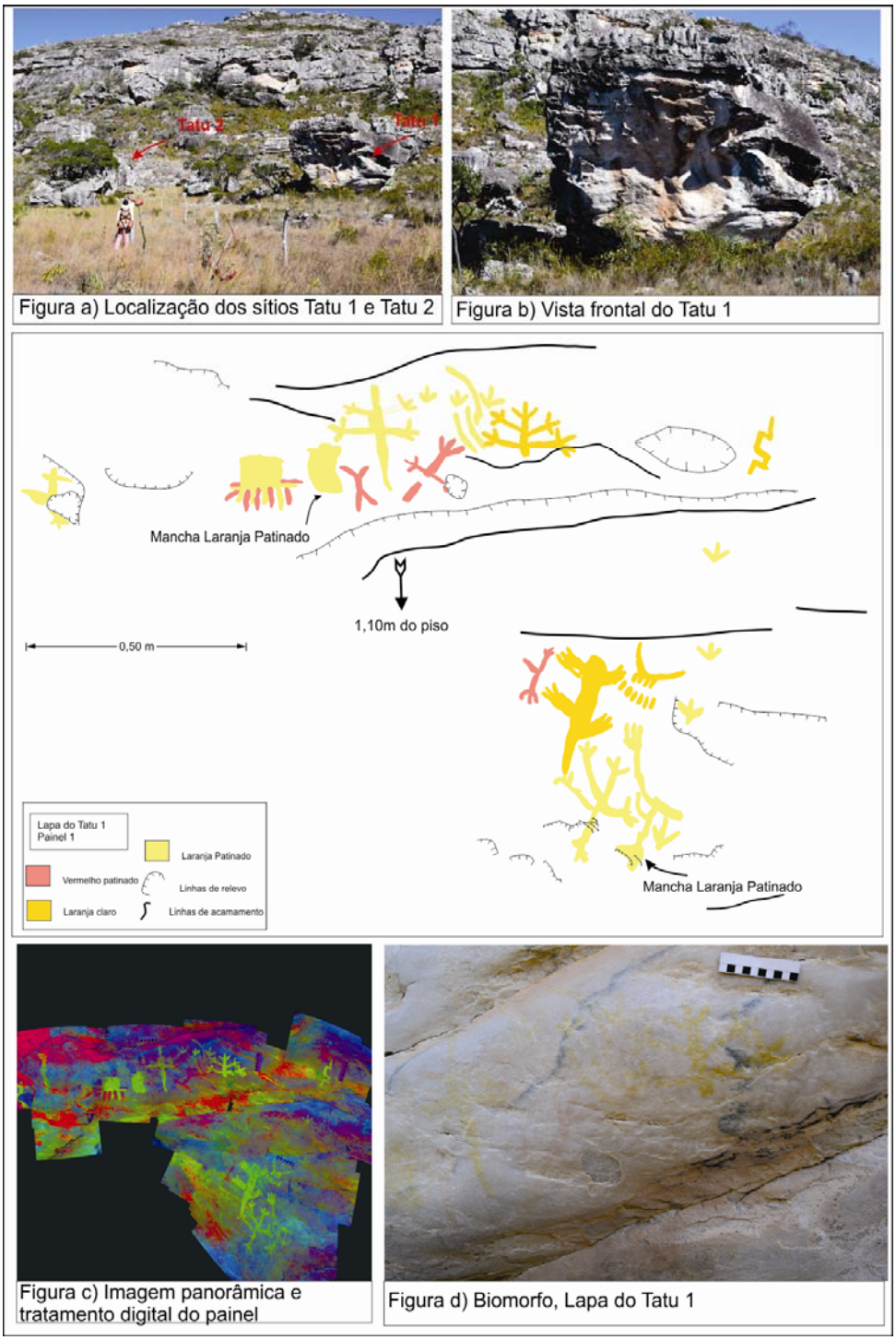


Figura 61: Localização dos sítios Lapa do Tatu 1 e 2, vista frontal, e digitalização do painel do Tatu 1.

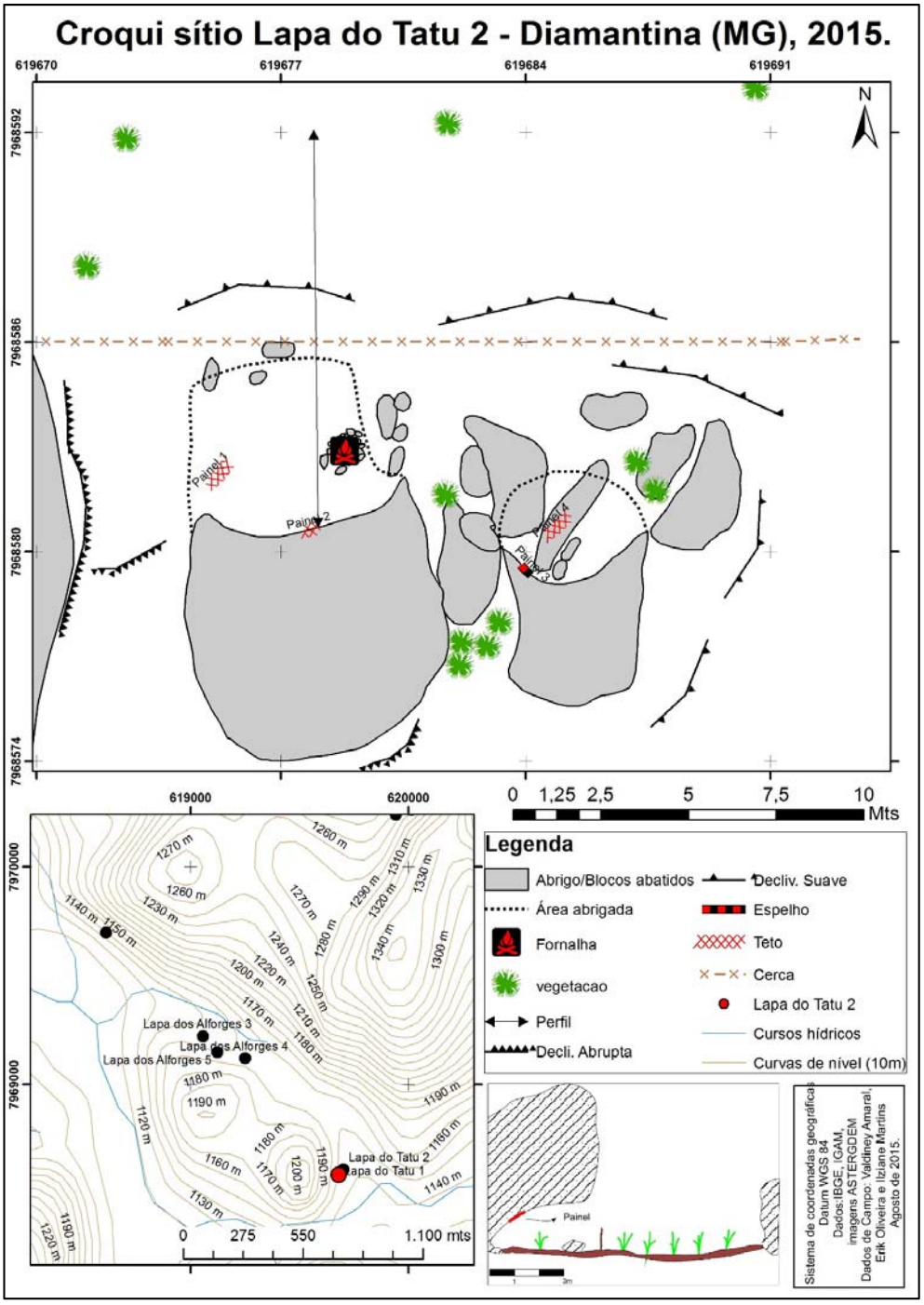


Figura 62:Croqui Lapa do Tatu 2.

A conservação do bloco maior no sítio Tatu 2 é ruim e comprometeu a identificação das figuras, pois boa parte delas está apagada e encoberta por fuligem. Ao todo, foram identificadas 7 figuras: um cervídeo, um zoomorfo, três alinhamentos de geométricos longos, um pectiforme, e apenas o membro de um zoomorfo ou antropomorfo coberto por fuligem.

O **painel 1**(Figura 63) da Lapa do Tatu 2 é composto por alguns traços paralelos em vermelho, sobrepondo-se a uma figura em amarelo, em um teto irregular e ondulado. A temática é de difícil identificação, em função do estado de conservação do painel. O **painel 2**está localizado em um teto relativamente amplo. Nele foram identificados um zoomorfo, um cervídeo e os membros de um animal ou antropomorfo. O primeiro encontra-se na porção superior e apresenta traços paralelos ao dorso, pernas preenchidas por dois traços que se sobrepõem. No cervídeo, foi possível notar os seus contornos no quarto traseiro, pernas flexionadas e rabo e orelhas. É possível que tenha sido preenchido, mas que as condições atuais do abrigo e de sua utilização por garimpeiros tenham acelerado o desaparecimento dos traços.O **Painel 3** está localizado no teto conjunto de blocos de fácil acesso, a 2,5m do bloco maior. Em um teto amplo escalonado e irregular foi pintado um alinhamento de traços longos e, abaixo dele, em um espelho (**Painel 4**), um pectiforme.

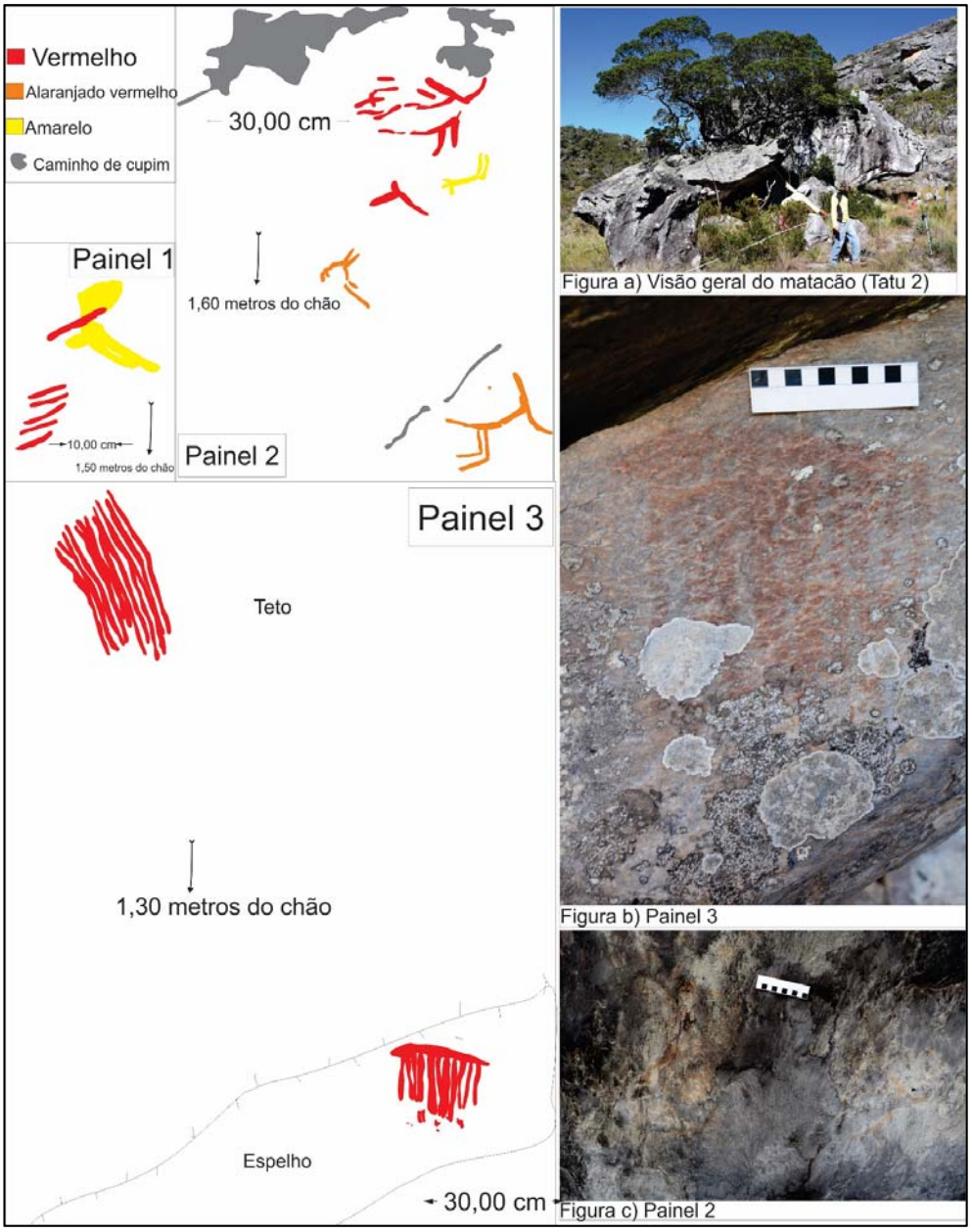


Figura 63:Visão geral do abrigo, dos painéis 2 e 3 e digitalização dos painéis.

5.2.3 LAPA DOS ALFORGES 3, 4 E 5

Seguindo o caminho entreposto entre a Serra do Tatu e a Serra da Contagem, a partir dos sítios Lapa do Tatu 1 e 2, em sentido sudeste-noroeste, estão localizados os sítios Lapa dos Alforges 3, 4 e 5, distantes em média entre si aproximadamente 100 metros. Esta pesquisa havia proposto o registro sistemático destes sítios, contudo, no momento de realização das atividades de campo, já próximo aos sítios, decidimos por não dar continuidade. A Lapa dos Alforges 3 apresentou vestígios de ocupação recente de garimpeiros e, deste modo, achamos prudente respeitar o espaço ocupado por estes, mesmo que momentaneamente.

Algumas anotações puderam ser feitas sobre a inserção local do sítio Lapa dos Alforges 3 e a paisagem do entorno tomando como base o relatório de prospecção da PCH Serra das Agulhas. Os sítios que se encontram inseridos nesta serra (Figura 64) serãoutilizados para análise somente de sua inserção na paisagem em outro momento, no capítulo 6 e 7.

O sítio fora intensamente ocupado por garimpeiros durante o século XX e na fase de extração de diamantes e quartzo, deixando uma camada espessa de fuligem no interior do abrigo, impedindo a visualização por completo de figuras (AMBIENTO, 2012). O piso do abrigo segundo aponta o relatório de prospecção, apresenta pacote sedimentar relativamente espesso.

O acesso ao sítio é feito por meio de uma rampa sedimentar (talude) levemente inclinada com alguns pequenos blocos e plaquetas no chão. Entre as serras, o caminho que é tomado para acessar a área (a noroeste) é constituído por uma turfeira que avança para sudeste, que, em alguns pontos, apresenta vegetação densa de porte arbóreo (capão de mata), próximo ao córrego dos Alforges que dista 40 metros do sítio. A visibilidade do entorno a partir do sítio é quebrada pela própria serra onde está implantado e pela serra da Contagem, 200 metros à sua frente. Do sítio, tem-se visibilidade moderada para sudeste e noroeste de até 500 metros. O abrigo possui formato retangular, quando observado sua entrada, e sua orientação é para norte. As dimensões internas são 15m de largura e profundidade máxima de 8,5m.

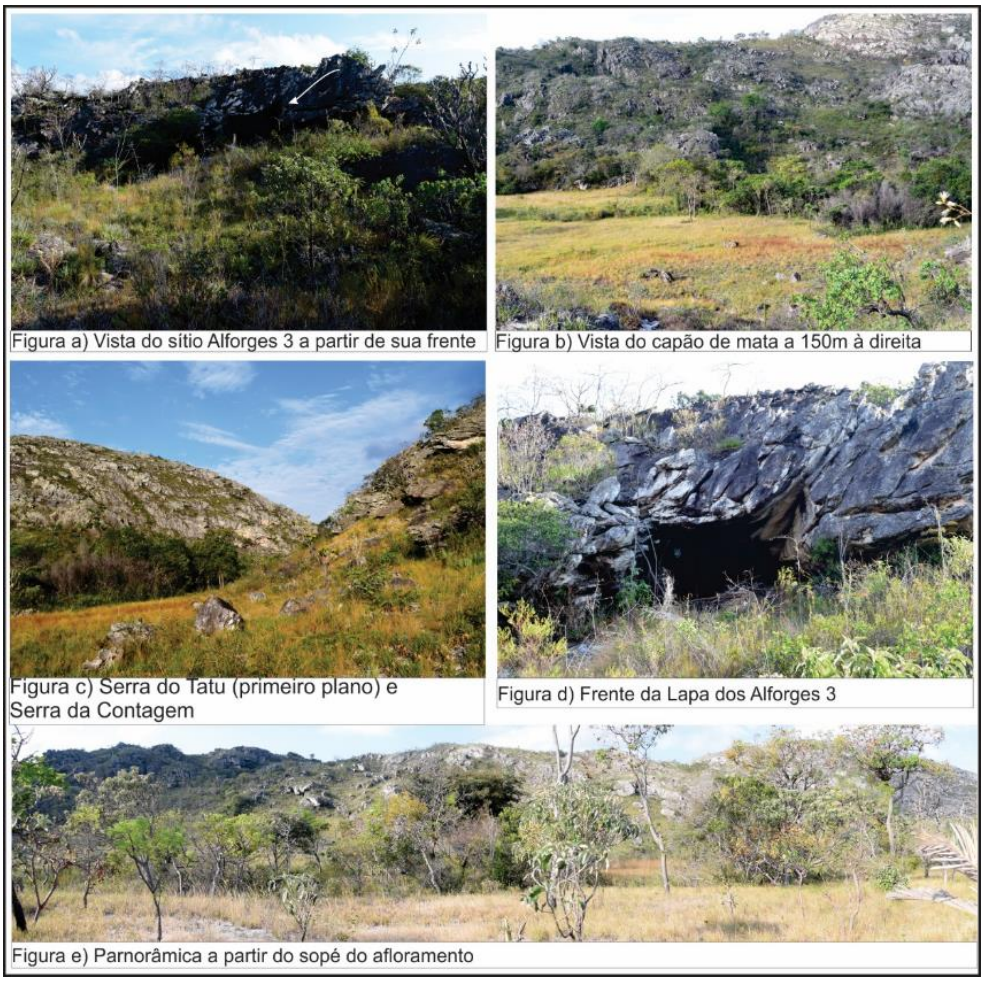


Figura 64: Vista do sítio e do entorno, Lapa do Alforges 3, 4 e 5.

5.2.4 LAPA DO ALFORGES 6

A lapa dos Alforges 6 foi identificada quando da realização das atividades de campo e está localizada a 650 metros a noroeste da Lapa dos Alforges 3, no sopé de um dos afloramentos que compõem a Serra da Contagem. O acesso a ele é feito por três trajetos: por entre as serras do Tatu e da Contagem, margeando esta última serra a norte e próximo às margens do Rio Pardo Pequeno,a sul. Há um amplo campo rupestre e outras formações vegetais tais como cerrado ralo e campo limpo a sul do abrigo, por onde nos aproximamos do sítio. Do sítio, tem-se alta visibilidade do entorno; das serras 3km a sudoeste, 780m a sul e até a serra do Tatu, localizada 400m a sudeste. O abrigo pode ser identificado de longe, contudo,

o relevo residual no qual ele está inserido possui diferença de cotas entre o sopé e o topo de 133 metros, numa porção da

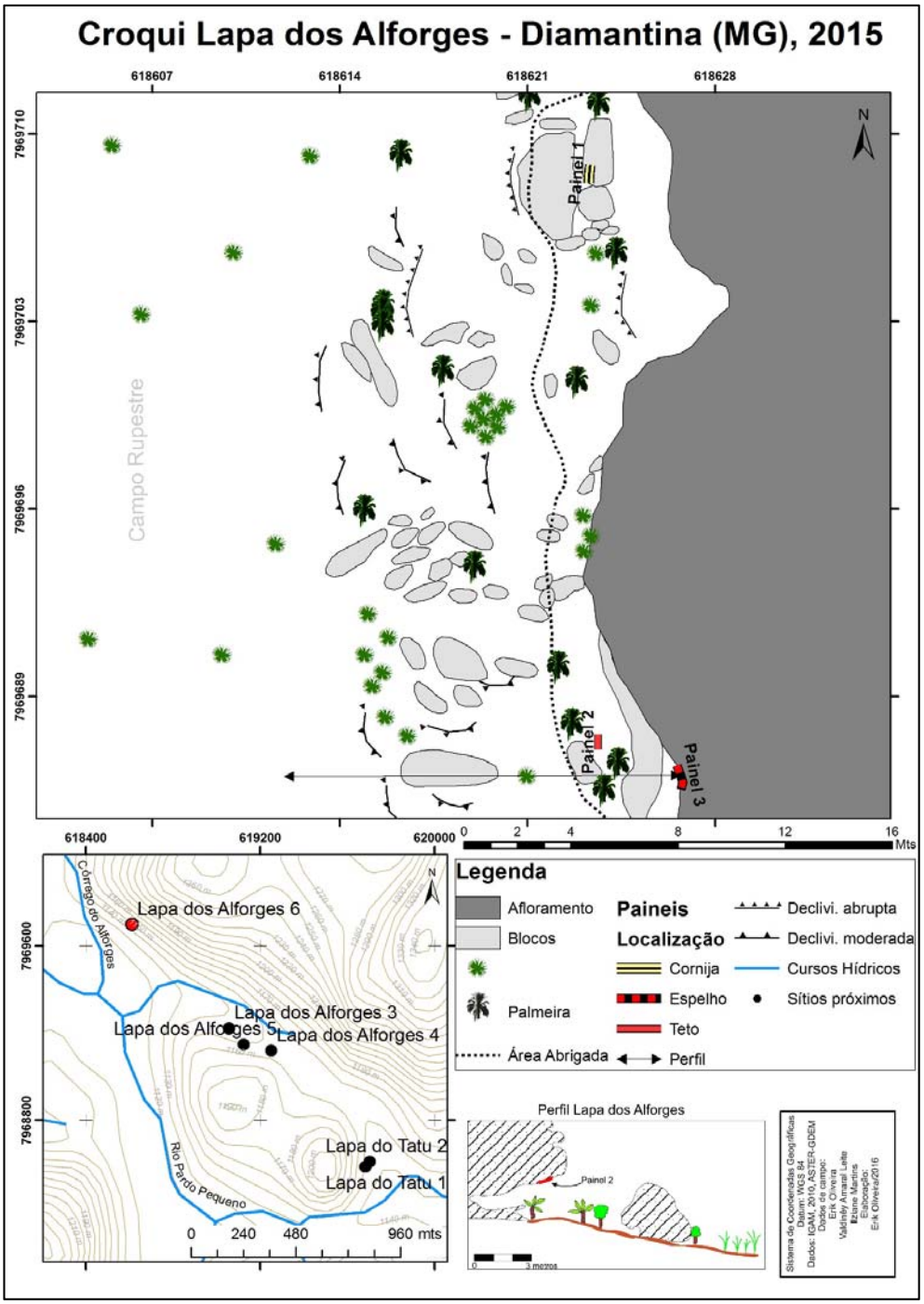


Figura 65:Croqui Lapa dos Alforges 6.

serra da Contagem que se estende por quase 1km, até aonde a vista alcança. A 180m a sudoeste, o córrego dos Alforges cruza o campo até desaguar no rio Pardo Pequeno.

O acesso ao patamar onde estão os painéis se dá por uma rampa levemente inclinada com blocos abatidos e sedimentos entremeados por vegetação de porte arbustivo, o que conferiu à topografia irregularidades. Da rampa até o sítio, o caminho é heterogêneo e, dependendo da direção tomada, é necessário transpor diversos blocos. O piso do abrigo é predominantemente rochoso e somente em sua porção mais a sul há acúmulos de sedimentos.

O abrigo possui 27m de comprimento, 6,50m de profundidade máxima, na porção mais a norte. Há pequenos blocos e plaquetas dispersos por todo o sítio. A altura entre o piso do abrigo e o teto e/ou cornija variam ao longo do sítio, podendo chegar a até 3 metros na extremidade sul. À medida que adentramos, a altura diminui gradualmente até encontrar a base do abrigo nas extremidades. Na porção central, a altura é ainda menor (1,20m).

As superfícies das rochas em todo o sítio possuem textura fina e lisa com coloração cinza claro. Os suportes possuem tonalidades diferenciadas na porção externa, próximo à cornija. Nestas área,s há muito escorrimento de água de chuva, favorecendo o crescimento de fungos e liquens, dando às rochas tonalidades cinzas e cinza escuro. Em toda extensão do sítio, há disponibilidade sobretudo de tetos e cornijas, sendo as paredes ausentes.

Foram delimitados no sítio apenas três painéis de fácil acesso: um localizado em espelho, outro em cornija e um último no teto, cada um deles com apenas uma figura. O **painel 1**(cornija) está localizado a 1,15m do piso do abrigo, nele foram pintados alinhamentos de bastonetes.

O **painel 2** (teto amplo) apresenta a figuração de um cervídeo de aproximadamente 60cm muito apagada. Alguns traços paralelos ao dorso foram identificados. As orelhas são compostas por traços que as delimitam e preenchidas por dois paralelos.

Na extremidade sul do abrigo, em um espelho (**painel 3**) foi pintado um cervídeo flechado de 34cm em crayon. Seu preenchimento é por traços contínuos e esparsos paralelos ao dorso. Há indicações de coxas nas quatro pernas e joelho.

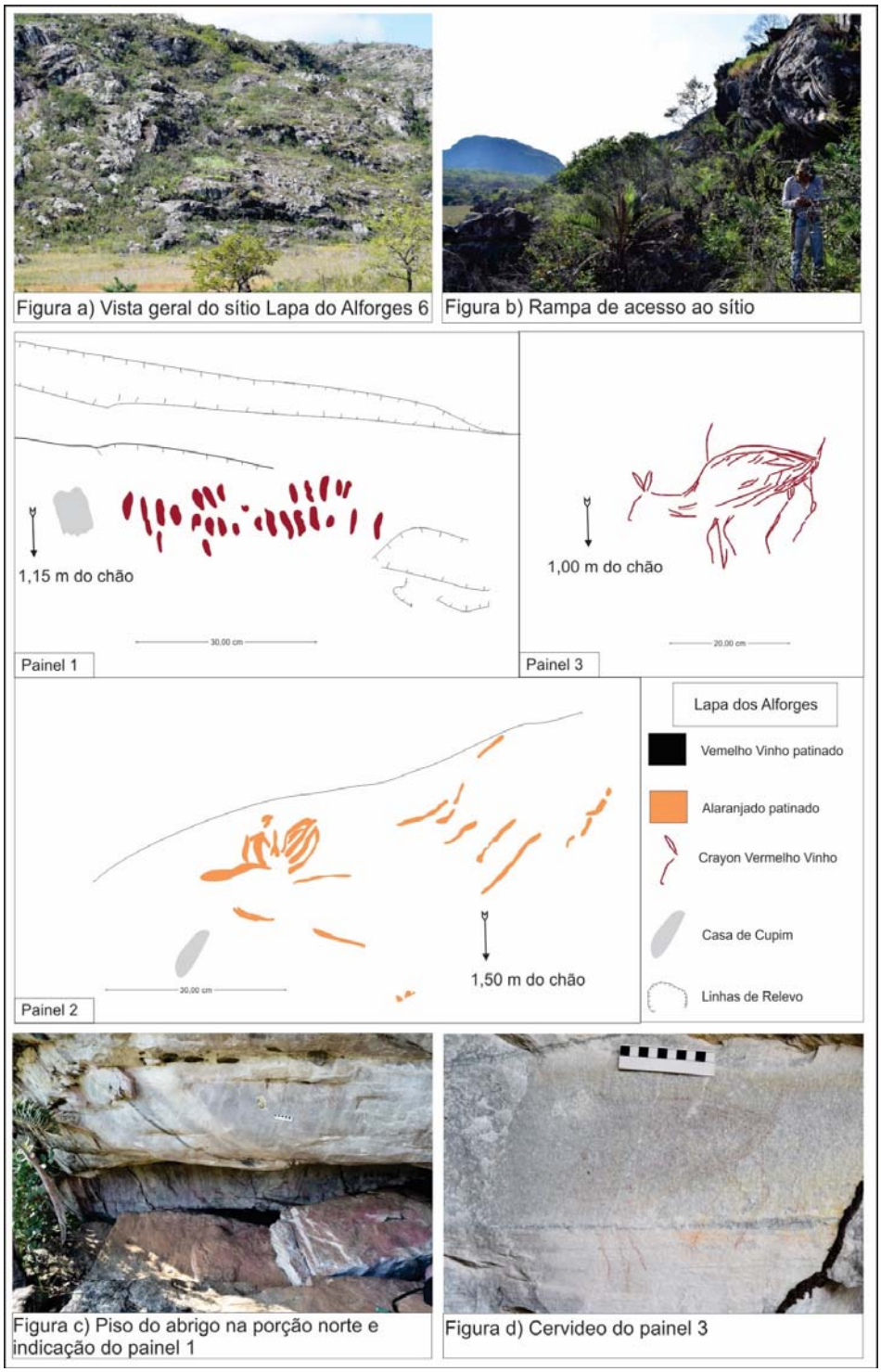


Figura 66:Visão geral do sítio, painéis e digitalização dos painéis, Lapa do Alforges 6.

5.3 BAIXO CURSO DO RIO PARDO PEQUENO

5.3.1 LAPA DO ALFORGES 1

O sítio Lapa do Alforges 1 está localizado a 40 metros a oeste do Rio Pardo Pequeno. Tomando as serras e os sítios descritos anteriormente como referência, o acesso ao sítio pode ser feito margeando-se o curso do rio a norte, pelas serras do Tatu e da Contagem, localizadas a norte e a nordeste do sítio.

O sítio está implantado na baixa vertente do vale do Rio Pardo Pequeno, em trecho do rio que segue alternando entre trechos encachoeirados e meandrantes. Próximo ao sítio, a vegetação é característica de mata ciliar, mesmo com a presença quase que dominante do substrato rochoso, que aflora próximo ao curso do rio. Circundado por afloramentos de pequenas dimensões, vegetação de encosta, campos rupestres e cerrados stricto senso em suas margens, são necessários olhos atentos para a visualização do sítio à medida que se aproxima do abrigo. A partir do sítio, tem-se visibilidade do Rio Pardo Pequeno por até 400 metros do curso que segue para sudoeste, do vale a 260 metros a leste e das serras a 600 metros a sul.

O sítio é acessado por uma rampade declividade moderada, com blocos entremeada por vegetação e sedimentos acumulados. O sítio possui pequenas dimensões, seu comprimento é de 10 metros e profundidade máxima de 4,60 metros. Entre o piso e o teto do abrigo, a altura é de 2,10 metros, na porção central e até 4,0 metros, na porção direita, onde há um patamar. Seu piso é sedimentar, composto sobretudo por blocos e plaquetas dispersas por todo o abrigo (Figura 67). Assim como a maioria dos sítios próximos ao Pardo Pequeno, este também foi ocupado por garimpeiros e com intervenções costumeiras (fogareiro). O teto a 2,10m do piso está coberto por fuligem que, contudo, não apresenta evidências de pinturas rupestres.

De modo geral os suportes apresentam boa qualidade: lisos, textura fina, de coloração cinza claro. Foram delimitados dois painéis, localizados em cornija,totalizando seis figuras: uma ave, três zoomorfos, dois cervídeos. Os painéis são de fácil acesso e há disponibilidade em todo o sítio, sobretudo de tetos amplos, cornijas e paredes.

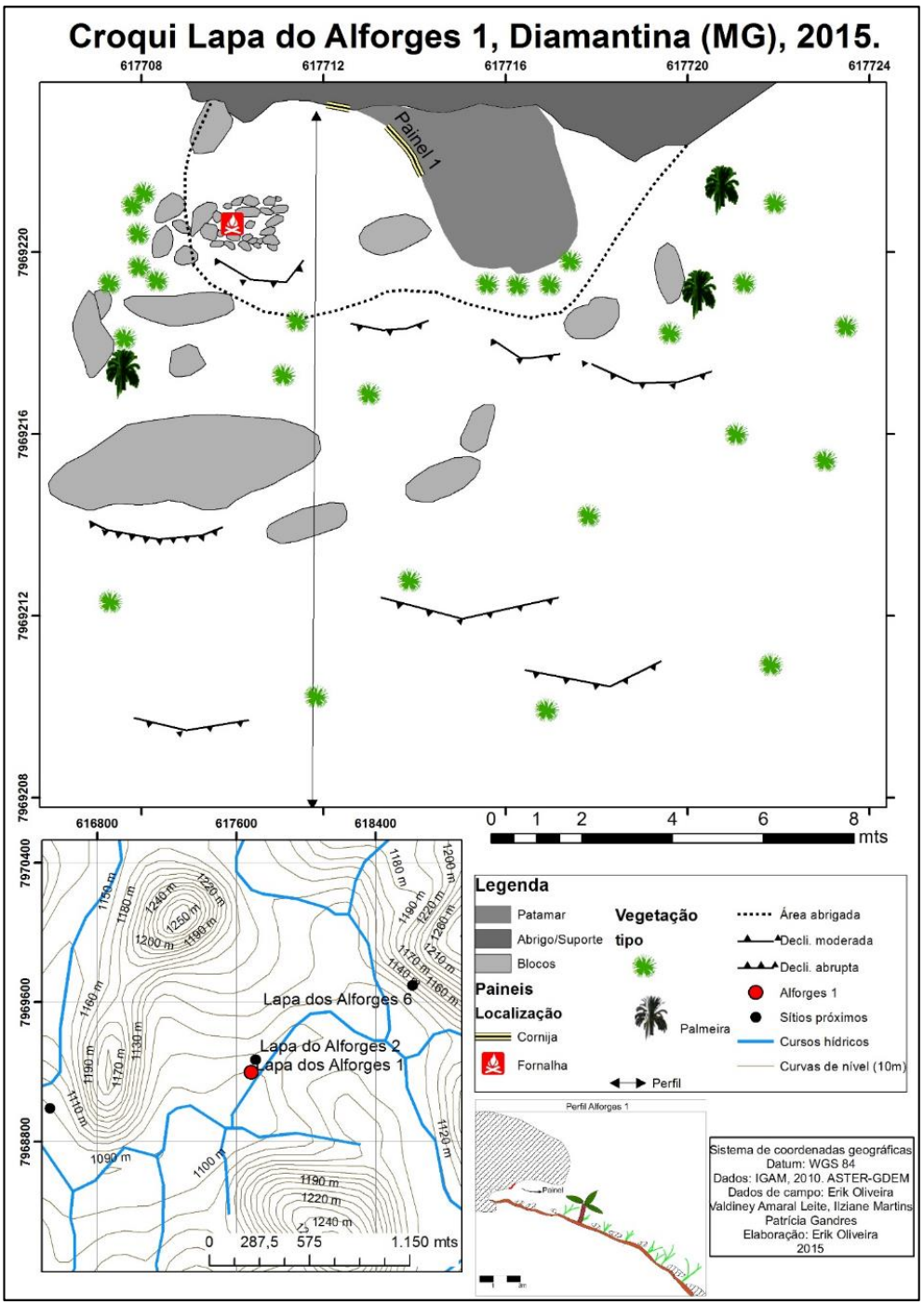


Figura 67: Croqui Lapa do Alforges 1.

O **painel 1**(Figura 68) está localizado na cornija do patamar interno do sítio, a 1,00m do piso. O suporte possui 1,10m de comprimento e espessura máxima de 24cm no centro, parte que recebeu as pinturas. Nele foi pintada uma ave (18cm de comprimento), elaborada a dedo, em tonalidade alaranjada. O preenchimento do corpo apresenta dois traços, um paralelo ao dorso e outro que vai de encontro ao dorso. As asas são compostas por traços levemente curvos, atravessados por traços perpendiculares. O pescoço é completamente preenchido por traços longos e as pernas elaboradas por traços simples. Sobrepõe-se à ave um zoomorfo de 22cm feito a dedo e preenchido por sequência de traços curtos transversais ao dorso. Há indicações de orelhas e pernas curvas por traços com tamanho entre 0,85cm a 1,74cm. Outros dois zoomorfos semelhantes foram pintados abaixo e à direita do descrito acima. Estas figuras são sobrepostas por traços em crayon, com formato que sugere um cervídeo. A figura encontra-se incompleta, em função das intempéries e é possível identificar parte do dorso (traços paralelos), pernas dianteiras (traços triplos paralelos) e orelhas.

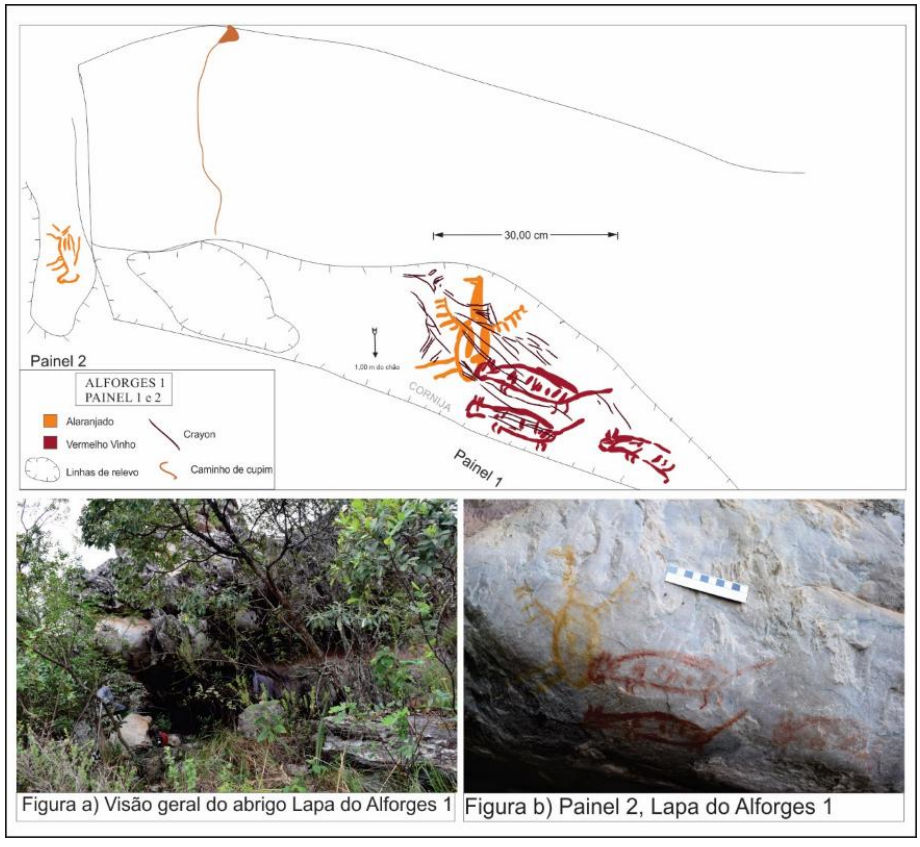


Figura 68: Visão geral da Lapa do Alforges 1 e digitalização dos painéis.

O **painel 2** está localizado a 0,6m do painel 1, separado por uma diáclase entre os painéis. A superfície é ondulada e restrita, em razão do desplaquetamento. Nele foi pintado um cervídeo em cor alaranjada de 25cm, preenchido por poucos traços paralelos ao dorso e patas levemente inclinadas.

5.3.2 LAPA DO ALFORGES 2

A lapa do Alforges 2 está localizada a 45 metros a norte da Lapa do Alforges 1. As características de inserção na paisagem do sítio são as mesmas do sítio descrito acima, exceto a morfologia do abrigo. Por se encontrar em cotas mais elevadas na vertente, a partir do sítio tem-se visibilidade maior do entorno: do vale a frente (leste), do Pardo Pequeno, e dos campos e serras distantes até 600 metros a sul do abrigo.

Próximo à cornija e na rampa de acesso ao sítio, há vegetação de porte arbóreo, onde o solo é mais profundo. O abrigo possui porte pequeno, com 20 metrosde comprimento (Figura 69). A área abrigada é de 8,50 metros, em sua extremidade direita, local onde foi preparado uma fornalha e construídos dois muros de blocos por garimpeiros. O sítio possui topografia muito irregular, em função dos grandes blocos abatidos de até sete metros de comprimento por três de altura. Seu piso é sedimentar com muitos blocos e plaquetas.

O abrigo possui muitos suportes disponíveis, sobretudo tetos escalonados, amplos e paredes. A maior parte deles está coberta por fuligem, impossibilitando a visualização de possíveis figuras. O estado de conservação dos suportes é ruim e poucos apresentam suas características preservadas, por causa das intempéries naturais e das causadas pelas ocupações recentes. Embora haja muitos suportes no sítio, as descamações, oxidação, desplaquetamento, fungos e liquens atuaram intensamente nas rochas. O acesso aos painéis e suportes são heterogêneos e alguns tetos, sobretudo na porção direita e central do abrigo, encontram-se em média a 4,0m do piso. Na porção esquerda, os blocos abatidos oferecem inclinação e dão suporte para acessar os dois painéis identificados no sítio.

Os dois painéis encontram-se em uma parede e teto escalonado (Painel 1 e 2, respectivamente). Foram identificadas cinco figuras, cujos temas são alinhamentos de bastonetes (quatro), cervídeo (um) e zoomorfo (um).

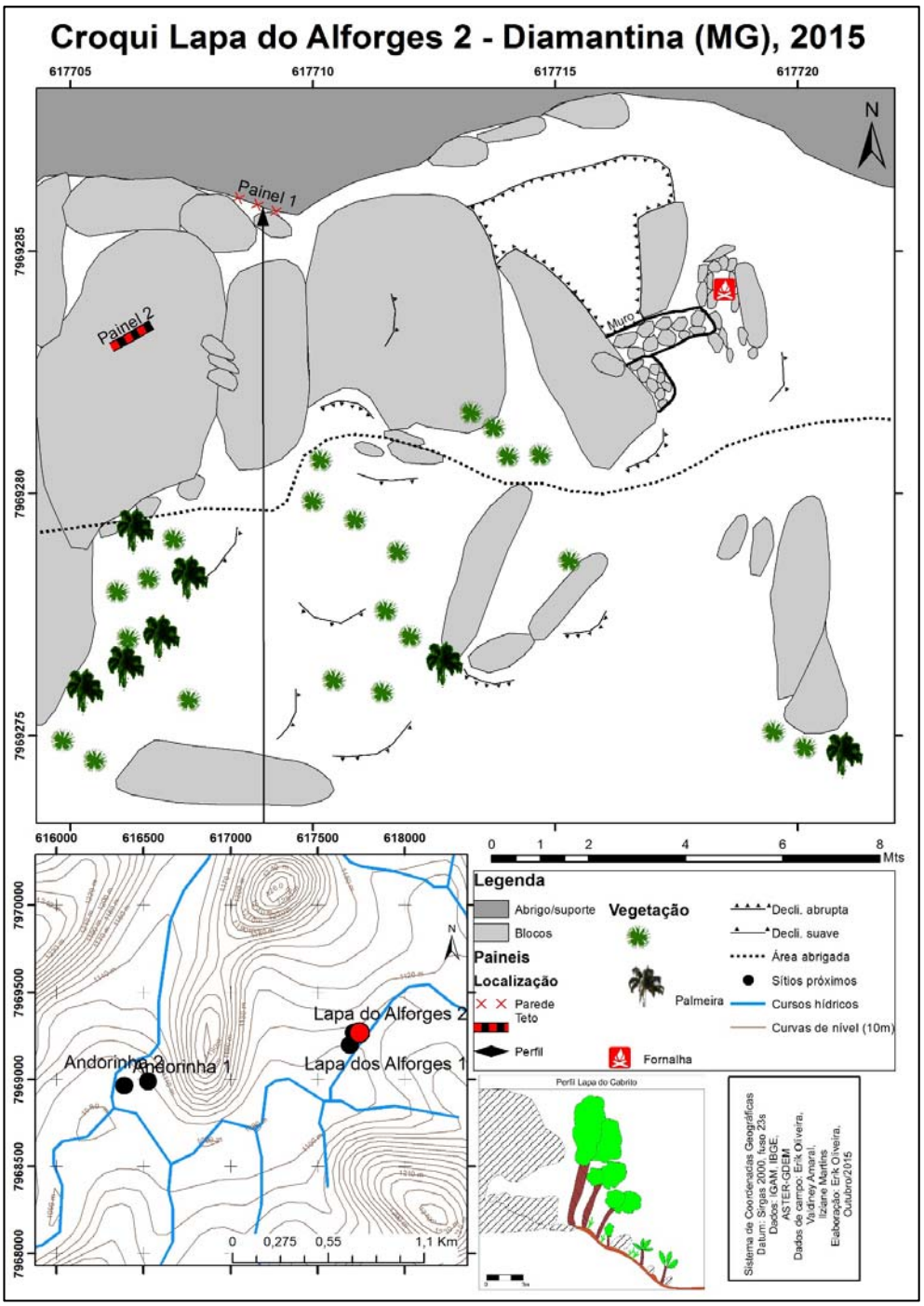


Figura 69:Croqui Lapa do Alforges 2.

O **painel 1**(Figura 70a) está localizado próximo à base do afloramento, em uma parede formada pelo negativo de uma grande rocha que se desprendeu. O acesso a ele é fácil, contudo, as figuras foram pintadas em local restrito, cercado por grandes blocos e próximo a uma fenda formada pelo desabamento de outro bloco de grandes dimensões. O suporte é homogêneo e apresenta textura fina de coloração cinza claro. Neste painel foram identificadas três figuras, um cervídeo, um zoomorfo e outra de difícil identificação. O primeiro encontra-se muito apagado, sendo visível somente o seu quarto traseiro. Seu preenchimento é composto por muitos traços, ora pontilhados, ora com formato de bastonetes. As pernas são traços longos retilíneos, que bifurcam na extremidade indicando os cascos. À direita do cervídeo, foi desenhado um zoomorfo de 40cm, completamente preenchido por técnica não identificada. As duas pernas visíveis possuem traços grossos de 1,60cm, que se sobrepõem no segmento superior e, na extremidade, há indicações dos cascos.

O **painel 2**(Figura 70b) está localizado no teto escalonado formado por um grande bloco desabado que dá acesso a ele. Sua superfície é cinza clara, apresenta formação de pequenos cristais de quartzo, textura fina, descamações intensas e irregularidades. Nele foram pintados alinhamentos de bastonetes (tonalidade vermelho vivo).

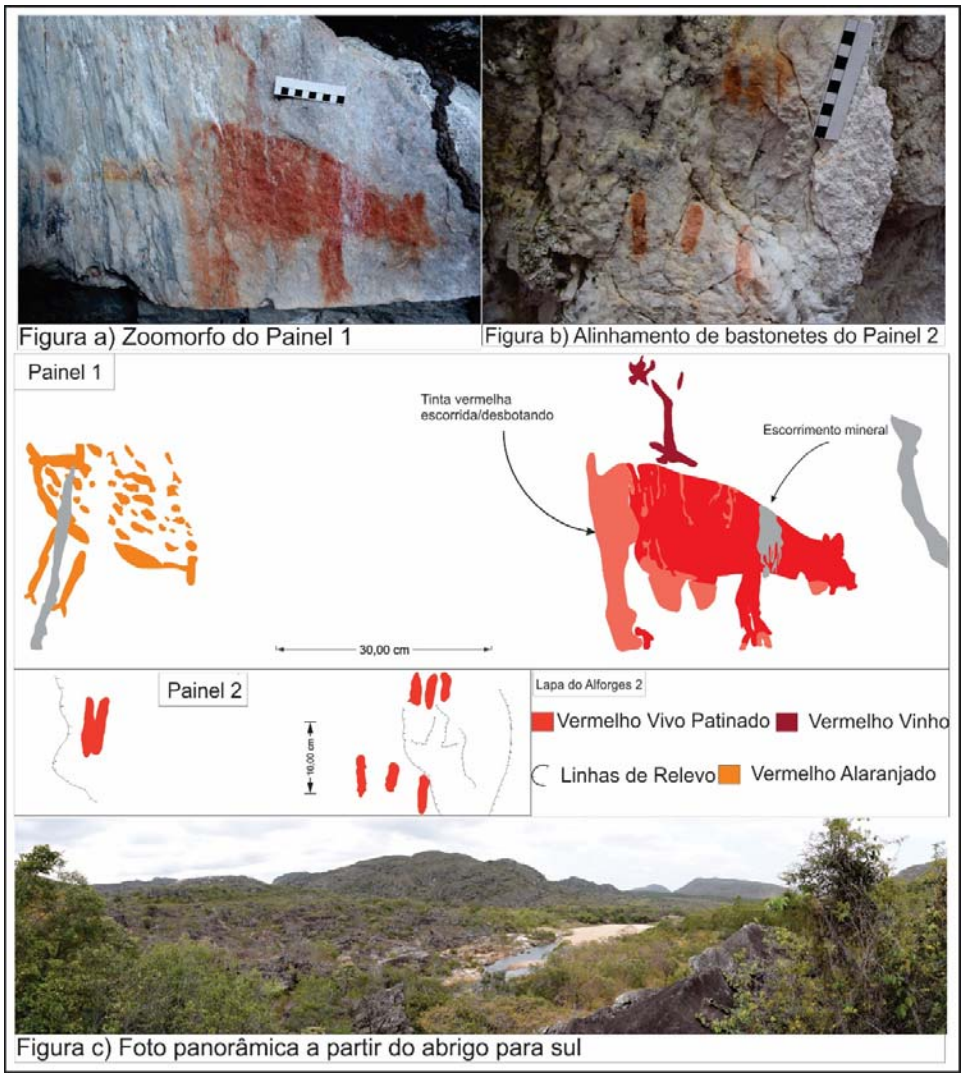


Figura 70:Vista a partir do sítio lapa do Alforges 2 e digitalização dos painéis.

5.3.3 ANDORINHA 1

O sítio Andorinha 1 está localizado a 190 metros a norte do Rio Pardo Pequeno. O acesso ao sítio pode ser feito a partir das margens do rio, tomando-se os sítios descritos acima como referência. O acesso também é ser feito pelo norte, sudoeste e sul, por vales localizados entre duas serras. O afloramento rochoso no qual o sítio está inserido são pequenos relevos residuais com altitude máxima de aproximadamente 1097m. Quando comparado com a serra

próxima a ele, a sua direita, as diferenças entre a altitude dos topos dos afloramentos é de 115m.

O afloramento rochoso está implantado em meio a um cerrado ralo, em superfície de baixa declividade, permitindo a formação de solos mais profundos. Atualmente, as proximidades do sítio são utilizadas para plantio de eucalipto. A norte e a leste, a aproximadamente 80 metros, o córrego do Ouro Fino segue até desaguar no rio Pardo Pequeno.

Os afloramentos rochosos, à medida que o caminhante se aproxima da área, são facilmente vistos, em função da localização no terço superior. Do sopé, a vegetação de porte arbóreo e arbustivo impede o avistamento do horizonte, com exceção das médias e altas vertentes da serra do Ouro Fino e da Serra das Agulhas. A partir do sítio, tem-se maior visibilidade do entorno; da serra a 500 metros a leste, serra do Ouro Fino a 870 metros a sudoeste e das serras a 1,7km a sudeste.

O acesso ao abrigo é feito por uma rampa com inclinação moderada no sopé do afloramento, com vegetação arbórea esparsa e arburstiva, entremeada em blocos e sedimentos acumulados. O abrigo possui pequenas dimensões (Figura 71), são apenas 11m de comprimento por 5m de profundidade máxima, na extremidade direita. A altura entre o teto e o piso varia internamente, chegando a até 2,0m, onde está localizado o painel 1. Os painéis identificados são facilmente acessados.

De modo geral, o abrigo encontra-se bem protegido das intempéries naturais, mas não da ação antrópica recente, que cobriu de fuligem parte significativa do teto. Há poucos suportes disponíveis com superfície lisa, homogênea, textura fina e livre de liquens e fungos. Os suportes que compõem o abrigo são restritos e com textura muito grossa, com intensos desplaquetamentos e descamações.

Foram delimitados dois painéis no sítio Andorinha 1, ambos localizados em tetos; um amplo e restrito. Um dos suportes (painel 1) apresenta qualidades distintas: superfície pouco irregular, homogênea e de textura fina, envolto em suas margens por fuligem, liquens e escorrimento d’água. O sítio é composto por zoomorfos, antropomorfos, armas, miriápodes, alinhamento de traços longos e alinhamento de traços curtos (ver Figura 72c). O total de figuras identificadas é 24, tendo o painel 1 a quase totalidade das figuras, totalizando 23. A presença de apenas duas tonalidades de cores neste painel (alaranjada e vermelho forte) e as temáticas das figuras podem sugerir que foram pintadas no mesmo momento e que foram realizadas por dois autores.

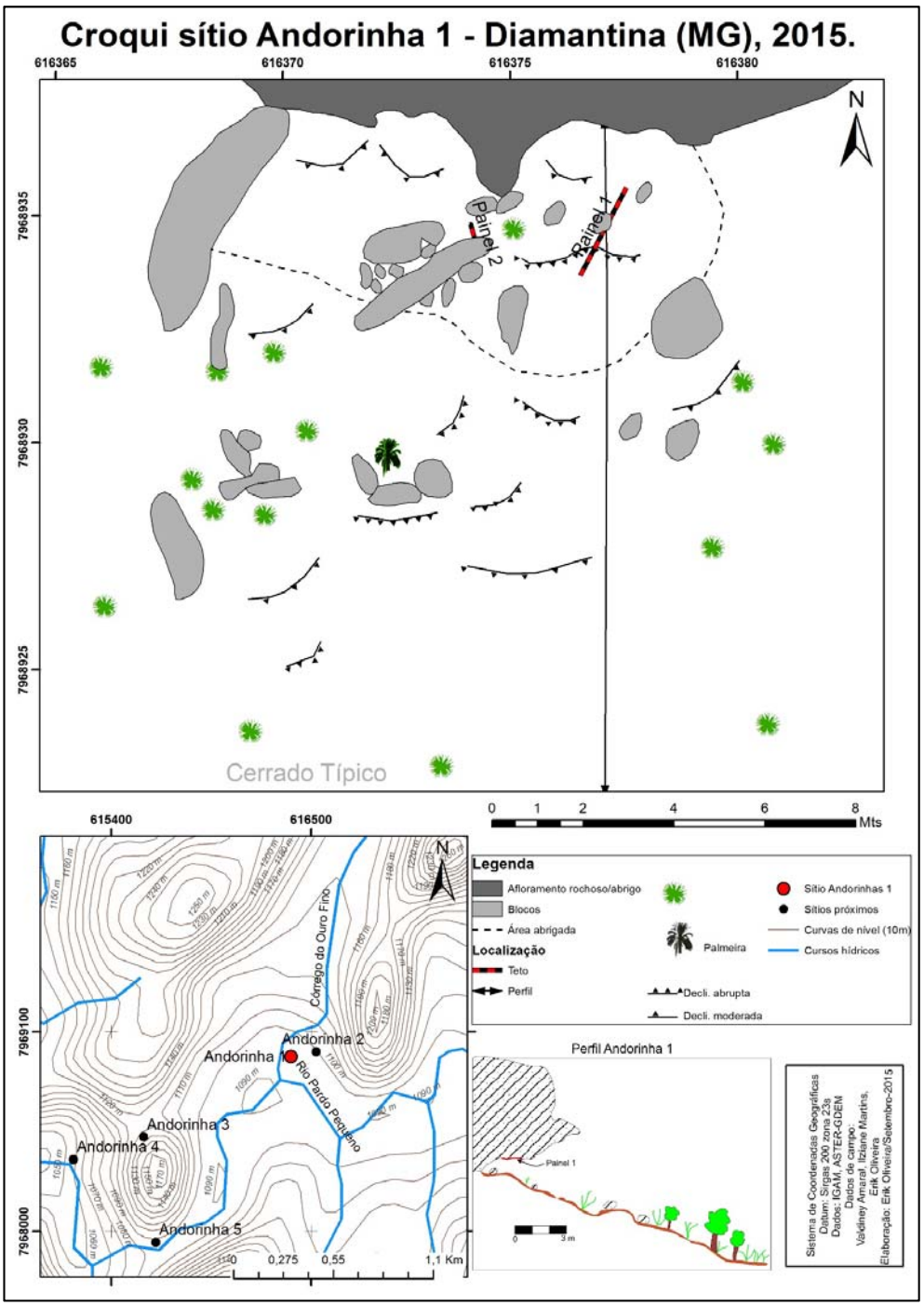


Figura 71:Croqui sítio Andorinha 1

O **painel 1** está localizado em um teto amplo de 2,10m de comprimento por 1,00m de largura a 1,85m do piso do abrigo. O suporte nessa porção do abrigo apresenta qualidades distintas dos demais. Além do tamanho superior, está menos suscetível às intempéries, apresenta descamações menos intensas, homogeneidade, possui textura lisa e coloração heterogênea, variando entre cinza claro, branco e bege. As condições gerais do suporte permitiram a conservação da tinta, seu aspecto, tonalidades e diluição em boa parte das figuras, a despeito das intervenções recentes e do tempo. As cores possuem aspecto ainda vivo, pouco patinadas e bastante nítidas. Foram identificadas duas cores distintas, alaranjada e vermelho vinho, ambas bem diluídas, com textura grossa.

Neste painel, as figuras totalizam 23,todas feitas a dedo e distribuídas em toda superfície. Os zoomorfos (6) são caracterizados por figuras compostas por traços (apêndices) que divergem dos corpos que, por sua vez, são totalmente preenchidos por traços. As armas (2) apresentam apêndices que divergem de um corpo central, composto por diversos traços ou traços duplos que se sobrepõem em formato de um machado semilunar. Os antropomorfos (2) estão localizados próximos na extremidade esquerda do painel e apresentam formas distintas, um com 7cm de comprimento e outro de 14,5cm. Os membros são representados por traços únicos, exceto o de maior comprimento, que apresenta outros próximos à cabeça. As miriápodes apresentam traços sobrepostos que formam um eixo irregular, de onde foram acrescentados traços menores perpendiculares. Os alinhamentos de traços longos e traços curtos (bastonetes?) estão concentrados na porção superior e à direita do painel.

O **painel 2**está localizado em um teto restrito de fácil acesso envolto por fuligem e intensas descamações da rocha. Suas dimensões são 0,35m de comprimento por 0,15m de largura, localizado a 0,96m do piso. Aqui, a tonalidade da tinta possui os mesmos aspectos que a descrita acima para o painel 1, entretanto, está mais desbotada. É possível que sua posição no abrigo e as atividades dos ocupantes recentes tenham influenciado em sua conservação, tornando-a mais esmaecida. Neste painel foi pintado um zoomorfo (quadrúpede) a dedo, totalmente preenchido por tinta. O corpo, bem como os membros inferiores, não apresenta limites ou contornos bem marcados. Nas pernas, a espessura dos traços variae eles são ora retilíneos, ora curvos, bem como nas indicações das patas que também apresentam traços que se sobrepõem. O rabo é representado por um longo traço retilíneo.

O sítio Andorinha 1, nos dois painéis delimitados, possui sete zoomorfos, representando 29,2% do total (Figura 73). Os antropomorfos e as armas somam dois, representando 8,3%. As miriápodes, 4 ao todo, perfazem 16,7%, já os alinhamentos de traços longos e curtos representam 37,5% (curtos 25% e longos 12,5%).

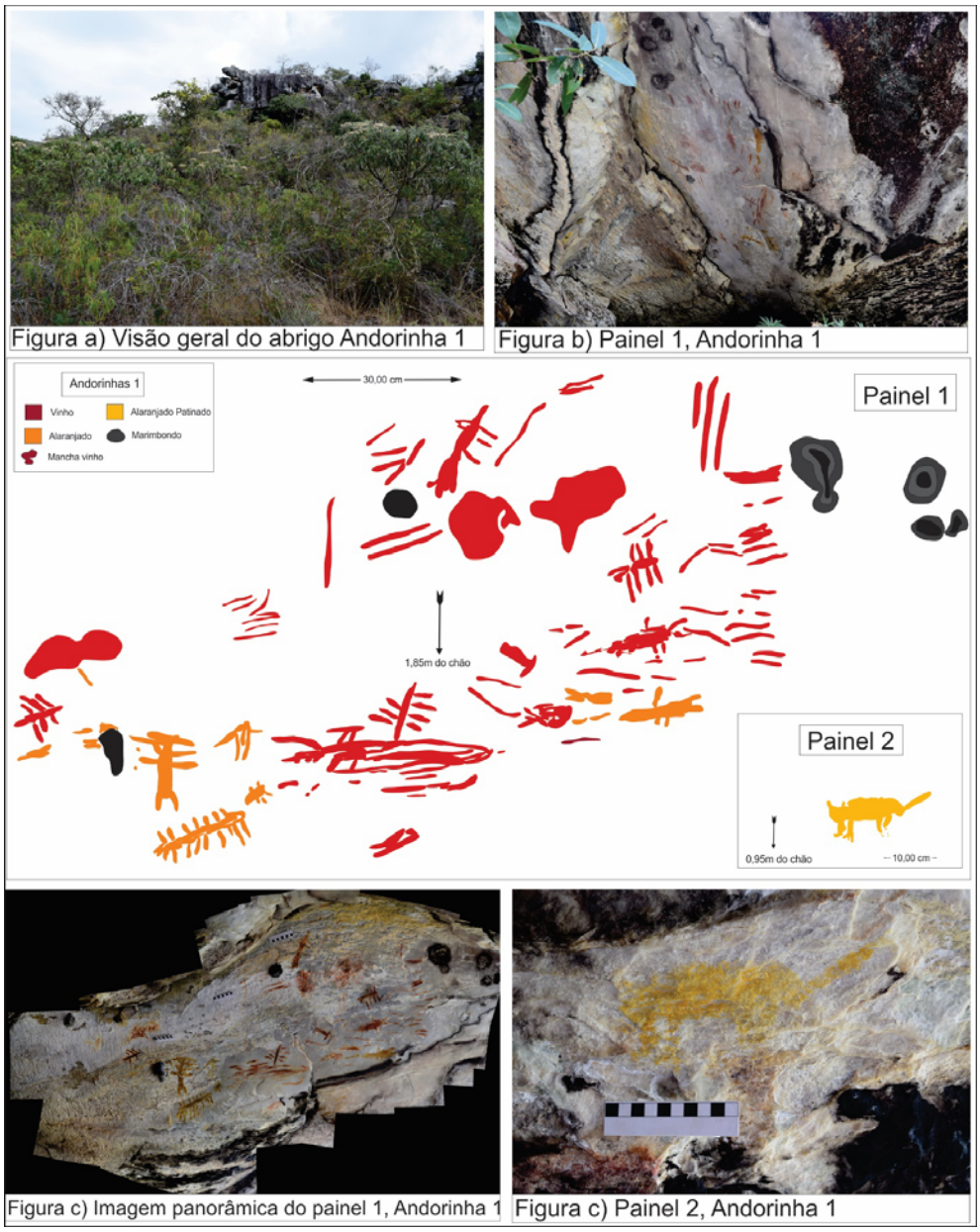


Figura 72:Visão geral do sítio Andorinha 1, painéis 1 e 2 e digitalização.

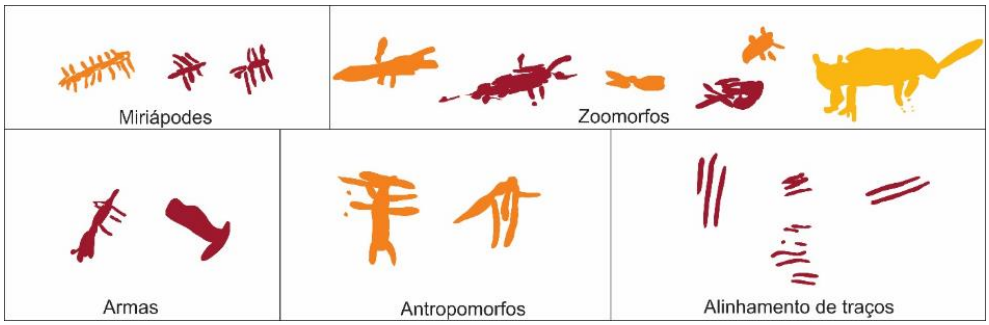


Figura 73: Temas do sítio Andorinha 1

5.3.4 ANDORINHA 3

O sítio Andorinha 3 está localizado em um grande *inselbergue* na Serra do Ouro Fino. Devido à sua posição no afloramento rochoso, o rio Pardo Pequeno dista dali 370 metros a oeste, 600 metros a sul e 490 metros a leste. O acesso ao sítio se dá pelas margens do rio a oeste, onde estão localizados os sítios Andorinha 1 e 2. É possível acessá-lo também a leste, subindo um vale de 500 metros de comprimento que encontra o Pardo Pequeno. Neste trecho do rio, que circunda a serra do Ouro Fino, há outros dois sítios próximos às margens, o Andorinhas 4 e 5, a 390m a leste e 601m a sul, respectivamente.

O afloramento rochoso, formato oval, em que o sítio está implantado possui aproximadamente 368,6m² a partir do sopé. A altitude do seu cume chega a 1185m, diminuindo à medida que o rio avança. Próximo a ele, as cotas altimétricas variam em todo o seu perímetro em um trecho de vale encaixado do rio, cujo relevo muito irregular apresenta maiores declividades. O acesso ao sítio, feito a leste entre dois relevos residuais que compõem a serra do Ouro Fino, apresenta declividades mais moderadas em meio ao cerrado. Próximo ao sítio, há mata de encosta com vegetação de porte arbóreo e arbustivo. O acesso a oeste pelo vale, a partir do Pardo Pequeno consiste em subida íngreme e irregular (inclinação máxima de 44%) da cota altimétrica de 1034m a 1140m, localaonde o sítio está posicionado. Considerando todo o afloramento rochoso, o sítio está posicionado na alta vertente.

O sítio só é facilmente visto à medida que se aproxima do afloramento, em função de seu posicionamento entre as serras e na encosta. Em meio às serras, a visibilidade dali é relativa; a leste, é possível ver a as serras e o vale do Pardo Pequeno, que serpenteia por alguns quilômetros. A norte tem-se visibilidade até 170 metros, quando é interrompida pela serra; a leste, a visibilidade é restrita, alcançando até o topo da encosta a 50 metros do sítio. A vegetação do entorno é característica dos sopés de afloramentos, assume porte arbóreo e

arbustivo, onde há formação de solos mais espessos. Possivelmente à frente do abrigo havia uma drenagem que teve seu curso alterado pelos ocupantes recentes, que o desviaram para o interior do abrigo (ver figura 74).

O abrigo possui dimensões médias; 20 metros de comprimento, profundidade máxima de 15 metros e alturamáxima entre o teto o piso de 3,0 metros que diminui de norte a sul. O piso do abrigo é predominantemente sedimentar, mas com blocos, plaquetas e rocha aflorando. A topografa interna do sítio é suave, com inclinação geral para sul. Há blocos abatidos e plaquetas de dimensões variadas no piso do abrigo, sobretudo na porção norte.

No abrigo há muita disponibilidade de suportes, que correspondem a tetos escalonados, tetos restritos e espelhos e paredes. As rochas possuem textura fina, há suportes homogêneos, restritos, amplos e alguns trechos mais micáceos. Os suportes externos ao abrigo, próximos à cornija, apresentam morfologia irregular e muitas fraturas. Nestes suportes de textura fina e coloração cinza claro, as intempéries atuaram mais intensamente conferindo a elas tons avermelhados, cinza escuro e enegrecidas.

Foram identificados no sítio Andorinha 3 dois painéis, o primeiro localizado em espelho e o segundo, em um teto. O painel 1 apresenta textura heterogênea com granulometrias finas e médias. Em função dos processos erosivos, das fraturas, e da presença mica, sua superfície encontra-se muito erodida e com descamações. O painel 2, um teto amplo, possui textura fina, que se estende por toda sua superfície, embora com descamações. A parte onde a figurase encontra, já bastante apagada, é circundada por fuligens e oxidações. Somente no painel 1 foi possível identificar com nitidez os temas, conjuntos (em dupla) de traços longos.

O **painel 1**(Figura 75d) está localizado em um espelho de fácil acesso com 2,20m de comprimento e espessura média de 0,40m a 1,34m do piso. A tinta atualmente apresenta aspecto muito alterado entre o vermelho vinho e vermelho ralo, dependendo de sua posição no painel. Aparentemente, toda sua superfície foi pintada por conjuntos de traços longos e duplos, sem direcionamento prioritário. O **painel 2** está localizado em um teto amplo de fácil acesso. Não foi possível identificar o tema, pois a figura encontra-se muito apagada, restando apenas dois traços.

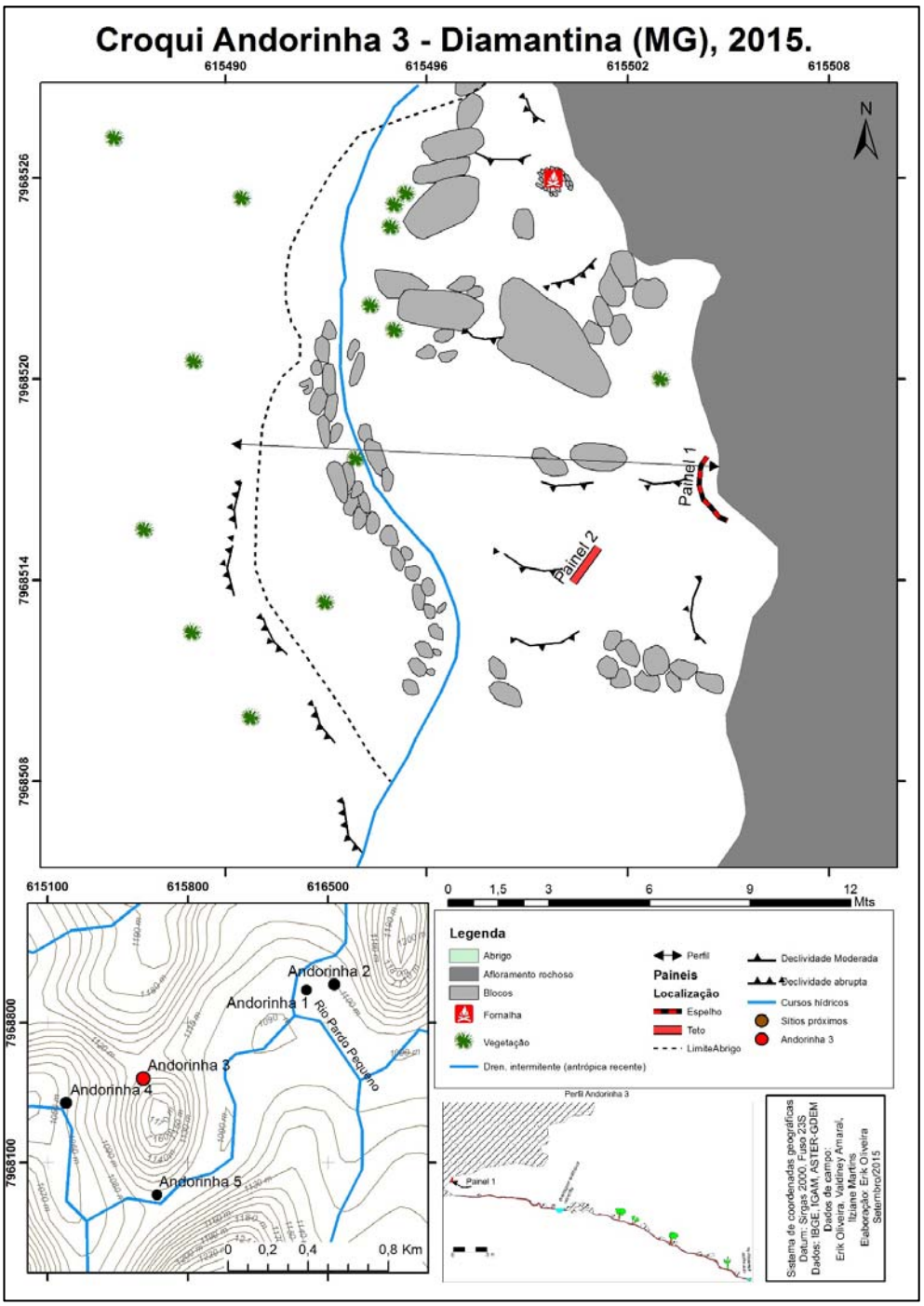


Figura 74: Croqui sítio Andorinha 3

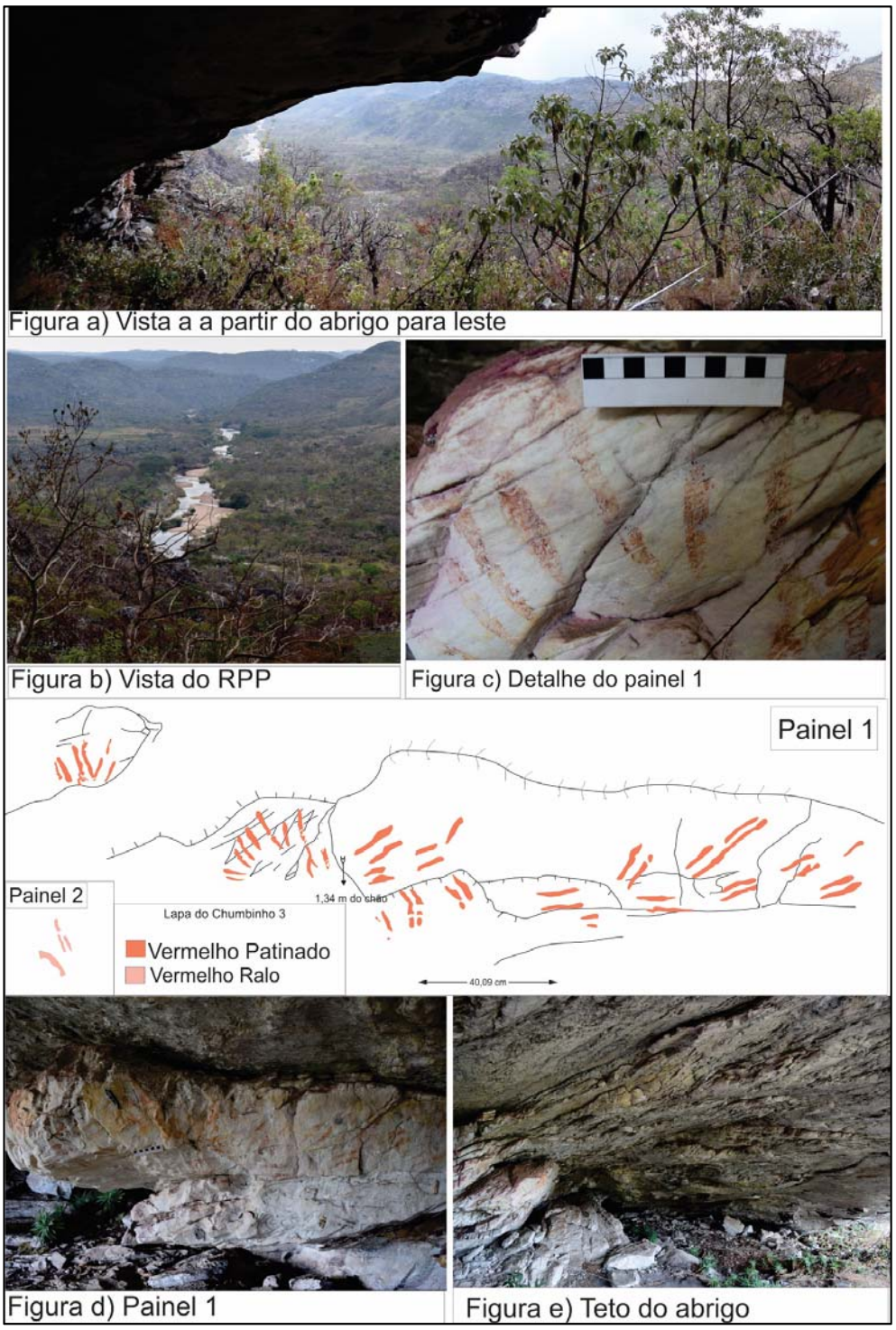


Figura 75: Vista do entorno e digitalização dos painéis, sítio Andorinha 3.

5.4 ESTRUTURA, BOQUEIRÕES E ABRIGOS

Os Boqueirões, conforme elucidados no capítulo 4, são entendidos por Ricardo e outras pessoas da comunidade como “canais” que, além de seus formatos específicos, são considerados como espaços identificados entre uma serra e outra. A sua explicação perpassa inclusive pelos processos formativos: “*parece que passou foi um vento, foi fazendo e abrindo esses canais*” e “*A gente nunca vê uma pintura na vargem! Não tem, né? ”*. Sr. Ricardo é categórico ao afirmar que todos os sítios pesquisados estão localizados em Boqueirões. Entendendo a afirmação de Ricardo e tomando-a como de fato correspondente, faz-se necessário aqui realizar um apanhado acerca das características dos Boqueirões, elucidando e observando suas diferenças e semelhanças em seus respectivos locais de inserção.

A partir da fala de Ricardo, os Boqueirões podem se configurar como uma categoria espacial “genérica” e específica, no sentido de que elas representam um tipo de feição na paisagem presente em todos os sítios. Nota-se que a relação entre os Boqueirões e os sítios não incide somente nos locais onde ocorreram eventos geoestruturais.Desse ponto de vista, os Boqueirões podem ser concebidos por meio dos eventos que se sucederam e dos processos erosivos que, influenciados estruturalmente ou não, esculpiram a superfície deixandocanyons, relevos residuais e afloramentos rochosos entrepostos por superfícies planas restritas e amplas e/ou vales.

Para a Formação Galho do Miguel, foram observados sítios localizados em **alinhamentos estruturais**, **falha de empurrão** e **contato entre duas litologias** (Formação Santa Rita). Já nas Formações Córrego Bandeira e Córrego dos Borges, em **falha ou fratura**. Considerando o arcabouço morfoestrutural da área, em termos paisagísticos, existem decorrências em suas feições, apresentadas a seguir. Os 24 sítios estão localizados em três formações distintas ou em áreas de contato, conforme mencionado anteriormente; formação Galho do Miguel (20 sitios), Santa Rita (2 sítios) e Córrego Bandeira (2 sítios). A partir do mapeamento geológico realizado por Fogaça (1997), pelo menos 15 dos afloramentos/abrigos estudados possuem relações e origens diretamente estruturais: a) Os sítios**Lapa do Chumbinho**, **Contagem 1, 2, 3, 4**, **Lapa da Onça 1 e 4** estão localizados em área de alinhamento estrutural das rochas em mergulho de acamamento que alinhou o afloramento no sentido norte-sul, estendendo-se por 500m e expondo as rochas para oeste e norte; b) Os sítios **Contagem 5 e 6**, **Tatu 1** e **Tatu 2** estão localizados em falhas de empurrão e de alinhamento estrutural; c) O sítio **Lapa do Alforges 6** está localizado em área de contato entre duas litologias distintas: Formação Galho do Miguel e Formação Santa Rita; d) O sítio **Andorinha**

3 está localizado em área de contato entre as formações Córrego dos Borges e Córrego Bandeira e de falha ou fratura; e) O sítio Lapa do **Alforges 1 e 2** está localizado próximos a mergulhos de acamamento.

A presença de sítios de arte nos locais mencionados acima e em suas margens, 15 do total de 23 (ou 59%), demonstra que a presença de abrigos/afloramentos no trecho em estudo tem íntima relação com a estrutura geológica local. A esculturação do relevo possui profundas relações com as características mineralógicas e texturais, como por exemplo a dureza e resistência da rocha. Estas zonas onde ocorreram eventos estruturais são onde, por excelência, o intemperismo atua de maneira diferencial, em função da predisposição erosiva gerada pelas diferentes dinâmicas morfoestruturais. No decorrer da biografia geomorfológica da Serra do Espinhaço Meridional, o relevo foi esculpido dando origens a abrigos que possuem como fator preponderanteem sua formação, mas não único, a suscetibilidade das rochas para a erosão.

Decorrem de tais eventos estruturais particularidades e compartilhamento de feições nas áreas em que estão inseridas. A Serra da Contagem, onde está localizada parte significativa dos sítios estudados (8 sítios[57]), tem sua constituição estrutural marcada pela presença de alinhamentos estruturais, falha de empurrão e contato com diferentes as Formação Galho do Miguel e Santa Rita. A esculturação do relevoimposta neste Boqueirão teve como predisposição erosiva tal condição.

O relevo plano nas áreas de campo apresenta alternâncias entre solos rochosos e depressões hidromórficas ocupadas por turfeira e presença de nascentes. Vista de cima (Figura 76b), a área possui aparência de um "salpicado" de afloramentos com diferentes dimensões, contrastados pelos campos que margeiam os afloramentos do entorno. Fora dos domínios deste Boqueirão, sua paisagem apresenta distinções: a noroeste, há um grande campo plano totalmente inserido na Formação Santa Rita; a nordeste, a Serra da Contagem faz limite com outra serra próxima a um pequeno vale onde se encontra o sítio Lapa dos Peixes; a leste, uma ampla superfície de aplainamento com solos e formações vegetais distintas dá acesso à Lapa do Chumbinho.

A Lapa do Chumbinho também está localizada em meio a um alinhamento estrutural (Figura 76a) que perfilou o afloramento em sentido geral norte-sul, dividindo-o em duas seções quase que simetricamente. Este Boqueirão é caracterizado por ter um campo com drenagem ao centro entre duas serras que distam entre si 90 metros. O entorno do Boqueirão apresenta diferentes feições: a oeste, há um pequeno vale com um córrego tributário do rio

[57] Os sítios localizados na Serra da Contagem são a Lapa da Onça 1, Lapa da Onça 4, Contagem 1 ,2, 3, 4, 5, 6.

Pardo Pequeno, em que se faz presente mata ciliar, próximo a uma superfície de aplainamento coberta por vegetação característica de cerrado; a leste, há um amplo campo rupestre que faz limite com o Pardo Pequeno.

Os sítios localizados entre a Serra do Tatu [58]e a Serra da Contagem encontram-se em meio a alinhamentos estruturais, falha de empurrão e contato entre as Formações Galho do Miguel e Santa Rita. Este Boqueirão (Figura 77a) possui aproximadamente 1,6 quilômetros de extensão tendo início nas proximidades do rio Pardo Pequeno e avança até um outro trecho mais à frente deste. A extremidade noroeste, próximo ao sítio Lapa dos Alforges 6, está inserida em contato com as duas Formações geológicas. O resultado dessa complexa evolução estrutural deu origem a um extenso e estreito "canal" com relevo levemente convexo, de onde nascem duas drenagens que desaguam nas extremidades opostas. Este Boqueirão apresenta diferentes tipos de vegetação ao longo de sua extensão. Sua porção central apresenta solo hidromórfico com presença de uma densa mata ciliar. Na extremidade noroeste, à medida que se aproxima do sítio Lapa dos Alforges 6, a vegetação apresenta características de campo rupestre em solo predominantemente rochoso. Na extremidade sudeste, a vegetação assume características de cerrado e de campo rupestre, próximo às margens do Rio Pardo Pequeno.

O sítio Andorinha 3 está localizado em zona de contato entre as Formações Córrego dos Borges e Córrego Bandeira e em falha ou fratura que condicionou o direcionamento do Rio Pardo Pequeno e do próprio afloramento (Figura 77b). Este Boqueirão apresenta relevo acidentado por estar localizado em encosta. A sua subida em ambas as direções, leste e oeste, exige daqueles que o visitam perpassar diversos blocos abatidos de grandes dimensões, além da vegetação densa. O Boqueirão, assim como o localizado na Serra do Tatu, se estende por aproximadamente 800 metros e dá acesso a dois trechos do Rio Pardo Pequeno, a leste e oeste.

O Boqueirão onde o sítio Andorinha 1 está localizado é caraterizado por estar inteiramente inserido na formação Córrego Bandeira (Figura 78a). Suas margens lestes e oestes são limítrofes com as Formações Córrego dos Borges e Córrego Pereira, criando um longo "canal" entre serras que distam entre si 330m, e se estende por até 1,7 quilômetros, em sentido geral norte-sul. O Boqueirão está diretamente relacionado às diferenças litológicas entre as Formações Córrego dos Borges, Córrego Bandeira e Córrego Pereira.

Os sítios Lapa do Alforges 1 e 2 (Figura 78b) estão localizados em mergulhos de acamamento no vale às margens do Rio Pardo Pequeno. O relevo neste trecho é íngreme e caracteriza um vale, em local onde há afloramentos rochosos, blocos abatidos e vegetação

[58] Sítios localizados na Serra do Tatu: Lapa do Tatu 1 e 2, Alforges 3, 4, 5 e 6.

característica de mata ciliar. A norte e a leste do Boqueirão, a vegetação apresenta feições do cerrado (stricto senso) associada a solo mais espesso. A leste, a vegetação possui feições de campo rupestre, associadas a solo rochoso.

O Boqueirão dos sítios Mendes 1 e Mendes 2 está localizado em relevos residuais a aproximadamente 600 metros do rio Pardo Pequeno (Figura 79b). O Boqueirão, segundo Ricardo, tem como referência as serras onde os sítios estão implantados e o rio. Outra referência são as serras onde os sítios estão posicionados e que distam entre si aproximadamente 200m, na extremidade sul, e 93 metros, na extremidade norte. O Boqueirão possui aproximadamente 440 metros de extensão. Internamente a ele, o relevo apresenta declividade com sentido geral para o centro, onde diversas insurgências hídricas são direcionadas e levadas de encontro ao brejo em depressão hidromórfica próximo aos sítios.

O Boqueirão do sítio da Lapa dos Peixes (Figura 79a) está inserido em pequeno vale próximo às margens de um curso hídrico perene. Na margem em que o sítio está localizado, no sopé da serra, a vegetação apresenta características de campo rupestre. Próximo ao curso hídrico, uma pequena mata ciliar segue até as proximidades da Lapa do Chumbinho. A sul, na margem direita, uma ampla superfície com vegetação de cerrado dá acesso à Serra da Contagem e os vários relevos residuais que a compõem. Na serra do Taião, os Boqueirões, conforme explica Sr. Ricardo, estão localizados ao lado dos dois setores do afloramento, a norte e sul, este próximo a um curso hídrico. O relevo é plano e está em meio a um extenso campo rupestre, a leste e a oeste.

A partir da análise realizada acima é possível dividir a inserção dos sítios em duas categorias distintas: aqueles localizados em áreas que possuem **relação geoestrutural direta**, presente em 59% dos sítios, e aqueles que possuem **relação geoestrutural indireta,** sendo o Boqueirão e sua diversidade de processos formativos de atributos a feição do relevo que é compartilhada por todos os sítios. Nos trabalhos realizados por Fogaça (1997), foram feitos mapeamentos geológicos a partir da escala de 1:100.000. É possível que os outros sítios em que não foram identificadas alguma das relações elencadas no capítulo anterior possam ter relação com alguma destas estruturas, mas que em função da escala do estudo geológico regional não foram mapeadas. As características litológicas, em cada uma dessas áreas, apresentam diferentes feições e os eventos estruturais que se sucederam contribuíram para produzir particularidades inerentes a cada uma delas, influindo nas características dos abrigos, afloramentos e cobertura vegetal.

Figura 76:Boqueirões Lapa do Chumbinho e Serra da Contagem e respectivas inserções geológicas.

Figura 77: Boqueirão entre Serra do Tatu e Serra da Contagem, Sitio Andorinha 1 e respectivas inserções geológica.

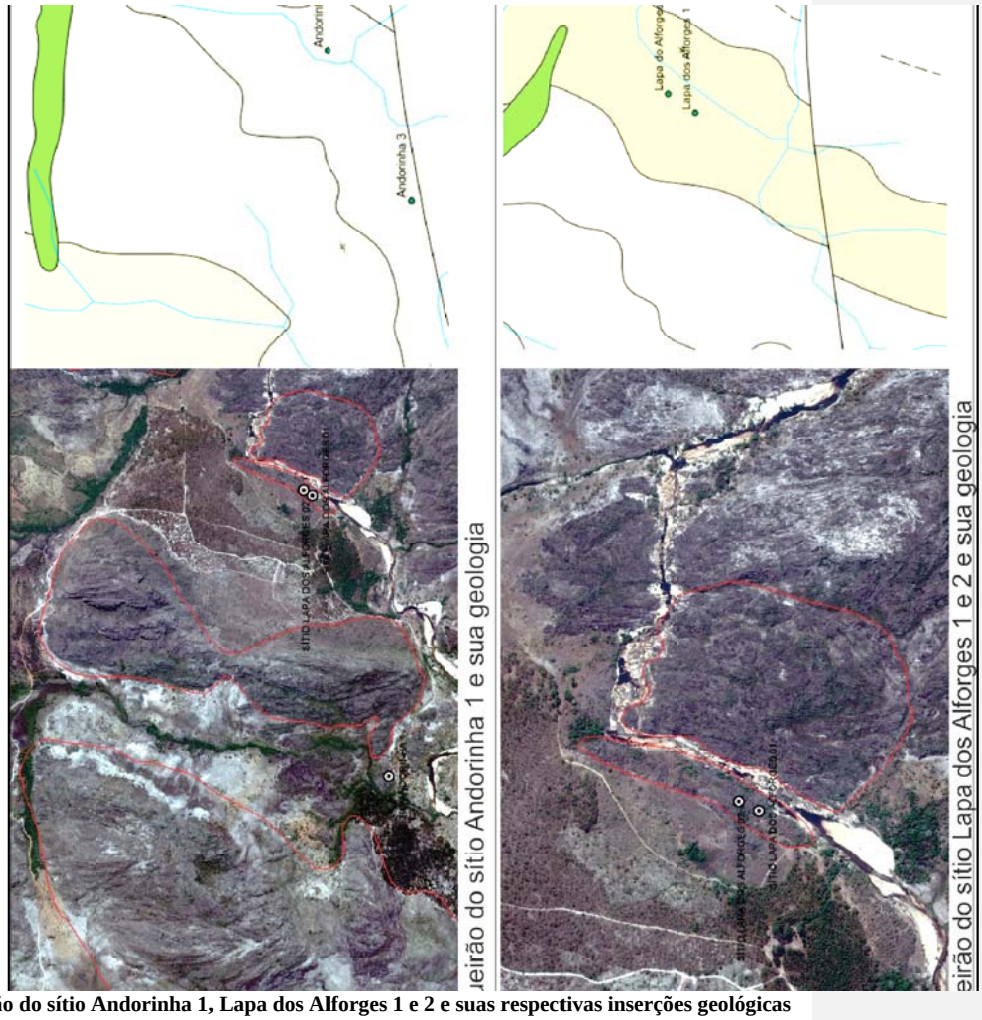


Figura 78: Boqueirão do sítio Andorinha 1, Lapa dos Alforges 1 e 2 e suas respectivas inserções geológicas

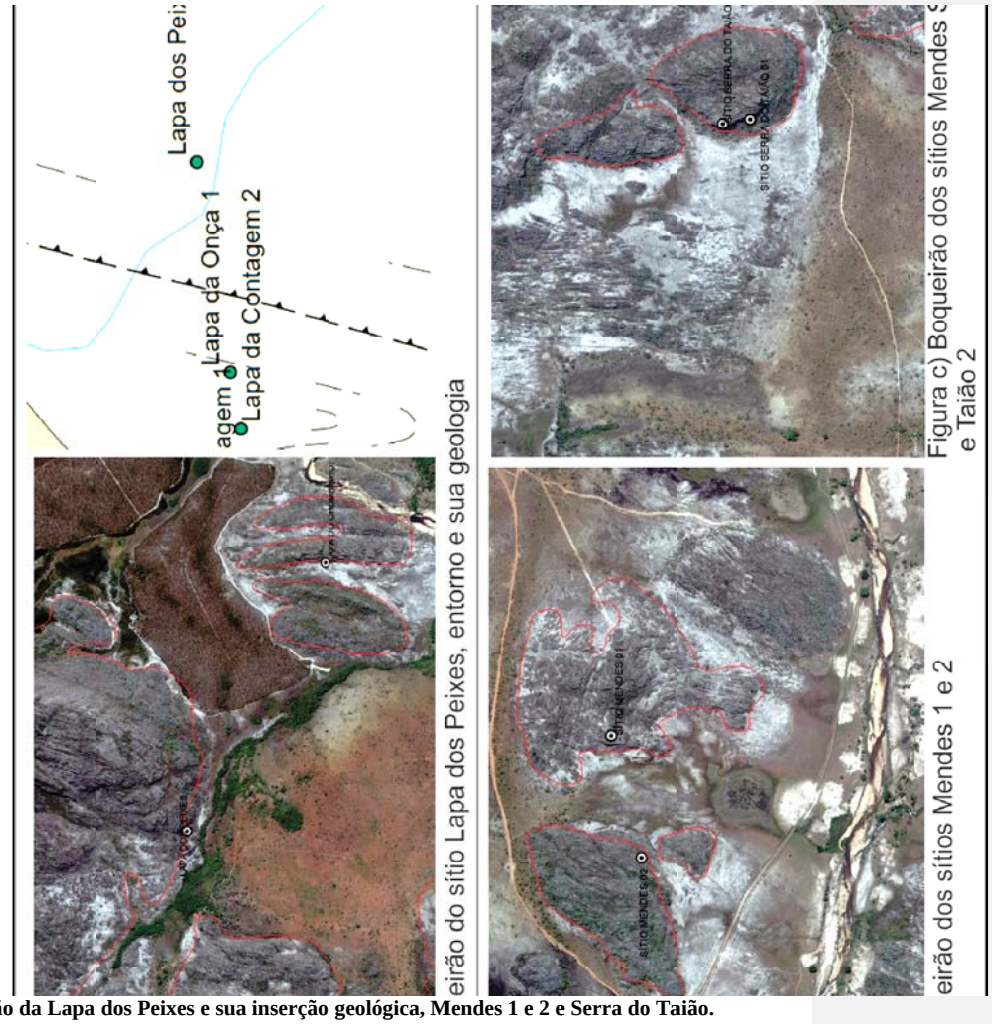


Figura 79: Boqueirão da Lapa dos Peixes e sua inserção geológica, Mendes 1 e 2 e Serra do Taião.

6. VALE DO RIO PARDO PEQUENO: ARTE RUPESTRE E PAISAGEM

6.1 COMPREENDENDO OS SÍTIOS A PARTIR DA ESCULTURAÇÃO DO RELEVO

Conforme foi observado no capitulo 4 desta dissertação a paisagem na Serra do Espinhaço Meridional expõe a diversidade de processos e dinâmicas que estruturaram o relevo, afloramentos, vegetação, hidrografia, a paisagem como é organizada. O Supergrupo

Espinhaço é composto por Grupos distintos e que apresentam diversas formações geológicas, cada uma delas com características próprias, cuja evolução geotectônica foi fator preponderante na estruturação geomorfológica da Serra. Em seus domínios, os resultados de forças paralelas de sentido opostos (cisalhamento) deram origens a rochas com descontinuidades e deformações. Os eventos estruturais do Espinhaço com falhas, dobras, alinhamentos e zonas de contato entre os diferentes grupos e formações compõem uma cobertura rígida, com muitas fraturas e cisalhamentos.

A litologia possui ampla influência nos processos erosivos por meio das características mineralógicas e texturais presentes nas rochas, que condicionaram a permeabilidade e a facilidade de carreamento das partículas soltas pelo intemperismo (SILVA et al. 2003). As unidades litoestratigráficas na SdEM controlaram significativamente a formação do relevo em diferentes escalas em função de seus comportamentos frente às intempéries e resistências mecânicas à erosão.

A notada relação dos abrigos e sua estrutura, apresentadas no capítulo 4 e 5, possui implicações importantes para o entendimento da paisagem regional. A bacia do rio Pardo Pequeno está inserida em compartimento de Planalto com relevo acidentado, escarpado e presença de vales encaixados que contrastam com as superfícies planas (PFLUG, 1965 apud FONSECA, 2010). O seu curso é marcado pela presença alternante entre formações superficiais e de afloramentos rochosos abundantes que foram condicionadas por falhas e fraturas e por zonas sinclinais e anticlinais comandadas pelas diferenças nas resistências das rochas em cada formação litológica (SIMÕES et al., 2014). A esculturação do relevo pela dissecação fluvial resulta em formas de relevo representados por cristas, escarpas e vales profundos adaptados às direções tectônicas e estruturais, estes são caracterizados na borda oeste por canyons entalhados e deslocamentos da linha de escarpa[59] (SAADI, 1995).

No atual estágio de evolução erosional em que a área pesquisada se encontra é razoável dizer que, mesmo tendo diferentesorigens estruturais, as feições fisiográficas guardam uma certa unidade paisagística: afloramentos quartzíticos, drenagens de origens diversas, formações campestres e rochas entremeadas por uma diversidade de espécies vegetais. A configuração do relevo por formações superficiais, vales encaixados e morros residuais (*inselbergues*) é distribuída em partes em função do arcabouço litoestrutural no Planalto de Diamantina e, desta maneira, a presença ou ausência de determinados biomas e fitofisionomias estão vinculadas a tais características.

[59] Escarpamento cujo relevo é devido à erosão diferencial segundo a linha de falha. Podem existir várias categorias em função do estágio de evolução erosional (IBGE, 1999, p. 73).

É nas formações superficiais onde se encontram os relevos menos íngremes, onde se encontram campos rupestres, cerrado típico, cerrado ralo e campo limpo e, em ambientes mais propícios tais como depressões e vales, são favoráveis ao aparecimento de capões de mata e matas ciliares. Os sítios localizados na Formação Galho do Miguel, possuem homogeneidade paisagística no que se refere à presença de certas formações vegetais, tais como os campos rupestres, matas de galerias e matacões. A partir da análise da distribuição das vegetações percebe-se que os campos rupestres e outras formações campestres estão distribuídas de maneira heterogênea entre as diferentes Formações geológicas. Assim como em outras áreas da SdEM,as relações entre as superfícies geomorfológicas e as classes de solos se fazem presentes em cada uma delas (DINIZ et al., 2005).

A alta resistência às intempéries das rochas Galho do Miguel possui implicações para a esculturação do relevo, pedogênese e, consequentemente, a cobertura vegetal. Nota-se que a categoria de análise da paisagem que envolve a vegetação próxima aos sítios e em seu entorno imediato possui diferenças vinculadas às características anteriormente apresentadas. Os campos rupestres e formações campestres, conforme esclarecido, crescem sobre pedregulhos, rochas e em solos rasos, podendo ser entremeadas por grandes afloramentos rochosos (KAMINO et al., 2008). Tais características aparecem com maior frequência na Formação Galho do Miguel sendo, portanto, o domínio em que os campos rupestres possuem elementos em conjunto que favorecem o seu estabelecimento em superfície.

Dentro da área pesquisada a quantidade de sítios localizados na formação Galho do Miguel é superior quando comparada com os sítios nas demais litologias. Assim, os sítios localizados na Formação Galho do Miguel são super-representados quando comparado com a quantidade de sítios localizados em outras formações. Contudo, a observação da cobertura vegetal nas Formações pouco representadas indica que há semelhanças e diferenças claras entre as Formações. A Formação Córrego Bandeira e Santa Rita, onde predominam metassiltitos e filitos (KNAUER et al., 1997) geralmente possuem rochas menos resistentes que os quartzitos que sustentam cristas e níveis planálticos elevados, já a Córrego Bandeiras ocupa depressões estreitas e alongadas acompanhando a direção geral da SdEM (REZENDE et al., 2010).

Nas zonas de contato entre duas formações geológicas distintas são visíveis as diferenças de denudação em que, por exemplo, a formação Galho do Miguel apresenta-se composta por afloramentos e solos pouco espessos e menores taxas de denudação[60]. Já na Formação Córrego Bandeira observam-se áreas mais rebaixadas, solos mais profundos e,

[60] Idem.

naturalmente, coberturas vegetais distintas em função de suas características pedo-geológicas. O mesmo ocorre entre os contatos com a litologia da formação Santa Rita.

Se por um lado os sítios localizados na Formação Galho do Miguel representam "pesos" amostrais, o mapeamento, análise e descrições realizadas por outros autores indicam a distinção de certos atributos tais como as feições geomofológicas, hidrográficas e fitosifionômicos presentes nas paisagens das Formações Santa Rita e Córrego Bandeira. Portanto, faz-se mais do que necessário aqui ponderações acerca do alcance das recorrências encontradas nos sítios e suas paisagens, observando as semelhanças e diferenças em cada uma das áreas estudadas.

Para o recorte espacial desta pesquisa foram notadas algumas recorrências. As formações campestres, campo limpoe campo rupestre, sobretudo, aparecem com maior frequência próximo aos sítios e aos seus entornos imediatos (ver gráfico 1). Dentre os sítios analisados na Formação Galho do Miguel, 12 (52%) deles possuem campo rupestre como vegetação próxima ao sítio, 1 em cerrado ralo, 2 em cerrado típico e 4 com mata ciliar. Para o entorno imediato, o campo rupestre está presente em 18 (78%) deles e apenas um deles com cerrado típico. As formações geológicas Santa Rita possuem os dois sítios estudados localizados próximos a mata ciliar, na formação Córrego Bandeira dois sítios próximos a cerrado típico (ver gráfico 2).

Se houve alguma preferência em escolhas de sítios com presença de formações campestres, como o campo limpo e campo rupestre, dispostos próximos aos abrigos ou em seu entorno imediato, esta afirmação pode ter maior alcance na Formação Galho do Miguel. Por se tratar da Formação mais extensa na Serra do Espinhaço Meridional a relação entre os campos e a presença dos sítios próximo a eles podem ser entendidas como áreas preferenciais. É valido lembrar que mesmo as outras Formações cobrirem menores extensões, suas litologias influenciaram diretamente a cobertura vegetal, sendo mais frequentes vegetações de maior porte bem como feições geomorfológicas distintas. Ainda assim, os campos rupestres e campos limpos também surgem nestas formações, mas em frequências distintas e/ou próximas a outros tipos de vegetação, tais como o cerrado típico e cerrado ralo.

As relações entre as formações vegetais e a formação geológica em partes pode ser entendida a partir da predisposição estrutural. Isso significa dizer que é possível que a presença de campo rupestre e campo limpo possuam conexões naturais, por exemplo, com a Formação Galho do Miguel tendo em vista suas características. As demais formações vegetais também se fazem presentes na Galho do Miguel, mas podem aparecem em menor frequência. Não foi possível identificar com precisão a conformação das vegetações nas formações

geológicas, mas a alta frequência em que o campo rupestre se faz presente no entorno imediato e próximos aos sítios sugerem a preferência ou escolha por abrigos inseridos nestes locais.

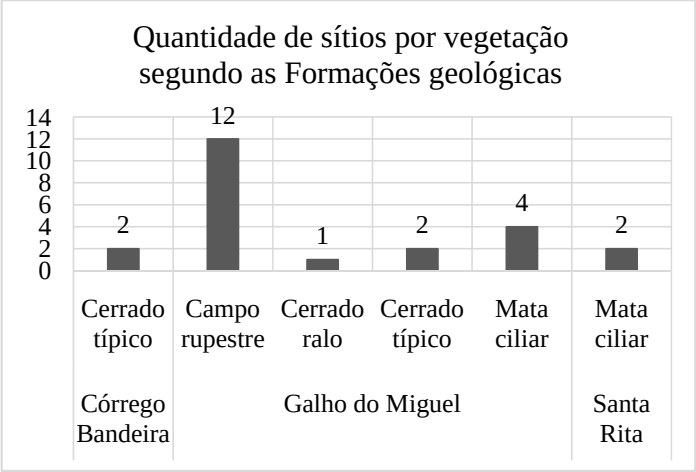


Gráfico 1: Quantidade de sítios por vegetação segundo as Formações geológicas.

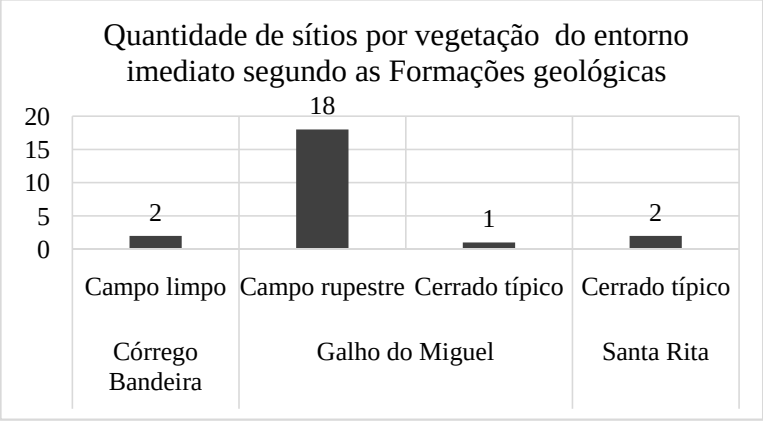


Gráfico 2: Quantidade de sítios por vegetação do entorno imediato segundo as formações geológicas.

Em todos os sítios estudados os cursos hídricos se fazem presentes bem próximos a eles (ver gráfico 3); 16 deles entre 0-35m e 36-70m, e 7 entre 71-115, 116-150m e maior que 180m. Agregando as distâncias encontradas em 16 (69%) dos 23 sítios analisados a drenagem mais próxima está localizada entre 0-35m a até 70 metros do abrigo, 6 abrigos entre 71 a 150 e apenas um sítio com drenagem a 180 metros de distância.

A respeito da posição do abrigo no afloramento rochoso (ver gráfico 4), 14 (60%) estão localizados no terço médio do afloramento, 7 no terço inferior, todas na Formação Galho do Miguel e apenas 2 no terço superior, estes na Formação Córrego Bandeira. É

possível notar que na área correspondente à Formação Galho do Miguel pode ter havido uma preferência em ocupar sítios localizados no terço médio e inferior do afloramento, mas que não estão em áreas mais rebaixadas, com exceção do sítio Lapa dos Peixes, Lapa do Alforges 1 e 2. Se a análise considerar a posição dos abrigos na vertente, parte significativa dos sítios estão posicionados no terço médio e superior, com exceção daqueles mais próximos ao rio Pardo Pequeno.

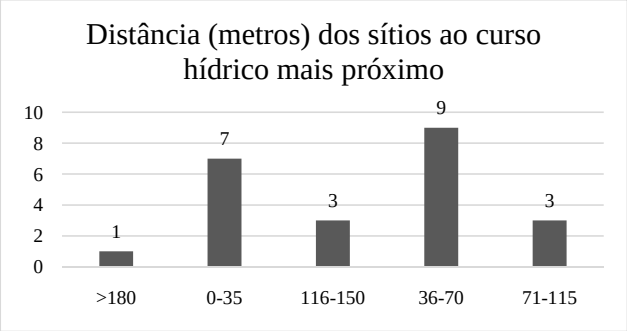


Gráfico 3: Distância dos sítios ao curso hídrico mais próximo.

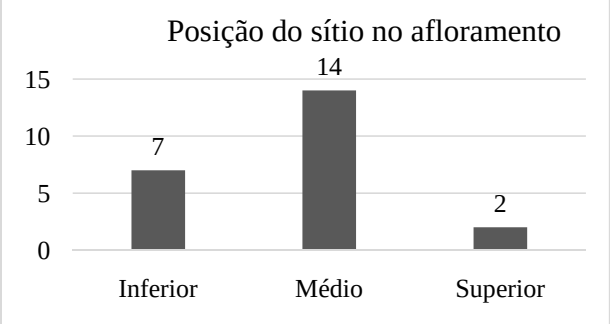


Gráfico 4: Posição do sítio no afloramento.

A estrutura da Serra em ampla escala possui tendência em haver mais abrigos voltados para oeste em função do mergulho das camadas rochosas. No entanto, a formação de áreas abrigadas decorre de diversos fatores. Boa parte dos sítios estão associados e eventos estruturais que condicionaram o relevo a partir de falhas de empurrão, alinhamentos estruturais, contato entre formações distintas e em áreas adjacentes. Estes eventos apresentam diferentes orientações e deram origens a abrigos, não somente afloramentos rochosos, também com orientações diversas. As orientações geográficas dos abrigos demonstraram ser bastante diversa, ocorrendo para leste (4), Nordeste (2), Noroeste (1), Norte (7), Oeste (5), Sudoeste

(1) e sul (3). Se a tendência geral da serra é apresentar sobretudo abrigos orientados para oeste, apenas 5 possuem tal orientação. Os sítios que possuem orientação para Norte e Leste que, aparentemente possuem menor frequência segundo a tendência geral da Serra, aparecem em destaque e sugerem possíveis escolhas por estas orientações.

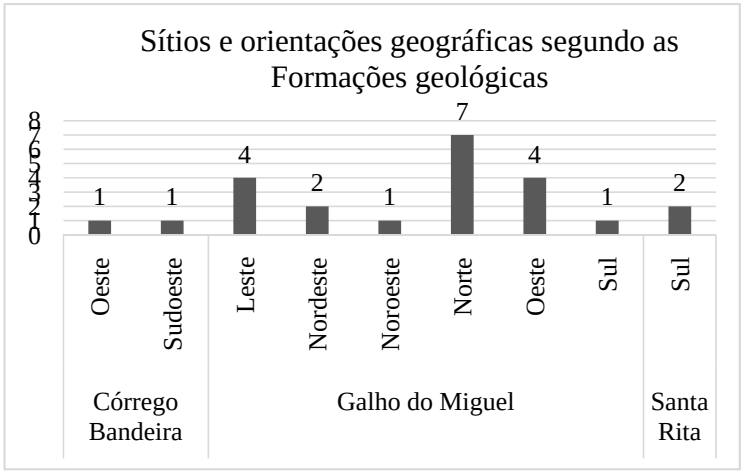


Gráfico 5: Orientações geográficas dos sítios.

A maioria dos acessos aos sítios se dá por meio de rampa inclinada com sedimentos e blocos (10 sítios) e por campo (5 sítios), as outras categorias, rampa com sedimentos e blocos, rampa muito inclinada com sedimentos e blocos, rampa inclinada com sedimentos, rampa escalonada com sedimentos e blocos foram observados nas seguintes quantidades: 1, 3, 1, 1, respectivamente. Determinados tipos de acessos aos sítios e posição topográfica, entretanto, estão vinculadas à geologia local e aos eventos estruturais, sendo o relevo em formações com metassiltitos e filitos predominantes com características distintas. Nesse caso, apresentam-se em estágio mais avançado de alteração pelas intempéries, resultando sobretudo em rampas inclinadas e muito inclinadas com sedimentoseblocos. Os acessos por campo ocorrem somente nos sítios localizados na Formação Galho do Miguel.

O relevo que dá acesso aos sítios ou patamar onde os painéis estão localizados são bastante variáveis (gráfico 6), mas que aparentemente seguem uma tendência geral: a de sítios que são acessados a partir de rampa inclinada com sedimentos e blocos, totalizando 10 sítios (43%), seguidos por acessos que se dão diretamente pelo campo geralmente à sua frente. Os sítios acessados a partir de rampa com sedimentos e blocos, rampa inclinada com sedimentos e rampa escalonada com sedimentos e blocos possuem um sítio em cada uma destas condições. Sítios acessados por rampa muito inclinada com sedimentos e blocos

correspondem a três casos. Outra tendência observada ao se cruzar os dados entre os acessos às áreas e os acessos aos sítios ou patamares, 20 (86%) deles têm o acesso a seus locais de inserção a partir de campos, áreas planas geralmente compostas por campos rupestres.

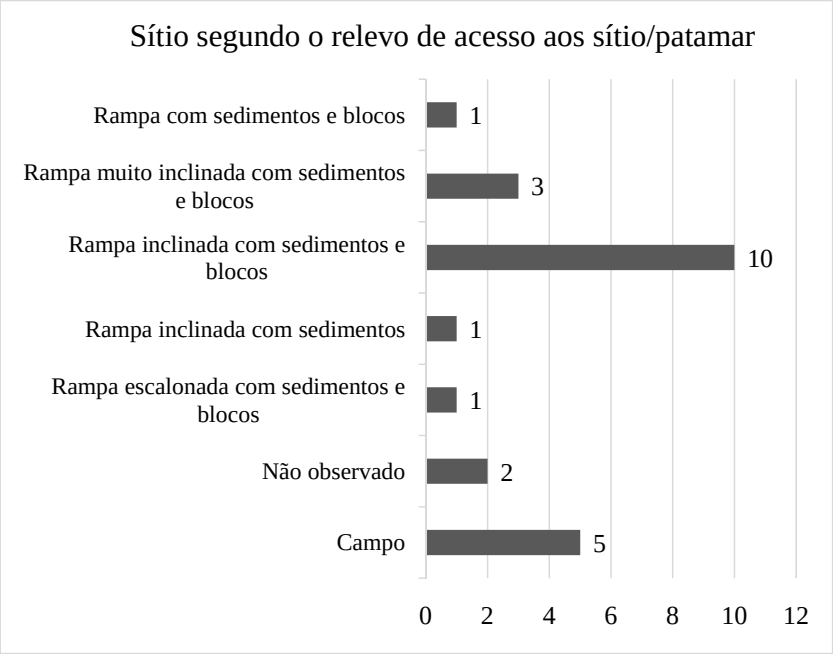


Gráfico 6: Formas de relevo que dão acesso aos sítios/patamar.

Todos os sítios acessados por campo e rampa muito inclinada com sedimentos e blocos encontram-se inseridos na Formação Galho do Miguel. Rampas inclinadas com sedimentos e blocos se fazem presentes nas três Formações geológicas, sendo o único tipo de acesso aos dois sítios localizados na Formação Santa Rita. De modo geral, em todos os sítios a presença de rampas inclinadas e muito inclinadas, blocos e vegetação não representam concretamente dificuldades ao se acessar os sítios arqueológicos, que apresentam caminhos e sentidos diversos que podem ser tomados e oferecem pouca “resistência”.

Os tamanhos dos abrigos quando agrupados em classes; pequeno (6-15m), médio (16-20m) e grande (36 a 150m) indicam que a maioria possui tamanho médio, os sítios grandes e pequenos somam 4 e 7, respectivamente (ver gráfico abaixo). A princípio não foi possível observar nenhum padrão ou tendência de escolha específico para os tamanhos dos abrigos. Se não é possível dizer que os tamanhos dos abrigos possuem recorrências ou escolhas, é razoável afirmar que os sítios de maiores dimensões (36-40m, 46-50m e 150m), que possuem maiores ofertas de suporte e variabilidade em suas qualidades, tiveram seus suportes

intensamente ocupados sincrônica e diacrônicamente.Os sítios que apresentaram estas características como o Lapa da Onça 1, Lapa do Chumbinho, Taião (setor norte e sul) e Mendes 1, todos localizados na Formação Galho do Miguel, foram os que receberam maior quantidade de figuras, somando 476 ou 81% do total de 582 figuras analisadas.

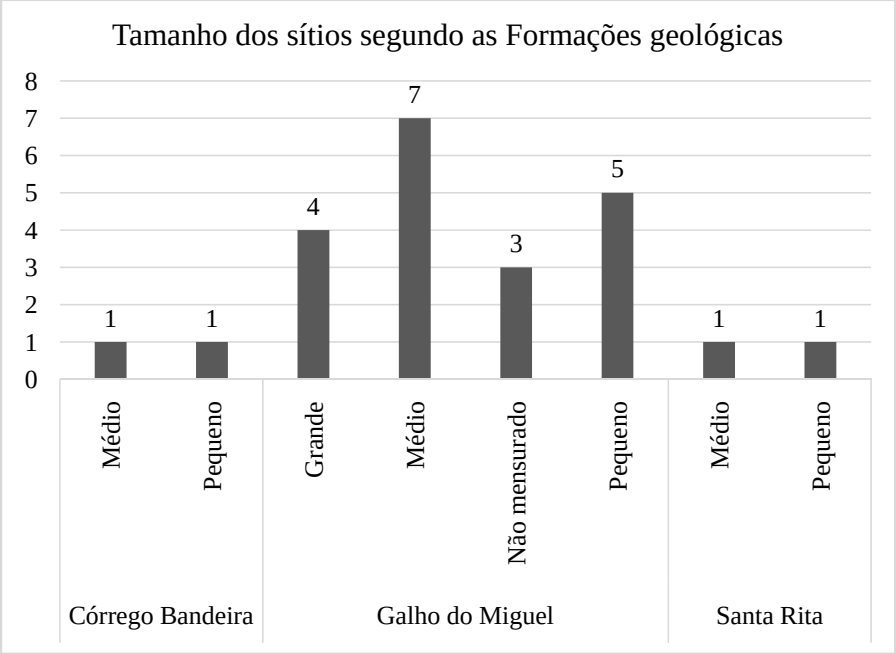


Gráfico 7: Tamanho dos sítios segundo as Formações geológicas.

A posição em que estão inseridos esses sítios é aquela a partir da qual se pode ter maior visibilidade do entorno. Outros sítios também apresentam visibilidade parecida, mas suas dimensões são reduzidas. O termo ‘oferta’ e tamanho dos abrigos aqui utilizados, no entanto, não significanm que estes eram elementos que expliquem a maior presença de grafismos nestes sítios. A “intensa” ocupação nestes sítios pode ter tido outras razões e agentes, tais como a presença de figuras anteriores e de determinados atributos da paisagem.

Nos 23 sítios arqueológicos estudados a visibilidade configurou-se como uma importante categoria que pôde ter sido considerada nas escolhas dos sítios, quando são considerados os conjuntos estilísticos em cada abrigo. A paisagem regional apresenta uma diversidade de afloramentos rochosos e abrigos com características distintas de visibilidade e posição topográfica no afloramento que, quando pensadas em conjunto, lhes dão condições “privilegiadas” em relação àquelas dos demais lugares. Os sítios que possuem visibilidade alta a partir de seu entorno somam 12, outros 6 com visibilidade média e 5 com visibilidade baixa

(Gráfico 8). Considerando a visibilidade do entorno a partir do sítio (Gráfico 9) em 16 deles é possível ter visibilidade alta, alcançando alguns quilômetros em um ou mais sentidos. Os sítios que possuem visibilidade média, por apresentarem obstruções e alcançam menos que um quilômetro de distância, somam quatro casos. Aqueles de visibilidade ainda mais reduzida, em que é possível observar apenas o entorno imediato, somam apenas três casos (Lapa dos Peixes, Tatu 1 e Tatu 2).

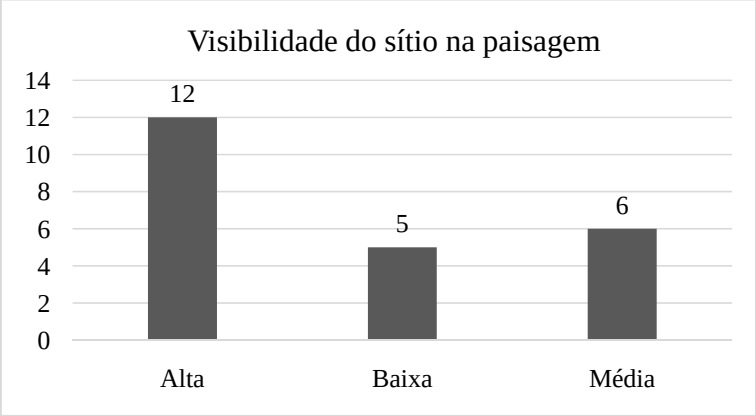


Gráfico 8: Visibilidade do sítio na paisagem.

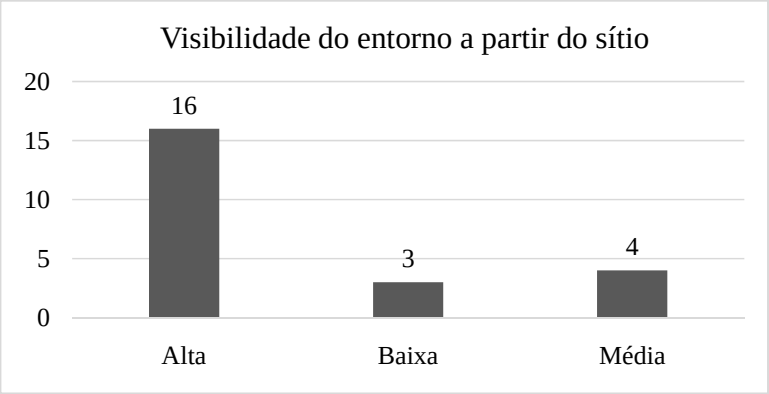


Gráfico 9: Visibilidade do entorno a partir do sítio.

6.2 APROXIMANDO OLHARES COMPLEMENTARES À PAISAGEM

A categoria de entendimento regional, os Boqueirões, conforme discutido no capítulo 4, em uma maior escala de análise proporcionam um interessante recurso analítico para o entendimento dos sítios, sobretudo se articulado com os atributos abordados acima. A vivência nas serras pelos moradores do distrito Quartéis, bem como por outros da região de

Diamantina, permitiu uma percepção singular do local quando comparada com nossa perspectiva e entendimento sobre ela.

A paisagem no recorte espacial desta pesquisa pode ser organizada ou estruturada a partir de diferentes olhares e escalas, segundo sua evolução, seus atributos e a presença dos grupos pré-coloniais nela. Conforme foi apontado nos capítulos anteriores a paisagem na Serra do Espinhaço Meridional possui profundas relações com a sequência de eventos geológicos que estruturou e condicionou o relevo e consequentemente o solo, a presença de determinados biomas, fitofisionomias, hidrografia e a formação dos abrigos com característicasdistintas.

A análise que fora realizada no subcapitulo anterior diz respeito aos atributos que compõem a paisagem vistos a partir de uma abordagem pouco articulada entre eles e com o que lhes dá sustentação, a paisagem em maior escala.As análises expostas anteriormente apontam uma série de atributos e suas relações com os sítios, indicando possíveis "prioridades" nas escolhas. Carece, portanto, de uma análise que articule os atributos de menor escala com a paisagem vista a partir de uma de maior escala espacial. É neste sentido que os Boqueirões podem nos dar informações para discutir a paisagem e os sítios arqueológicos, quando entendidos como uma categoria ampla.

Conforme foi observado anteriormente, 15 dos sítios estão assentados e possuem relações diretas a eventos estruturais, os outros sítios estão localizados em suas margens ou não apresentam relação direta. É importante notar que, nos locais com relações diretas eles entre a formação de abrigos e eventos estruturais, esses apresentam naturalmente predisposição ou suscetibilidade para a erosão, seja por meio das diferenças entre as propriedades mineralógicas de suas respectivas Formações geológicas ou por zonas de fraqueza criadas pelos eventos estruturais.

Os Boqueirões, mais ainda, são entendidos como uma passagem: "*É uma passagem. É uai, tem bebida, né? É uma espera. Os antigos faziam espera. Porque o que acontecia: tudo que sair de lá pra cá agora vai sair aí, ué, em cima de você*". A fala de Ricardo nos sugere uma importante relação entre os sítios e os atributos que compõem a paisagem dos Boqueirões, além da distinção destes com as 'vargens'. A "passagem" à qual Sr. Ricardo faz referência, está relacionada à presença de espaços ora estreitos, ora mais extensos entre as serras que compõem os Boqueirões. Algumas das serras e afloramentos rochosos representam obstáculos intransponíveis que podem se estender por até por 1,6 quilômetros, como o caso do Boqueirão entre a serra do Tatu e Serra da Contagem. Em outros casos, como os Boqueirões

na Lapa da Contagem, apresentam diversas “passagens” que se interligam e dão acessos a outras áreas, Boqueirões e sítios.

Os Boqueirões, independentemente de suas origens, apresentam condição ímpar na paisagem. A estruturação do relevo nestes locais se deu de tal maneira que favoreceu o surgimento dos abrigos, drenagens (ou nascentes), blocos abatidos, campos rupestres e outras fitofisionomias. Em alguns deles favoreceu a visibilidade do entorno e do próprio sítio, além das diversas condições de acessos. Acrescentam-se a esta paisagem coberturas vegetais relacionadas a solos que se desenvolveram a partir da esculturação do relevo em diferentes formações geológicas, também diretamente vinculadas aos Boqueirões. Os Boqueirões estabelecem “barreiras” e, ao mesmo tempo definem “passagens” condicionadas pelo relevo e suas serras que podem ser intransponíveis ou não, dependendo da sua topografia.

É razoável dizer que os Boqueirões tenham sido espaços que possivelmente foram percebidos pelas populações pré-coloniais? A julgar pelos atributos analisados e associados aos sítios ao longo desta dissertação, o que se observa é que os Boqueirões evidenciam uma condição privilegiada na paisagem: é neste ambiente em que convergem diversos dos atributos em menor escala aqui analisados e nos quais, conforme a análise apresentada, os grupos autores das pinturas tinham interesses. É possível que existam outros, mas que não foram identificados ou que fogem de nossa percepção e ao alcance metodológico da pesquisa.

Pensar nos Boqueirões como espaços percebidos pelos grupos humanos pré-coloniais não equivale dizer que as movimentaçõesdos grupos, as atividades que envolvem os grafismos, de naturezas distintas, tenham estado necessariamentevinculadas aos Boqueirões ou que os sítios se inserem apenas nestes locais[61]. As paisagens na SdEM, em seus diferentes compartimentos, apresentam uma variedade de grupos e Formações geológicas bem como a de outros fenômenos e agentes naturais atuantes que deram e dão origens a feições diversas. Assim sendo, a percepção da paisagem e sua consequente apropriação podem ter ocorrido de maneiras distintas, adaptadas a seus contextos. Mais à frente outros elementos relacionados aos conjuntos estilísticos serão contemplados.

Em se tratando dos abrigos nestes locais, algumas possibilidades interpretativas relativas às suas inserções podem ser exploradas na medida em que algumas recorrências foram observadas, como foram apontadas anteriormente. Considerando o Boqueirão como local em potencial para o surgimento de abrigos, nascentes, proximidade a campos, mas

[61] Considerando o arcabouço litoestrutural da Serra do Espinhaço e o recorte espacial desta pesquisa, é possível que este tipo de feição, os Boqueirões, ocorram com maior frequência na Serra do Espinhaço Meridional em função de sua compartimentação geomorfológica, atribuída na literatura como Compartimento de Planalto e Planalto de Diamantina (PFLUG, 1965 apud FONSECA, 2010).

também a outras fitofisionomias, é possível que estas áreas tenham recebido maiores atenções pelos grupos no que se refere, a priori, às pinturas. Encontrar intencionalidade tendo como apoio os abrigos, a estruturação do lugar e pelas preferências em alguns atributos consistem em uma tarefa muito delicada, já que pode se apoiar em fragilidades metodológicas. Contudo, algumas delas podem ser realizadas sem prejuízo de tomá-las como verdadeiras.

A inserção dos sítios em Boqueirões demonstra as relações dessescom os atributos da paisagem e que as escolhas podem estar relacionadas a interesses distintos e/ou específicos, ou mesmo a própria feição do relevo. Além disso, pode evidenciarnão somente "preferências" por determinados locais, mas por aqueles que apresentam claras diferenças em seus aspectos.A relativatendência observada em escolhas por abrigos localizados no terço médio do afloramento,quando comparada com sua posição na vertente, pode estar vinculada a fatores como a visibilidade que estas possuem do entorno. Aliado à esta recorrência, pode ter havido prioridade em ocupar abrigos localizados próximos a cabeceiras de drenagens, tendo em vista que 70% dos sítios estão próximo a nascentes, outros cinco sítios estão próximos ao rio Pardo Pequeno ou ao córrego do Ouro Fino.

A alta visibilidade do sítio e do entorno também pôde ter se configurado como um importante fator a ser considerado, dialogando sempre com as demais variáveis; o tamanho dos sítios, tipo de acesso, proximidade a áreas de campo e vinculadas, possivelmente, às intenções e prioridades de naturezas distintas ou correlacionadas. É possível que estas categorias estejam articuladas a diferentes propósitos na medida em que apresentam diversidade, variam em cada sítio mesmo tendo apresentado as tendências mencionadas.

Os próprios Boqueirões, segundo suas "qualidades" como Ricardo afirma possuírem[62], podem ter sido ambientes em que teriam sido desenvolvidas diferentes atividades com estratégias, finalidades e interesses específicos associados direta e indiretamente à arte rupestre e para além daquelas que envolvem o pintar. Mesmo que sejam difíceis de serem demonstradas, a diversidade dos atributos nos Boqueirões,vistos a partir seus processos formativos e suas características formais, podem suscitar o novos questionamentos e abordagens que levem em consideração possíveis "usos" destes espaços e suas características em sintonia com os registros arqueológicos. Novos trabalhos podem contribuir neste sentido uma vez que, mesmo que tenham sido observadas tendências, há diferenças importantes em cada um dos sítios. Fato que demonstra estas diferenças são os Boqueirões formados

[62] *"Variam de formato. Tem uns que são mais largos. Lugar mais melhor, lugar mais pior. Tem Boqueirão que você desce a pé, custando a descer, uai. Por exemplo, tem um aqui nas Parobas que desce, que chega lá no Tatu. Lá desce assim, ó! É apertadinho".*

inteiramente entre contatos em diferentes litologias cujas diferenças na vegetação, hidrografia e solo marcam e os destoam das paisagens circundantes.

Retornando às discussões realizadas no capítulo 4, as coberturas vegetais em outros períodos, as vegetações próximas aos sítios e em seu entorno, além da presença de cursos hídricos, podem ter sido os atributos da paisagem que sofreram maiores alterações considerando a escala do tempo recente, o Holoceno. Segundo Hórak (2011) as flutuações no clima refletiram na regressão da mata e na expansão do campo, substituição do Cerrado Lenhoso por Cerrado campestre e uma expansão da Floresta Estacional Semidecídua (Capões de Mata). O clima, de acordo com a autora, pode ser agrupado em úmido e frio no Holoceno Inferior, clima úmido e quente no Holoceno Médio e clima seco no Holoceno Médio/Superior e clima sub-úmido na atualidade.

Os estudos em Diamantina que envolvem o paleoclima demonstram parcialmente que dinâmicas fluviais e vegetacionais sofreram muitas alterações ao longo do Holoceno. O estudo realizado em turfeiras próximas à cidade de Diamantina pode ter alcance regional, sendo plausível que tais mudanças e o panorama apresentado possuam equivalência para o recorte desta pesquisa, tendo em vista a proximidade entre as áreas. Por outro lado, é de difícil compreensão a disposição das vegetações e da hidrografia na superfície, pois estes sofreram alterações sucessivas, demonstraram retrações de determinadas espécies, desaparecimento e expansão. Desse modo, a espacialização de tais mudanças próximo às áreas dos sítios, de modo a identificá-las articulando-as aos diferentes períodos, foge às pretensões e alcance metodológico que este trabalho possui.

A despeito da impossibilidade de contextualizar os sítios segundo suas respectivas características em diferentes períodos e quando da sua ocupação pelos grupos, ainda assim a visibilidade do sítio e do entorno aparentam ser um atributo que possui as mesmas características das atuais, em função da posição topográfica privilegiada. Se é possível que a conformação paisagística presente difira da de outrora, os padrões aqui observados, bem como identificados por Linke (2008), podem sugerir que as vegetações tenham se distribuído de maneira homogênea segundo os arcabouços da Serra do Espinhaço Meridional, que por sua vez é fixa. Assim, as relações aqui estabelecidas entre os sítios e os atributos da paisagem apresentar-se-iam distintas, mas possivelmente distribuídas de forma homogêneas em toda área investigada.

As metodologias empregadas nas prospecções no âmbito do licenciamento ambiental tiveram suas atividades desenvolvidas tomando o curso do rio Pardo Pequeno a partir do barramento como eixo principal (AMBIENTO, 2012). Ao todo foram identificados 44 sítios

arqueológicos neste percurso, em que a maior concentração de sítios está localizada no recorte desta pesquisa. Os trabalhos sistemáticos realizados anteriormente a este trabalho tiveram como metodologias na definição de áreas prospectadas diferentes inserções espaciais. Segundo indicam Linke & Isnardis (2008, p.31), em uma área intensamente prospectada de aproximadamente 25km² foram localizados 23 abrigos pintados, perfazendo quase um sítio por km². Na margem direita do rio Pardo Pequeno tomando como referência os limites da Serra da Contagem e avançando até a Serra do Tatu foram identificados 15 sítios arqueológicos em aproximadamente 10km² de área prospectada. A densidade nesta margem do rio é de 1,5 sítios por km². Se a referência for apenas os sítios na Serra da Contagem, em aproximadamente 1,37km² se fazem presentes 8 sítios arqueológicos.

A alta densidade de sítios arqueológicos presente neste recorte espacial pode ser elucidada a partir de diferentes perspectivas. Do ponto de vista estrutural, nota-se que, no trecho pesquisado e em parte significativa da Serra do Espinhaço Meridional, há uma forte tendência à existência de atributos na paisagem em que aparentemente osgrupos pré-coloniais possuíam interesses, considerando as tendências observadas. Em estudos realizados anteriormente, Linke (2008) assinala que a relação entre a presença de sítios em áreas planas com presença de campo, acesso “fácil” e a alta visibilidade do sítio na paisagem são atributos que, se vistos em conjunto, demonstram percepções e escolhas culturalmente orientadas.

Para os sítios localizados no vale do rio Pardo Pequeno esta relação estabelecida vai de encontro com o verificado pela autora. Em outra escala de análise, as tendências observadas podem ser entendidas pela perspectiva dos Boqueirões, na medida em que seus diferentes processos formativos garantiram o surgimento e a confluência dos atributos aqui considerados. A alta densidade de sítios e as recursivas reocupações em alguns deles podem ser indicativa de que a área de modo geral fora intensamente ocupada por diferentes grupos. Nas próximas páginas serão discutidas em maior profundidade as relações estabelecidas entre os conjuntos estilísticos.

Tendo em vista as considerações e interpretações realizadas acima, é possível notar que as escolhas realizadas no que se refere aos sítios, pode não depender da presença ou ausência de somente um único atributo como, por exemplo, nascentes ou afloramentos rochosos com determinadas características. É o compartilhamento de vários atributos, daquilo que os torna semelhantes e também o que os difere, quando analisados em conjunto, que podem conduzir à identificação das relações tecidas entre os grupos e o ambiente. Se a Serra do Espinhaço Meridional apresenta certa uniformidade e claras distinções paisagísticas condicionadas por sua estrutura e certos ambientes são propícios ao surgimento de

determinados atributos ou a sua confluência, notadamente os Boqueirões, tais diferenças possivelmente foram percebidas pelos grupos que por ali estiveram. Se a paisagem regional é composta por Boqueirões nas suas distintas origens, processos formativos e "qualidades" e certas características foram priorizadas e outras aparecem com menor frequência, esta interpretação não se trata da constatação de um padrão de assentamentos para os grupos. Trata-se da percepção de atributosda paisagem e/ou o conjunto deles e que, a partir daquilo que lhes é apresentado as escolhas, preferências e prioridades são estabelecidas e/ou negociadas.

A partir desta perspectiva a paisagem pode ser entendida como estruturada no sentido de que a escolha por determinado atributo pelos grupos pode depender, além das orientações culturais, de sua disponibilidade, da confluência delas bem como das intencionalidades dos autores dos grafismos e do que representam para os grupos. As preferências se dão em uma importante medida a partir daquilo que lhes é oferecido, segundo os atributos que a paisagem possui, prioridades e relações com as atividades desempenhadas. Os sítios que fogem às tendências observadas podem ser entendidos por meio das prioridades estabelecidas e negociações entre os diferentes agentes atuantes; os atributos da paisagem, a prática gráfica e todas atividades correlacionadas ou inerentes e ela. Os grafismos que já se encontravam nos sítios, também é um importante critério a ser considerado, conforme será abordado posteriormente.

Se os Boqueirões e suas características estão vinculadas, em alguma realidade, com as pinturas ou em uma relação de natureza estranha ao nosso entendimento e que não foi abordada na pesquisa, tal associação nos sugere que a escolha por um conjunto de características está imbuída de relações espaciais e, portando, sociais e simbólicas. Dessa maneira, as escolhas, vistas a partir das tendências e das divergências, são resultado de uma interação entre interesses, prioridades e os atributos que compõem a paisagem, entre agências que dialogam entre si.

[EA1] Comentário:

É importante destacar que os esforços relativos à compreensão dos Boqueirões ao longo dessa dissertação se concentraram apenas na perspectiva descritiva de suas características, seja pela por Sr. Ricardo, geológica e geomorfológica. Desse modo, há a necessidade de compreender os demais atributos que compõem a paisagem regional tais como as "vargens" ou "chapadões" que, segundo Sr. Ricardo, não existem abrigos com pinturas. Em outras palavras, novos esforços que incorporem os locais não entendidos como Boqueirões e seus atributos podem ser fundamentais para dar continuidade e/ou refutar às considerações realizadas anteriormente.

6.3 ARTE RUPESTRE E PAISAGEM: OS CONJUNTOS ESTILÍSTICOS NO VALE DO RIO PARDO PEQUENO

Os conjuntos estilísticos que foram identificados ao longo desta pesquisa tiveram como balizadores as seguintes características: tinta, cor, temática, processo de elaboração das figuras, característica do painel e sua visibilidade. Além destes critérios, os atributos que compõem os sítios em seus locais de inserção também se configuraram como um importante elemento considerado no delineamento dos conjuntos e na discussão destes para a construção de um cenário de ocupação no recorte espacial.

Os eventos de sobreposição são bastante frequentes nos sítios, sobretudo na Lapa da Onça 1, Lapa do Chumbinho e Mendes 1. A diversidade de elementos cronológicos e estilísticos possibilitam abordá-los de maneira conjunta e articulada. Os outros sítios em que foram observadas poucas ou nenhumas sobreposições apresentam relevância para o entendimento da arte rupestre e dos conjuntos, tendo em vista que suas características ambientais e estilísticas apresentam diferenças e semelhanças que podem estar relacionadas aos comportamentos e escolhas culturais.

Mesmo que a área apresente certa homogeneidade em seus atributos ambientais, ainda assim é possível identificar claras diferenças no que se refere à configuração da vegetação próxima aos sítios e do entorno, da morfologia dos painéis, tamanhos e a visibilidade que estes apresentam em seus contextos. A seguir apresento os conjuntos estilísticos de maneira articulada, considerando os grafismos identificados nos 20 sítios arqueológicos sistematicamente estudados. Não estão incluídos na análise os sítios Lapa dos Alforges 3, 4 e 5, pois não tiveram as pinturas registradas e analisadas. Ao todo foram identificados quatro (4) conjuntos estilísticos, além de figuras cuja atribuição nenhum desses foi possível que não puderam ser agrupadas em novo(s) conjunto(s). Os conjuntos estilísticos delineados foram nomeados de Pardo Pequeno 1, 2, 3 e 4.

6.3.1 CONJUNTO PARDO PEQUENO 1

O primeiro conjunto estilísticoidentificado – **ConjuntoPardo Pequeno 1 (PP1)** – o primeiro a ocupar os painéis nos sítios onde ocorre, é caracterizado por cervídeos e peixes elaborados a partir de tinta com tonalidades em amarelo e vermelho. Os sítios em que suas figuras aparecem são o Mendes 1, Lapa do Chumbinho, Lapa da Onça 1, Contagem 2,

Contagem 4 e Contagem 5. As figuras identificadas neste conjunto são pouco representativas nos sítios, poucos painéis receberam figuras. Seus autores ocuparam suportes restritos e amplos, paredes, blocos e tetos com visibilidade baixa, média e alta, este último em maior frequência. A técnica de aplicação da tinta predominante utilizada é o uso direto do dedo - apenas em um caso foi utilizado pincel. O processo de elaboração é por traços bastante contínuos e "simples" na maior parte das figuras. Um único traço, por exemplo, é capaz de delimitar os limites do corpo do animal (ver figura 80). Os tamanhos das figuras variam de 23cm até 90,5cm.

Além de poucos traços na composição das figuras a maioria deles apresenta pouco detalhamento anatômico, como as coxas e galhadas. Quando ocorrem, geralmente aparecem de maneira simplificada: os joelhos são representados apenas por uma flexão das pernas que podem ocorrer muito arqueadas ou retilíneas. Nas cabeças é comum a presença de traços simples representando orelhas e internamente a elas outro pequeno ou mediano cruza a cabeça. Aparentemente, a manutenção das proporções entre volumes corporais não era prioridade, tendo em vista que são comuns dorsos que tendem a ser muito volumosos quando comparado com a cabeçae pernas do animal.Há também figuras em que esta lógica não se mantêm. Não são encontradas figuras em associação a outras que integram o mesmo conjunto. Neste conjunto as figuras aparecem isoladas, uma única unidade em cada painel.

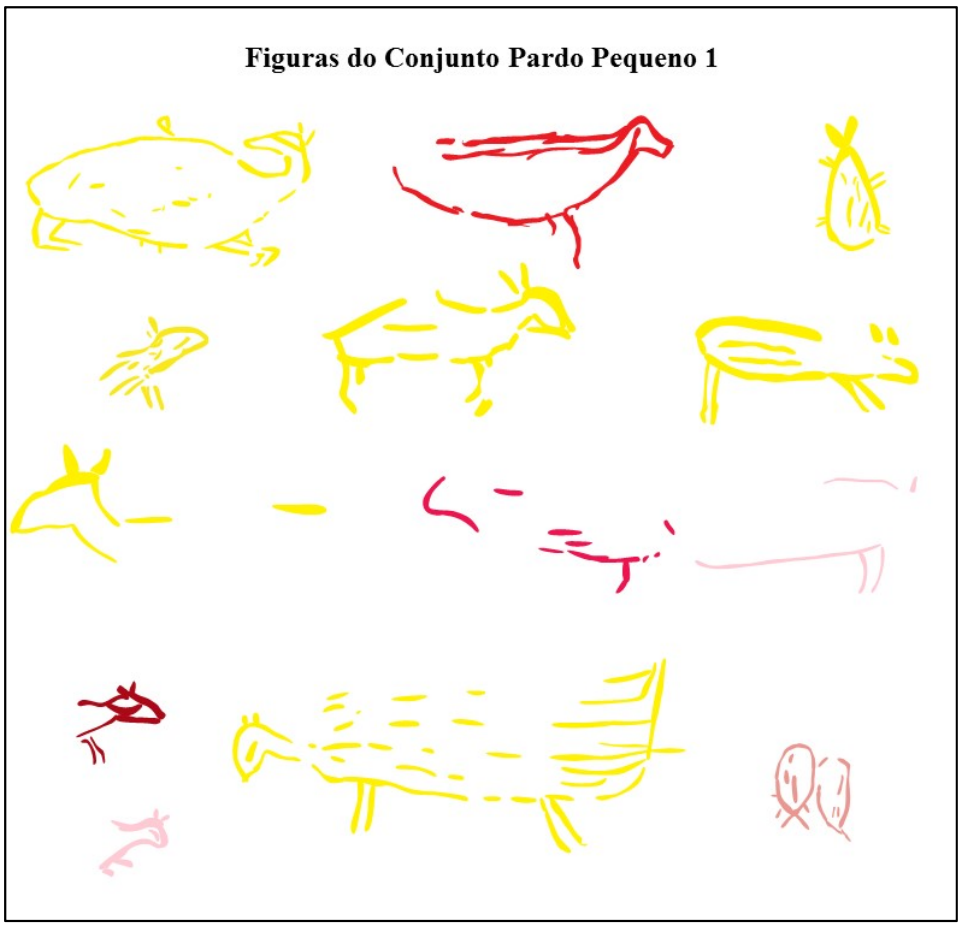


Figura 80: Conjunto estilístico Pardo Pequeno 1.

6.3.2 CONJUNTO PARDO PEQUENO 2

O conjunto estilístico **Pardo Pequeno 2** (**PP2**) representa a maior quantidade de figuras nos sítios e em relações de sobreposição com os demais conjuntos. Os temas comuns são cervídeos, antropomorfos, aves, peixes, quadrúpedes e geométricos simples (Figura 81). Os sítios que apresentam figuras deste conjunto são o Mendes 1 e 2, Lapa do Chumbinho, Lapa dos Peixes, Lapa da Onça 1 e 4, Contagem 3, 4 e 5, Taião, Tatu 2, Alforges 1, 2 e 6. Este conjunto, em termos representativos, ocupou painéis com as mais diversas qualidades no que se refere a visibilidade, textura, característica do painel. Contudo, percebe-se que as escolhas por painéis com alta visibilidade são predominantes. As tintas utilizadas possuem qualidades diversas que abrangem sobretudo as tonalidades do vermelho, amarelo, alaranjado e branco. Os aspectos que as tintas fixadas no painel apresentam, para além das diferenças na

pátina, demonstram texturas e diluição variadas, que vão desde pigmentos pouco diluídos a aspectos bastante pastosos (Amarelo pastoso).

O conjunto apresenta importantes variações internas e relações diacrônicas que foram levadas em consideração ao ser delimitado. Conforme foi apresentado no capítulo anterior, internamente aos sítios há algumas diferenças estilísticas, técnicas, apropriação do painel, da tinta e de visibilidade, que serviram de apoio na delimitação dos conjuntos. À medida que os sítios tiveram seus grafismos analisados, foi possível identificar figuras que possuíam modos peculiares quando são articulados os diferentes critérios, principalmente quando o olhar se volta para a cronologia de ocupação dos painéis. O Conjunto PP2 é, neste sentido, composto por figurações em que distinções e semelhanças marcantes se fazem presentes. Dentre os conjuntos definidos nos sítios e incorporados ao **PP2** estão os conjuntos estilísticos Mendes 2 e 3 (**M2 e M3**), Lapa do Chumbinho 2 e 3 (**LC2 e LC3**), Lapa da Onça 2 e 3 (**LO2 e LO3**) e figurações que aparecem em menores quantidades e pontualmente nos demais sítios.

Os conjuntos **M2, LC2 e LO2** são caracterizados sobretudo por cervídeos, quadrúpedes variados, antropomorfos esquemáticos e com detalhamento anatômico (em menor quantidade), aves e peixes pintados majoritariamente a dedo. Os suportes que receberam figuras apresentam características distintas de visibilidade, "destaque" nos sítios e em suas dimensões, adaptadas em alguns casos às morfologias específicas de cada sítio. A principal característica estilística dos zoomorfos neste conjunto diz respeito aos detalhamentos anatômicos em que os traços ou pontos dão fluidez aos zoomorfos.Além disso, as partes do corpo, volume e preenchimento conferem proporcionalidade. No entanto, há algumas poucas figuras em que as galhadas são super-representadas.

O preenchimento dos animais, sobretudo dos cervídeos, varia entre traços paralelos e verticais ao dorso ou a combinação destes. Alguns deles não possuem orientação específica, podem ser circulares, pontilhados e em raros casos a combinação entre duas ou mais formas de elaboração. Percebe-se que, em algumas das figuras, a composição foi ritmada. A frequente presença de detalhes anatômicos aliada à forma de preencher as figuras conferiu a elas naturalismo. De modo geral não foi possível identificar padrões para os detalhes das partes do corpo, a não ser por sua presença quase que obrigatória nos zoomorfos de maiores dimensões. Esta presença, entretanto, não significa dizer que os zoomorfos apresentam todos detalhes anatômicos, mas sim que entre eles há muitas combinações distintas. Para a Lapa do Chumbinho, por exemplo, foi possível identificar 14 combinações a respeito dos detalhamentos anatômicos que variam no modo de composição, forma, tamanho e localização. Além disso foi possível identificar que raramente os cervídeos apresentam as

mesmas características no preenchimento e nos detalhes anatômicos. Encontram-se também nos próprios cervídeos detalhamentos localizados em diferentes partes, em conjunto ou em apenas uma delas. Esta lógica é ainda mais frequente para as figuras identificadas no sítio Lapa da Onça 1.

Os conjuntos **LC3 e LO3** ocorremespecificamente nos sítios Lapa da Onça 1, Lapa do Chumbinho e Contagem 3. Embora as figuras não ocorram em grande quantidade nos sítios, estes conjuntos apresentam particularidades quando comparado com os demais. Foram ocupados preferencialmente painéis de maior destaque nos sítios, com grandes dimensões e facilmente vistos a partir de maiores distâncias, mesmo que no interior dos sítios. Outro elemento que permite a identificação destes grafismos como um conjunto é a diferença em que a tinta utilizada em relação as demais identificadas nos sítios. Neste caso o pigmento possui aspecto pastoso e pouco diluído, o que deixou visível a concentração do pigmento em alguns segmentos dos traços. As figuras possuem tamanhos que vão de médios a grandes, estes últimos em maior abundância.

Os dois conjuntos acima são caracterizado sobretudo por quadrúpedes diversos; antas, aves, cervídeos (em menor quantidade) e antropomorfos que receberam detalhamentos anatômicos e estilísticos distintos. A composição geral das figuras se dá por meio de preenchimento por muitos traços paralelos, ora contínuos e ora descontínuos, cruzados por traços de menores extensões sem orientação específica. Para as figuras zoomorfas nota-se que o tratamento estilístico deu uma estética geral ainda mais naturalista. Os detalhes anatômicos estão presentes e compostos por diversos traços: as coxas, joelhos, pés, orelhas e, com menos frequência, o rabo são representados minuciosamente.

Um outro conjunto constituído pelo **conjunto Mendes 3 (M3)** e figuras encontradas em outros sítios arqueológicos é composto por cervídeos, peixes e outros zoomorfos elaborados por pincel e crayon (pigmento seco). Neste conjunto, os painéis ocupados apresentam semelhanças com aqueles descritos para o conjunto **M2, LC2 e LO2**e também integram o conjunto Pardo Pequeno 2 em função das semelhanças entre eles. Contudo, as relações de sobreposição e as técnicas utilizadas neste caso aparecem sempre sobrepondo figuras do conjunto M2, LC2, LO2 e PP1.

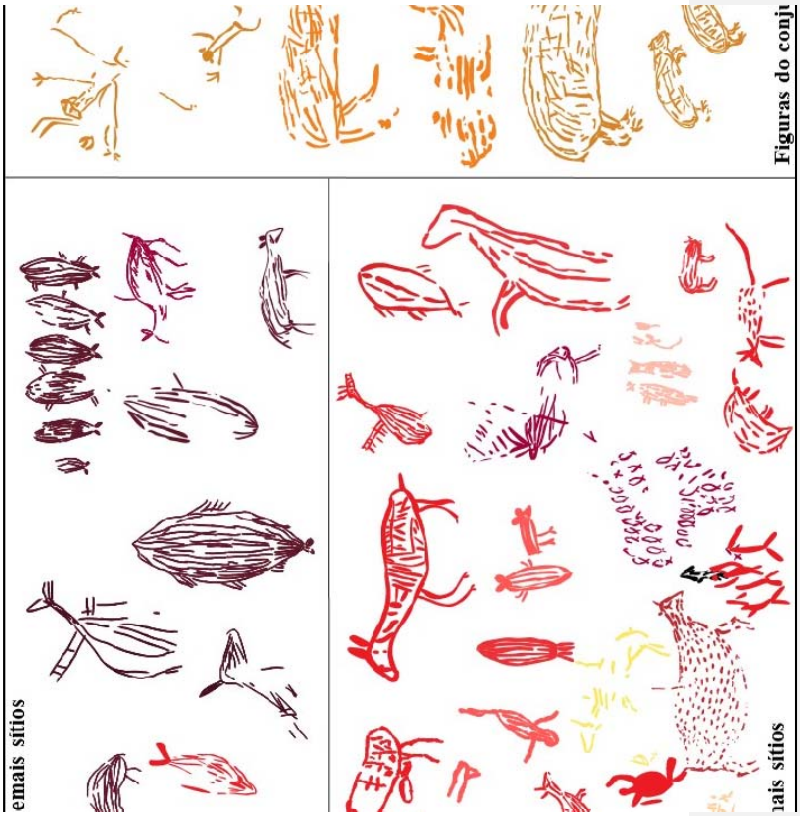


Figura 81: Conjunto estilístico Pardo Pequeno 2 e seus componentes nos sítios. Legenda: Traço contínuo representa relação cronológica bem estabelecida. Traço incontínuo representa relação cronológica em que as figuras dos conjuntos sobrepõem umas às outras. Traço incontínuo pontilhado representa relação cronológica não estabelecida.

Para as figuras realizadas em crayon, os traços apresentam espessuras bastante regulares, já nas figuras elaboradas por pincel (em menor quantidade) a espessura oscila ao longo dos corpos. A técnica empregada, o crayon, demonstra que possivelmente se deu pelo uso direto da hematita (pedra de caboclo[63]), abundante na região. Os peixes e cervídeos receberam detalhes anatômicos variados em tamanho e na forma. As cores utilizadas possuem tonalidades distintas (crayon vermelho e crayon vermelho vinho). Não foram identificadas representações antropomorfas neste conjunto.

6.3.3 CONJUNTO PARDO PEQUENO 3

Os conjuntos **M4, LC4, LO4** e outras figuras que aparecem em menores quantidades nos demais sítios compõem o conjunto **Pardo Pequeno 3** (ver Figura 82). Neste conjunto a técnica utilizada é caracterizada predominantemente pelo uso do crayon e, em menor

[63] Nome utilizado na região para se referir à hematita.

frequência, por incisões realizadas com instrumento muito fino. As figuras geralmente não compõem temática reconhecível, sendo comum traços paralelos, verticais, anárquicos e outros que perpassam os demais traços. Algumas das figuras tendem a assumir formas peculiares tais como grades, zoormorfos (em menor quantidade), ramificações, conjuntos de traços alinhados, círculos irradiados e, em alguns dos casos, a composição geral dos traços indica vagamente formas animais.

Este conjunto utilizou paredes restritas, paredes inclinadas amplas, tetos inclinados amplos, cornijas, espelhos amplos e restritos. Mesmo que tenham sido apropriados suportes diversos nota-se que, independentemente de suas dimensões, as figuras geralmente ocupam painéis periféricos, nas margens do afloramento ou de pouco "destaque" e visibilidade no sítio. Nos painéis de maiores dimensões, em que havia figurações precedentes e sobreposições, as figuras deste conjunto ocupam as extremidades não sobrepondo as demais figuras. Em outros casos, como o sítio Mendes 1 e Chumbinho, há registros de traços em crayon e incisões que perpassam e sobrepõem diversas figuras em painéis de menores dimensões. Foram encontradas figuras do conjunto PP3 que estabelecem relações cronológicas com o conjunto PP1 e PP2, sendo que esse conjunto ocorre sempre em sobreposição aos dois últimos.

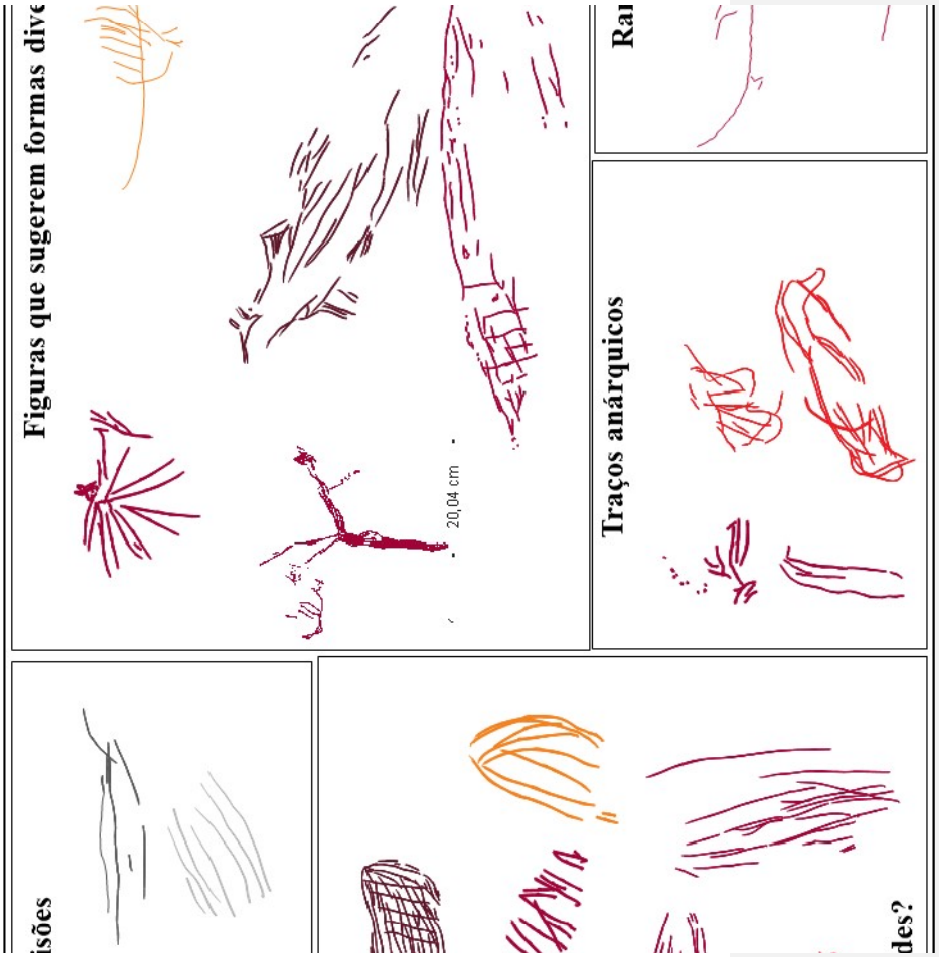


Figura 82: Conjunto Estilístico Pardo Pequeno 3.

6.3.4 CONJUNTO PARDO PEQUENO 4

Algumas das figuras identificadas nos sítios Andorinha 1 e 3, Lapa do Tatu 1 e 2, Lapa da Onça 1 e Serra do Taião 1 compõem o conjunto denominado **Pardo Pequeno 4** (**PP4**). Neste conjunto, a técnica utilizada é a aplicação da tinta diretamente com o dedo, em que foram utilizadas tintas que variam entre tonalidade vermelha e vermelho forte, alaranjada, vermelho patinado, alaranjado patinado e alaranjado claro, estes últimos já bastante desbotadas em função de sua exposição às intempéries (Figura 83). Ademais, nos sítios em que as figuras se encontram de certo modo protegidas (Andorinha 1) apresentam aspecto "fresco", aparentemente muito bem preservadas.

Os painéis ocupados são tetos verticais, paredes restritas, blocos e espelhos amplos e restritos, todos eles localizados em suportes discretos no afloramento ou matacão. Há

temáticas zoomorfas, antropomorfos, armas, miriápodes, alinhamentos de traços longos e curtos, alinhamento de pontos e bastonetes, biomorfos, tridáctilos, pectiformes e máscaras. Estas figuras, a maior parte delas, não estão localizadas em suportes facilmente visíveis o que torna necessário em alguns painéis uma grande aproximação e posturas corporais distintas para a visualização das figuras.

Nos sítios em que este conjunto se faz presente os suportes ocupados estão localizados sempre em porções inferiores, próximas ao piso do abrigo ou matacão.Foram observadas figurações que os autores utilizaram a morfologia dos painéis, sobretudo alinhamento de pontos, bastonetes e pectiformes. As figuras possuem tamanhos diminutos quando comparados com os conjuntos descritos anteriormente. É neste conjunto em que foi encontrada uma única figura elaborada em bicromia.

O modo como as figuras são elaboradas apresenta diferenças sobretudo no tipo de preenchimento dos zoomorfos, que podem apresentar corpo chapado, completamente preenchido por traços e outros com traços muito irregulares paralelos e sem orientação específica. As figuras de estrutura geometrizada (miriápodes, armas, biomorfos e zoomorfos) tendem a apresentar um eixo principal de onde despontam traços menores. Algumas das figuras não apresentam regularidade nos traços o que conferiu a algumas das figuras uma estética “desarmoniosa”. As figuras zoomorfas, por exemplo, não apresentam os corpos com os limites bem delineados. Internamente a alguns zoomorfos de corpo chapado é possível identificar os traços que o compõem haja visto que alguns deles não foram completamente preenchidos. Por outro lado, algumas figuras geométricas tais como os zig-zags, sáurios e alguns biomorfos demonstram simetria e regularidade nos traços.

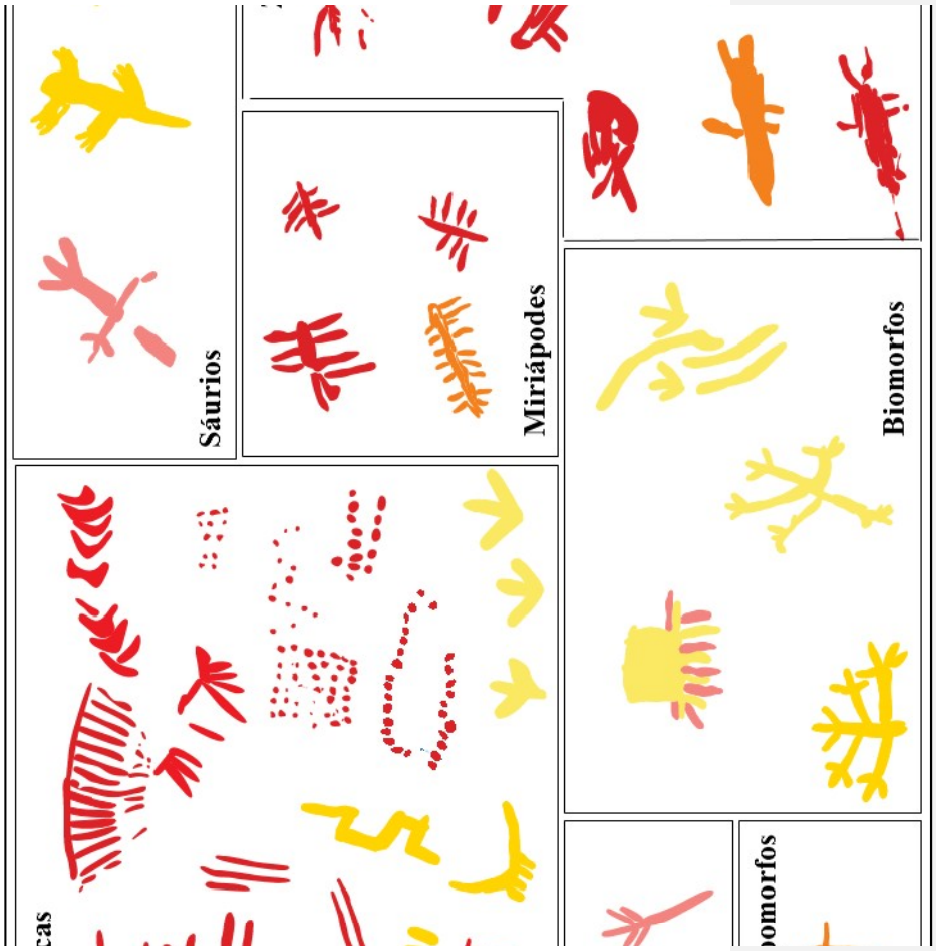


Figura 83: Conjunto estilístico Pardo Pequeno 4.

Este conjunto é pouco representativo na amostra de sítios e poucas figurações podem ser atribuídas a ele. Mesmo com poucos elementos que ajudem na construção de um entendimento razoável para o conjunto, os poucos que foram identificados foram capazes de demonstrar particularidades relativas aos atributos da paisagem, dos sítios, e as escolhas realizadas. No próximo subcapítulo serão feitas algumas considerações a respeito da apropriação dos painéis por cada conjunto estilístico, levando em conta suas relações diacrônicas e sincrônicas.

No decorrer deste subcapítulo, as figuras foram tratadas segundo os sítios e suas particularidades, repertório temático, formas de compor as figuras, das técnicas empregadas em cada uma delas e de suas condições de visibilidade e características dos painéis. Ainda assim, somente elas não foram suficientes para dar conta de todo o repertório temático identificado nos sítios. Houve figuras para as quais, mesmo que algumas das informações

sobre as técnicas utilizadas, temática, cor, apropriação do painel e visibilidade, convergissem parcialmente, faltaram elementos que dessem segurança em sua associação a um repertório maior e coeso.

As figuras zoomorfas chapadas nos sítios Lapa do Alforges 2, Lapa da Contagem 3 e Chumbinho destoam dos demais conjuntos estabelecidos, notadamente em função de seu tipo de preenchimento e por técnicas distintas e outras não identificadas (Figura 84). As figuras estão postas em condições distintas de visibilidade, dois deles somente são vistos com grande aproximação dos suportes. Algumas das figuras geométricas simples, como alguns dos alinhamentos de pontos na Lapa do Chumbinho localizados em parede ampla e de alta visibilidade, não apresentam características que indiquem com segurança pertencerem a algum dos conjuntos estabelecidos para este sítio. Ainda que as figuras possuam semelhanças estilísticas com alguns dos conjuntos reconhecidos, a atribuição de cores e texturas em função do estado de conservação não auxilia no agrupamento em nenhum dos conjuntos.

No painel 12 do sítio Lapa da Onça 1 algumas figuras em cor amarelo alaranjado, localizadas na porção superior, apresentaram diluição bastante homogênea da tinta. Os traços que compõem o antropomorfo são bastante regulares, com indicações dos membros superiores e inferiores. Não foram identificadas neste sítio tintas que se assemelhem ao aspecto destas figuras, nem tratamentos estilísticos parecidos realizados em painéis com os eventos de sobreposições. Outras figuras como um peixe, armas e máscara no sítio Lapa da Onça 1 que não foram atribuídas a elas nenhum conjunto estilístico pelos mesmos motivos descritos acima.

Nos sítios Lapa do Chumbinho e Onça 1 foram identificadas figuras em cor preta e branca de difícil atribuição temática. Aparentemente elas foram pintadas posteriormente a algumas figuras do conjunto PP2. As tintas apresentam aspecto pastoso e são homogêneas, mas são visíveis apenas manchas e traços, poucas delas sugerem temáticas reconhecíveis.

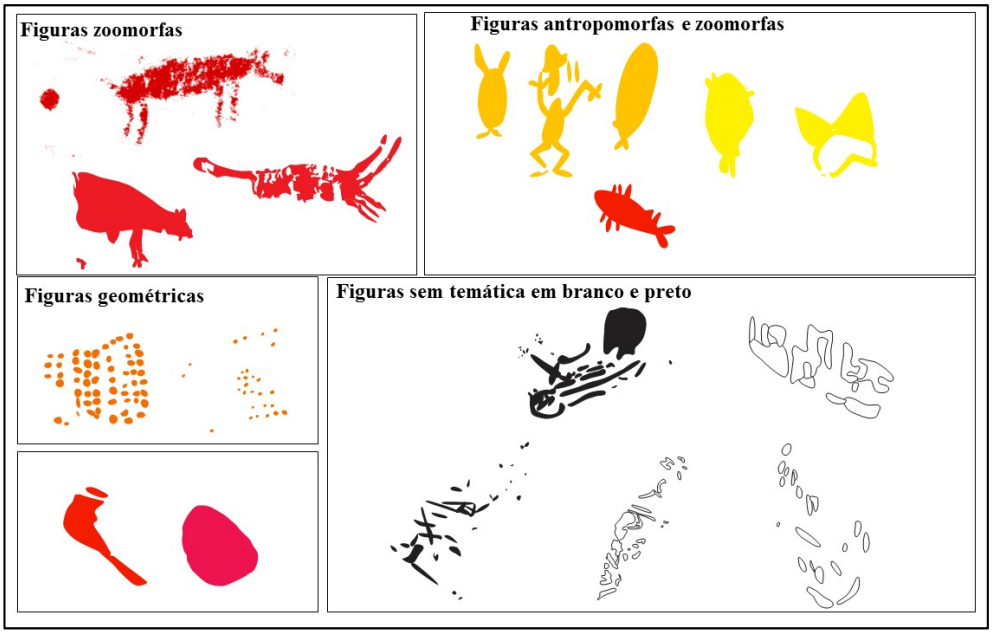


Figura 84: Figuras não atribuídas a nenhum conjunto específico.

6.4 OS CONJUNTOS RUPESTRES COMPONDO PAINÉIS: O FAZER E O SE RELACIONAR

Anteriormente, foram observadas as principais características dos conjuntos rupestres levando-se em consideração a maneira como as figuras foram elaboradas, suas distinções e quais tipos de suportes foram utilizados para receber as figuras. É necessário, portanto, uma análise dos conjuntos e de seus grafismos e que os relacione e os coloque em perspectiva comparativa entre os conjuntos.

O conjunto estilístico **Pardo Pequeno 1** possui claras relações cronológicas com o Conjunto Pardo Pequeno 2, Pardo Pequeno 3 e Pardo Pequeno 4 cujas figurações apresentam-se sempre sobrepostas a estes conjuntos. A relativa baixa densidade de figurações nos sítios e sua análise demonstram que o(s) autor(res) deste conjunto aparentemente não se "relacionaram" com outros grafismos. É possível que os autores não se tenham deparado com suportes ocupados e, assim, não tenham estabelecido relações diretas com outras figuras. Não foi possível identificar nos sítios estudados figuras do conjunto PP1 que estabelecem algum tipo de relação direta, seja por meio de sobreposição ou entre painéis que indiquem associações entre figuras.

Poucos são os elementos que sugerem uma ocupação mais “intensiva” nos sítios por parte dos autores do PP1. As poucas figuras identificadas nos sítios apresentam-se de certo modo dispersas nos suportes e não foram notadas figuras deste conjunto próximas ou em um mesmo painel. Se este conjunto foi o primeiro a ocupar os abrigos no vale do rio Pardo Pequeno a pouca frequência em que ocorrem sugere que seus autores não tiveram interesses em estabelecer relações diacrônicas entre si mesmas, em sobrepor figuras. A respeito das relações entre figuras do mesmo conjunto, não é possível identificá-las diretamente, a não ser pela aparente “recusa” que é sugerida pela pouca quantidade de figuras e a distância entre os painéis com figuras deste conjunto.É possível também que a amostra não seja representativa e não possua informações suficientes.

Para o conjunto estilístico **Pardo pequeno 2,** o pintar e o relacionar com os suportes e com as figuras precedentes ocorreram de maneiras distintas. As figuras integram um complexo sistema de relações/associações com suas próprias figuras e com as precedentes. Fato importante a ser destacado é que este conjunto dispõe da maior quantidade do total de figuras analisadas nesta pesquisa. A maioria expressiva dos sítios, em pelo menos 14 deles, há figuras que foram atribuídas ao conjunto Pardo Pequeno 2. É neste conjunto em que se dá a maior parte das relações de sobreposição identificadas que totalizam até cinco momentos distintos superpostos.

Entre as figuras que compõem o conjunto, prevalecem associações temáticas entre antropomorfos, cervídeos e peixes. É bastante comum a presença de peixes que se sobrepõem a e são sobrepostos por cervídeos, que podem ser elaborados pelos mesmos autores ou autores posteriores. Há inúmeros cervídeos em sobreposição associados ou não a outros zoomorfos, antropomorfos e peixes. As figurações também aparecem de modo isolado, em pares e em associação com temas diversos menos frequentes, tais como os geométricos simples (bastonetes).

As intensas sobreposições identificadas no conjunto PP2 nos sugerem intencionalidades e interações distintas entre as figuras. Permitem-nos pensar inclusive que os grupos podem ter sido motivados ou incentivados a reocupar os abrigos pela própria presença de figuras precedentes. Para além das sobreposições e associações encontradas, parece que este modo de interagir não se deu de maneira aleatória por seus autores, na medida em que são constituídas por um complexo arranjo de relações como a (re)apropriação, (re)pintura e possivelmente a (re)ssignificação de suas figuras ou das anteriores.

Na Lapa da Contagem 5, foram identificadas figurações que não foram pintadas por completo, ao invés disso apenas a cabeça de um cervídeo foi pintada sobrepondo-se a um

zoomorfo, posto na parte anterior da pintura precedente. Ao lado deste em um quadrúpede o mesmo processo foi realizado, mas com um longo traço cruzando a cabeça. Na extremidade deste mesmo painel, em um quadrúpede de menores dimensões foram adicionados outros traços, alguns aparentemente desordenados e outros paralelos. Acima desta figura, em um zoomorfo que possui os limites e preenchimento muito desbotados, foram sobrepostos nas partes ilegíveis traços em cor vermelha, como se indicassem sua repintura ou reforço (ver figura 85a). Interação semelhante a esta ocorre no sítio Taião, em que o quarto traseiro de um cervídeo recebeu intervenções de outro autor, repintando-o e adicionando um longo traço que perpassa o animal (ver figura 85c).

Na Lapa do Chumbinho, foram identificadas duas figuras que demonstram uma interessante apropriação de uma figura precedente. Neste caso, o autor seguinte valeu-se dos contornos e membros de uma figura para compor outra a partir do preenchimento nas partes em que já havia traços e em locais sem preenchimento e adicionou ainda outra orelha (ver Figura 85b). No painel 16 deste mesmo sítio, um dos cervídeos é preenchido a partir dos traços que compõem um cervídeo anterior. O mesmo ocorre no painel 17 do sítio Lapa da Onça 1, onde, diferentemente deste, foram adicionados apenas um outro traço retilíneo paralelo ao dorso e um dardo. Apenas uma das patas traseiras foi pintada (ver figura 85c).

Além desse tipo de interação a justaposição de figuras acontece de modo recorrente em diversos dos painéis. As figuras do conjunto Pardo Pequeno 2 demonstraram-se variáveis no que se refere a seus preenchimentos. Se direcionarmos nosso olhar para além das temáticas encontradas, nota-se que em cada uma das figuras, mesmo mantendo os modos de se fazer, há divergências e escolhas peculiares nos atributos que compõem cada uma delas. Conforme fora visto no capítulo anterior, os quadrúpedes e cervídeos, de modo geral, apresentaram detalhamentos do corpo (patas, galhadas, joelho, rabo, orelha...) e preenchimentos consideravelmente fluidos. Mesmo que eles apresentem uma “estética” geral e modos de fazer similares, não se pode dizer que são iguais ou equivalentes. Quando são analisados os tipos de preenchimentos e articulamos esta categoria com a presença ou ausência dos detalhes anatômicos e sua disposição, dificilmente se encontrará figuras com as mesmas características.

A diversidade é tamanha que, em dois dos cervídeos no painel 4 do sítio Lapa da Onça 1, é possível notar que cada cocha desenhada apresenta origem em diferentes traços que compõem o dorso do animal. Diferentemente da maioria das figuras zoomorfas, nestes cervídeos, os limites de dorso e parte do preenchimento seguem até quarto dianteiro e foram utilizados como eixo para as pernas dianteiras. O modo como as pernas foram elaboradas e de

onde elas despontam dão a impressão ao observador de que tenha sido intenção do(s) autor(es) dar profundidade e movimento às figuras, conforme é visto na figura 85d.

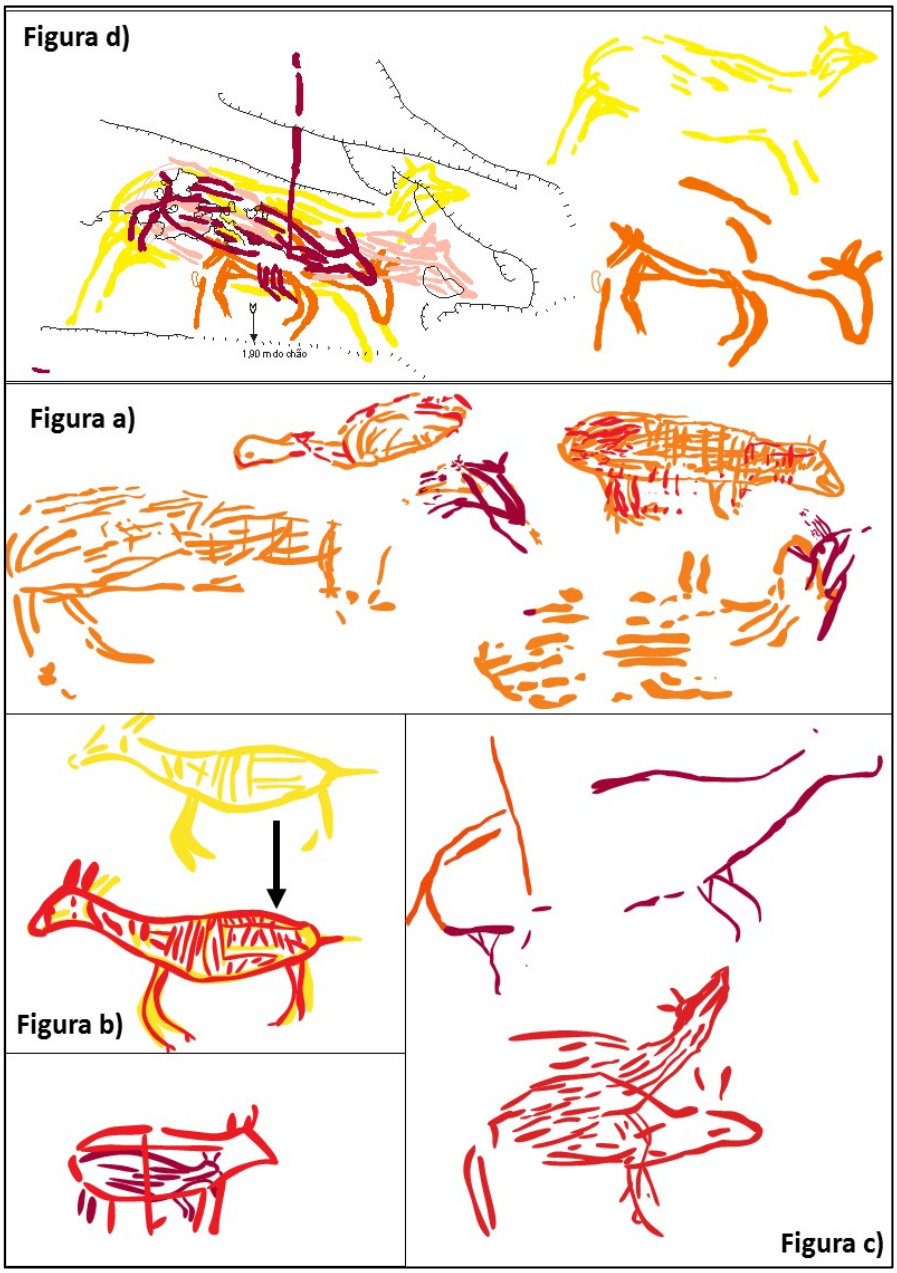


Figura 85: Interações observadas no conjunto Pardo Pequeno 2.

O conjunto **Pardo Pequeno 3** aparece em alguns casos sobrepondo figuras do conjunto Pardo Pequeno 1 e Pardo Pequeno 2. As relações estabelecidas pelos autores deste

conjunto demonstram que a ocupação dos painéis se deu de maneiras distintas; uma que considera as figuras precedentes e outra pela ocupação de novos painéis. É possível notar que os temas dentro deste conjunto se assemelham e se diferenciam, dependendo do tipo de interação com o painel/suporte e/ou com as pinturas anteriores que precedem sua intervenção. Este conjunto interagiu com os abrigos pintando novos suportes, sobrepondo outras figuras e realizando contornos em antropomorfos. Neste último caso apenas uma ocorrência foi identificada.

Nos painéis já pintados, as figuras desse conjunto se sobrepuseram apenas àquelas que estão localizadas nas margens do abrigo e que possuem pouco "destaque" no sítio. Nos painéis de grandes dimensões, de maior destaque e intensamente pintados, não foram identificadas figuras do conjunto PP3. Parece que, nestes locais, não foi prioridade para realização de figuras se sobrepor às demais. Nos painéis periféricos de maior visibilidade e dimensões, quando ocorreram intervenções deste conjunto, nota-se que estas estão sempre localizadas no entorno do suporte, nunca sobrepondo as figuras. Ainda assim, estas intervenções são "tímidas" no sentido de que apresentam traços em crayon diminutos, anárquicos e sem forma aparente. Suas formas dificilmente são visíveis a certa distância e exigem a aproximação do observador e olhos atentos aos acanhados traços e incisões com espessuras às vezes imperceptíveis.

Nos suportes que foram inaugurados pelo conjunto, não foi identificada nenhuma tendência ou preferência por determinadas características, a não ser pelo fato deles serem na maioria dos casos periféricos e de visibilidade reduzida, como no caso das paredes e espelhos restritos. Contudo, também foram ocupados painéis de grandes dimensões (paredes amplas), a exemplo do sítio Serra do Taião. Nos painéis de menor visibilidade e que já haviam sido ocupados, as figuras do conjunto realizaram sistematicamente sobreposições por meio de uma combinação de traços anárquicos e paralelos, alguns deles cobrindo toda a extensão das figuras anteriores. Em outros casos, há somente um único traço ou um pequeno conjunto que não apresenta formas de "grades" como o descrito acima. No sítio Lapa do Alforges 1, uma figura apresenta a composição dos traços que se assemelha à forma de um cervídeo, contudo, os limites são muito irregulares e a figura se encontra incompleta.

Nos painéis mais isolados, onde não há figuras precedentes, os autores, ao que parece, tinham outras prioridades, se levamos em conta que as figuras demonstraram formas que se diferenciam na composição e formatação geral. Nestes casos, foram identificados círculos irradiados, formas zoomorfas, tramas de traços extensos e outras figurações que se

diferenciam das visíveis em outros painéis. Estas figuras também são compostas por traços aparentemente anárquicos, mas tiveram seus limites e contornos delimitados.

A julgar pela exclusividade do uso de minerais em sua forma direta na elaboração das figuras do conjunto PP3, cabe um questionamento que julgo relevante para a sua discussão: É razoável afirmar que estes grupos não possuíam o aparato necessário (tecnologia) para a confecção de tinta? Obviamente, não é possível responder com clareza a esta indagação, pois nos remete ao panorama arqueológico regional ainda com muitos questionamentos. Mas algumas considerações podem ser realizadas. Outro questionamento que se faz pertinente diz respeito à possibilidade de que as expressões estilísticas deste conjunto seriam a manifestação de contatos "não pacíficos" entre diferentes grupos. Neste sentido, as recursivas sobreposições por diversos traços paralelos e anárquicos e seu resultado estético ("rabiscos") indicariam comportamentos de "negação" ou "recusa" a determinada figura.

Parte significativa deste conjunto é composto por traços anárquicos e paralelos que se sobrepõem a figuras anteriores e, quando não o fazem, encontram-se dispostas de maneira isoladas. Estes últimos grafismos são caracterizados por poucos traços que também apresentam os mesmos detalhes e composição geral. Há, portanto, entre suas figurações, um comportamento que sugere a convergência nos modos de se relacionar com os suportes e com as figuras, mesmo que sejam observadas diferenças entre elas. A partir dos elementos que dispomos não é plausível imaginar que as intencionalidades ao sobrepor pinturas anteriores sejam denotativas de uma negação ou uma não relação com figuras que já se encontravam nos suportes.

Se imaginarmos que os autores do conjunto PP3 não possuíam a tecnologia para pintar com as mesmas técnicas dos conjuntos PP1, PP2 e PP4, não significa que a ação de pintar não estivesse incluída nos comportamentos sociais e manifestações culturais. Mesmo que o resultado estético aos nossos olhos modernos nos conduza erroneamente a esta comparação, os grafismos deste conjunto apresentam coesão e maneiras próprias em sua expressão estilística e temática.As figuras do conjunto PP3 estabeleceram relações cronológicas com os conjuntos PP1 e PP2 e não houve figuras que demonstrassem sobreposições dentro do mesmo conjunto. Segundo a cronologia relativa, é razoável dizer que se trata de uma manifestação estilística mais recente, mesmo que não seja possível situá-la no tempo com precisão.

A despeito de uma incompreensão de nossos olhares no que se refere às temáticas do conjunto PP3, há modos e escolhas específicas de pintar e se relacionar com as figuras precedentes. É improvável que suas figuras, em função da pouca sistemática em sua elaboração e a quase ausência de temática reconhecível, sejam indicativas de que nestes

grupos a prática gráfica ocorreu de maneira aleatória e não orientada que nos remeteria a processos de ensino-aprendizagem por estes grupos. O conjunto PP3 é, no mínimo, composto por um repertório temático que envolveu significantes com estilos alheios aos demais conjuntos. O pintar e o relacionar com outras figurações ocorreu em seus próprios termos por meio da ocupação de novos painéis, e possivelmente reconhecendo e ressignificando figuras e espaços já ocupados.

O conjunto PP3 demonstrou-se rico em possibilidades interpretativas e em maneiras de abordá-lo, considerando-se o contexto no qual está inserido. Os questionamentos e as interpretações realizadas podem ser diversos e espera-se que com outras pesquisas e levantamento de informações possam contribuir para elucidar os diferentes horizontes de ocupação e dos conjuntos rupestres. As informações que possuímos até o momento são suficientes, até certo ponto, na compreensão deste conjunto, contudo, novos dados cronológicos, estilísticos e sobretudo advindos de registros arqueológicos podem permitir tecer comparações e interpretações mais robustas.

No conjunto **Pardo Pequeno 4**, apesar de sua pouca expressividade na amostra de sítios estudados, o fazer, o apropriar-se dos painéis e suas relações com as demais figurações demonstram intencionalidades e prioridades que diferem dos outros conjuntos. As considerações que serão feitas a respeito deste conjunto têm como referência um reduzido universo de figuras dentro da amostra de sítios. Em razão da relativa baixa frequência em que o conjunto PP4 aparece nos sítios, a sua relação estabelecida com os atributos da paisagem é escassa para revelar suas preferências. Contudo, algumas considerações podem ser feitas pois há elementos suficientemente díspares, sobretudo ao compará-los com os conjuntos PP1 e PP2. Novos estudos que possam dialogar com as reflexões que serão realizadas poderão contribuir para o entendimento deste conjunto.

É somente no sítio Tatu 1, Andorinha 1 e 3 que as figuras do conjunto **PP4** se encontram reunidas em um único painel. Já nos demais sítios, as figuras estão dispersas em diferentes painéis, mas que também demonstram escolhas e tipos distintos de apropriação. Neste conjunto, há poucos eventos de sobreposições identificadas nos sítios, somente no sítio Lapa da Onça 1 há uma figura (pectiforme) que se sobrepõe a um cervídeo do conjunto PP1. Nos demais conjuntos não foram observados nenhum tipo de sobreposição. Ainda que não foram notadas relações diretas com os outros conjuntos nos sítios amplamente ocupados, é possível que os autores deste conjunto tenham se deparado com figuras precedentes nos painéis, em maior ou menor quantidade e extensão. Se isso de fato ocorreu, aparentemente as prioridades destes autores eram ocupar novos suportes e evitar sobrepor-se às demais,

inclusive a figuras com que pudessem ter afinidades. Uma outra alternativa diz respeito a uma possível escassez de suportes disponíveis, sobretudo no sítio Lapa da Onça 1, sítio que foi intensamente ocupado.

Aparentemente não foi possível identificar preferências nos tamanhos dos abrigos, tendo em vista que matacões e abrigos de dimensões bastante diminutas, assim como outros de grandes dimensões, foram ocupados. Também não foram identificadas tendências relativas à sua inserção topográfica, visibilidades do entorno, e do sítio, bem como a proximidade a nascentes.

Em relação às escolhas dos painéis houve preferência por aqueles mais discretos e que para serem vistos necessitam da aproximação do observador. Esta recorrência aliada à quase ausência de eventos de sobreposição, pode sugerir que os autores deste conjunto podem ter tido preferências por abrigos diversos, ocupados ou não. Entretanto, um critério relevante que foi considerado em todos os casos é a presença de suportes mais discretos, tais como tetos verticais baixos, paredes restritas e espelhos. Tal fato justificaria, em parte, a ocupação de pequenos matacões e abrigos de menores dimensões, como a Lapa do Tatu 1 e 2 e a Andorinha 1.

O conjunto Pardo Pequeno 4 não pintou em suportes privilegiados e de alta visibilidade nos sítios. Os painéis que o conjunto ocupa demonstram que os autores parecem ter dado prioridades àqueles de menores dimensões e/ou compartimentados, com linhas de acamamento que delimitaram o suporte, geralmente localizados próximo ao piso. Esta maneira de se apropriar dos suportes produziu um resultado visual que destoa dos demais conjuntos, tendo em vista que, ao evitar se sobrepor às demais figuras, percebe-se temas e estilos variados em meio às figuras pertencentes a conjuntos distintos. É somente no sítio Lapa da Onça 1 que é possível observar esta relação com mais clareza, haja visto que o conjunto PP4 se faz presente próximo a centenas de outras figurações.

Poucas foram as associações temáticas que puderam ser verificadas tendo em vista a pouca quantidade de figuras, a quase ausência de sobreposições e a preferência por suportes não utilizados. Entre as temáticas do conjunto percebe-se que os quadrúpedes e alguns dos zoomorfos foram pintados em painéis distintos.As figuras geométricas simples estão quase sempre localizadas em suportes separados dos quadrúpedes, como nos sítios Lapa da Onça 1 e Andorinha 1.No primeiro caso, nas figuras geométricas simples (alinhamento de pontos e bastonetes, zigzags, aspas, pectiformes) não foram identificadas associações com zoomorfos. Nos blocos na porção central (painéis 26, 27 e 28), os zoomorfos foram pintados na face oposta, não associados às figuras geométricas. No sítio Andorinha 1, o único quadrúpede

pintado está localizado em painel distinto daquele em que foram pintados os geométricos simples, biomorfos e armas. Esta lógica não foi observada no sítio Tatu 1, sítio que possui associações de geométricos com biomorfos, tridáctilos e sáurios e não foi pintado nenhum quadrúpede. A temáticas deste sítio é particular a ele e alguns dos temas não foram encontrados nos demais sítios.

Além da escolha por suportes mais discretos, os autores deste conjunto podem ter reconhecido as figuras antecedentes e demonstraram "desinteresse" ou "respeito" pelas demais figuras. A despeito da presença de outras expressões gráficas, o conjunto PP4 ocupou os mesmos espaços outrora eleitos como espaço para receber grafismos e inaugurou novos sítios (Tatu 1, Andorinhas 1 e 3).

Em todos os sítios ocupados pelo conjunto PP4 poucas foram as figuras que indicam ter semelhanças temáticas entre eles. Se compararmos a temática dos sítios Tatu 1, Andorinha 1 e Lapa da Onça 1 há poucas figurações com afinidades. O estabelecimento de relações diretas deste conjunto entre os sítios é problemático em função da ausência de elementos que nos permitam a comparação, a não ser propriamente pelos estilos que se assemelham. Embora as informações obtidas não nos permitam tal intento, o que se verifica é que internamente a este conjunto a temática expressada em cada um dos sítios é bastante distinta.

Ao se comparar os grafismos da Lapa do Tatu 1 e do sítio Andorinhas 1, que distam um do outro 900m, observa-se que as escolhas dos suportes realizadas e os modos de se pintar convergem. Mas, ainda que as figuras revelem um modo específico de se fazer e de qual local pintar, as temáticas expressas são outras. O mesmo ocorre quando comparamos estes grafismos aos dos sítios Lapa da Onça 1 e Tatu 2. Se estes sítios foram ocupados pelos mesmos autores ou grupos com afinidades no que se refere aos significantes (temas), as diferenças temáticas observadas podem ser expressões de prioridades e interações distintas estabelecidas com o lugar, seus atributos e com o próprio pintar.

Um outro viés interpretativo para a temática nos sítios está relacionado à passagem de grupos distintos. Neste sentido, os vínculos entre estes sítios seriam as afinidades estilísticas culturalmente orientadas, mas realizadas por outros grupos em incursões pontuais e em períodos diferentes. Os conjuntos PP3 e PP4 quando comparados com os demais apresentam manifestações mais pontuais, tanto na reocupação de sítios quanto na inauguração de novos abrigos. Tal perspectiva pode indicar que este(s) grupo(s) não ocuparam e reocuparam com maior frequência os abrigos, pelo menos no recorte espacial estabelecido. Contudo, a baixa frequência em que aparecem pode também estar relacionadas às orientações culturais em que prática gráfica operou segundo normas e desígnios específicos.

6.5 A ARTE RUPESTRE NO VALE DO RIO PARDO PEQUENO EM PERSPECTIVA

A análise dos diferentes conjuntos estilísticos revelou tendências e preferências observáveis quando dirigimos os olhares para os sítios arqueológicos e suas especificidades. No decorrer desta pesquisa, as prioridades foram identificar as manifestações rupestres em seus contextos de inserção, procurando estabelecer suas relações com os atributos da paisagem e em diferentes escalas de análise. Proponho neste subcapítulo discutir a arte rupestre e os conjuntos estilísticos identificados colocando-os sob a ótica das pesquisas anteriormente realizadas em Diamantina e no centro-norte mineiro.

Ao estabelecer relações da arte rupestre desta pesquisa com outras áreas, será necessário utilizar outros entendimentos e unidades classificatórias, tais como o de Tradição em arte rupestre. A classificação e o consequente agrupamento de conjuntos gráficos em categorias amplas como a Tradição é um exercício que durante um tempo se tornou comum entre os arqueólogos, cujas prioridades estavam relacionadas à construção de quadros de dispersões geográficas e temporais. A despeito das críticas teórico-metodológicas que devem ser realizadas à categoria Tradição, esta pode se tornar "útil" quando desejamos realizar comparações entre diferentes áreas. Não obstante, este exercício deve ser realizado com prudência para que não se incorra em generalizações ou em discussões improfícuas.

À medida que novas prioridades, conceitos e abordagens ganharam espaço na arqueologia brasileira, novos trabalhos foram desenvolvidos preocupando-se em abordar os grafismos a partir dos contextos regionais. Os novos trabalhos reconheceram nos grafismos modos específicos, escolhas técnicas, preferencias pordeterminados atributos da paisagem e que podem ser entendidos como unidades localmente construídas no decorrer do tempo. Estes trabalhos, alguns deles realizados pelo Setor de Arqueologia da UFMG, possuem afinidades teóricas e metodológicas com esta pesquisa, elemento que proporcionou um diálogo proveitoso entre as áreas.

As pesquisas realizadas pelo Setor de Arqueologia da UFMG apresentam diversas afinidades com o recorte espacial proposto neste trabalho, além da proximidade entre as áreas. Em publicação mais recente Linke (2013) aponta para existência de quatro conjuntos estilísticos existentes em Diamantina, explicitados anteriormente no capítulo 02. Dentre os conjuntos delineados por Linke (2008; 2013; 2014) pelo menos três deles possuem correspondência com aqueles identificados na arte rupestre do vale do rio Pardo Pequeno; os

dois primeiros conjuntos atribuíveis à tradição Planalto e outro ao Complexo Montalvânia de arte rupestre.

Os conjuntos estilísticos demonstraram diferentes modos de se relacionarem com os painéis, com as pinturas precedentes e com os atributos da paisagem, os quais também são compartilhados no recorte espacial desta pesquisa. A arte rupestre em Diamantina, a partir da análise cronoestilística e de suas relações com da paisagem, evidenciaram uma sequência temporal, permeada de diferenças estilísticas e de escolhas específicas.

Segundo Linke e Isnardis (2008) o **primeiro conjunto** estilístico apresenta contornos simples, com preenchimentos por traços simples paralelos ao dorso ou quase ausentes. Os autores ocuparam preferencialmente painéis de maior visibilidade, de onde se tem maior visibilidade do entorno. Aparentemente este conjunto não ocupou intensamente os sítios e poucas figuras são encontradas nos sítios. O **segundo momento** de ocupação dos suportes é caracterizado como um conjunto estilístico em que houve o aumento do naturalismo das figuras. Este conjunto ocupou painéis que já haviam sido pintados pelo primeiro momento e realizou sobreposições entre figuras do mesmo conjunto. As figuras correspondem geralmente a zoomorfos que receberam diversos detalhes anatômicos, traços fluidos, limites difusos entre o preenchimento e contorno. As figuras deste conjunto ocuparam e reocuparam intensamente os sítios na serra (LINKE & ISNARDIS, 2012).

Os dois outros conjuntos cronológicos subsequentes atribuídos à tradição Planalto pela autora (terceiro e quarto momentos), não foram identificados nos sítios arqueológicos próximos ao rio Pardo Pequeno. No entanto, algumas poucas figuras sugerem semelhanças estilísticas com o terceiro conjunto identificado pela autora, como o caso do painel 21a do sítio Lapa da Onça 1. A figura, localizada em teto restrito na periferia do sítio, possui em seus traços muita regularidade, corpo bem delimitado e membros retilíneos. No entanto, a textura da tinta e a cor utilizada apresentam semelhanças (vermelho vinho) com aquelas utilizadas nas figuras do conjunto Pardo Pequeno 2. Neste mesmo sítio em um bloco (painel 6) foi identificada uma figura em amarelo que apresenta membro e dois traços retilíneos como preenchimento, contudo, seu contorno é contínuo e levemente irregular, elaborado por apenas um ou dois traços. Esta figura foi atribuída como pertencente ao conjunto Pardo Pequeno 1. Figuras parecidas com esta, mas de maiores dimensões (70cm) foram identificadas no painel 4 do sítio Mendes 1, sobrepostas pelo conjunto Pardo Pequeno 2. Seus corpos não apresentam volumes proporcionais aos membros, que são últimos retilíneos.

O quarto conjunto estilístico identificado pela autora é constituído por cervídeos de pequenas dimensões completamente preenchidos. Sua presença na região é pouco frequente e

restrita a alguns sítios. Segundo Linke (2008) este conjunto aparentemente preferiu pintar em suportes amplos e não ocupados. Nos sítios estudados ao longo da pesquisa não foram identificadas figuras com as mesmas características estilísticas e preferências por determinados atributos.

Ao comparar os conjuntos identificados nas diferentes áreas pesquisadas percebe-se que certos modos de se fazer apresentam afinidades, mas é possível que as cronologias de ocupação dos sítios não tenham ocorrido de maneira análoga. Neste sentido, vale dizer que, nesta pesquisa, as diferenças entre cores, a diversidade e diferenças nos preenchimentos, representação dos membros e de detalhes anatômicos e localização do painel foram categorias úteis, mas que por sí só podem não ter dado conta da diversidade cronológica e das manifestações estilísticas presentes nos sítios. Em outras palavras, é possível que os atributos analisados tenham sido insuficientes para abordar as figuras que, como visto, são bastante diversas.

Dentre os conjuntos cronoestilísticos identificados por Linke (2008), apenas o primeiro e o segundo possuem correspondência estilística e cronológica com os conjuntos Pardo Pequeno 1 e Pardo Pequeno 2, respectivamente. Os modos de compor as figuras, os painéis escolhidos, sua visibilidade e a maneira de relacionar com as figuras precedentes são bastante semelhantes. Para o terceiro e quarto conjunto não foram identificadas unidades nem correspondência cronológica com estes momentos cronoestilísticos. A princípio, é possível que estes conjuntos tenham manifestação regional específica ou que ocuparam preferencialmente outras áreas da Serra, mais distantes de grandes corpos hídricos como o rio Pardo Pequeno. A suposta ausência destes conjuntos no recorte desta pesquisa, contudo, não significa que seus autores ou grupos possuíam desinteresse pela área.

Um outro conjunto delineado no Alto Jequitinhonha são os conjuntos atribuíveis ao Complexo Montalvânia, que foi incialmente caracterizada no Vale do rio Cochá (em Monstalvânia, MG) (ver Figuras 86). Em Diamantina este conjunto estilístico foi caracterizado com temáticas antropomorfas, bioantropomorfas e geométricas (Figura 86a) geralmente localizadas em pequenos blocos, paredes amplas e pequenos tetos(LINKE, 2008). Inicialmente este conjunto foi considerado, no Norte de Minas, como uma *fácie*da Tradição São Francisco, mas posteriormente foi verificado que o compartilhamento de temas e tratamentos estilísticos característicos a cada um deles correspondia aos menos expressivos do outro (SILVA, M., 2002 apud RIBEIRO, 2006).

No Vale do rio Peruaçu, as figuras atribuídas ao Complexo Montalvânia foram realizadas a partir da técnica de pintura, em que os temas predominantes são antropomorfos,

bioantropomorfos e geométricas (Figura 86c). As diversidades morfológicas nos antropomorfos sugerem movimentos, alguns são esquematizados e outros possuem detalhamentos anatômicos.

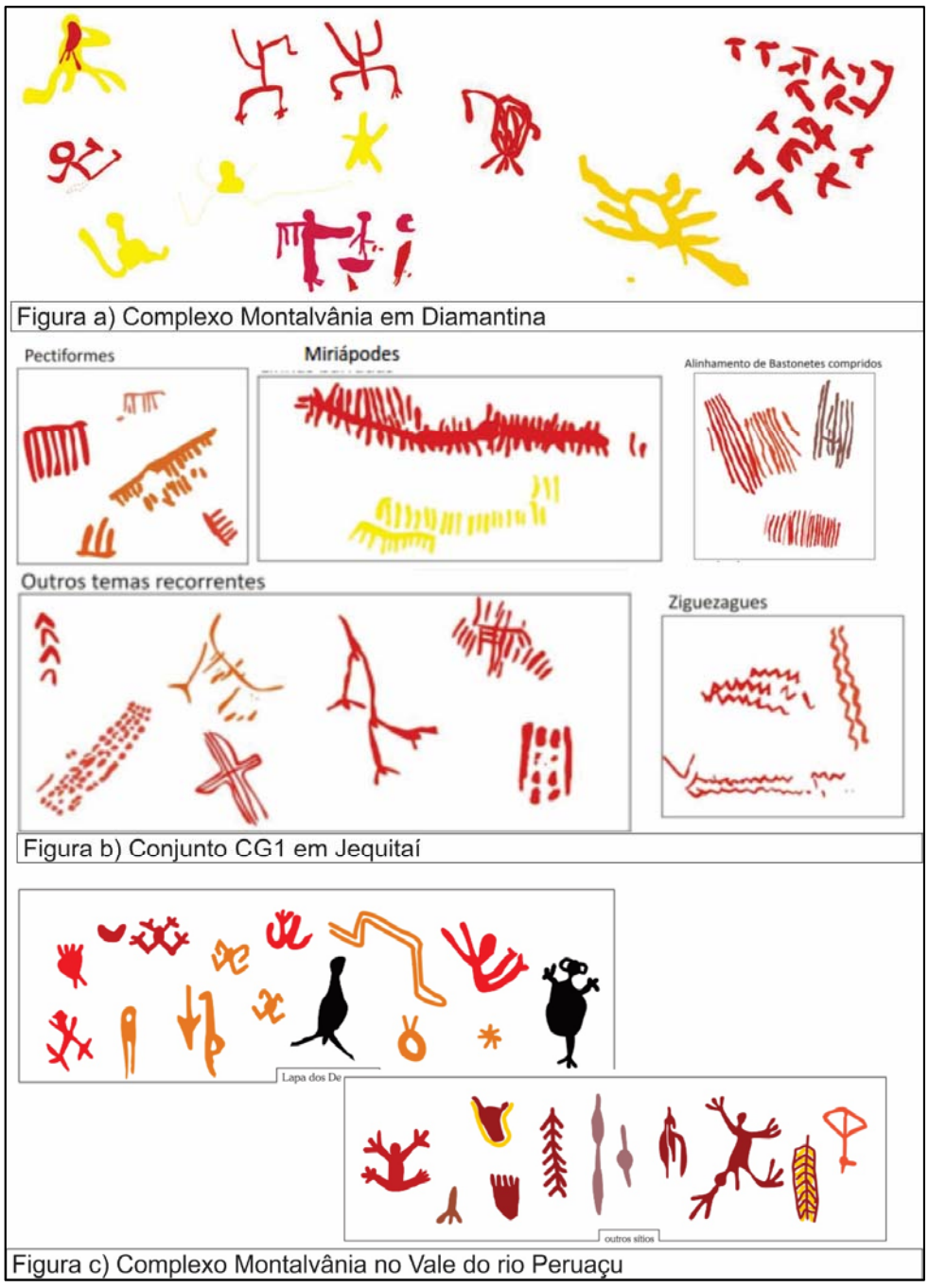


Figura 86: figuras atribuíveis ao complexo Montalvânia em Diamantina, Jequitaí e vale do rio Peruaçu. Extraido de Isnardis (2009), Tobias (2010) e Isnardis (2004).

Nas figuras geométricas foram identificadas formas simples tais como figurações semilunares, grades, pentes, zig-zags, alinhamentos de pontos e armas. Para os zoomorfos são comuns sáurios e quelônios. A respeito das associações temáticas são encontradas figuras antropomorfas ou antropomorfizadas junto às demais temáticas geométricas, como as armas e sóis (RIBEIRO, 2006). O Complexo Montalvânia no Peruaçu apresenta figuras localizadas em tetos, paredes restritas e em "recantos escondidos dos abrigos" (ISNARDIS, 2004, p.90).

Em Jequitaí, Tobias (2010) ao realizar o exercício comparativo entre os conjuntos regionais e o Peruaçu percebeu distintas apropriações dos suportes pelas figuras atribuíveis à tradição São Francisco e/ou ao Complexo Montalvânia. Para o contexto ambiental local o autor notou que alguns dos conjuntos elegeram suportes com alta visibilidade à distância, principais características dos autores São Francisco. Já as figuras postas em locais mais discretos como os tetos baixos e nichos, correspondem às preferenciais de inserção das figurações do Complexo Montalvânia.

Um dos comportamentos gráficos identificados, o CJ1 (Conjunto Jequitaí 1), é composto por círculos concêntricos, radiados, antropomorfos esquemáticos, tridáctilos, armas, semicículos concêntricos, pectiformes, alinhamentos de bastonetes e de pontos, zigzags (também em bicromia) e zoomorfos que aparecem em menores frequências, em sua maioria sáurios. Este conjunto é composto por duas subunidades; o CG1 (Conjunto de Geométricos 1) e CP1 (Curral de Pedras), sendo o primeiro identificado em área quartzítica e o segundo em calcário. O conjunto CG1 possui grafismos localizados em suportes de maior visibilidade quando comparado com o conjunto CP1(Figura 86b). Segundo Tobias (2010), nas duas subunidades, os grafismos parecem corresponder a sistemas visuais distintos que podem estar vinculadas a interesses particulares relativos à visibilidade de ambas as áreas pelos mesmos grupos. Além disso, aparentemente há diferenças temáticas quando são observadas as diferentes inserções e associações entre os conjuntos presentes nos sítios.

Diferentemente das expressões regionais encontradas em Jequitaí, não foi possível identificar com clareza distinções marcantes no sistema visual do conjunto, haja visto a relativa homogeneidade e a presença unânime dos abrigos em abrigos quartzíticos. Ainda assim, foi possível observar que mesmo que algumas figuras possam ser visualizadas a certa distância, seus suportes geralmente são restritos, compartimentados, pouco homogêneos e próximos ao piso. Também são encontradas figuras que necessitam de maior aproximação e se encontram "escondidas". O que se percebe com maior clareza no conjunto PP4 é que, em termos temáticos, internamente aos sítios e aos suportes, há diferenças entre as figuras que se

encontram visíveis e aquelas cuja aproximação e visualização demandam posturas corporais mais flexíveis. Além da separação entre zoomorfos (quadúpedes, em especial) com as figuras biomorfas, geométricas e antropomorfas, as diferenças temáticas também ocorrem quando comparamos os sítios com figurações exclusivamente do conjunto PP4 com os demais.

Nos sítios arqueológicos próximos ao rio Pardo Pequeno os conjuntos associados ao Complexo Montalvânia apresentaram relativa diversidade de tintas utilizadas. Algumas delas são bastante semelhantes, outras possuem nítidas diferenças nas tonalidades e nas texturas. As tintas das figuras que compõem o conjunto Pardo Pequeno 4 foram melhor caracterizadas no sítio Andorinha 1, Andorinha 3 e Lapa da Onça 1,em função do estado de conservação do painel. No primeiro caso, a disposição das figuras em teto horizontal permitiu a conservação das tintas, que se demonstraram bem diluídas, homogêneas e de aspecto “vivo”, em tonalidades vermelho forte e alaranjado. O mesmo ocorreu para a o sítio Lapa da Onça 1, mas a exposição do painel às intempéries prejudicou a conservação das pinturas. O interessante a ser observado é que os grafismos nestes sítios também apresentaram tonalidades semelhantes e foram pintadas em vermelho forte e alaranjado. Para os grafismos dos conjuntos PP1, PP2 a diversidade de cores é maior, apresentando tonalidades e texturas variadas.

É possível trabalhar com a hipótese de que algumas delas possam ter sido realizadas por autores com temáticas tipicamente Planalto, haja viso a presença de figurações geométricas simples que também aparecem associadas ao conjunto PP2. Contudo, os elementos de que disponho no conjunto PP4 poderiam me permitir relacioná-los com o Complexo Montalvânia, em função das diferenças nas tintas, a presença de sítios apenas com manifestações temáticas particulares a ela, pelas diferenças e tendências observadas relativas às escolhas dos painéis e à visibilidade que possuem. Por outro lado, ainda permanece a necessidade de melhor compreensão dos conjuntos e até mesmo a revisão dos repertórios temáticos associados às Tradições, tendo em vista o compartilhamento de temáticas entre os conjuntos Montalvânia e Planalto.

Nos capítulos e subcapítulos anteriores enfatizei que algumas das figurações não foram classificadas ou agrupadas a nenhum dos conjuntos estilísticos dentre elas antropomorfos, peixes e figuras geométricas simples. Tomando como referência os conjuntos e unidades estilísticas estabelecidas por outros autores é possível discuti-las levando em consideração seus estilos, a visibilidade dos painéis e das figuras. Algumas destas figuras encontram-se associadas a outros conjuntos em painéis de alta visibilidade e também pouco visíveis, sobrepostas por figuras do conjunto Pardo Pequeno 2 e figuras não atribuídas a

nenhum dos conjuntos.Algumas das figurações identificadas possuem estilos que podem nos remeter à tradição São Francisco e/ou ao Complexo Montalvânia.

Quando deparamos com figurações que fogem ao nosso entendimento às recorrências identificadas entre os conjuntos, esse fenômeno inevitavelmente diz respeito às nossas categorias classificatórias, que, postas para funcionar, em algum momento se tornam ineficazes. Este é o caso de algumas figuras identificadas na pesquisa. Como entender, por exemplo, a geometrização de alguns zoomorfos identificados na Serra do Taião e Lapa do Chumbinho? Seriam indicativas de interações simultâneas e compartilhamentos entre grupos com diferenças históricas? Linke (2014) levanta a possibilidade de que na Serra do Cabral, por exemplo, podem ter ocorrido influências mútuas, expressas na geometrização a presença de cervideoformes em figuras atribuíveis à Tradição São Francisco e Planalto respectivamente. É possível dizer o mesmo para o repertório associado à Tradição Planalto? As possibilidades são várias, mas neste momento não dispomos de um corpo teórico-metodológico e também de sítios que permitam caminhar no sentido desta interpretação. Dito isto, as figuras não associadas a nenhum dos conjuntos permanecem sem uma compreensão – em nossos termos classificatórios – nesta dissertação.

As figuras atribuídas ao conjunto PP4 estão em número relativamente reduzido e torna-se necessários novos trabalhos sistemáticos que ajudem a identificar com maior clareza eventuais diferenças temáticas, no sistema visual dos conjuntos intra e intersítios. As figuras que não foram agrupadas a nenhum dos conjuntos, possivelmente se tratam de sistemas visuais (visibilidade) e relacionais que a pesquisa não conseguiu abordar com maior domínio. De todo modo, para as figuras atribuíveis ao Complexo Montalvânia, o que se observa é o seu comportamento gráfico relacional. A temática interna aos sítios, a temática do conjunto dos sítios, e assim como as relações estabelecidas com figuras preexistentes demonstram-se variáveis e podem ter dependido das mesmas.

As referências ao conjunto **Pardo Pequeno 3** em Diamantina em outras pesquisas são poucas e os grafismos foram brevemente caracterizados, além disso não foram feitas sistematizações acerca da expressão regional deste conjunto. Sabe-se por meio de conversas com outros arqueólogos e em trabalhos anteriores que este conjunto possui similaridades com expressões gráficas identificadas em outras regiões do centro-norte mineiro, como do vale do Rio Peruaçu. A sua relação com uma unidade classificatória de maior alcance geográfico é pouco conhecida e as referências a seu respeito são escassas.

No Peruaçu, Isnardis (2004) descreveu em alguns sítios figurações realizadas a partir de pigmento seco (crayon) e a recorrência de emaranhados de traços aparentemente

anárquicos margeando grafismos figurativos (Figura 87). A princípio, para estes grafismos, foi pensada a possibilidade de fazerem parte da Tradição Nordeste. A partir das análises feitas, Isnardis considera a pouca probabilidade destas figuras serem atribuíveis à esta Tradição em função dos aspectos estilísticos, a baixa frequência dos temas, a distância geográfica que separa as duas regiões e, aparentemente, diferenças cronológicas. A Tradição Nordeste no Peruaçu ocupou as margens dos suportes (ou "periférias"), limites de áreas pintadas, espaços vazios deixados pelas descamações e entre pinturas pré-existentes sempre evitando sobrepô-las.

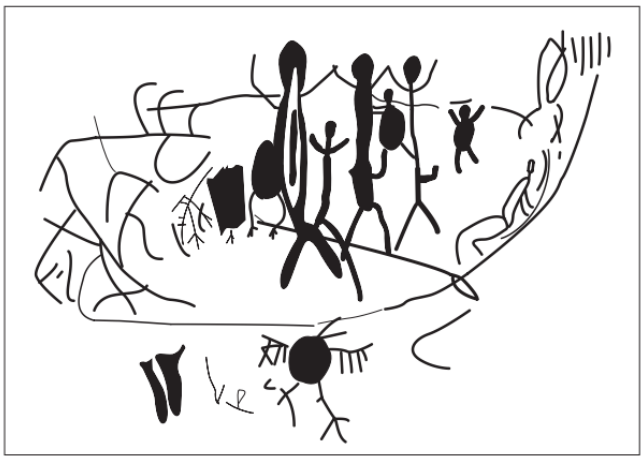


Figura 87: Figuras envoltas por traços anárquicos em crayon na Lapa dos desenhos, Peruaçu. Extraido de Isnardis (2004).

Nos sítios estudados por Ribeiro (2006) a presença destas figurações realizadas exclusivamente em crayon se faz presente em 30 abrigos de 100 estudados no alto-médio rio São Francisco, que incorpora o município de Montalvânia. Ao descrevê-los a autora os entendeu como um estilo em que seus desenhos, grosseiros e feitos em crayon, utilizaram sobretudo a cor preta e em menor frequência o vermelho retocando, reforçando e repetindo grafismos já representados. Os principais temas são aves, grades, pentes, quadrúpedes, tubérculos e conjunto de traços anárquicos, este último o mais recorrente dentre eles.

Na Lapa do Tikão, no Peruaçu, Ribeiro (2006, p.154) descreve figuras elaboradas em crayon e que foram divididas em dois grupos diferenciados pela temática, localização das figuras e pelo "diálogo" estabelecido com os demais grafismos do sítio. O primeiro grupo foi considerado inicialmente como manifestação local da Tradição Nordeste, que também utilizou da técnica do crayon (PROUS, 1989; RIBEIRO & ISNARDIS, 1996-97 apud RIBEIRO,

2006). Nele são encontrados antropomorfos e zoomorfos pouco detalhados, aparecem de modo isolados ou em grupos e geralmente acompanhados de geométricos e setas realizados a lápis (pigmento seco) preto, vermelho ou branco. As figuras são encontradas em suportes verticais amplos e em superfícies restritas verticais, raramente em tetos e ocupam as margens e espaços vazios dos painéis já ocupados sem sobrepor as figuras anteriores. O segundo grupo de figuras é composto por traços anárquicos e cópias dos grafismos mais antigos que sugerem animais diversos tais como aves, tamanduás e quadrúpedes "toscamente" elaborados por crayon. Diferentemente do primeiro grupo, a autora argumenta que os animais e traços anárquicos formam conjuntos em áreas descamadas, mas também em painéis escalonados na forma de retoques, cópias "grosseiras" ou "rabiscos" sobre figuras precedentes (Figura 88).



Figura 88: Figuras em crayon da Lapa do Tikão, Peruaçu. Extraído de Ribeiro (2006, p.162)

Linke (2008), em seus estudos iniciais, havia identificado a possível presença de expressões estilísticas da Tradição Nordeste em Diamantina, mas, após revisões e novos estudos, indicou que são figuras pertencentes aos conjuntos da Tradição Planalto.Nos sítios estudados nesta dissertação também não foram identificadas figuras que possam ser atribuídas à esta Tradição. No conjunto Pardo Pequeno 3 também não foram identificadas semelhanças: a apropriação do painel e as relações estabelecidas com outras figuras me permitem associá-

las às manifestações que ocorrem no alto médio São Francisco, mas não como expressão regional da Tradição Nordeste.

Para o conjunto PP3 é possível que este tipo de expressão tenha alcance geográfico maior do que se imagina, tendo em vista as distâncias que separam o Alto Jequitinhonha e o Alto-médio São Francisco. Os dados que possuímos talvez ainda não sejam suficientes para entender este conjunto como pertencente a uma unidade classificatória maior, mesmo porque não há referências neste sentido. Por outro lado, as semelhanças entre o conjunto PP3 com as figurações no Peruaçu corroboram para o entendimento de que não se trata de uma manifestação regional isolada do vale do rio Pardo Pequeno.

Novos estudos e olhares atentos aos grafismos em crayon, que muitas vezes podem passar desapercebidos ou entendidos como intervenções recentes, serão necessários para a sua melhor compreensão e sua extensão geográfica. Uma possibilidade de trabalho que se abre com o conjunto PP3 se dá sobretudo pelo fato das relações de sobreposições demonstrarem se tratar de uma manifestação mais recente em relação aos demais conjuntos do vale do rio Pardo Pequeno. Neste sentido, o conjunto pode constituir um importante elemento para serem realizadas comparações e associações com outros registros materiais do horizonte de ocupação recente em Diamantina.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região de Diamantina, embora tenha sido alvo de sistemáticas investigações arqueológicas nos últimos anos, e de certa forma concentrado os esforços de pesquisadores em Minas Gerais, permanece ainda permeada de estímulos e demandas a serem debatidas. Ao longo da pesquisa, procurei concentrar meus esforços nos registros rupestres, debruçando-me sobre os sítios, os atributos da paisagem e as figuras. Nas análises pude delinear, distintos conjuntos rupestres que se apropriaram e reapropriaram de maneiras distintas dos sítios, dos atributos da paisagem, dos suportes e que se relacionaram com figuras preexistentes.

Ao discutir a paisagem, considerei as relações entre essa e as pessoas, entendendo o indivíduo (e os grupos) como (re)construtor e intérprete do mundo ao seu redor, em que a paisagem pode significar mais do que uma relação neutra e binária vista a partir de uma única dimensão (KNAPP & ASHMORE, 1999). Além disso, concebi as pinturas nos abrigos como capazes de refletir as escolhas dos grupos humanos que podem ser manipuladas por estratégias e práticas sociais em que poder, interesses sociais e ideologias podem atuar. Considerei também que diferentes grupos se apropriam dos lugares de maneiras particulares e, sendo assim, tais lugares estão imbuídos de relações espaciais e simbólicas.O estilo foi entendido aqui como um conjunto de normas determinadas por um sistema de saber-poder constituído, mas que permite também a criação de outros grafismos ligados a seus pressupostos, sendo aberto dentro de sua própria estrutura(TRONCOSO, 2001; 2002).

A concepção teórica de paisagem adotada foi entendida em seus termos teóricos como o mundo com o qual nos deparamos e que, a partir dela podemos ter um ponto de vista de nossos arredores e que é a partir do nosso envolvimento que a imaginação humana se põe a trabalhar na formação de ideias sobre este mundo (INGOLD, 2002). Em concordância com as proposições de Ingold entendi a paisagem como um processo dinâmico e sempre em transformação, constituída de um registro permanente e testemunho de grupos que a habitam ou habitavam, de outras formas de vida e dos componentes que fazem parte próprio processo em construção que é a paisagem.

No intuito de identificar as relações entre os grupos e as expressões gráficas com a paisagem e seus atributos, me empenhei em estabelecê-las considerando as regularidades, recorrências e também os seus contrastes. Para isto foi necessário me aproximar da paisagem e dos grafismos a partir de diferentes escalas de análise considerando os aspectos geológicos, geomorfológicos, vegetacionais e hidrográficos. A respeito dos grafismos rupestres, utilizei o conceito de estilo proposto por Troncoso (2002), segundo o qual este seria expresso em cinco

aspectos básicos: conjunto de representações que incorporam características próprias a seu estilo; técnicas de produção dos motivos; escolhas dos suportes a serem grafados; localizações espaciais específicas no interior dos abrigos e, por fim, a articulação dos motivos nos paineis.

A partir do estabelecimento das relações entre os sítios com os atributos da paisagem foi possível identificar algumas preferências ou tendências no que se refere à inserção dos abrigos com arte. As relações estabelecidas tiveram como fator definidor o contexto no qual estão inseridos, a Serra do Espinhaço Meridional. É bem verdade que alguns dos aspectos da paisagem regional, como a esculturação do relevo, configuram-se como um forte condicionante ambiental para o surgimento dos abrigos, inseridos no Planalto de Diamantina (PLFUG, 1965 apud FONSECA, 2010).

As recorrências identificadas por Linke (2008) também se fazem presentes no recorte espacial desta pesquisa, sobretudo a íntima relação entre os abrigos pintados com áreas planas compostas por feições campestres em sua maioria. Além disso, a presença de nascentes próximas aos sítios, em sua grande maioria localizados no terço inferior (7 sítios) e médios (14) do afloramento, de onde se tem alta visibilidade do abrigo e do entorno parecem indicar percepções e escolhas realizadas pelos grupos. Estas tendências se fazem ainda mais nítidas quando são comparadas com outras áreas abrigadas presentes no recorte, onde tais características não são observadas.

Em conjunto com a análise realizada, a partir do contato com moradores do distrito de Quartéis e com Sr. Ricardo, pude compreender os Boqueirões, a percepção e o entendimento local das feições do relevo e as relações estabelecidas com os sítios. Ao observar suas características estruturais, geomorfológicas e suas feições, foi possível notar que parte significativa dos sítios está localiza e/ou associada diretamente a eventos geoestruturais. Estes eventos foram fatores que condicionaram a estruturação do relevo por meio de suscetibilidade erosiva decorrente dos contatos entre formações geológicas, falhas, fraturas e alinhamentos estruturais. Em consequência disso foram formados “canais” ou, nos termos de Sr. Ricardo, “espaços entre uma serra e outra” que abrangem fitofisionomias distintas assentadas em áreas planas amplas e restritas. Notadamente, esta é a característica geral da serra do Espinhaço Meridional; grandes afloramentos rochosos (inselbergues) dispostos em anticlinais e sinclinais entrepostos geralmente por campos com características distintas.

O Boqueirão como uma categoria de entendimento regional chamou a atenção por compreender a paisagem a partir de uma unidade espacial específica, em conformidadee para além dos atributos que a compõem e de sua inserção nos domínios da SdEM. O que foi possível notar é que os Boqueirões, em função dos seus processos formativos, influenciados

pelos eventos geoestruturais, evidenciam confluência de diversos dos atributos que foram relacionados aos sítios, tais como a formação dos próprios abrigos, a presença de nascentes associadas a campos planos amplos e restritos. Além disso, a posição topográfica, na maioria dos casos, proporcionou alta visibilidade do entorno e dos sítios.

Se, por um lado, a definição e a características dos Boqueirões dizem respeito à conformação padrão na SdEM, por outro, é seguro dizer que estes espaços apresentam atributos nos quais os grupos pré-coloniais tinham interesses, ao menos no que se refere às práticas gráficas. Quando examinamos os sítios a partir dos Boqueirões notamos que entre eles há diversos atributos compartilhados como os descritos acima, mas é possíveltambém identificar claras diferenças internas e em seus entornos, como a vegetação, formato, relevo e hidrografia. Os Boqueirões podem inclusive ser caracterizados e delimitados inteiramente por Formações geológicas que, em função das diferenças litológicas, o relevo em cujas margens apresenta diferentes características e topografia mais elevada, como o caso dos sítios Andorinha 1 e 3. Esta diferença é perceptível quando observamos as vegetações associadas à Formação Galho do Miguel, onde os campos rupestres amplos associados a neossolos são mais frequentes. Já as Formações cujas propriedades litológicas são compostas predominantemente por filítos e metassiltitos apresentam maior suscetibilidade erosiva e solos mais espessos associados a coberturas vegetais de maior porte, ao contrário dos campos rupestres.

A partir das análises realizadas não foi possível identificar diferenças expressas na arte rupestre e possíveis associações ou relações diretas com os Boqueirões. Contudo, o reconhecimento de diferenças nos atributos da paisagem associadas a eventos estruturais e às distintas Formações geológicas podem posteriormente, com novos estudos levantar novos questionamentos e propostas para as pesquisas arqueológicas no Espinhaço Meridional. Ao contrário do que se imagina, a Serra deve ser entendida também como espaço da diversidade e, portanto, local em que prioridades e atividades distintas foram estabelecidas e realizadas pelos grupos pré-coloniais. Mesmo que não tenham sido demonstradas neste trabalho estas relações, a não ser a própria presença dos sítios, é possível que os grupos reconheceram e identificaram tais diferenças paisagísticas.

A respeito dos conjuntos estilísticos,pudemos identificar intencionalidades e relações estabelecidas com a paisagem, figuras antecedentes, as características dos paineis e sua organização. Para os conjuntos atribuíveis à Tradição Planalto, foi possível notar que os grafismos que a elas aqui relaciono intencionam produzir recorrentes sobreposições e se apropriaram de figuras pré-existentes, reutilizando alguns de seus traços para compor novas

figuras, repintando partes apagadas, dando novas formas, significando e (re)significando. As figuras elaboradas por estes conjuntos ocuparam alguns dos abrigos com maior veemência em painéis das mais variadas características, facilmente visíveis ou não. As recursivas reocupações e reapropriações nos dão elementos para pensarmos em afinidades históricas entre os grupos, a despeito da impossibilidade de situar as diferenças cronológicas que ocorreram. Com alguma segurança é possível entender as figuras dos dois conjuntos (PP1 e PP2) como os primeiros momentos de ocupação na área pesquisa. Para o segundo conjunto há possibilidade de este ter ocupado a serra coexistindo com grupos associados ao conjunto PP3 (Complexo Montalvânia). Os dados que caminham neste sentido são parcos, pois há somente um conjunto de figuras no painel 12 (Lapa da Onça 1) que se sobrepõe a figuras do conjunto PP2, que também é sobreposto por ele. Cabe destacar que estas últimas figuras apresentam semelhanças ao Complexo Montalvânia, mas que não foram agrupadas a nenhum dos conjuntos delineados.

Nos conjuntos que foram relacionados com a Tradição Planalto há nitidamente tendências e escolhas específicas, ocupando preferencialmente abrigos localizados em grandes afloramentos rochosos que se estendem por muitos metros e até quilômetros. Estes abrigos e afloramentos possuem grande destaque e podem ser considerados “privilegiados” no que se refere às suas dimensões e à visibilidade que possuem. Contudo, foram identificados outros sítios localizados em matacões no terço inferior dos afloramentos, de dimensões reduzidas e visíveis somente em suas proximidades. Em conformidade com os trabalhos realizados anteriormente, as informações obtidas neste estudo indicam a predominância de determinados atributos associados aos sítios, mas que não são unanimes.

Os atributos da paisagem observados nos sítios sugerem que, assim como o identificado em outras áreas (LINKE, 2008; ISNARDIS, 2010), não há elementos que foram desconsiderados ou recusados totalmente. Os grafismos Planalto ou os conjuntos segundo os critérios aqui analisados podem ser entendidos pela diversidade e que possuem tendências, mas outras escolhas por atributos da paisagem e prioridades também se fazem presentes.

Para os conjuntos estilísticos atribuídos ao Complexo Montalvânia é possível dizer que eles mantiveram, em parte, os padrões de escolha realizados por outros conjuntos, como o PP1 e PP2, pelo menos na escolha dos abrigos. A reocupação de sítios sugere que em alguma medida seus atributos tenham sido reconhecidos por seus autores, mas a natureza e as finalidades podem ser distintas. O que chama a atenção para o conjunto PP4 são os sítios inaugurados por ele, onde há somente temáticas particulares ao conjunto. Alguns deles, como o Tatu 1 e 2 e Andorinha 1, apresentaram particularidades relativas à sua inserção, dimensões

reduzidas e às características de seus suportes. Nos sítios Tatu 1 e 2, a visibilidade do entorno se difere dos demais sítios. Mais do que isso, as figuras deste conjunto demonstraram relações particulares associadas a contextos distintos, relativos aos painéis, sua visibilidade no sítio e às temáticas associadas a cada um deles e em relação às outras figuras. O sítio Andorinha 3, sua inserção topográfica destoa dos demais sítios, sobretudo daqueles associados aos conjuntos PP1 e PP2.

A quase ausência de sobreposição dos grafismos do conjunto PP4 a outras figuras nos sugere que tal condição se deu em função das escolhas realizadas pelos grupos que, encontrando ou não outras figuras, pintaram em painéis e espaços não utilizados. Não é possível identificar com clareza a polarização temática tal como ocorre em Jequitaí (TOBIAS, 2010), mas há alguns poucos elementos que podem indicar esta possibilidade. No sítio Andorinha 1 e Lapa da Onça 1 há biomorfos, antropomorfos e geométricos simples dispostos em condições polarizadas no sítio. Internamente ao conjunto PP4 foram identificadas diferenças temáticas e de visibilidade associadas aos sítios já ocupados. Os sítios Lapa do Tatu 1 e Andorinha 1 e 3, inaugurados pelo conjunto e onde as temáticas lhes são particulares, podem demonstrar atitudes e prioridades distintas quando comparamos as temáticas onde há figuras de outros conjuntos. Neste sentido, os sítios ocupados pelo conjunto PP4 manifestam escolhas e atitudes distintas dos suportes, de suas características (incluindo a visibilidade) e das possíveis relações estabelecidas com as demais figuras, inclusive dentro do próprio conjunto.

O conjunto PP3 careceainda de maiores informações em macro-escala para que seja melhor compreendido seu alcance geográfico, as temáticas associadas, a apropriação dos suportes e suas relações com os atributos da paisagem. O conjunto possui expressividade na amostra de sítios estudados e, aparentemente, as figurações deste conjunto também demonstram comportamento relacional, pois parte significativa delas estão associadas a figuras precedentes na forma de “rabiscos”, traços anárquicos e zoomórficas, estas últimas em menor quantidade. Somente em um sítio (Lapa da Contagem 6) foram identificadas figuras que apresentam temática associada ao conjunto PP3, o que pode releva a princípio que o pintar não esteve necessariamente associado a abrigos e figuras precedentes.

Os conjuntos estilísticos identificados demonstraram que os processos de elaboração, apropriação dos paineis e de relações estabelecidas com figurações anteriores sugerem que possivelmente o pintar envolveu escolhas específicas e relacionais com os atributos da paisagem. Atributos estes que foram percebidos e construídos e incluem os próprios grafismos. Neste sentido, a arte rupestre pode ser entendida nos termos de Troncoso (2002):

como objeto,por ser agente material da formação sócio-cultural, e como processo, por estar relacionada aos processos de construção da realidade social em formas de discursos sociais, econômicos e ideológicos. Talvez, levando em conta a maneira como esta pesquisa foi realizada e as considerações feitas, identificar quais foram as realidades e discursos não seja possível de ser demonstrar concretamente, nas perspectivas dos autores de cada um dos conjuntos. No entanto, o que foi possível de se demonstrar são modos de agir, de se apropriar, se relacionar e de estar no próprio processo que é a paisagem. Neste sentido, a partir das relações identificadas entre os grafismos com os atributos mutáveis da paisagem, incluindo nela os processos anteriores tais como as pinturas preexistentes, revela-se sua natureza material sociocultural e seus processos. O pintar, como foi demonstrado nos capítulos anteriores, envolveu em alguma medida ser e estar.

As considerações feitas a respeito dos conjuntos estilísticos e suas características fazem parte de orientações que foram capazes de aproximar os elementos da paisagem aos grafismos, o que em Minas Gerais tem se demonstrado bastante proveitoso. Espera-se desta dissertação que ela possa ser articulada a outros contextos e aos demais registros arqueológicos presentes em Diamantina. Neste sentido, acredito ser fundamental a utilização de novas abordagens e/ou escopos teórico-metodológicos que deem conta da diversidade dos grafismos rupestres regionais e demais registros materiais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA ABREU, P. A. **A evolução geodinâmica da Serra do Espinhaço Meridional, Minas Gerais, Brasil**. Diss. Doutorado. Freiburg (Alemanha) Univ. Freiburg, Geol. Inst. 150 p, 1993.

ALMEIDA ABREU, P. A.; PFLUG, R. The geodynamic evolution of the southern Serra do Espinhaço, Minas Gerais, Brazil. **Zbl. Geol**., H l/2: 21- 44, 1994.

ALMEIDA-ABREU, P. A. O Supergrupo Espinhaço da Serra do Espinhaço Meridional (Minas Gerais): o rifte, a bacia e o orógeno. **Geonomos**. 3; 1, p.1-18 1995.

ALMEIDA-ABREU, P. A; FRAGA, L. M. S.; NEVES, S. C. Geologia In*:* **Serra do Espinhaço Meridional**: paisagens e ambientes. Belo Horizonte: O Lutador, p.17-45, 2005.

ALMEIDA ABREU, P. A.; RENGER, F. E. Serra do Espinhaço Meridional: um orogêno de colisão do mesoproterozóico. **Revista Brasileira de Geociências**, 32, 1, p.1-14, 2002.

ARANHA, P; PENA, R; KNAUER, L. Mapeamento geológico da região de Gouveia/MG com auxílio de métodos geofísicos. **Revista Brasileira de Geociências**, 18, 2, p.1-12,2010.

ARAUJO, A. G. M.; NEVES, W. A.; PILO, L. B. Eventos de seca no Holoceno e suas implicações no povoamento pré-histórico do Brasil Central. In: **IX Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário**, 2003, Recife. Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário, 2003.

ARGUELLO, Pedro María. **Tendencias recientes em la investigación del arte rupestre em Suramérica**. Una síntesis crítica, 2011. Disponível em: Rupestreweb, <http://www.rupestreweb.info/investigacionrupestre.html>. Acesso em 2014.

BAETA, Alenice Motta. Os Grafismos Rupestres e suas unidades estilísticas no Carste de Lagoa Santa e Serra do Cipó-MG. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 2011.

BARRETO, Cristina. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. REVISTA USP, São Paulo, n.44, p. 32-51, 1999.

BARRETO, Cristina. **Meios Místicos de Reprodução Social:** arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2008.

BINFORD, Lewis. **Em busca do Passado:** a descodificação do registo Arqueológico. Lisboa: Publicações Europa-América, 304 p., 1992.

CHEMALE, F.; DUSSIN, I. A.; MARTINS, M.; SANTOS, M. N. Nova abordagem tectono-estratigráfica do Supergrupo Espinhaço em sua porção meridional (MG). **Geonomos**, 19(2), pp. 173-179, 2011.

CHIPPINDALE, Christopher; NASH, George. Pictures in Place: approaches to the figured landscapes of rock art. IN: CHIPPINDALE, C.; NASH, G. (Eds).**Pictures in Place**.Cambridge: University Press, pp. 1-36, 2004.

CRIADO BOADO, Felipe. Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. **Col. CAPA**, 6. Santiago: Laboratorio de Arqueoloxía e Formas Culturais, 1999.

CRIADO BOADO, Felipe. **Walking about Lévi-Strauss**: contributions to an Archaeology of thought. In Philosophy and Archaeological Practice. C.Holtorf y H. Karlsson (ed.). Bricoleur Press, Gotemburgo. pp: 277-304, 2000.

DINIZ, et al. Relações Solos – Superfícies Geomórficas na Porção Norte da Bacia do Ribeirão Chiqueiro – Gouveia, MG. **Geonomos**, Belo Horizonte v. 13 (1,2), p. 19-27, 2005.

DOSSIN, I.A., UHLEIN, A., DUSSIN, T.M. Geologia da Faixa Móvel Espinhaço em sua porção meridional, MG. In: **XXXIII Cong. Bras. Geol., Anais 7**: 3118-3134. Rio de Janeiro, 1984.

DUSSIN, I.A.; DUSSIN, T.M. Supergrupo Espinhaço: Modelo de evolução geodinâmica. **Geonomos**, Belo Horizonte, 3(1): 19-26, 1995.

FAGUNDES, M. **Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha – Relatório 2010-2012**. Diamantina-MG: LAEP/UFVJM, IPHAN/MG, 2012.

FAGUNDES, M.; PACHECO, M. L. A. F. ; Baggio Filho, H. ; SILVA, A. C. ; BISPO, F. H. A. . A Área Arqueológica de Serra Negra: Alto Araçuaí, Minas Gerais: implantação, repertório cultural e análise tecnológica**. Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso)**, v. 27, p. 100-124, 2014.

FAGUNDES, M. et al. Implicações Geológicas e Ecológicas para Assentamentos Humanos Pretéritos – Estudo de Caso no Complexo Arqueológico Campo das Flores, Área Arqueológica de Serra Negra, Vale do Araçuaí, Minas Gerais. **Revista Espinhaço**,1(1), pp.41-58, 2012a. Disponível em: <http://www.cantacantos.com.br/revista/index.php/espinhaco/article/view/169>. Acesso em 2014.

FAGUNDES, M.; LARA, L. L.; LEITE, V. A. Paisagem Cultural da área arqueológica de Serra Negra, Vale do Araçuaí – MG: os sítios do complexo arqueológico Campo das Flores, municípios de Senador Modestino Gonçalves e Itamarandiba. **Tarairú – Revista eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB**, 01 (05), pp. 41-66, 2012b. Disponível em: <http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n5/art2.pdf>. Acesso em 2014.

FAGUNDES, Marcelo; FERREIRA, M. A arte rupestre na área arqueológica de Serra Negra: estudos cronoestilísticos do sítio Amaros 01 e seu repertório cultural, Itamarandiba, Minas Gerais. **Anais do I Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**, pp. 01-10, 2013.Disponível em em: http://www.google.com. br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=6&ved=0CFYQFjAF&url=http%3A%2F%2Fwww.2coninter.com.

br%2Fartigos%2Fpdf%2F110.pdf&ei=_qtGU5a8BoTD0gGu8oH4BQ&usg=AFQjCNEVPVTpYfsSRrS5nLpneDa3T-JVNLA&sig2=4vJ7RWeIvH6Inhh6hh14OQ&bvm=bv.64507335,d.dmQ. Acesso em: 10/04/2014.

FAGUNDES, M.; TAMEIRAO, J. R. . Conjuntos Líticos do Sítio Arqueológico Mendes II, Diamantina, MG: Um Estudo de Cadeia Operatória dos Artefatos Unifaciais em Quartzito da Face Meridional da Serra do Espinhaço. **Revista tarairiú**, v. 01, p. 164-187, 2013.

FOGAÇA, A.C.C. **Geologia da Folha Diamantina**. BeloHorizonte: COMIG- Companhia Mineradora de Minas Gerais, Vol. 16, p.1575-1665, 1997.

FONSECA, B. M. **O uso do sistema de informações geográficas na análise morfométrica e morfológica de bacias de drenagem na Serra do Espinhaço Meridional – MG**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

FUNARI, P. P.A. A importância da teoria arqueológica internacional para a arqueologia sul-americana: o caso brasileiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: Suplemento 3:21-220, 1999a.

FUNARI, Pedro Paulo A. "Arqueologia Brasileira: Visão Geral e Reavaliação" In: R**evista de História da Arte e Arqueologia**.Campinas: UNICAMP/IFCH, (1), 1994.

GONTIJO, B. M. Uma geografia para a Cadeia do Espinhaço. **Megadiversidade**, Belo Horizonte, v. 4, p. 7-15, 2008.

GUERRA, A. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

GUIDON, Niéde. Arte Rupestre: uma síntese do procedimento de pesquisa. **Arquivos do Museu de História Natural**. Minas Gerais, Vol. VI/VII, pp.341-351, 1981-1982.

HEGMON, Michele.**Archaeological Research on Style**. Annual Review of Anthropology, Vol. 21: 517-536, 1992.

HODDER, Ian. **Symbols in action**. Ethnoarchaeological studies of material culture, New Studies in archaeology, Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

IBGE. **Glossário Geológico**. Rio de Janeiro. 241p., 1999.

INGOLD, Tim. **The Perception of the environment**: Essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 480p., 2002.

ISNARDIS, Andrei. **Lapa, Parede, Painel** – Distribuição geográfica das unidades estilísticas de grafismos Rupestres no vale do Rio Peruaçu e suas relações diacrônicas (Alto-médio São Francisco, norte de Minas Gerais). Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2004.

ISNARDIS, A. **Entre as Pedras**: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais**.** Tese de doutorado. São Paulo,

Universidade de São Paulo, 2009.

ISNARDIS, A. Pedras na Areia. As indústrias líticas e o contexto horticultor do Holoceno Superior na região de Diamantina, Minas Gerais**. Revista Espinhaço**, v. 2, p. 54-67, 2013.

KIPNIS, R.; SCHEEL-YBERT, R. Arqueologia e paleoambientes. In: **Quaternário do Brasil**. Ribeirão Preto: Holos, 2005.

KNAPP, A. Bernard; ASHMORE, Wendy. Archaeological Landscape: Constructed, Conceptualized, Ideational. In ASHMORE, W. & KNAPP, B. (ed.). **Archaeologies of Landscape.** Oxford: Blackwell. pp.: 1-30, 1999.

KNAUER, L. G. & GROSSI-SAD, J. H. da. Geologia da Folha Presidente Kubitschek. In: GROSSI-SAD, J. H.; LOBATO, L. M.; PEDROSA-SOARES, A. C. & SOARES-FILHO, B. S. (coordenadores e editores). **Projeto Espinhaço** em CD-ROM (textos, mapas e anexos). Belo Horizonte, COMIG - Companhia Mineradora de Minas Gerais. p. 1901-2055, 1997.

LEITE, V. A. **Estudo Diacrônico-Estilístico da Arte Rupestre do Sítio Itanguá 06, Complexo Arqueológico Campo das Flores, Vale Do Araçuaí, Minas Gerais**. Trabalho de Conclusão de Curso. Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Bacharelado em Humanidades, 2012.

LEVY-BRUHL, Lucien. **A mentalidade primitiva**. São Paulo: Paulus, 2008 [1922].

LINKE, Vanessa. **Paisagem dos sítios de arte rupestre da região de Diamantina**. Belo Horizonte: UFMG, Dissertação de Mestrado, 2008.

LINKE, Vanessa. Onde é que se grafa? As relações entre os conjuntos estilísticos rupestres da região de Diamantina (Minas Gerais) e o mundo envolvente.**Revista Espinhaço**, v. 2, p. 96-117, 2014.

LINKE, Vanessa. **Os conjuntos pré-históricos do centro e norte mineiros: estilos e territórios em uma análise macro-regional**. São Paulo: MAE/USP, Tese de Doutoramento, 2014.

LINKE, V; ISNARDIS, A. Concepções estéticas dos conjuntos gráficos da Tradição Planalto, na região de Diamantina (Brasil Central). **Revista de Arqueologia** (Belém), v. 21, p. 27-43, 2008.

LINKE, V; ISNARDIS, A. Pedras pintadas, Paisagens Construídas: A integração de elementos Culturalmente Arquitetatos na transformação e manutenção da paisagem. **Revista de Arqueologia** (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso), v.23, p.42-59, 2010.

LINKE, V; ISNARDIS, A. Arqueologia Pré-Histórica da Região de Diamantina (Minas Gerais): Perspectivas e síntese das pesquisas. **Arquivos do Museu de História Natural**, v. 21, p. 27-57, 2012.

MACHADO, Juliana Salles. **Montículos Artificiais na Amazônia Central**: um estudo de caso do sítio Hatahara, Amazonas. Dissertação de mestrado. MAE/USP, São Paulo: 2005.

MCGUIRE, R. H. **A Consideration of Style in Archaeology**. Atlatl Occasional Papers 2: 13-29. Anthropology Club, University of Arizona, Tucson, 1981

MORAIS. M. S. **A realidade socioambiental imposta às comunidades locais pela criação e implementação dos Parques Estaduais do Biribiri e Rio Preto**. Minas Gerais: Departamento de Geografia/UFMG, Tese de Doutoramento, 2014.

PHILLIPS, P.; WILLEY, G.. Method and Theory in American Archeology: An Operational Basis for Cultural-Historical Integration. **American Anthropologist**. vol 55: 615-633, 1953.

PESSIS, A. **Imagens da Pré-História**. Parque Nacional Serra da Capivara. FUMDHAM/Petrobrás, 2003.

PESSIS, A. **Registros Rupestre, Perfil Gráfico e Grupo Social**. Clio, Série Arqueológica. Recife, 9: 35-68, 1993.

PESSIS, A. **Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil**. Clio. Série Arqueológica. Recife, 8: 35-68, 1992.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora UnB, 1992.

PROUS, André. As categorias estilísticas nos estudos da Arte Pré-Histórica: arqueofatos ou realidades? **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Suplemento 3. pp. 251-261, 1999.

PROUS, André & JUNQUEIRA, Paulo A. Rock Art of Minas Gerais, Central Brazil. **Bolletino del Centro Camuno di Studi Preistorici**. Capo di Ponte, v.28, pp.75-86, 1995.

PROUS, A. & BAETA, A. (1992/3). Elementos de cronologia, descrição de atributos e tipologia**. Arquivos do Museu de História Natural da UFMG**, Belo Horizonte, UFMG, 13: 241-332, 1992/93.

REZENDE, E. A.; LEÃO, M. R.; SALGADO, A. A. R.; OLIVEIRA, C. K. R.; JUNIOR, H A. N. A influência litológica nas taxas de denudação geoquímica do médio Espinhaço Meridional – MG. **Revista e Natureza**, Uberlândia, 22 (3): 503-514, dez. 2010.

RIBEIRO, Loredana Marize. **Os significados da similaridade e do contraste entre os estilos de arte rupestre, um estudo regional das pinturas e gravuras do alto-médio São Francisco.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Doutoramento, 2006.

RIBEIRO, Loredana; ISNARDIS, Andrei. **Os conjuntos gráficos do Alto-médio São Francisco (Vale do Peruaçu e Montalvânia) – caracterização e seqüências sucessórias.** Arquivos do Museu de História Natural da UFMG. Vol XIII/XIV. Belo Horizonte: UFMG. pp. 243-286, 1996/97.

RIBEIRO, J.F.; WALTER, B.M.T. **Fitofisionomias do bioma Cerrado**. In: SANO, S.M.; ALMEIDA, S.P. (ed). Cerrado: ambiente e flora. Planaltina: EMBRAPA/CPAC. p. 89-166, 1998.

SAADI, A. A Geomorfologia da Serra do Espinhaço em Minas Gerais e de suas Margens.**Geonomos**, Belo Horizonte,3(1): 41-63, 1995.

SACKETT, J. R. The Meaning of Style in Archaeology: A General Model. **American Antiquity**, 42:369-80, 1977.

SANTOS ESTÉVEZ, Manuel. **A Arte Rupestre e a Construccion dos Territorios na Idade do Bronce em Galícia**. Gallaecia 18. Santiago de Compostela: Departamento de Historia I, Facultade de Xeografia e Historia, 1999.

SCHOLL, W.U.; FOGAÇA, A.C.C. Estratigrafia da Serra do Espinhaço na região de Diamantina. In: I Simp. Geol. Minas Gerais, 1979, Diamantina, MG. **Anais...** pp. 55-73, Diamantina. 1979.

SHANKS, M. & TILLEY, C. **Social theory and archaeology**. Polity Press, Cambridge, 1987.

SILVA, A. C; HORÁK, I.; CORTIZAS, A. M.; VIDAL-TORRADO, P.; RACEDO, J. R.; GRAZZIOTTI, H.; SILVA, E. B.; FERREIRA, C. A. Turfeiras da Serra do Espinhaço Meridional – MG. Caraterização e classificação**. Revista Brasileira de Ciência do Solo**, v.33, n.5, p.1385-1398, 2009.

SILVA, Alexandre C. Solos. In*:* **Serra do Espinhaço Meridional**: paisagens e ambientes. Belo Horizonte: O Lutador, p.61-77, 2005.

SILVA, T. P; SALGADO, C. M.; GONTIJO, A. H. F.; MOURA, J. R. S. A influência de aspectos geológicos na erosão linear – medio-baixo vale do Ribeirão do Secretário, Paty do Alferes (RJ). **Geosul**, Florianópolis, v. 18, n. 36, pp. 131-150, 2003.

SIMÕES, P.M.L.; VALADÃO, R.C.; MESSIAS, R.M.; MACHADO, M.R. Distribuição espacial de formações superficiais em um trecho da borda oeste do Planalto do Espinhaço Meriodional/MG. **Revista Geonorte**, Edição especial 4, V.10, N.1, p.72-76, 2014.

SOLARI, A.; ISNARDIS, A.; LINKE, V. Entre cascas e couros: os sepultamentos secundários da Lapa do Caboclo (Diamantina, Minas Gerais). **Habitus**, Goiânia, v.10, n. 1, p. 115-134, 2012.

TRIGGER, Bruce.**História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo:Odysseus, 2004.

TOBIAS, Rogério. **A arte rupestre de Jequitaí entre práticas gráficas "padronizadas" e suas manifestações locais: Interseções estilísticas no sertão mineiro**. Belo Horizonte: UFMG, Dissertação de Mestrado, 2010.

TRONCOSO, Andres. Petroglifos, agua e visibilidade: el arte rupestre y la apropriación del espacio em el curso superior de río Putaendo, Chile.**Valles, Revista de Estudios Regionales**, n°4: 127-137. 1998.

TRONCOSO, Andres. Asentamientos, petroglifos y paisajes prehispánicos en el valle de Illapel, Chile. **TAPA** (**Trabajos en Arqueología del Paisaje**), 19: 103-114, 2000.

TRONCOSO, A. Rock Art in Central Chile. International Newsletter on Rock Art (**INORA**) 28: 6-15, 2001.

TRONCOSO, Andres. A propósito Del arte Rupestre. **Revista Werkem**, n°3: 67-79, 2002.

VASCONCELOS, M. F. O que são campos rupestres e campos de altitude nos topos de montanha do Leste do Brasil? **Revista Brasileira de Botânica**., São Paulo, v. 34, n. 2, p. 241-246, 2011.

VELOSO, H.P.; FILHO, A.L.R.R.; LIMA, J.C.A. **Classificação da Vegetação Brasileira, Adaptada a um sistema universal**. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. 123 p., 1991.

WIESSNER, Polly. Style and social information in Kalahari San projectile points. In. **American Antiquity**. Vol. 49. Pp.253-276. 1983.

WOBST, Hans M. Stylistic behavior and information eschange. In: **Cleland**, C. E. (ed.) For the diretor: Reseach essas in Honor os James B. Griffin. pp. 317-342, 1977.